

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE AQUIDAUANA**

GREICE APARECIDA DOMINGOS FELICIANO

**O PERCURSO E AS QUEDAS D'ÁGUAS DE UM RIO – EM
ANÁLISE AS TERRITORIALIDADES DA ATIVIDADE DO TURISMO
NO ALTO CURSO DO RIO MIMOSO, EM BONITO-MS/BRASIL**

**AQUIDAUANA-MS
DEZEMBRO/2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

GREICE APARECIDA DOMINGOS FELICIANO

**O PERCURSO E AS QUEDAS D'ÁGUAS DE UM RIO – EM
ANÁLISE AS TERRITORIALIDADES DA ATIVIDADE DO TURISMO
NO ALTO CURSO DO RIO MIMOSO, EM BONITO-MS/BRASIL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, para obtenção do título de Mestre em Geografia, área de concentração em Desenvolvimento Regional, do Programa de Pós-Graduação – *Stricto Sensu* – da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Professor Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani.

AQUIDAUANA/MS

DEZEMBRO/2008

TERMO DE APROVAÇÃO

GREICE APARECIDA DOMINGOS FELICIANO

O PERCURSO E AS QUEDAS D'ÁGUAS DE UM RIO – EM ANÁLISE AS TERRITORIALIDADES DA ATIVIDADE DO TURISMO NO ALTO CURSO DO RIO MIMOSO, EM BONITO-MS/BRASIL.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, sendo concedida nota **A**, para obter o título de Mestre em Geografia na área de concentração em Desenvolvimento Regional, no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, *Câmpus* de Aquidauana.

Prof^o Dr. Sérgio Ricardo Oliveira Martins
Coordenador da Pós-graduação

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CCHS
Presidente de Banca

Prof^a Dra. Patrícia Helena Mirandola Avelino
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – DEA/CEUL
Membro Titular

Prof^o Dr. Luiz da Rosa Garcia Neto
Universidade Federal de Mato Grosso – DGC/UFMT
Membro Convidado

Prof^o Dr. Júlio César Gonçalves
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – DHT/UFMS
Membro Suplente

Aprovada em: 17/Dez/2008.

A Elizabeth

Mãe querida... Cuja simplicidade, alegria e dedicação, terá um valor indescritível na minha vida.

A Rafael Leonardo

Filho muito amado... Cuja existência foi estímulo constante para seguir em frente, dando força para suportar os obstáculos e galgar mais este degrau.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como este não se realizaria sem a colaboração direta e indireta de várias pessoas, tampouco sem o apoio moral de parentes e amigos.

Agradeço,

Primeiramente, a Deus, Pai Maior que tudo pode e nele me fortaleço com saúde e serenidade.

A chance de ser bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES - pela oportunidade financeira de subsidiar este trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Milton Mariani pela atenção e paciência, que me apresentou um novo horizonte, a Geografia e suas categorias.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Aos funcionários do *Câmpus* de Aquidauana: Laboratório de Geoprocessamento, Biblioteca, Serviços Gerais, Seguranças e Mirins que sempre me atenderam com simpatia e carinho, em especial à Daniela pela atenção e dedicação para esclarecer às dúvidas e prazos na Secretaria de Pós-Graduação.

Aos colegas de convivência e jornada no mestrado, minha turma era pequena, mas com pessoas de coração enorme, em especial: Aparecida Lemos, Elionete de Castro Garzoni e Flávia Néri de Moura, são as três “mosqueteiras” que me apoiaram nos momentos de angústia e desânimo, companheiras sem as quais teria deixado esta jornada inacabada.

À Priscila Varges da Silva quem plantou uma “semente” de mestrado e ao Marcos Pereira Campos, Elizangela Carvalho Martins e Ricardo Miranda que ajudaram a ‘nutrir’ a cada dia esta semente, e ainda à Elizangela pelo seu conhecimento geográfico.

À galera do LabGeo pelos momentos de descontração na hora do lanche e também pelo companheirismo nos momentos de ansiedade.

A todos acadêmicos do curso de Turismo que acompanharam este período de 2006 a 2008, se interessando e auxiliando na pesquisa em especial Bruna Otu, Dionatan Rocha Miranda, Fernanda Kyomi Fattori Trevisan, Luiz Thiago Cardoso Borges.

Aos proprietários da Estância Mimosa Ecoturismo, Eduardo Folley Coelho e Simone

Spengler Coelho, duas pessoas sempre dedicadas e incansáveis no trabalho para o desenvolvimento do turismo e que oportunizaram e muito cooperaram para a minha formação profissional.

À equipe de funcionários de Estância Mimosa Ecoturismo, em especial ao Vagner que pacientemente me acompanhou na trilha para a seção de fotos e esclarecendo algumas dúvidas.

Ao presidente da Associação de Guias de Turismo de Bonito - AGTB, Amândio Pazzetto e a todos os Guias de Turismo de Bonito, pelo inestimável conhecimento e presteza de informações.

Aos Proprietários e Atendentes das Agências de Turismo de Bonito, pela imensa contribuição e boa vontade.

Às famílias de Adriana Merjann e Iolanda Brito que me acolheram com atenção e inestimável carinho em suas residências, durante a minha permanência em Bonito.

Ao Juca e ao Igor por autorizarem a permanência das urnas de recolhimento dos questionários, em suas empresas.

Aos técnicos Liliane Lacerda e Airton Garcez, respectivamente, Instituto das Águas de Serra da Bodoquena e GEF do Rio Formoso pelas valorosas informações prestadas para este trabalho.

Aos meus familiares: tios, tias e primos que torceram pelo meu sucesso. Um agradecimento especial à tia Juracy Calheiros e aos primos Américo e Sérgio que me acolheram e deu suporte para iniciar a jornada acadêmica, em Campo Grande.

À Marta Soller e Lauro Amaral, à minha amiga de todos os momentos e irmã Flávia Néri de Moura, a família cósmica, pela acolhida carinhosa e o por seus conhecimentos acadêmicos e de vida.

À minha irmã Marta Feliciano e sua família, pelos momentos de colaboração e paciência, principalmente, por me substituindo durante as minhas “ausências”, como mãe.

Aos meus pais, Lucilo (*in memoriam*) e Elizabeth, pelos ensinamentos e, principalmente, à minha mãe que muito fez a vida toda, com carinho e total dedicação para que chegasse até aqui.

*Os seres beijados
de flores,
de brisas,
do sol...
Sabem mais da ternura
das águas.*

Manoel de Barros

RESUMO

Os recursos hídricos são importantes em diversas finalidades para uso da humanidade motivo de diversos conflitos e disputa sobre o seu controle. A categoria de análise geográfica - território - favorece a abordagem para se analisar as territorialidades existentes no entorno de um rio, que tem como pratica atividades econômicas distintas. O município de Bonito, em Mato Grosso do Sul, reconhecidamente pelas suas águas cristalinas que atraem turistas de várias partes, é o alvo deste trabalho. Trata-se de uma pesquisa exploratória por apurar as dificuldades, conflitos e disputas de poder pelos agentes sociais que circulam no alto curso do rio Mimoso. O objetivo deste trabalho é analisar as territorialidades entre os principais agentes sociais diretamente envolvidos com o turismo no rio Mimoso, em Bonito/MS. Para a coleta de informações utilizaram-se questionários, distribuídos entre os guias e atendentes de turismo, turistas que foram conhecer os passeios e aos proprietários dos passeios no Mimoso. Percebeu-se que há uma relação intrínseca entre esses agentes sociais e que todos dependem do rio Mimoso para manter seus recursos financeiros. Considerando, por conseguinte, que se fazem necessárias ações que fortaleçam os laços profissionais e de comunicação entre eles para um único objetivo, a conservação do rio Mimoso.

Palavras-chaves: Recursos Hídricos. Território. Turismo. Rio Mimoso.

ABSTRACT

Hydric resources are important in several purposes for the use of human reason of various conflicts and disputes over its control. The category of geographical analysis - Territory - favors the approach to analyze the existing TERRITORIALITY in anywhere from a river, which is practicing economic activities separate. The city of Bonito, in Mato Grosso do Sul, known for its crystal clear waters that attract tourists from various parts, is the target of this work. This is an exploratory research by investigating the problems, conflicts and disputes of power by social workers moving on top of the course Rio Mimoso. The purpose of this study is to analyze the TERRITORIALITY between key stakeholders directly involved with tourism in the Rio Mimoso, in Bonito / MS. For the collection of information were used questionnaires were distributed among the guides and attendants of tourism, tourists were aware that the tours and the owners of footpaths in Rio Mimoso. It was noticed that there is an intrinsic relationship between these stakeholders and we all depend on the river Rio Mimoso to maintain its financial resources. Considering therefore that becomes necessary actions that strengthen the ties of trade and communication between them to a single goal, the conservation of the Rio Mimoso.

Keys-work: Hydric Resources. Territory. Tourism. Rio Mimoso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Localização município de Bonito/MS	22
Figura 02 - Localização do rio Mimoso na Sub-Bacia do rio Formoso	55
Figura 03 - Vias de acessos e localização dos empreendimentos turísticos	59
Figura 04 - Localização das cachoeiras da Estância Mimosa, no rio Mimoso, em Bonito/MS	60
Figura 05 - Delimitação e afluentes da Sub-bacia do Mimoso	62
Figura 06 - Cachoeira do sol com água	63
Figura 07 - Cachoeira do Sol sem água	65
Figura 08 - Formação de tufas no rio Mimoso	70
Figura 09 - Musgos recobrando as raízes	71
Figura 10 - Cachoeira de Sinhozinho sem água	72
Figura 11 - Carretilha do Parque das Cachoeiras	75
Figura 12 - Cachoeira do Sol vista do Parque das Cachoeiras	76
Figura 13 - Escada para desnível	79
Figura 14 - Passarela sobre uma raiz	79
Figura 15 - Passarela de baixo impacto	80
Figura 16 - Escada de baixo impacto	80
Figura 17 - Adesivo dos parceiros do IASB	81
Figura 18 - Placa de identificação da área demonstrativa do SAF, localizado na Estância Mimosa Ecoturismo	82
Figura 19 - Entrada do carreador	86
Figura 20 - Percurso do carreador já dentro da mata ciliar	86
Figura 21 - Placa de identificação de árvores	87
Figura 22 - Placa de identificação de animais	87
Figura 23 - Sinalização das trilhas	88
Figura 24 - Trecho com barco a remo	88
Figura 25 - Caixa de Primeiros-socorros	89
Figura 26 - Maca profissional	89
Figura 27 - Bóias salva-vidas	90
Figura 28 - Termômetro na Cachoeira do Sol	90

Figura 29 - Régua na Cachoeira do Desejo	91
Figura 30 - Cachoeira da Água Doce sem água	94
Figura 31 - Adesivo da Associação Amigos do Mimoso	92
Figura 32 - Cachoeira do Salto com água	97
Figura 33 - Cachoeira do Salto sem água	98
Figura 34 - Cachoeira da Água Doce com água	99
Figura 35 - Cachoeira da Água Doce sem água	99
Figura 36 - Placa de Sinalização na Entrada de Acesso ao Passeio	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Animais de criação na Estância Mimosa_____	83
Quadro 02 - Missão que o passeio transmite para os turistas_____	104
Quadro 03 - Área de formação dos atendentes de turismo de Bonito/MS_____	108
Quadro 04 - Importância das informações sobre os passeios para os atendentes_____	111
Quadro 05 - Argumentos utilizados pelos atendentes de turismo para venda_____	116
Quadro 06 - Atitudes que os atendentes identificam como preocupação dos proprietários de passeios para minimizar os impactos_____	119
Quadro 07 - Alterações significativas do rio Mimoso_____	127
Quadro 08 - Aspectos positivos e negativos ocorridos no rio Mimoso_____	128
Quadro 09 - Importância das Ong's em Bonito_____	129
Quadro 10 - Resultado das ações das Ong's_____	130
Quadro 11 - Por qual motivo não participa de uma ONG_____	131
Quadro 12 - Ações para melhorar o desempenho dos guias de turismo_____	132
Quadro 13 - Expectativa superada dos visitantes_____	139
Quadro 14 - A trilha da Estância Mimosa quanto_____	140
Quadro 15 - Importância dos guias de turismo para os turistas_____	140
Quadro 16 - Se o turista voltaria ao passeio_____	142

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Atendentes de turismo: reclamação mais freqüente dos turistas, quando voltam dos passeios_____	102
Gráfico 02 - Quanto à condição da estrada de acesso ao passeio_____	102
Gráfico 03 - Foi transmitida alguma missão_____	103
Gráfico 04 - Estado de origem dos atendentes de turismo de Bonito/MS_____	106
Gráfico 05 - Tempo de serviço dos atendentes em agências de turismo em Bonito/MS____	107
Gráfico 06 - Nível de escolaridade dos atendentes de turismo de Bonito/MS_____	107
Gráfico 07 - Atendente de turismo: como foram conhecer o passeio._____	109
Gráfico 08 - Atendente de turismo: o que interfere na venda do passeio, no rio Mimoso_____	110
Gráfico 09 - Turistas: informações transmitidas sobre o passeio pelo atendente_____	113
Gráfico 10 - Atendente de turismo: você comunica ao passeio, se há algum turista que necessita de atendimento especial_____	114
Gráfico 11 - Turistas: o atendente teve preocupação com seu bem-estar ao indicar este passeio_____	115
Gráfico 12 - Atendente de turismo: como eles ficam sabendo destes passeios_____	116
Gráfico 13 - Atendente de turismo: o que mais facilita a venda dos passeios._____	117
Gráfico 14 - Atendente de turismo: o que mais chama a atenção dos turistas_____	118
Gráfico 15 - Turistas: condições ideais para banho nas cachoeiras_____	118
Gráfico 16 - Atendente de turismo: tem alguma ação que os atrativos poderiam fazer para melhorar o seu desempenho profissional_____	120
Gráfico 17 - Faixa etária dos guias de turismo em Bonito/MS_____	124
Gráfico 18 - Estado de origem dos guias de turismo_____	125
Gráfico 19 - Tempo de formação no curso de guia de turismo em Bonito/MS_____	126
Gráfico 20 - Guias de turismo: atividades econômicas que causam impactos no rio Mimoso_____	132
Gráfico 21 - A infra-estrutura e os equipamentos do atrativo interferem no ambiente natural do rio Mimoso_____	133
Gráfico 22 - Origem dos turistas da Estância Mimosa_____	135
Gráfico 23 - A renda mensal dos visitantes_____	136
Gráfico 24 - Nível de escolaridade dos visitantes_____	137

Gráfico 25 - Os meios utilizados para efetuar a pesquisa para a viagem_____138

Gráfico 26 - Motivos para a recomendação do passeio para algum conhecido_____141

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Questionário para Visitante	162
Apêndice B - Questionário para Guias de Turismo	165
Apêndice C - Questionário para Atendentes de Turismo	168
Apêndice D - Questionário para Proprietário Rural	172

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - Pesquisadores e autoridades querem investigação de seca_____	184
Anexo B - Defensor da águas_____	185
Anexo C - Serra da Bodoquena, paisagem diferente e frágil_____	188
Anexo D - Sinhozinho._____	190
Anexo E - Cachoeira do Sinhozinho: antes e depois_____	191
Anexo F - Relatório do Projeto Plante Bonito_____	193
Anexo G - Dia de campo sobre Sistemas Agroflorestais em Bonito_____	196
Anexo H - Mapa da trilha da Estância Mimosa/2000_____	198
Anexo I - Seca do Mimoso traz prejuízos para empresários_____	199
Anexo J - Atividades do GEF Rio Formoso_____	201
Anexo K - Ata de Reunião Amigos do Mimoso nº 2001/01_____	202
Anexo L - Associação amplia sua base e se transforma em Instituto das Águas da Serra da Bodoquena_____	206
Anexo M - Entrevista: O promotor das águas_____	209

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABAETUR – Associação Bonitense de Agências de Ecoturismo
- AGTB – Associação de Guias de Turismo de Bonitense
- ANA – Agência Nacional das Águas
- ATRATUR – Associação dos Proprietários de Atrativos Turísticos de Bonito e Região
- COMDEMA – Conselho Municipal de Conservação e Defesa do Meio Ambiente
- COMTUR – Conselho Municipal de Turismo de Bonito
- DSG – Diretoria de Serviço Geográfico
- EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo
- FNMA – Fundação Nacional de Meio Ambiente
- Funlec – Fundação Lowtons de Ensino e Cultura
- GPS – *Global Position System*
- IASB – Instituto das Águas da Serra da Bodoquena
- IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IESF – Instituto de Ensino Superior da Funlec
- IMAP – Instituto de Meio Ambiente-Pantanal
- INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
- ONG'S – Organizações Não- Governamentais
- PH – Fator de Acidez
- PHMH – Programa Nacional de Microbacia Hidrográfica
- SAF – Sistema Agroflorestais
- SEMA – Secretaria de Meio Ambiente
- SIG – Sistema de Informações Geográficas
- SRH – Secretaria de Recursos Humanos
- TAC – Termo de Ajuste de Conduta
- UC – Unidade de Conservação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 NAS TRILHAS DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA...	
UM ATALHO PARA DISCUSSÃO	30
1.1 No Caminho da Geografia e Suas Categorias	30
1.1.1 As categorias de análise	32
1.2 No Caminho do Território e Territorialidades	36
1.2.1 As territorialidades do território turístico	38
1.3 No Caminho das Bacias Hidrográficas, como unidade de Planejamento	40
1.4 No Atalho para o Turismo	43
1.4.1 Desenvolvimento regional e local	47
2 MIMANDO A QUEM TE APRECIA... CARACTERIZAÇÃO	
DO RIO MIMOSO E OUTROS ASPECTOS	51
2.1 Na cidade... “do Bonito” – Aspectos Gerais	51
2.2 Águas do Mimoso...	56
2.2.1 Condições do Rio Mimoso	58
2.2.1.1 processo histórico	58
2.2.1.2 processo ambiental	66
2.2.2 No roteiro das cachoeiras	73
2.2.2.1 Parque das Cachoeiras	75
2.2.2.2 Estância Mimosa Ecoturismo	77
2.2.2.3 GEF do Rio Formoso	92
2.2.2.4 De Amigos... à Instituição	93
3 REVELANDO OS LIMITES DE UM RIO...	
OS RESULTADOS E AS ANÁLISES	96
3.1 O Território e seus Agentes como Objeto de Estudo	96
3.1.1 Para idealizar o sonho... Os proprietários dos sítios turísticos	97
3.1.2 Para compor o sonho... Os Atendentes de Turismo	105
3.1.3 Para acompanhar no sonho... Os Guias de Turismo	121
3.1.4 De olhos brilhantes... Os Turistas/Visitantes	134
CONSIDERANDO AS TERRITORIALIDADES...	

AFINAL, O PODER NAS MÃOS DE QUEM?	144
REFERÊNCIAS	152
WEBGRAFIA	159
APÊNDICES	161
ANEXOS	183

INTRODUÇÃO

A discussão sobre a exploração dos recursos naturais percorre toda a camada da sociedade que está preocupada com seus efeitos, pois tem havido uma sucessão variada de danos ao meio ambiente. Diversas autoridades, no âmbito das pesquisas ambientais, setores de políticas públicas, econômicos e sociais, têm se preocupado com estas questões, os quais têm exposto de diversas maneiras os resultados de levantamentos e pesquisas, através de conferências, fóruns e demais eventos científicos que discutem a avaliação dos danos oriundos dessa exploração e do que acontece quando não se leva em consideração os riscos dos impactos causados e o que isso pode provocar.

A ação antrópica, quando realizada sem conhecimento e planejamento, tem alterado drasticamente o ambiente natural e no que tange aos seus recursos. Ressalta-se aqui o elemento água, que sofre influência deste processo, assim como todos os sistemas que se inter-relacionam. Pode-se notar, por exemplo, as fases da lua que alteram as marés de rios e mares.

Interferências antrópicas na natureza ocorrem desde os primórdios da civilização, quando se iniciou a ocupação do espaço, e esta porção ocupada pelo ser humano formava o seu território. Território este que poderia ser modificado ao seu critério e necessidade, como: demarcação da terra para plantio, o desvio de rios para irrigação, criação de lagos para abastecimento de animais, desmatamento das matas ciliares para construção, poluição do ambiente com os resíduos que produz (no ar, na terra, na água, o sonoro, o visual, etc.), impermeabilização do solo, pavimentação das margens dos rios para facilitar o acesso etc.

Percebe-se que desde tempos remotos, este recurso natural – a água – deixa sua marca na humanidade, no tempo e espaço, a princípio pela necessidade de sobrevivência e depois como uma demonstração de poder. Com o passar do tempo as aglomerações de casas tornaram-se vilas e estas se transformaram em cidades. Nota-se que sempre no entorno de grandes rios há presença das cidades, normalmente são as mais antigas, já que expedições ao saírem para “descobrir” novas terras colonizavam as que se encontravam próximas a cursos d'água, como os portos marítimos e hidroviários. Assim, a civilização antiga e atual passou e continua a passar por situações de sobrevivência e domínio de poder, seja de forma física, econômica ou social.

Mediante a evolução da civilização, a formação de territórios no entorno de recursos hídricos e seus atributos constituíram-se numa fonte em que todos querem se beneficiar, visto que a água enquanto “recurso hídrico” também simboliza um detentor de poder. Poder que gera conflitos, fenômeno facilmente percebido nas praias brasileiras, especificamente naquelas onde ainda existe traços de comunidades pesqueiras e artesanais.

Os recursos naturais e dentre seus elementos, a água, geram diversos tipos de bens e serviços que são refletidos na qualidade de vida e no bem-estar geral do ser humano na sociedade. Dentre esses, há os que podem ser valorados por estarem interligados de alguma forma com o sistema de produção (do setor primário e secundário), como a alimentação e a extração de minérios. Contudo, outros tipos de bens e serviços também são obtidos diretamente do meio ambiente, como é a atividade do turismo (do setor terciário).

Faz-se necessário deixar claro que os turistas não pagam para desfrutar da natureza (já que não há dinheiro que pague pelos recursos naturais), e pagam sim pela infra-estrutura e profissionais capacitados que são contratados pelas empresas para atendê-los, já que o meio ambiente e seus recursos naturais não são valoráveis e por si só não possuem preço no mercado e dificilmente se deixam ser mensurados com valor monetário. Portanto, as pessoas precisam parar de pensar que o valor que estão pagando para contemplar determinada paisagem ou usufruir de uma infra-estrutura, não é o valor da paisagem ou de qualquer outro atributo, e sim para que a empresa ou instituição possa realizar a manutenção da infra-estrutura física e pessoal de apoio que dão condições a estas pessoas de desfrutarem deste ambiente natural.

Os recursos naturais podem ser renováveis ou não-renováveis, os recursos hídricos são finitos na qualidade e na quantidade. Com a sua escassez (que nada mais é que a utilização além da sua capacidade de se renovar) ou com o mau uso (poluição, desmatamento, contaminação, etc.) os recursos hídricos ainda assim, atraem os turistas interessados e que muitas vezes se declaram dispostos a pagar algum valor com a intenção de conservar os recursos naturais (incluindo os hídricos), com a finalidade de se fazer uso no futuro.

Para receber estes turistas/consumidores, faz-se necessário que se tenha uma infra-estrutura bem planejada e organizada. A implantação de infra-estrutura para a atividade do turismo em um determinado local implica na ordenação do território na dimensão das ações sócio-ambientais, há a inserção de novos aspectos ambientais e o restabelecimento das relações sociais.

Gradativamente, instalam-se os equipamentos pertinentes à atividade como: as agências de turismo e viagem, empresas de transportes e entretenimento, hospedagens,

restaurações, etc. Estes equipamentos representam a identificação e a organização do espaço para se praticar a atividade do turismo onde se estabelece o território turístico. Desta forma, o território da demanda ou áreas receptoras onde há concentração de estrutura receptiva, que é o foco da análise deste trabalho.

Para que se possam calcular os parâmetros, a luz da verdade, este trabalho enfocou a categoria de análise da Geografia, o território e os conflitos que advêm dessa disputa de poder e os aspectos que favoreceram o desenvolvimento da atividade do turismo e suas implicações nos recursos hídricos.

O Brasil, por suas dimensões continentais, é um país reconhecidamente possuidor de inúmeras reservas naturais de valor inestimável, localizados em diferentes regiões do país e com biomas tão distintos. Não é apenas para uma comunidade científica, mas também para toda a sociedade, que o patrimônio natural é considerado de grande valor para a sobrevivência de todos os seres na Terra.

O Estado de Mato Grosso do Sul possui um amplo patrimônio natural, histórico e cultural. Estes aspectos agregam valor ao setor econômico do Estado, através de pólos turísticos, onde se destacam a Planície Pantaneira e áreas de entorno, com potencial turístico e seus atrativos. Rios de alta piscosidade, grutas e outras paisagens, recursos florísticos e faunísticos, considerados como um dos mais ricos e variados do mundo, fazem do Estado um dos promissores destinos para o agronegócio e o turismo.

Evidenciar o município de Bonito – MS (Figura 01), em função de seus recursos naturais com características singulares, como formação de rochas calcárias que favorecem aos rios da região ter suas águas cristalinas, tornou-se um pólo de visitação turística no cenário nacional e campo de pesquisas para as mais diversas áreas das ciências que contemplem estudos sobre o meio. Diante desse fato, percebeu-se a oportunidade de uma pesquisa científica sobre a categoria de análise geográfica: o estudo do território e as territorialidades sob a ótica da dinâmica sócio-ambiental, isto é, entre os agentes sociais inseridos neste contexto com relação à atividade do turismo desenvolvida no alto curso do rio Mimoso.

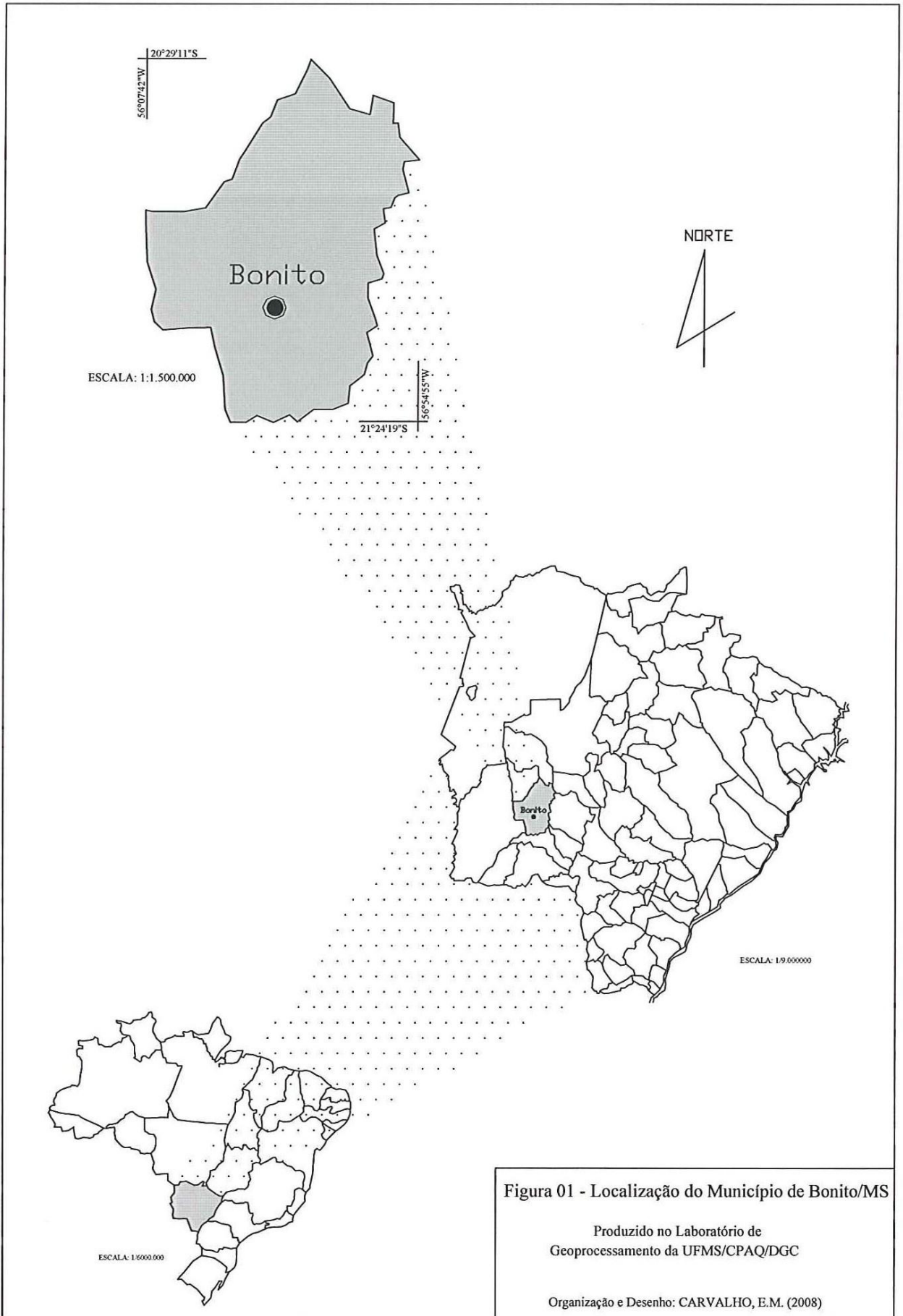


Figura 01 - Localização do Município de Bonito/MS

Produzido no Laboratório de Geoprocessamento da UFMS/CPAQ/DGC

Organização e Desenho: CARVALHO, E.M. (2008)

Este potencial natural de Bonito-MS, somada ao incremento de produtos e serviços turísticos, confere à região um relevante potencial para o ecoturismo, sendo referência para a prática de esportes de aventura, como o rapel, bóia-cross, *snorkeling*, arvorismo e outros. A configuração do município de Bonito-MS deve ser estudada sob a categoria de análise do espaço. Formado por um todo, por suas coisas, objetos geográficos, naturais e artificiais, ou seja, o conjunto da natureza, mas também pela sociedade que a compõe e intervém no espaço, formando seus territórios.

Às margens do rio Mimoso, são desenvolvidas várias atividades econômicas onde se destaca a pecuária, a mais tradicional das atividades; a agricultura de subsistência e, por fim, o ecoturismo. Da localização da propriedade dependem quais atividades são mais propícias ou não, pois o relevo da região é muito acidentado, o que pode facilitar ou dificultar determinadas atividades. Assim, as terras que possuíam potencial para pastagens foram as primeiras a serem ocupadas, depois as terras que não foram utilizadas para a pecuária, foram destinadas às plantações de subsistência. As áreas menos favorecidas pelas duas primeiras atividades econômicas, que foram as utilizadas pelos donos da terra para a atividade do turismo.

Embora, possua um ponto em comum, que é a dependência do curso d'água do rio Mimoso, cada atividade tem um uso diferente para este recurso. Todas as propriedades têm uma ligação com o rio, seja para o fornecimento de água dos animais ou para a pequena lavoura, o abastecimento das residências instaladas às margens do rio, as atividades de lazer das famílias que lá residem ou mesmo para os proprietários rurais que decidiram incrementar suas economias implantando atividades turísticas em suas fazendas para receberem visitantes e compartilhar as belezas da natureza que ainda existem na região.

No decorrer dos anos, ocorreram transformações significativas neste ambiente natural. Para que pudessem criar o gado e movimentar a economia local, foram realizadas algumas interferências antrópicas como desmatamento para a formação de pastagem, algumas fazendas aproveitaram para lucrar com a extração de madeiras nobres derrubadas. A mata ciliar desapareceu em alguns pontos para dar lugar ao gado que utiliza o rio como bebedouro; em alguns pontos, abriram-se trilhas para serem percorridas por turistas.

Estas transformações no ambiente natural já causaram conflitos entre os proprietários rurais, cada um defende a atividade econômica que praticava em sua propriedade e que gera conflitos por terem objetivos bem distintos. Alguns conflitos dizem respeito também à chegada de novos proprietários rurais que ao adquirirem terras na região, iniciou a prática de uma outra atividade econômica (o turismo), que não era a tradicionalmente praticada na região. Isso fez com que os moradores mais antigos considerassem estes proprietários como

“forasteiros”, por não terem um vínculo afetivo para com aquele lugar e ainda, iniciavam uma atividade que para eles, autóctones, consideravam uma loucura de modismo. Contudo, o “novo vizinho” vislumbrou um grande potencial a ser desenvolvido e devido à localização das propriedades em área com relevo acidentado, que propicia a ocorrência de várias cachoeiras, com formas e tamanhos diferentes.

A nova atividade – o Turismo – apresentou além de alta rotatividade de novos “forasteiros diários”, que trouxeram em suas “bagagens” certa vantagem aos donos das terras na região, uma vez que houve maior valorização imobiliária e um considerável aumento da demanda interessada em se estabelecer na região para formarem suas propriedades produtivas ou de lazer.

Além, dos conflitos entre os proprietários rurais (que não é o foco deste trabalho), as propriedades que se diferenciavam com a mais recente atividade econômica, o Turismo, também desenvolveram em seu território, alguns conflitos e dificuldades. Estes conflitos surgiam à medida que os sítios turísticos iniciaram suas atividades: numa primeira etapa, a aceitação dos agentes de turismo locais em ofertar os novos produtos a seus clientes (turistas), e como há obrigatoriedade de que os turistas sejam acompanhados por guias locais, chega-se ao segundo estágio que foi a aceitação dos guias em concordar com as regras internas de cada sítio, seja para eles (o guia), poder atuar naquele passeio, seja para, encontrar um responsável para levá-lo da cidade ao sítio turístico; e, finalmente, a etapa em que o turista chega à agência de turismo local para saber do atendente as opções e detalhes de cada de passeio, tem contato com os guias locais que prestam serviços e são autônomos e vão usufruir da infra-estrutura do sítio. Se algo de errado acontece nesse trajeto, os conflitos são eminentes.

O interesse da pesquisa na localidade surgiu em meados da década de 1990, momento em que o Estado voltava todas as atenções para a organização da atividade turística que se destacava pelas inúmeras ações realizadas em pouco tempo. A atenção, interesse e primeiros contatos com o município surgiram em 1996, durante o carnaval da cidade, que começava a despertar a atenção dos municípios vizinhos. Com o ingresso, naquele mesmo ano, no curso de Bacharelado em Turismo, da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, onde seus docentes sempre mencionavam o que estava acontecendo em Bonito-MS, o interesse aumentou cada vez mais, devido às pesquisas que realizavam no município.

Em meados do ano de 1999, surgiu a oportunidade de conhecer mais detalhadamente a dinâmica local, ao estagiar em um dos empreendimentos turísticos da região, o Recanto Ecológico Rio da Prata, localizado no município de Jardim/MS. Através deste estágio, veio o convite para conhecer e posteriormente, prestar serviço no período da alta temporada (julho),

no ano de 2000, no empreendimento turístico Estância Mimosa, localizado às margens do rio Mimoso. A denominação do sítio turístico, nessa época era Estância Mimosa Turismo Rural, destacando uma modalidade do turismo que ainda não estava bem definido na região. Assim, a pesquisadora pode trabalhar na região da Serra da Bodoquena, mais especificamente nos dois últimos empreendimentos e vivenciar toda a dinâmica do local.

O município de Bonito situa-se numa região cárstica que proporciona águas límpidas devido ao calcário, que facilita a ocorrência de cursos d'água sinuosos, subterrâneos e cristalinos, sendo considerado um ambiente bastante frágil em relação às atividades antrópicas (MARIN, 2003). Em contraste com esta fragilidade ambiental, as principais atividades econômicas do município são potencialmente geradoras de impactos: a agropecuária, a mineração do calcário e a atividade do turismo (sem o devido planejamento e organização).

Nas elevações da Serra da Bodoquena, na zona de amortecimento do Parque Nacional da Serra da Bodoquena, nasce o rio Mimoso, foco principal deste trabalho. Este rio possui como principais características, um relevo bem acidentado e com solos rasos, com várias propriedades às suas margens que trabalham com a atividade da agropecuária e do ecoturismo. Foi toda essa dinâmica local que deu início a este trabalho, as dificuldades e os conflitos existentes no entorno do rio Mimoso, em razão do uso e ocupação da terra que sofreram transformações e a influência dos recursos hídricos interferindo diretamente na cadeia produtiva do turismo no município de Bonito/MS.

A pesquisa ocorreu de forma que buscasse um entendimento e levantasse reflexões sobre as seguintes questões norteadoras: De que maneira ocorreu a ocupação do território, no alto curso do rio Mimoso, pela a atividade do turismo? Quais impactos esta atividade ocasiona nas águas do rio? E, por fim, existe alguma participação dos agentes sociais, com ações para reverter a situação dos efeitos não-desejáveis por tais atividades?

O problema levantado para a pesquisa foi “Como cada agente social contribui para a conservação dos recursos hídricos e podem praticar a atividade do turismo, no alto curso do rio Mimoso?”. Ao investigar que os envolvidos dependem dos recursos hídricos para manter seus recursos financeiros. Assim, analisar as territorialidades entre os principais agentes sociais diretamente envolvidos com o turismo no território do alto curso do rio Mimoso, em Bonito/MS, é o objetivo desta pesquisa.

Para se alcançar o objetivo geral, foi necessário delimitar alguns objetivos mais específicos. Neste sentido, três objetivos específicos foram elencados nesta pesquisa: *a)* caracterizar os sítios turísticos e os agentes sociais que atuam naquele território; *b)* identificar o relacionamento entre os agentes sociais e destes com a prática da atividade turística no alto

curso do rio Mimoso e, c) verificar quais ações são desenvolvidas e que contribuem para a conservação do local.

Nesse estudo utilizou-se da seguinte metodologia: a *pesquisa bibliográfica e documental* de material já elaborado, para a conceituação da fundamentação teórica e *pesquisa exploratória* em que foram realizadas visitas *in loco*, na cidade de Bonito-MS para iniciar contatos com os agentes sociais envolvidos na dinâmica sócio-ambiental e a tentativa de visitar os sítios turísticos, para observações e aplicação de questionários aos agentes sociais.

Para a metodologia da coleta de dados, vislumbrou-se que na Geografia, os temas estudados geralmente situam-se no âmbito da reflexão teórica, com utilização de muitos instrumentos que auxiliam nas análises geográficas: livros, artigos, cartas topográficas, fotografias, imagens de satélite, imagens de radar, análises do solo e da água, etc.

Os questionários formulados com questões abertas e fechadas foram aplicados para a obtenção de informações de maneira sistemática e ordenada. Este instrumento de coleta de dados padronizado permitiu analisar aspectos subjetivos e objetivos e, também, a obter grande quantidade de informações referentes a diversos aspectos.

Os agentes sociais pesquisados estão inseridos na atividade do turismo que engloba o meio urbano e os sítios turísticos localizados no meio rural do município, no alto curso do rio Mimoso. Devido à relação existente entre os atendentes de agências de turismo e os guias de turismo, que respectivamente, fazem o primeiro contato e prestam serviços aos turistas, que consomem o produto, apreciam a paisagem e usufruem da infra-estrutura planejada e organizada pelos proprietários rurais.

Dos 88 questionários, foram aplicados 30 questionários para visitantes (Apêndice A) no sítio turístico Estância Mimosa Ecoturismo, parte deles foi realizada por acadêmicos do Curso de Turismo da UFMS/CPAQ, no período de Dezembro/2007 à Agosto/2008. Na aplicação dos questionários para guias de turismo (Apêndice B), foram distribuídos 58 questionários, mas apenas 25 foram devolvidos respondidos, isto ocorreu no período de Julho à Agosto de 2008, foi necessário participar de uma reunião da Associação de Guias de Turismo de Bonito – AGTB – onde estava reunida uma pequena parte dos guias de turismo, visto que nem todos são associados e assim conseguiu-se uma quantia significativa. Na aplicação de questionários para os atendentes das agências de turismo de Bonito (Apêndice C), foram distribuídos 42 questionários, sendo que 33 foram respondidos no período de Julho à Agosto de 2008. No levantamento de informações dos sítios turísticos, enviou-se formulário de pesquisa aos proprietários dos empreendimentos localizados no território em estudo, isto é,

às margens do rio Mimoso, para que pudessem responder e assim apresentar a caracterização de cada deles, foi encaminhado 02 (dois) formulários de pesquisa aos proprietários de sítio turístico (Apêndice D) enviados em Setembro de 2008, apenas 01 (um) foi devolvido preenchido pelo proprietário. Este fato permitiu que a pesquisa, fosse mais detalhada em apenas 01 (um) dos sítios turísticos.

Deve-se esclarecer que no meio urbano encontram-se localizadas as agências de turismo, onde trabalham os atendentes das agências de turismo, se encontram os meios de hospedagem dos turistas e onde também residem os guias de turismo, enfim a maior parte dos agentes sociais vive na área urbana da cidade. Como os sítios turísticos localizados às margens do rio, encontram-se no meio rural, a pesquisa foi realizada nestes dois meios distintos.

Pretendeu-se que a pesquisa abrangesse os principais os agentes sociais, em períodos distintos, sem a pretensão de alcançar uma grande quantidade de questionários. Desta forma, a pesquisa realizada foi de natureza qualitativa e com o intuito de obter o maior número de informações e respostas reais da situação, para uma análise, o mais próximo possível da realidade do local. Para tanto, foi preservada a identidade dos agentes que responderam aos questionários, a análise foi feita mediante confronto e comparação dos dados coletados e tabulados, já que foram utilizados 02 (dois) tipos de dados: com questões abertas e fechadas.

As questões abertas foram tabuladas mediante o processo de categorização; e as questões fechadas foram tabuladas por meio das frequências absolutas e relativas. Os dados foram tabulados e sistematizados na forma de banco de dados, se utilizou como ferramenta para apurar os dados da pesquisa, o *software Excel*. Os dados foram representados na forma de gráficos para melhor visualização.

Após a compilação de dados, os mesmos foram computados de maneira a se obter respostas às questões sem levar em consideração quem a tenha respondido, o que interessa para este estudo, é apenas a resposta em si, para análise. Foram cruzadas todas as variáveis do perfil dos turistas, dos guias de turismo, dos agentes de viagens e dos proprietários rurais, com as variáveis motivacionais que obtiverem frequência relativa no processo de tabulação. Para cada análise do questionário aplicado junto a cada agente social, haverá uma apresentação de suas peculiaridades, com a descrição das características de atuação e importância da sua função na dinâmica operacional da atividade do turismo, em Bonito/MS.

As informações adquiridas na pesquisa empírica, aliadas ao conhecimento prático da região pela pesquisadora, foram contundentes para demonstrar que a análise proposta é uma tarefa complexa, na qual se procura compreender, dentro dos limites do conhecimento

geográfico, a realidade apresentada pela atividade do turismo dentro do território, no rio Mimoso.

O trabalho foi dividido em 03 (três) partes, sendo que a primeira parte, intitulada “Nas Trilhas da Fundamentação Teórica... um atalho para discussão”, traz a revisão bibliográfica, através de livros, artigos, dissertações e monografias, pôde-se ter melhor entendimento quanto à visão dos estudiosos sobre os recursos hídricos, o território e suas territorialidades turísticas e os impactos causados pela ação antrópica e a questão ambiental, buscou-se esclarecer alguns dos conceitos, discutido por diversos autores que abordam a respeito desse tema. Para tanto, fez-se necessário compreender o surgimento da geografia e suas análises sobre o espaço e seus elementos, em que a atuação destes elementos no espaço, forma o território e a ação dos agentes sociais no local, gera conflitos e a disputa de força e poder, assim denominadas, territorialidades.

A segunda parte, nomeada “Mimando a Quem te Aprecia... caracterização do rio Mimoso” traz para maior compreensão, o conhecimento da história do desenvolvimento do turismo e onde está inserido. Apresenta as características físicas e ambientais, sem deixar de lado os aspectos sócio-econômicos e culturais do município de Bonito-MS, e como ocorrem as relações entre os agentes sociais que exercem influência no território do rio Mimoso. Ainda nesta seção será apresentada a atuação do Instituto das Águas da Serra da Bodoquena, os projetos e as ações que desenvolvem, principalmente àquelas junto ao rio Mimoso.

A terceira parte, denominada “Revelando os Limites de um Rio... os resultados e as análises” trazem os resultados da pesquisa de campo com as análises das respostas dos questionários e as entrevistas realizadas junto ao público-alvo, visando demonstrar a opinião dos agentes sociais quanto à caracterização dos sítios turísticos e o perfil dos agentes sociais.

Há necessidade de nomear alguns termos nesta pesquisa que poderão ter a conotação de sinônimos. Por exemplo, a denominação usual no mercado para quem trabalha com o atendimento de turistas nas agências de viagens, é agente de turismo, que neste trabalho para não haver confusão com os agentes sociais que estão no local de estudo será denominado de atendentes de turismo. Durante o trabalho, quando se referir aos turistas, é a denominação

dada pelos atendentes e guias de turismo; para os sítios turísticos eles são visitantes. Outro esclarecimento diz respeito à denominação de passeio, que é o termo usado pelos turistas e atendentes de turismo, já para os guias de turismo e proprietário, é atrativo. A denominação para as pessoas que estão atuando no território do rio Mimoso de - agente social - deve-se ao fato destas pessoas serem os multiplicadores da atividade do turismo na localidade, por estarem trabalhando e atuando na divulgação e conscientização da natureza ser um patrimônio precioso e que precisa ser conhecido para que exista um comprometimento com o ambiente.

Há que se deixar claro neste trabalho, que ao se abordar as categorias de análise da Geografia e os elementos do espaço, são apenas para que se tenha conhecimento das conexidades existentes entre as categorias, mas que não haverá pretensão de aprofundar em pesquisar os elementos do espaço, no território turístico do rio Mimoso. Para estes, cabe novos estudos e pesquisas futuras.

1 NAS TRILHAS DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA... UM ATALHO PARA DISCUSSÃO

A primeira parte apresenta os “caminhos” para uma discussão a respeito de conceitos que darão embasamento a este trabalho, na procura do entendimento e respaldo para análise e a inter-relação entre eles. O território, seus conflitos com a atividade do turismo e sua dependência dos recursos hídricos.

1.1 No Caminho da Geografia e Suas Categorias

A origem da Geografia vem da antiguidade, quando o homem começa a migrar e a conhecer novos lugares em busca de alimentos e depois para adquirir conhecimento e saber qual o melhor caminho a ser tomado para seu grupo com o intuito de armazenar essas informações novas, começaram a traçar rotas para que pudessem se guiar e surgem com isso as cartas dessas áreas e, posteriormente através delas, realizavam estudos sistemáticos e indicavam o que continha naquele determinado espaço.

A Geografia como se conhece hoje surgiu no século XIX, período em que o panorama histórico era a formação dos grandes impérios que almejavam a conquista de grande porção de terras, o que lhes dariam mais poder. Nesse período, havia duas potências que buscavam anexar mais porções territoriais aos que já possuíam a Alemanha e a França.

Em decorrência, começaram as disputas pelo poder com as potências: Portugal, Espanha e Inglaterra, na apropriação de terras pelo mundo. Essas outras potências tinham iniciado a exploração das rotas marítimas e começaram a dominar as novas terras, recém descobertas. Assim, surge a Geografia como um elemento estratégico em que traz duas correntes de pensamento: uma corrente alemã, com Humboldt, Ritter e Ratzel, em 1897, inicia a primeira escola filosófica: o determinismo geográfico ou ambiental; e uma corrente francesa, com Paul Vidal de La Blache, em que o homem modela o meio.

A Geografia torna-se uma ciência dicotômica. De um lado tem a geografia física com a escola determinista de Ratzel, em que há uma região natural, que para Corrêa (1998 p. 24): “é um ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e são integrantes”. Em outras

palavras, o ecossistema é a definição da unidade básica resultante da interação entre todos os seres vivos que habitam uma determinada região, com as condições físicas e ambientais que as caracterizam. Preocupa-se com o estudo da organização espacial dos ambientes físicos como a vegetação, os solos, a topografia, as águas e o clima (mesmo este último não sendo visível), surgem ocupando uma área ou região e que sejam visualizados sendo sensíveis à observação visual.

A Geografia Humana analisa a organização espacial socioeconômica e em sua composição encontram-se os elementos ligados com as cidades, uso do solo rural e indústrias, formando uma paisagem dentro da extensão territorial que se relacionam de forma harmoniosa os elementos da natureza e os homens. (CORRÊA, 1998 p. 65)

No entanto, a ciência da Geografia não encerra suas discussões por aqui, ela continua evoluindo e acompanhando o desenvolvimento e as transformações da humanidade. E assim, surge na década de 1960, com Ives Lacoste, a Nova Geografia que se preocupa com a temática regional de forma a analisar como Estado-nação procede às diferentes formas de regionalização do território nacional.

Na década de 1970, a Geografia Teorética começa a ser discutida e está intimamente ligada com os ideais deterministas em que surge a importância de se analisar os gráficos e os modelos numéricos. A Geografia Crítica surge na década de 1980, e está galgado em capital *versus* trabalho, que vão unir os ideais de Marx lembrando Pierre George e Ives Lacoste. Todas essas transformações da Geografia ao longo das décadas, que foi percebida durante as leituras realizadas, deixaram claro que surgem conflitos de idéias e as divergências são inevitáveis entre os autores.

A Geografia é a ciência que estuda a organização do espaço, um sistema complexo, resultado de múltiplas e indissociáveis interações de sujeitos e objetos concretos (SANTOS, 1992 p 01). Assim, têm-se no espaço vários elementos e é a partir do espaço que surgem as categorias de análise da Geografia. Mas antes de se adentrar nesta seara, faz-se importante conhecer um pouco sobre os elementos do espaço. Nesta mesma corrente de análise, Santos (1992) afirma que o espaço é constituído por: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas.

Rodrigues (1999) e Mariani (2000) fazem uma abordagem destes elementos, numa perspectiva do turismo. Dentro desta perspectiva, são considerados como *homem*, neste estudo, os guias de turismo, os atendentes das agentes, os proprietários de empreendimentos em Bonito, bem como os turistas. Já como *instituição*, a Prefeitura Municipal de Bonito, Secretaria de Turismo, o COMTUR, IBAMA, Promotoria, IASB, etc. A *infra-estrutura* são os

atrativos turísticos, os meios de hospedagem, os meios de acesso (estradas) e os restaurantes. Sobre o *meio-ecológico*, como o espaço municipal, onde está estruturado o turismo em Bonito/MS. Como *firma* entende-se as associações de classe, como os de guia de turismo que se organizaram e formaram a Associação de Guias de Turismo de Bonito – AGTB; das agências de turismo que decidiram criar a Associação Bonitense das Agências de Ecoturismo – ABAETUR e dos proprietários de sítios turísticos que constituíram a própria Associação dos Proprietários de Atrativos Turísticos e Bonito e Região – ATRATUR. A Estância Mimosa Ecoturismo é membro desta Associação que reúne outras propriedades rurais que trabalham com a atividade do Turismo, que possui uma sede, com funcionária para atendimento dos associados e uma diretoria formada, para atender aos interesses dos proprietários de atrativos turísticos de Bonito e região da Serra da Bodoquena. Todos estes elementos estão estruturados e organizados em função do desenvolvimento do município.

Cabe ressaltar que os elementos do espaço, preconizados por Milton Santos, não serão analisados neste trabalho visto que não há intenção, por ora, de se pesquisar todos os elementos do espaço no rio Mimoso. O assunto está sendo abordado apenas para se ter conhecimento da complexidade no estudo da geografia. Por conseguinte, este trabalho aborda somente um dos elementos do espaço – os homens – e suas territorialidades no território turístico do rio Mimoso, com análise específica sobre sua inter-relação com as ações sócio-ambientais, da conservação dos recursos hídricos e da atividade turística desenvolvida.

1.1.1 As categorias de análise

A Geografia estuda o espaço (o *lócus* da reprodução social), constituído pelas formas naturais e aquelas criadas pelo trabalho humano (o homem se apropria do espaço para a produção), em conjunto com as relações que ocorrem na vida em sociedade, formam os territórios. O território nacional é controlado pelo Estado e delimitado, sofrem influências de instituições e organismos que extrapolam os limites do território nacional, podem ainda ser construídos e desconstruídos nas mais diversas escala. A região é uma fração do espaço que compartilham alguns traços característicos que se tornam o princípio do seu agrupamento (história, cultura, idioma, economia, etc.), onde os elementos que compõe uma região têm que localizar de forma contínua. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida e carregado de sentimentos, os mais diversos, e principalmente, o sentimento de pertença, são subjetivos,

pois estão na memória, é o espaço do cotidiano, do vivido... no bairro... na praça.... na rua...Por fim, a paisagem que se distingue pela dimensão da percepção com tudo que a vista alcança e formada por volume, cores e cheiros dependendo da interpretação, que é a forma resultante das relações imbricadas da história do ser humano e as coisas e objetos, percebida com seu aparelho cognitivo.

Soja (1993 *apud* Silva, 2002 p. 20) define o espaço como um produto social, que é organizado no sentido político e ideológico e que expressa relações sociais. Já Santos (1992 p. 01), considera o espaço como uma instância da sociedade assim como a necessidade econômica, cultural-ideológico e o político-institucional, ou seja, a essência do espaço é social e ele não pode ser apenas formado pelos objetos geográficos, naturais ou artificiais, que formam a natureza.

Para Claval (1979 p. 11) a vida social se inscreve no tempo e no espaço, e que é feita de ação sobre o meio ambiente e de interação entre os homens. Sobre o espaço-tempo, Nicolás (1998 p. 85) diz que “corresponde justamente à capacidade dos sujeitos sociais de usar o espaço, de inseri-lo em seu encadeamento pessoal ou societário de tempos parciais”.

Muito pertinente à argumentação de Claval (1979 p. 15-21), quando afirma que o espaço intervém de várias maneiras na vida social:

Primeiro, *pela extensão* - na agricultura, pecuária, exploração de florestas, nas superfícies utilizadas constituem um elemento ativo de combinações produtivas que acontecem no mesmo espaço de terra e podem servir a várias utilizações sem inconvenientes: os pastos dos criadores nômades serviam para a pastagem dos rebanhos e para a circulação de caravanas. Porém, as coisas são menos simples e uma não impede outras, por exemplo, entre a semeadura e a colheita, as terras agrícolas devem estar fechadas aos rebanhos e aos caminhantes. A valorização e a utilização do solo implicam, portanto um mínimo de ordem, enquanto a densidade populacional é fraca e a terra abundante, são poucas as regras que devem ser estabelecidas para melhor aproveitamento do meio; quando os recursos se tornam raros, impõe-se uma organização mais rigorosa para não prejudicar o bem-estar geral e o equilíbrio dos recursos, do contrário os bens comuns são mal cuidados: superexplorados e ninguém pensa em mantê-los no devido estado para que a longo prazo, não ofereçam riscos de arruinar o meio e comprometer os equilíbrios ecológicos. A definição dos direito de posse e uso da terra bem como de outros bens raros, traduz num esforço coletivo de organização: o uso que se faz de uma terra tem repercussão fora dela, a posse do solo proporciona, portanto, meios para agir sobre os vizinhos. E aqueles que a administram bem tratando com gosto, tornam mais agradáveis o ambiente e provocam efeitos positivos nas vizinhanças. Essas formas de externalidades se transformaram numa das manifestações da influência e do poder social mais difícil de controlar;

Segundo, *como obstáculo à vida de relação* - o espaço torna oneroso o transporte dos bens, difícil e lento o deslocamento das pessoas. A arquitetura espacial das sociedades

está estritamente ligada à tecnologia dos transportes, que condiciona o âmbito do fluxo de bens e de serviços que normalmente são trocados. Dificulta igualmente a transmissão de informações, devido a este fato à quantidade de notícias que se pode divulgar diminui rapidamente e fidelidade da transmissão não está assegurada. Já com os modernos meios de comunicação à distância, o contato é com frequência e imediato. A colocação de infra-estruturas de circulação e de comunicação provoca, portanto uma diferenciação do espaço que dá a certas localizações vantagens sobre as outras, tornando-se fonte de desigualdade e de influência e,

Terceiro, *serve de base a atividades* simbólicas - o espaço é percebido e valorizado de forma diversa pelos que o habitam ou lhe dão valor, à medida que ocupam, percorrem e utilizam se superpõe gerando sentimento de segurança, motivo de orgulho ou fonte de apego. O espaço vive sob a forma de imagens mentais; elas são tão importantes para compreender a configuração dos grupos e forças que trabalham quanto às qualidades reais do território que ocupam.

Coriolano e Silva (2005 p. 124) apontam o homem como quem produz o espaço, sendo o resultado de um processo da sua adaptação à natureza, conseqüentemente vai produzindo ao longo do tempo o chamado patrimônio cultural revelador das particularidades culturais das cidades, das chácaras, das fazendas, dos lugares apropriados pelo homem.

Se pensar no espaço, no conceito mesmo, como uma abstração, vê-se que ele só se realiza e só se transforma em concreto, mediante as práticas sociais que erguem as paisagens, estabelecem as relações de poder entre os territórios, os limites políticos, econômicos e naturais das regiões, e constroem a identidade vivida cotidianamente nos lugares (LUCHIARI, 2000).

Para Santos (1994 p. 88 *apud* Cruz, 2007 p. 08): “não há produção que não seja do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço”. É certo que, tanto Santos como Claval, entendem a produção do espaço como um processo social intrínseco ao ser humano. À medida que o homem se apropria do espaço, ele demarca seu território.

Raffestin (1993) declara que:

“[...] o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela abstração), o ator territorializa o espaço”. (Raffestin 1993 p. 143)

Souza (2000) corrobora com Raffestin nesta última afirmação, ao expor: “o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Desse modo, o homem passou a territorializar os espaços em que havia recursos hídricos para se manter e dominar os que não tinham acesso precisava do recurso e usando o território como um campo de forças.

As ações praticadas pelo homem, como a prática política (o exercício do poder) é, por excelência, a que exige, desde a muito, a referência a uma espacialidade diferencial bem estruturada, que exige a delimitação, a mais precisa possível, dos conjuntos espaciais. Sendo esta uma das razões que desde séculos atrás, as classes dirigentes fazem constituir cartas em diferentes escalas, para ter uma idéia precisa da complexidade dos territórios sobre os quais se exerce seu poder e aqueles sobre os quais poderia se projetar a articulação dos diferentes níveis de análise, efetuando a prática do poder (LACOSTE, 1988 p. 191).

Souza (1995 *apud* Silva, 2002 p. 20) esclarece sobre a confusão entre espaço e território, em que conceitua o território como o espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, é um instrumento de exercício de poder, que só se manifesta no espaço através do território. Portanto, pode-se afirmar que espaço e território não são sinônimos, pois o espaço é anterior ao território, estando muito ligado à idéia de domínio ou de gestão de uma determinada área.

O conceito de território corresponde a fração funcional do espaço (Santos, 1992), corresponde ao espaço funcionalizado, apropriado por determinados agentes sociais que fazem sentir suas influências num dado momento histórico. É a partir desta categoria, que será discutida com mais propriedade no item seguinte, que este trabalho foca como categoria relacionada com a atividade do turismo, no rio Mimoso.

Cruz (2002 p. 17) enfatiza que o espaço é o principal objeto de consumo do turismo “[...] nenhuma outra atividade consome, elementarmente, espaço, como faz o turismo [...] é pelo processo de consumo dos espaços pelo turismo que se gestam os territórios turísticos”. Quando se refere às relações entre turismo e território, Knafou (2001) apresenta três formas possíveis: territórios sem turismo, turismo sem territórios e territórios turísticos.

A região Sudoeste de Mato Grosso do Sul caracteriza-se pela exuberância de seus recursos naturais, e por seus atributos, foi declarada Reserva da Biosfera do Pantanal e Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Devido a esse fato, é recomendável que as explorações dos recursos naturais nesta área sejam feitas sob uma ótica de preservação sócio-cultural e ambiental, em que somente atividades que não afetem os objetivos da conservação do Pantanal podem ser estabelecidas nos municípios que o compõem. Atualmente, vem ganhando reconhecimento internacional, devido à proximidade com o Pantanal, e em virtude de suas características ambientais, o ecoturismo vem crescendo nessa região (IPLAN, 2002).

1.2 No Caminho do Território e Territorialidades

Para o entendimento da categoria de análise da geografia: o território faz-se necessário o entendimento das principais características desta categoria da Geografia. Apresentadas no item 1.1.1 apenas para esclarecer aos leitores menos familiarizados com a ciência da Geografia e compreender melhor as categorias e como o território está definido nesse contexto.

Para Santos (2002) o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todo o poder, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. Não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas, já que o território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si, pois o território usado é o chão mais a identidade, de se sentir parte dele. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence.

Coriolano e Silva (2005 p. 136) definem território como uma categoria geopolítica, sendo produzido por ações políticas e socioeconômicas que remetem às relações de força e poder. Para Le Bourlegat (2006)³ “o território nasce de uma rede de relações sociais, que usa o mesmo espaço com finalidade comum”, permite considerar que as dinâmicas sócio-ambientais resultam em várias formatações de território.

O território é composto por três aspectos distintos: 1) depende de uma superfície ou espaço territorial; 2) precisa de organização, que é uma forma de atuação; e 3) a existência de uma fronteira que vai ficar implícito um limite. Por mais que se diga que território compreenda um limite, mesmo que não seja um limite traçado de forma visível e claro (RAFFESTIN, 1993; RONCAYOLO, 1986; SACK, 1986 *apud* SILVA, 2002 p. 22).

Para alcançar um conceito de território, que segundo Raffestin (1993): “é um espaço geográfico delimitado, onde ocorre a relação de poder”, é preciso entender primeiramente que se trata de uma dinâmica que se inicia com a apropriação de um espaço geográfico, seguido de manifestações e processos inseridos dentro deste espaço (territorialização) que buscam a materialização do mesmo como território pertencente, um forte enraizamento local e um dinâmico enredamento das atividades econômicas integradas, entre elas o turismo. Sabe-se que esta atividade se constitui em um potencial, mas também em um risco sociocultural e ambiental.

3 Disponível em: www.ucdb.br/eventos/arquivos/Upfiles/362/file/Nelly_Rocha_de_Almeida.pdf (Acesso em 29.Ago.2008)

Araújo (2006 p 205) considera que “o espaço é um elemento fundamental para o desenvolvimento da atividade, sendo um fator de produção na medida em que a atividade utiliza-se de seus atributos físicos (clima, relevo, biogeografia) e humanos (cultura, sociedade)”.

Cada grupo quer segregar seu território, para se defender de uma ou qualquer ameaça, e que procuram: estabelecer ações e estratégias, dimensionar o que se quer viver dentro do seu território, a variedade de atividades, a relação com o ambiente, o elo afetivo com o lugar ou ambiente físico, a apropriação durante certo período de tempo, etc. Haja vista, que a ocupação de um território gera raízes e identidade. Pois um grupo não mais poderá ser entendido sem o seu território, no que diz respeito à sua identidade sócio-cultural, estar intrinsecamente fixado à forma do espaço visível, que expressa a concretude do espaço.

O processo de transformação de determinado espaço, em território turístico requer uma nova espacialização da materialidade e novos significados, transformando assim as relações existentes e dando nova identidade para o lugar. Pode ser criado e mantido por indivíduos que fazem parte dele, ou por indivíduos externos a ele, que pode ser de várias formas, dependerá da atuação dos diferentes atores sociais (SILVA, 2002 p. 26).

Atualmente, uma das preocupações da Geografia é o estudo das territorialidades. Para Andrade (1998 p. 214), “a formação do território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentimento de territorialidade, que de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre as mesmas”.

Segundo Soja (1971 *apud* Raffestin, 1993 p. 162), a territorialidade é composta por três elementos: senso de identidade espacial, senso de exclusividade, compartimentada da interação humana no espaço. Sua função é a manutenção do território, ou seja, sua defesa, garantindo uma espécie de equilíbrio entre as sociedades naturais.

Pode ser entendida como uma estratégia espacial para afetar, influenciar, ou controlar recursos e pessoas, por controle de área, isto é, uma estratégia que está intrinsecamente ligada ao uso da terra pelas pessoas, com a sua organização espacial e, com o significado que o lugar tem para elas (SILVA, 2002 p. 27).

Sack (1986 *apud* Silva, 2002 p. 27-28), elucida que a territorialidade pode ser assegurada por diversas formas, entre elas: força bruta, normas culturais, proibição sobre o uso de áreas, forma sutis de comunicação semelhantes à postura do corpo, que se realizam no sentido de confirmação de determinado poder sobre determinada área, impondo limites de pertencimento e exclusão ao território. Faz-se necessário que haja certa: classificação por área, marcando o que é de quem e o que não é; comunicação entre os indivíduos, com

manifestação ou imposição de limite, posse ou exclusão e; controle, na tentativa de imposição de domínio sobre determinada área.

Neste trabalho, sedimentar todos estes conceitos são importantes, pois ao se fazer a análise do espaço tornado turístico requer conhecimento e identificação de três territórios, segundo Morandi e Gil (2000 p. 20), que são:

- ✓ Território de origem da demanda ou áreas emissoras de fluxo;
- ✓ Território de deslocamento, que envolvem os sistemas de transportes, comunicação e estrutura de apoio aos turistas;
- ✓ Território da demanda ou áreas receptoras onde há concentração de estrutura receptiva.

O estudo dos conceitos serve, entre outras coisas, para distinguir a diferença entre espaço social e território. Por isso, o interesse em descobrir como ocorre a territorialidade nas relações entre os agentes sociais envolvidos na atividade do turismo desenvolvida no alto curso do rio Mimoso.

1.2.1 As territorialidades do território turístico

Durante as leituras realizadas sobre as categorias geográficas e os elementos do espaço percebeu-se que o Turismo se relaciona com todas as categorias da Geografia. Pois nas categorias, existe um espaço turístico em algumas regiões com determinadas características (naturais, históricas ou culturais), formam a paisagem, relevante para a atividade do Turismo, onde alguns agentes a transformam em territórios turísticos pela concentração de toda a estrutura receptiva e que os conflitos decorrentes das relações sociais geram a relação de poder (territorialidades).

O território caracterizado como o lugar onde se concentra toda a estrutura receptiva ao turista, há que se considerar o espaço geográfico um sistema complexo de relações, ações e objetos que envolvem múltiplas dimensões e não somente aquela ligada direta ou indiretamente ao turismo (MORANDI e GIL, 2000). Para este trabalho, a análise no território da demanda que foi o foco de análise desta pesquisa, e não todo o território turístico do município, mas uma fração do território turístico de Bonito situado no alto curso do rio Mimoso.

O turismo apropria do território recriando, remodelando, redefinindo seus espaços valorizando diferencialmente, que pode ser chamado de uma configuração artificial, transformando o produto turístico – o local – com a finalidade de atrair os turistas (visitantes). Nessa readequação o espaço perde o sentido originário de existência e assume a posição de espaço produzido, configurando um território institucionalizado (ARRUDA, BATTASSINI e MENEGUZZO, 2006).

Machado (*et al*, 2005, p 91) sintetiza claramente que:

Os processos relacionados ao poder sobre os territórios – o poder de afetar, influenciar, controlar o uso social do espaço físico – não criam homogeneidade ou uma qualidade única do território, nem mesmo, obrigatoriamente, geram um território, pois podem se “empilhar” tanto quanto articular-se em tensão constante ou gerar conflitos abertos. Ao contrário do território, que de alguma forma define “nós” e os “outros”, o “próprio” e o “não-próprio, ou seja, carrega um sentido de exclusividade, a territorialidade é um processo de caráter “inclusivo”, incorporando novos e velhos espaços de forma oportunista e/ou seletiva, não separando quem está “dentro” de quem está “fora”. Por isso mesmo, a territorialidade de algum elemento geográfico dificilmente coincide com os limites de um território, embora possa justificar a formação de novos territórios.

As territorialidades estão ligadas à manifestação de ações e estratégias que os agentes sociais exercem dentro do território turístico, sendo construído na rotina diária das ações humanas e ainda dependem das condições naturais. Pois à medida que o homem dá forma ao meio ambiente, qualquer tentativa de administrar os impactos, estes interferem na economia e no social da comunidade. Muitas vezes a competitividade entre os agentes sociais é tão acirrada, que extrapolam as relações profissionais e afetam os relacionamentos pessoais.

A competitividade em um destino turístico se faz, por vantagem comparativa e competitiva. Atualmente, os espaços turísticos são mais competitivos se aliarem vantagem comparativa com preço, qualidade, flexibilidade e produto turístico diferenciado. As ações dos diferentes agentes sociais envolvidos com a atividade podem fortalecer o desenvolvimento da atividade (ARAÚJO, 2006 p 206).

Estas ações estão em conexão, seguindo o princípio da conexidade, enunciada por Jean Brunhes, que chamava a atenção para os fatores físicos e humanos que ao elaborarem as paisagens não houve uma interferência isolada de um dos dois fatores (físicos e humanos), não agindo separadamente e de maneira independente, a ação é sempre feita de forma integrada com outros fatores.

Luchiari (2002, p 122) aponta,

A permanência das paisagens valorizadas submete-se à espacialidade permanente do turismo que, no uso do território, transforma e segrega as formas e funções. Aos olhos do lugar, a ação que dá sentido a essas formas é um grande espetáculo: é um tempo alheio à temporalidade local. Fora as temporadas, esgotam-se, momento em que a população local passa a conviver com cenários deixados para trás, esvaziados de função, pois a sazonalidade torna ociosa grande parte da infra-estrutura urbana e turística implantada.

Arruda, Battassini e Meneguzzo (2006), pautados nesta perspectiva colocam um fator que interfere na territorialidade da atividade turística, em Bonito, é a sazonalidade. Quando após a alta temporada, a comunidade local volta a conviver com os cenários vazios, sem aquele burburinho provocado pelos turistas. Ainda há uma ociosidade por parte dos moradores que se encontram imbuída na função de satisfazer as necessidades dos visitantes e daqueles que apenas observam o desvelar do movimento dos turistas e de toda reorganização da cidade.

1.3 No Caminho das Bacias Hidrográficas – Como Unidade de Planejamento

Uma bacia hidrográfica compreende o volume de água considerando todos os processos relativos ao funcionamento de uma rede fluvial, onde também estão incluídos todos os processos de alteração desencadeados direta ou indiretamente pela água que é um agente de transporte de matéria e também agente de mudanças físicas, químicas e bioquímicas (RODRIGUES e ADAMI, 2005 p. 148).

Entretanto, uma bacia não é apenas uma realidade física. É também um conceito socialmente construído. Passando pelo campo de ação política, de partilha de responsabilidade e tomada de decisões, pois problemas como desmatamento, mudanças micro climáticas, contaminação de rios, erosão, enchentes e tensões físico-sociais de natureza diversa impuseram a necessidade de cooperação entre diferentes esferas administrativas (CUNHA e COELHO, 2003 p. 70).

A bacia hidrográfica é uma das referências espaciais mais contempladas em estudos do meio físico. Apesar de ser um sistema importante, ainda não há uma definição precisa e é comum encontrar na literatura, problemas desse tipo. Faz-se necessário definir limites

internos por onde circula e atua grande parte da água envolvida e, os externos que operam dentro desse sistema, como cobertura vegetal. (RODRIGUES e ADAMI, 2005 p. 147)

O conceito de Bacia Hidrográfica ajuda a colocar em perspectiva muito dos problemas e conflitos ambientais atuais. Isso porque as causas e as soluções da poluição aquática não são exclusivas do sistema hídrico: geralmente é o gerenciamento incorreto das atividades na bacia hidrográfica e áreas adjacentes que resultam em danos aos recursos hídricos. (SCHIAVETTI, SCHILLING e OLIVEIRA, 2002)

Rodrigues e Adami (2005 p. 147) procurando não incorrer em tais equívocos definem bacia hidrográfica como:

Um sistema que compreende um volume de materiais, predominantemente sólidos e líquidos, próximo à superfície terrestre, delimitando interna e externamente por todos os processos que, a partir do fornecimento da água da atmosfera, interferem no fluxo de matéria e de energia de um rio ou de uma rede de canais fluviais.

Desde 1933, nos Estados Unidos, que bacia hidrográfica vem sendo utilizada como unidade de planejamento. No Brasil, iniciou-se principalmente na década de 1990, em detrimento de outras áreas de estudos como as unidades político-administrativas ou por quadrículas definidas em cartas topográficas. Entretanto, é preciso estar atento às escalas de análise envolvida, visto que num planejamento espera-se seguir algumas etapas como implantação de um projeto para que seja supervisionado para se chegar a alguns resultados (BOTELHO, 1999 p. 271-272).

Mas o que é que vai definir o tamanho da bacia? A escala de análise é que vai determinar o tamanho da bacia, para Fornari Neto (2001 p. 165). Uma microbacia hidrográfica é a menor unidade fisiográfica drenada por um curso d'água ou sistemas de cursos d'água conectados, e que convergem direta ou indiretamente para um leito ou espelho d'água e representa a unidade ideal para o planejamento dos recursos naturais, solo, água e plantas para ocupação do espaço físico pelo homem.

O termo microbacia, vem sendo utilizado e citado, cada vez mais, nos estudos e pesquisas relacionados a projetos de planejamento. Há divergências sobre a sua definição, porém, com a criação do Programa Nacional de Microbacia Hidrográfica (PNMH), pelo Decreto-Lei nº 94.076, de 05 de março de 1987, expandiu o uso do termo. No entanto, uma microbacia deve abranger uma área suficientemente grande, para que se possam identificar inter-relações existentes entre os diversos elementos do quadro sócio-ambiental que a caracteriza, e pequena o suficiente para estar compatível com os recursos disponíveis (BOTELHO, 1999 p. 272-273).

O planejamento ambiental pode ser considerado um salto qualitativo em relação às metodologias e concepções clássicas de planejamento. Isso porque pressupõe a valoração e conservação das bases naturais de um determinado território.

Segundo Almeida *et al* (1993 *apud* Botelho, 1999 p. 274) identificaram duas linhas principais no processo de planejamento, que são: a linha de demanda e a linha de oferta. Em que a primeira, baseia-se na metodologia e procedimentos para avaliar as consequências ambientais de uma ação proposta para identificar possíveis alternativas a esta ação; a segunda, linha de oferta, difere por ser um conjunto de metodologias e procedimentos que avalia as contraposições entre as aptidões e usos dos territórios a serem planejados.

Vale ressaltar que o planejamento ambiental não é apenas uma iniciativa que promove a conservação dos recursos naturais. À medida que ações são tomadas com o objetivo de conservar o patrimônio natural, com destaque aos recursos hídricos, os benefícios daí advindos estendem-se às populações humanas, promovendo a conservação de suas atividades e seu bem-estar. Homem e ambiente estão intrinsecamente ligados, por milhões de anos de evolução; a degradação do ambiente leva à conseqüente degradação da vida humana.

De acordo com Pires, Santos e Del Prette (2002), as principais causas de ameaças à qualidade ambiental em uma Bacia Hidrográfica são as atividades antrópicas ditas não sustentáveis: com fins de lucro imediato e alheio aos impactos ambientais e sociais. Os impactos de maior ocorrência são os relacionados a problemas de erosão do solo, sedimentação de canais navegáveis, enchentes, perda de qualidade da água e do pescado e o aumento do risco de extinções. Daí a importância, segundo os mesmos autores, do estabelecimento de medidas de gerenciamento dos recursos natural através da gestão integrada e eficiente dos mesmos.

Esta gestão deve exprimir a preocupação em assegurar a renovação da base dos recursos naturais, num horizonte em longo prazo, com base no desenvolvimento de uma consciência ambiental de todos os agentes sociais envolvidos que interagem com o rio (PIRES, SANTOS e DEL PRETTE, 2002).

Sua definição como a unidade geográfica que vem a propósito atender a objetivos propostos por organizações institucionais emergentes não é apenas um reconhecimento do peso da dimensão ecológica, mas também das dimensões sociais, culturais e políticas na compreensão da complexidade dos processos ambientais (CUNHA e COELHO, 2003 p. 71).

A diversificação de atividades econômicas e seus impactos permitem a produção de um espaço fragmentado com sobreposição de territórios apropriados (Santos), gerando um tipo de conflito social que não se estabelece mais de forma clássica, como os de classe ou

institucionais. Ele se encontra imbricado nos territórios que os mais diversos grupos sociais produzem e disputam para a própria sobrevivência e qualquer interferência externa nesses territórios provoca a imediata reação vital de seus habitantes (DEL PRETTE, 2002 p. 140).

1.4 No Atalho para o Turismo

Há história de muitas regiões do mundo, que tem o turismo no espaço natural como uma nova opção para o incremento econômico da localidade, não somente isso, mas a fixação do homem no espaço rural. Este é um fator especialmente notado quando se trata em desenvolvimento local, pois quem mais gostaria em desenvolver a localidade se não o autóctone.

Coriolano (2006, p 29) elucida que:

Os princípios básicos exigidos, atualmente, para qualquer tipo de turismo são: a proteção, conservação e preservação dos recursos naturais, a preservação dos hábitos e costumes da sociedade local. A inclusão da população local nos processos de planejamento e execução do turismo, a interiorização das atividades e as parcerias.

Muitos empreendimentos turísticos buscaram nesta atividade (o Turismo) uma forma para o incremento da atividade econômica. Como acontece com várias propriedades no município de Bonito/MS que visualizaram nesta atividade uma oportunidade para permanecerem no mercado produtivo e competitivo.

O turismo surge como outra nova possibilidade para a estruturação do campo, desta forma, fez-se uso do turismo alternativo para se alcançar tal objetivo. O campo, passa ser o palco de inúmeras atividades turísticas, como destaque a pesca, pelo fato de ser a precursora de outras atividades. Desde o surgimento do turismo no Estado, no início da década de 1970, houve muitas mudanças, dentre as quais, cita-se a mudança do segmento turístico, que era a pesca, passando a ser o Turismo Rural e o Ecoturismo.

Desta forma, com propôs Benevides (2002 p. 36), quando mostrou a importância do turismo alternativo, o turismo no Mato Grosso do Sul, também faz uso de tal tipo de turismo, ou seja, turismo no espaço rural ou natural, pois foi neste meio que às culturas de interação tradicional entre sociedade e natureza relacionaram, principalmente o turismo rural, turismo ecológico e o ecoturismo como formas de conservação ambiental.

Conceituar diferentemente este segmento do turismo de natureza, dentre os conceitos apresentados por diversos autores não é uma tarefa fácil, visto que há muitas definições. A questão sobre a biodiversidade e o turismo de natureza teve maiores proporções após a ECO-92, ocorrida em julho no Rio de Janeiro, este é um divisor de águas no que se refere à conservação e educação ambiental e teve grande repercussão nas ações ocorridas em Bonito/MS.

Para conduzir este trabalho, os conceitos empregados para se compreender as características das modalidades turísticas desenvolvidas no território às margens do rio Mimoso são apresentados as seguintes definições, segundo Almeida (2007, p 72-80) para:

- ✓ Turismo Rural – trata de uma oferta de atividades recreativas, alojamento e serviços afins, situado no meio rural, dirigido principalmente aos habitantes das cidades que buscam o aproveitamento de seu tempo dedicado ao turismo em contato com a natureza e cultura do local;
- ✓ Turismo Ecológico – ocorre em ambientes naturais que o turista pratica atividades de integração com a natureza, por isso que várias modalidades esportivas praticadas em ambientes naturais são denominadas de turismo ecológico;
- ✓ Ecoturismo – deve estar voltada para o aproveitamento do espaço e pela sua conservação do meio ambiente com uma função educativa.

Acrescenta-se ao Ecoturismo, o fato de que possui uma maior preocupação com técnicas de manejo e limites de carga que assegurem a sustentabilidade ambiental, permite a transmissão de informações de interesse aos turistas sobre os ambientes visitados (BARBOSA e ZAMBONI, 2000).

Esta modalidade do turismo surge como uma proposta conservacionista que passa a ter cuidados com o meio ambiente, valoriza as populações locais, exige qualidade de vida, hospitalidade, recreação, segurança e serviços inter-relacionados. Motivado pela descoberta de que a natureza é um recurso natural que pode ser transformado em recurso turístico, ou objeto de consumo (CORIOLANO, 2006 p. 29).

Outros benefícios vieram atrelados à atividade turística, mas não se pode deixar de lado e talvez até mascarar os inúmeros impactos negativos oriundos desta atividade. Porém, deve-se considerar que nenhuma atividade econômica traz somente impactos positivos, no turismo isso também acontece. Swarbooke (2000, p 77) elucida que “o turismo é apenas uma

das atividades que alteram as paisagens, e é provavelmente menos significativo em seu impacto que outras atividades.”

A explosão da atividade turística está estreitamente associada à insatisfação com a vida cotidiana. As cidades, embebidas pelo mundo do trabalho, levam suas populações à mobilidade. Essa mobilidade tem, então, um caráter de evasão, de fuga planejada para o anticotidiano, que se coloca em contraposição à desumanização do lugar de moradia (OURIQUES, 2005 p. 46).

Santana (2002 p. 215) coloca a qualidade de vida como algo que está se perdendo nos grandes centros urbanos, com isso iniciou-se uma nova tendência: o êxodo urbano:

(...) a qualidade de vida se esvai dos grandes centros urbanos. Engarrafamentos de trânsito, mendicância, favelização, desmoronamento, acidentes e assaltos cada vez mais frequentes. Diante deste fato, outro quadro começa a se apresentar: uma tendência ao êxodo urbano. Acontece, a princípio, nas imediações da metrópole. Santana (2002 p. 215)

O desejo de fugir do caos torna-se cada vez mais evidente, às pessoas que vivem na metrópole caótica. A fuga da poluição, miséria, violência e onde é comum a existência da revolta, de baixa auto-estima e de ausência de perspectivas. Contudo, é lá (no centro urbano) que está o ganha-pão, há o trabalho para a sustentação da família.

Essa evasão é fundamental para que as pessoas tenham tempo de consumir e se pensar na questão psicológica e fisiológica, os indivíduos tem que ter um ponto equilíbrio físico e emocional para a produção. Caso contrário, as pessoas acabam ficando debilitadas, pois não conseguem produzir com a mesma eficiência, e pode acabar comprometendo todo o sistema produtivo.

A atividade turística está intrinsecamente ligada a uma sociedade moderna: “Ser turista é uma das características da experiência moderna” (URRY, 1996). Desta forma, a análise da atividade turística não tem fundamento se não for considerado que é uma atividade econômica da sociedade moderna e capitalista.

Para a comercialização do espaço pelo turismo são necessárias transformações e adaptações deste espaço para atender o turista e transformar os recursos de interesse turístico em mercadorias. Desta forma, assim como qualquer outra atividade econômica, a atividade turística também produz território. E ainda permite e facilita o uso fugaz e intenso do território como parte integrante do ideal de modernidade que considera o desenvolvimento como uma meta a ser atingida, mediada pela produção de mercadorias (RODRIGUES, 1999).

A atividade do turismo produz territórios, da mesma forma como todas as demais

atividades do modo industrial de produzir mercadorias e na sua essência são insustentáveis, pois se tem que levar em conta que toda produção é ao mesmo tempo destruição, ou seja, trata-se da chamada produção destrutiva (RODRIGUES, 1999).

Se por um lado os recursos naturais são as matérias-primas do turismo de natureza, portanto, esses elementos precisam ser conservados, por outro lado, a apropriação e o consumo desses recursos implicam em muitas vezes no uso destrutivo. Nesse sentido, Coriolano (2006, p. 16) aponta que o desenvolvimento e o meio ambiente se encontram em uma relação recíproca: atividades econômicas transformam o meio ambiente e o ambiente alterado constitui uma restrição externa para o desenvolvimento econômico e social. Entretanto, essa relação pode ser feita de uma maneira controlada, mitigando os impactos.

Benevides (2002) aponta que:

Sobre aspectos das relações gerais entre turismo e desenvolvimento, há de se salientar que, para valorizar os patrimônios histórico-cultural e natural de uma região através de agenciamentos e empreendimentos mercantis – o que significa necessariamente alguma transformação simbólica ou material nestes patrimônios –, o turismo envolve, portanto, não só aspectos econômicos, mas também políticos, sociais e culturais, articulados numa base territorial.

O turismo recebe várias críticas quanto à degradação do ambiente pela forma que se apropria dos recursos, mas como toda atividade econômica baseia-se na mesma lógica do modo de produção capitalista. As atividades econômicas em geral se utilizam do patrimônio ambiental para a produção de mercadorias.

O patrimônio ambiental é um elemento essencial para o desenvolvimento econômico e em especial turístico, pois este depende da sua apropriação. Ele é extremamente frágil e algumas explorações intensivas o alteram de forma irreversível. Mesmo assim, é preciso considerar sua utilização para o turismo, indispensável para o desenvolvimento socioeconômico de certas regiões, cuidando para que ele não seja consumido inutilmente (RUSCHMANN, 1997).

Desta forma, pode-se perceber a importância de se entender o turismo a partir do modo de produção capitalista, das características da modernidade, considerando que a atividade do turismo produz e consome o território. Portanto, também consome os recursos naturais nele existentes, assim como as demais atividades econômicas: pecuária e agricultura.

1.4.1 Desenvolvimento regional e local

O Turismo, para Beni (2007, p 143), não é uma manifestação isolada, caracteriza-se pela intersectorialidade, é um destacado mercado captador de investimentos e gerador de emprego e renda, inclui-se entre os setores que poderiam ser entendidos como motrizes do desenvolvimento regional.

O cotidiano do homem no atual cenário do modo de produção capitalista, segue uma rotina de trabalho que o transforma em “máquina” de produção, modificando assim as relações sociais no tempo e no espaço. Soja (1993 *apud* Coriolano e Silva, 2005 p. 136) fundamenta-se em Mandel para explicar a relação desenvolvimento e capitalismo, dizendo que “o desenvolvimento desigual entre as regiões e as nações é a própria essência do capitalismo, no mesmo plano da exploração da mão-de-obra pelo capital”, sendo que esta exploração abrange não apenas os indivíduos, mas também os lugares, isto é, o capital seleciona os trabalhadores e os lugares.

Soja (1993 *apud* Coriolano e Silva, 2005 p. 133) justifica que “a própria acumulação do capital produz o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, como movimentos mutuamente determinantes do movimento desigual e conjunto do capital”.

O desenvolvimento está ligado a macro-escala e diretamente relacionado com o crescimento econômico quantitativo e beneficiando a poucos, e que passou a ser questionado nas últimas décadas quanto a dimensão social, político e mais ainda o ambiental. Passou a associar-se ao desenvolvimento sustentável como melhoria das condições de vida das comunidades locais através do uso adequado dos recursos naturais para atender as necessidades do homem. Porém, sem comprometer estes recursos no atendimento das necessidades das gerações futuras, havendo um ponto de equilíbrio entre os vários aspectos do desenvolvimento.

Para Seabra (2007 p. 11), tem-se que ter uma preocupação com a sustentabilidade dos lugares, que:

São locais onde se desenvolve a base econômica local, nos quais comunidades e viajantes dividem o mesmo espaço, num ato solidário em busca do bem comum. Por sua importância econômica e social, o fenômeno estruturador da economia local requer mais uma reflexão sobre o ambiente onde se desenvolve o turismo, em seus aspectos ecológicos, econômicos, sociais, culturais, políticos e componentes materiais e imateriais.

Beni (2007, p. 138) considera que as políticas de desenvolvimento regional devem contemplar e beneficiar democraticamente as comunidades locais, pois, mesmo com programas de integração e desenvolvimento regional, prevalecem as ações de desenvolvimento local, focadas e embasadas na realidade de cada município ou comunidade.

Martins (2002) enfoca que os pressupostos da visão humanista e ecológica requerem, para sua compreensão, uma revisão de posturas. Afirmando que não há espaços para fetichismos e radicalismos de qualquer espécie, tampouco para concepções restritas de cultura.

Percebe-se que o termo “desenvolvimento” acabou se tornando um termo comum para inúmeros autores, pois acabam associando este termo a progresso material e modernização tecnológica. Pois para o turismo este termo deve ser visto sob uma nova forma, principalmente quando se trata do turismo em espaço natural, onde a modernização e o progresso se dá de uma forma incipiente e insignificante em relação ao turismo no espaço urbano.

No campo social, o desenvolvimento deve ser entendido, qualitativamente, como mudança de valores sociais, para melhor. Educação, saúde pública, habitação, alimentação devem ser encaradas como investimentos econômicos dentro de uma correta política desenvolvimentista.

O simples crescimento econômico de um País, não deve ser confundido com desenvolvimento que pressupõe mudanças qualitativas ao lado do crescimento quantitativo que doa valores materiais. Rodrigues (1999), aponta a atividade turística como o novo mito do desenvolvimento, pois que o que prevalece o que pode ser contado (contabilizado) a curto prazo.

Para Beni (2007 p. 134-135) a economia mundial vem apontando para três grandes vetores, que são: no *plano econômico*, a globalização e a conseqüente competição internacional; no *plano social*, a regionalização, até como resposta aos efeitos da globalização econômica que obrigam os países a reduzirem seus custos e no *plano político*, a descentralização, pois cada região necessita de flexibilidade para arranjar seus fatores de produção e tornar-se competitiva.

Coriolano e Silva (2005 p. 138) afirmam que pensar uma região significa comprometer-se na identificação dos processos que torne possível a reativação de pequenas economias, dinamizar a comunidade local, mediante o aproveitamento de seus recursos endógenos, estimular e diversificar o crescimento econômico, ofertar empregos e melhorar a qualidade de vida das populações residentes.

Com isso, as regiões se destacam, com sistema produtivo articulado e com elevados níveis de competitividades nos mercados globais (BENI, 2007 p. 135), quem corrobora com Beni, são as autoras Coriolano e Silva (2005 p. 139) quando afirmam que:

O desenvolvimento regional volta seu interesse para as economias localizadas, enfatizando suas dimensões sócio-políticas, culturais, seus valores e instituições locais. Promover a região não significa isolá-la, nem defender sua auto-suficiência, mas requer políticas que fortaleçam e qualifiquem suas estruturas internas, tornando-se abertas, mesmo que sob influência de todas as contradições da economia de mercado onde se insere.

Martins (2002) mostra que, o verdadeiro diferencial do desenvolvimento local não se encontra em seus objetivos (bem-estar, qualidade de vida, endogenia, sinergias etc), mas na postura que atribui e assegura à comunidade o papel de agente e não apenas de beneficiária do desenvolvimento. Desta forma, isto implicaria rever a questão da participação dos agentes sociais. Nota-se que a participação local, se fundamenta no envolvimento real de todos os sujeitos sociais nos processos de implementação e de gestão, pois é através de seu engajamento efetivo que esses agentes conseguem participar de uma ação global que se torna negociada e implementada (SILVEIRA, 1999 p. 97)

A implementação do Programa de Regionalização do Turismo, lançado em 2004, foi para promover a cooperação e a parceria dos segmentos envolvidos com a atividade: organizações da sociedade, instâncias de governos, empresários e trabalhadores, instituições de ensino, turistas e comunidade (BRASIL, 2004). Assim, criou-se um espaço ideal para a criação de *clusters* de turismo, que pode ser sintetizado da seguinte forma: conjunto de atrativos com destacado diferencial turístico, concentrado num espaço geográfico contínuo ou descontínuo; dotado de equipamentos e serviços de qualidade, eficiência coletiva, coesão social e política; articulada da cadeia produtiva e cultura associativa com excelência gerencial, em redes de empresas que possam gerar vantagens estratégicas comparativas e competitivas (BENI, 2007).

Fica claro que não existirá desenvolvimento local se não houver a participação da comunidade, desta forma, vale ressaltar que quando se fala em participação condiciona-se a esfera quantitativa. Com isso, deve-se criar condições para que a comunidade efetivamente exerça este protagonismo. No turismo vê-se, novas posturas e discursos, colocando a comunidade como peça essencial, assumindo desta forma o papel de “agentes locais”, sendo eles, os proprietários de empreendimentos turísticos, funcionários e profissionais autônomos.

Sobre este tema, Seabra (2003) afirma que cabe a comunidade local a participação

ativa na decisão do turismo desejável para a sua localidade, estabelecendo os limites aceitáveis de mudança para a comunidade como um todo.

Rodrigues (2002) vê o turismo como uma das alternativas para minimizar a exclusão social, seja através de abertura de novos postos de emprego ou oferecendo oportunidades de ocupação, principalmente no setor informal, para uma massa crescente de desempregados que o mercado informal se mostra incapaz de absorver.

Casasola (2003, p 82) em suas reflexões sobre o desenvolvimento, aponta que “o bom êxito do desenvolvimento supõe o conhecimento do ambiente e o compromisso de estabelecer uma relação racional e duradoura entre a sociedade e a natureza”.

Essa reflexão é importante para que se obtenham na atividade do Turismo, ações que visem este compromisso, e a comunidade tenha consciência de que não é só o ambiente natural que se precisa ser e ter cuidados. Mas as relações humanas também são importantes para se alcançar um desenvolvimento pleno, as pessoas precisam entender que a atividade do Turismo precisa ter suas relações mais humanizadas para que os recursos naturais sejam beneficiados. Desta forma, qualquer que seja a corrente pesquisada, o importante de se colocar é no que diz respeito à discussão do tema, pois somente assim o turismo deixará de ser tratado no meio acadêmico de maneira amadora, passando a ser encarado de modo profissional e, principalmente, científico.

2 MIMANDO A QUEM TE APRECIA... CARACTERIZAÇÃO DO RIO MIMOSO E OUTROS ASPECTOS

Conhecer o município de Bonito é importante para compreender melhor o objeto de estudo deste trabalho, o rio Mimoso. Por isso, nesta segunda parte haverá uma breve apresentação dos aspectos físico-territorial e das considerações sócio-econômicas do município onde está inserido o rio Mimoso. Apresentam-se também as características dos sítios turísticos onde ocorre visitação com acompanhamento de guias para se compreender a dinâmica da atividade do turismo desenvolvida no alto curso do rio Mimoso, e é impossível não deixar de mencionar a atuação do Instituto das Águas da Serra da Bodoquena, os projetos e as ações que desenvolvem junto à comunidade local.

2.1 Na cidade... “do Bonito” – Aspectos Gerais

O Estado de Mato Grosso do Sul tem grande disponibilidade hídrica da ordem de 128.101,60 hm³/ano, mas esse volume não é distribuído de maneira uniforme para as diferentes regiões. O Estado está totalmente inserido na Bacia do Prata, a segunda maior bacia da América do Sul, a qual é superada apenas pela bacia do rio Amazonas (FREITAS, s/d).

Almeida *et al* (2004, p 63), vê o Estado com um excelente potencial turístico, onde se destacam a Planície Pantaneira e áreas de entorno, de grandes atrativos – inúmeros rios de piscosidade, grutas e com recursos florísticos e faunísticos consideradas como das mais ricas, com hotéis-fazendas e áreas de pousadas.

O Município de Bonito/MS, com área territorial de 4.934 km², representa 1,40% do território sul-mato-grossense e situa-se no sudoeste do Estado do Mato Grosso do Sul na Microrregião Geográfica 09 - denominada Bodoquena. Limita-se geograficamente com Bodoquena (N e NO), Miranda (N), Anastácio (NE), Nioaque (L), Guia Lopes da Laguna (SE), Jardim (S) e Porto Murtinho (SO e O), segundo o que descreve DIAS (1999). Está situado sob as coordenadas geográficas, 20°29'11" de Latitude Sul e 56°07'42" de Longitude Oeste, e 21°24'19" S e 56°54'55" W.

No município, segundo o levantamento do Censo 2007 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007)⁴ residem 17.275 habitantes, não é disponibilizada a quantidade distribuída entre a área urbana e rural. Porém, de acordo com as informações contidas no site do IBGE⁵, o Censo 2000 registrou que o município possuía 16.956 habitantes, sendo 12.928 residentes na área urbana e 4.028 na zona rural.

O clima dessa região é caracterizado como tropical quente sub-úmido, com duas estações bem definidas: chuvosa (outubro a abril) e seca (maio a outubro). A precipitação pluviométrica anual varia entre 800 a 1800 milímetros. A temperatura média anual varia entre 22° e 26° C, sendo que as máximas, entre setembro e outubro, vão de 40° e 42° C e as mínimas, entre junho e julho, variam entre 4° e 8° C e localmente influenciadas pelo relevo, que ameniza as temperaturas (BATARCE, 2004, p. 29).

A região de Bonito, no Estado de Mato Grosso do Sul, é conhecida pelos singulares atrativos naturais que apresentam em especial aqueles relacionados aos seus rios, com águas de incrível transparência, repletos de inúmeros depósitos de tufas calcários que compõem cachoeiras e barragens naturais de incrível beleza. Em função da estrutura tectônica, a porção central do Planalto é caracterizada por um maciço rochoso elevado onde predominam exposições dos calcários calcíticos da Formação Tamengo. Neste maciço rochoso elevado, com altitude que variam de 450 a 650m, praticamente não ocorreu desenvolvimento de solo. O substrato rochoso é coberto por um dos últimos remanescentes de vegetação do Planalto, caracterizado por matas estacionais semi-decíduas, motivo pelo qual foi criado em 21/09/2000 o Parque Nacional da Serra da Bodoquena, com área de 76.400 hectares (BOGGIANI *et al*, 1999).

A Bacia do Rio Paraguai possui área de 1.095.000 km² e abrange os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além do Paraguai e parte da Bolívia. Nela, está inserida a Bacia Hidrográfica do Rio Miranda que possui uma área física de 44.740.50km², o que corresponde cerca de 12% da área de Mato Grosso do Sul. Esta Bacia ocupa (com diferentes porcentagens de participação) o território de 23 municípios no Centro-Oeste do Estado com diferentes percentuais de participação, são eles: Anastácio, Guia Lopes da Laguna, Nioaque, Rochedo, Terenos, Bodoquena, Dois Irmãos do Buriti, Bonito, Miranda, Jardim, Corguinho, Bandeirantes, Aquidauana, Jaraguari, Maracaju, Sidrolândia, Ponta Porá, Campo Grande, São Gabriel do Oeste, Rio Negro, Corumbá, Bela Vista e Porto Murtinho. Sendo que 10 (dez) destes municípios possuem mais de 90% de sua área inserida na Bacia do Miranda, são eles:

⁴ Disponível em: <http://www.ibge.br/cidadesat/topwindow.jtm?> (Acesso em 28.Set.2007)

⁵ Disponível em: www.ibge.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php (Acesso em 28.Set.2007)

Anastácio, Guia Lopes da Laguna, Nioaque, Rochedo, Terenos, Bodoquena, Dois Irmãos do Buriti, Bonito, Miranda e Jardim, e todos possuem área urbana inserida na Bacia. Os demais municípios, 09 (nove), possuem entre 10 e 50% de abrangência, que são: Corguinho, Bandeirantes, Aquidauana, Jaraguari, Maracaju, Sidrolândia, Ponta Porã, Campo Grande, São Gabriel do Oeste (PEREIRA *et al*, 2004)⁶.

A Bacia Hidrográfica do rio Miranda se insere na Unidade Geotectônica denominada Cinturão Metamórfico Paraguai-Araguai, sobre estruturas pré-cambrianas. As diferenciações de geologia estrutural e litológica são responsáveis por uma enorme variabilidade do meio físico, incluindo complexidade de distribuição dos recursos hídricos (PEREIRA *et al*, 2004). As águas subterrâneas apresentam-se como uns importantes fatores na recarga do fluxo superficial, destacam-se os Aquíferos: Pantanal, Aquidauana e Guarani (ANA/GEF/PNUMA/OEA, 2004).

A rede de drenagem superficial sofre influências dos lineamentos tectônicos, representados por falhas e fraturas que constituem zonas polarizadoras do fluxo e armazenamento de água subterrânea. Tais feições geológicas apresentam maior porosidade e permeabilidade do subsolo, facilitando a percolação da água subterrânea (PEREIRA *et al*, 2004).

O relevo é marcado por contrastes significativos entre as terras baixas e periodicamente inundáveis da Planície do Pantanal mato-grossense e as terras do entorno, não-inundáveis, representadas pelas elevações da Serra da Bodoquena e Morrarias do Urucum-Amolar, pelas Depressões de Bonito, Miranda e Aquidauana-Bela Vista, os Piemontes da Serra de Maracaju, as Elevações Residuais de Mato Grosso do Sul e as Planícies Colúvias Pré-Pantanal (PEREIRA *et al*, 2004).

Na década de 50, as terras do planalto da Bodoquena começaram a ser ocupadas mais intensamente por rebanhos bovinos. Em seguida, houve grande movimento migratório incentivado por empresas colonizadoras com a função de ocupar as terras para a agricultura, incentivadas por programas federais para o plantio de cafezais na região. No entanto, as colheitas não fizeram jus às expectativas dos produtores e logo trataram de substituir esta cultura pela abertura de pastagens. Na década de 1970, a agropecuária de Bonito segue o modelo de modernização do campo que foi incentivado pelo governo (VARGAS, 2001 p. 132-136).

A pecuária é uma atividade forte na região. Porém, a geração de empregos é mínima, pois geralmente um peão cuida em média de 2 a 3 mil cabeças de gado. Há o arrendamento de

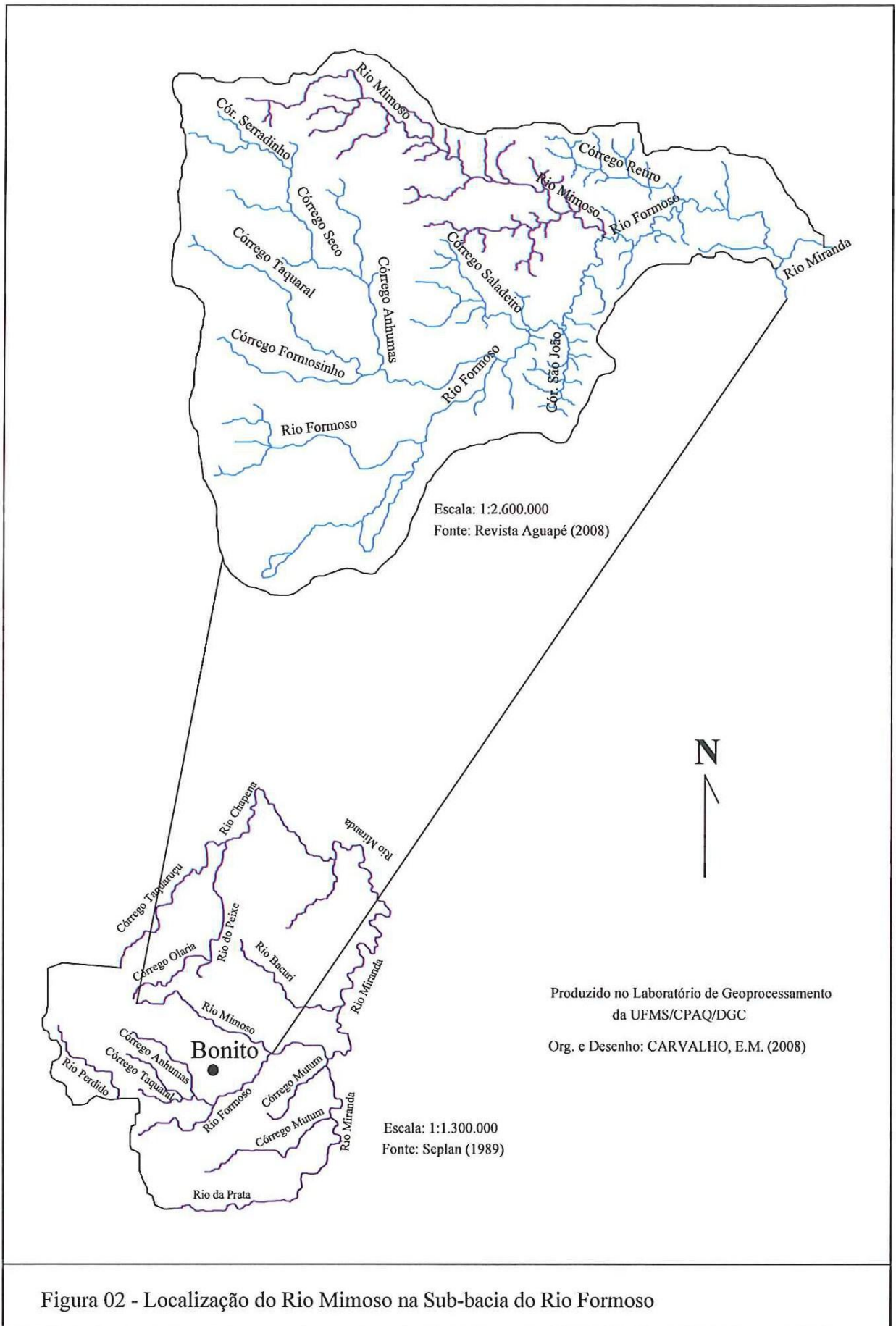
⁶ PEREIRA, M. C. B. (*et al*) Bacia Hidrográfica do Rio Miranda: estado da arte. Campo Grande: UCDB, 2004.

áreas para a agricultura, em período médio de dois anos, com o compromisso de devolvê-las plantadas com *brachiária*. Com isso, diminuem as áreas para a agricultura, e a formação de pasto é realizada com o desmatamento, que pode ser feito usando-se corrente ou lâmina. O processo via corrente agride muito o solo, pois ao arrancar raízes remove a terra em profundidade. As pastagens formadas são queimadas a cada ano, entre os meses de agosto e setembro, no final da estação seca, para fazer nascer capim novo e eliminar plantas invasoras e pragas diversas. A vida útil das pastagens, assim formadas e mantidas, estima-se em 12 anos (PCBAP, 1997 p. 567 e 571).

A mineração está relacionada principalmente ao calcário, que aflora na superfície e constitui uma matéria-prima abundante, uma série de empresas, de porte variável, se dedicam à exploração. Esse tipo de calcário serve para misturar com sal mineral e ração. Muitos fazendeiros utilizam para a correção de PH do solo para refazer as pastagens. A utilização de mão-de-obra varia entre 7 a 10 funcionários que trabalham diretamente a atividade (PCBAP, 1997 p. 594-598).

O turismo, atividade incipiente no município até meados dos anos de 1980, ganhou impulso quando muitos turistas, atraídos pela propaganda relativa ao Pantanal, começaram a visitar o Estado, passando por Bonito e conhecendo os atrativos (VARGAS, 1998 p 140-141). A partir daí, o turismo no município passou a ser uma atividade cada vez mais organizada e com uma estrutura turística bem variada atendendo a diversos segmentos da demanda, sendo atualmente, o segundo principal destino turístico de Mato Grosso do Sul, estando atrás apenas do Pantanal. Possui várias instituições importantes para o turismo, como o COMTUR de Bonito é uma instituição atuante e dentre as ações que organizam, está o calendário de temporada, onde ficam estabelecidas as datas de feriados para alta temporada, que são organizadas em reuniões dos conselhos e transmitidas para todo o *trade* turístico.

A Bacia Hidrográfica do rio Miranda revela uma complexidade de distribuição dos recursos hídricos, destacando-se a importância da água subterrânea como elemento polarizador de atividades de ecoturismo na região de Bonito, em razão das características espeleológicas envolvidas. Ao mesmo tempo em que representam condições hidrogeológicas muito favoráveis ao desenvolvimento do ecoturismo, as feições cársticas, associadas à ocorrência de rochas calcárias caláticas e dolomíticas, também constituem ambiente muito frágil ao impacto negativo de ações antrópicas, no que diz respeito à suscetibilidade aos efeitos de poluição dos recursos hídricos (PEREIRA *et al*, 2004).



A Sub-bacia do Rio Formoso (Figura 02) localiza-se na região central do município de Bonito, (incluindo a área urbana do mesmo) e este na porção sudoeste do Estado. Seus limites são os divisores das bacias dos rios Bacuri (ao norte), Perdido (a oeste), da Prata (ao sul) e Miranda (a leste). Possui cerca de 1.334 km², o que corresponde a aproximadamente 27% da área do município (BRASIL, 2002).

A Serra da Bodoquena estende-se por cerca de 250 km no sentido norte-sul, com largura média de 65 km e altitude entre 400 m e 600 m, ocupando área de 8.417 km² (correspondentes a 2,42% do Estado). Fica nas proximidades da fronteira com o Paraguai e a sudoeste do município de Miranda, abrangendo os municípios de Bonito, Jardim, Bodoquena, Nioaque, Guia Lopes da Laguna e Porto Murtinho. É um importante divisor de águas entre as bacias do rio Paraguai (a oeste) e as sub-bacias dos rios Miranda e Apa (a leste), abrigando nascentes de diversos rios. Dentre eles merece destaque o Formoso, o principal rio da região de Bonito em termos de uso turístico, que deságua no rio Miranda (MANÇO e COELHO, 2000).

As drenagens apresentam águas bicarbonatadas muito límpidas, o que proporciona o crescimento de tufas associada a “musgos” e “algas”. A turbidez das águas dos rios é praticamente nula, e isto deve ao fato de suas cachoeiras, que cortam o planalto e desemboca na margem esquerda do rio Miranda (BOGGIANI *et al*, 1999).

2.2 Águas do Mimoso...

As informações que se seguem, sobre o rio Mimoso, foram retiradas do Projeto Demonstrativo de Recuperação de Matas Ciliares no Rio Mimoso, Bonito/MS elaborado em 2006, pelo Instituto da Águas da Serra da Bodoquena – IASB, para participar do Programa Projetos Demonstrativo – PDA Mata Atlântica, financiado pela Petrobrás. Bem como se utilizou ainda das informações contidas no Relatório de Diagnóstico Sócio-ambiental da Sub-bacia do rio Formoso, elaborado pelo GEF do Rio Formoso e Embrapa Solos, 2002.

O projeto foi a única proposta aceita, em Mato Grosso do Sul, na categoria “Pequenos Projetos” elaborada e apresentada pelo IASB, organização não-governamental com sede em Bonito, MS. As principais atividades da instituição estão baseadas na recuperação, conservação e proteção dos rios, das matas e da biodiversidade da região (VALADARES, 2008).

A sub-bacia do rio Mimoso localiza-se no município de Bonito, ao norte da bacia do rio Formoso e é um dos principais afluentes da margem esquerda. Além disso, as nascentes do objeto desta pesquisa estão localizadas na zona de amortecimento de uma Unidade de Conservação federal, o Parque Nacional da Serra da Bodoquena.

É um dos principais afluentes responsáveis pela qualidade e volume das águas do rio Formoso (mais importante curso d'água do município de Bonito e um dos rios de maior beleza cênica, em razão de suas águas cristalinas), possui aproximadamente 50 quilômetros de extensão e suas margens são incrustadas em vãos de morros, com uma declividade bastante acentuada por atravessar regiões montanhosas.

O rio Mimoso foi subdividido, pela população local em três partes: Alto, Médio e Baixo Mimoso por possuir características de relevo distintas. Apresentam relevo acidentado e solos caracterizados como Associação Complexa (podzólico, latossolo vermelho-escuro e vermelho-amarelo, regossolo e brunizen). O clima da região é o tropical quente, com duas estações bem marcadas, sendo localmente influenciado pelo relevo que ameniza as temperaturas. A precipitação total está entre 1300 e 1700 mm anuais, com chuvas intensas no verão, sendo dezembro o mês mais chuvoso. O período seco é de 3 a 4 meses, se estendendo de maio a agosto. As temperaturas médias anuais estão entre 20° a 22° Celsius. A umidade relativa é baixa, raramente atingindo 80% (IASB – PROJETO MATAS CILIARES, 2006).

Pádua (2002) concorda com a existência de duas estações nítidas na região: o verão chuvoso e o inverno seco. Nas cabeceiras dos rios as chuvas vão de outubro a março, atingindo 1000 mm a 1500 mm anuais, o período de seca vai de maio a setembro, a umidade relativa do ar mantêm-se acima de 76% entre dezembro e maio, e abaixo de 58% entre os meses de agosto e setembro. Tais características orientam e induzem à presença de diferentes concentrações de sais solúveis ou de baixa solubilidade ou mesmo insolúveis, nas águas mais superficiais e nas internas da região, em épocas diversas, orientando a variável dureza total e alcalinidade total nesses sistemas aquáticos, por estarem sujeitas também ao regime climático, pluviometria e temperatura.

O rio é cortado por duas rodovias estaduais (Figura 03), a MS 345 que liga Bonito ao município de Anastácio, por onde passa o rio Miranda e se localizam vários pesqueiros. A outra rodovia é a MS 178 que liga Bonito à Bodoquena, por onde se tem acesso à região Pantaneira, e considerado um corredor turístico e ecológico. É um corredor turístico ser uma via de acesso ao Pantanal e, um corredor ecológico pela variedade de características encontrada neste percurso que passa pelo Parque Nacional da Serra da Bodoquena.

2.2.1 Condições do rio Mimoso – processo histórico e ambiental

Sabe-se da necessidade do conhecimento do passado transmitido pela história e que esta poderá escolher as ações futuras necessárias para a perenização dos recursos naturais, pois conhecendo o passado pode-se vislumbrar o futuro. Assim, a seguir será apresentada a ocupação das margens do rio Mimoso como um todo, para em seguida descrever como se desenvolveu a atividade do turismo no alto curso do rio Mimoso.

2.2.1.1 processo histórico

A ocupação às margens do rio Mimoso data de 100 anos, sendo a primeira a ser utilizada para o uso intensivo na agropecuária. Antes dessa ocupação, ainda era possível encontrar suas matas originais bem conservadas, em grandes extensões, com uma rica variedade de madeiras nobres e animais. Essas matas foram, na sua maioria, sendo eliminadas devido ao grande valor das madeiras e a fertilidade das terras, exploradas inicialmente para subsistência das famílias e, a partir das décadas de 70 e 80, para uso da mecanização intensiva, aliada ao baixo conhecimento técnico dos órgãos responsáveis e a falta de fiscalização, iniciando assim um processo generalizado de degradação das terras (Silva, 2000).

Em um levantamento sobre o diagnóstico ambiental do Mimoso, realizado pela Embrapa Solos em 1999, a situação do rio já era precária, pois apresentava significativa mudança na cobertura vegetal, devido ao desmatamento e formação de pastagens, com conseqüente degradação da vegetação original (COUTINHO e AMARAL, 1999 *apud* IASB – PROJETO MATAS CILIARES, 2006).

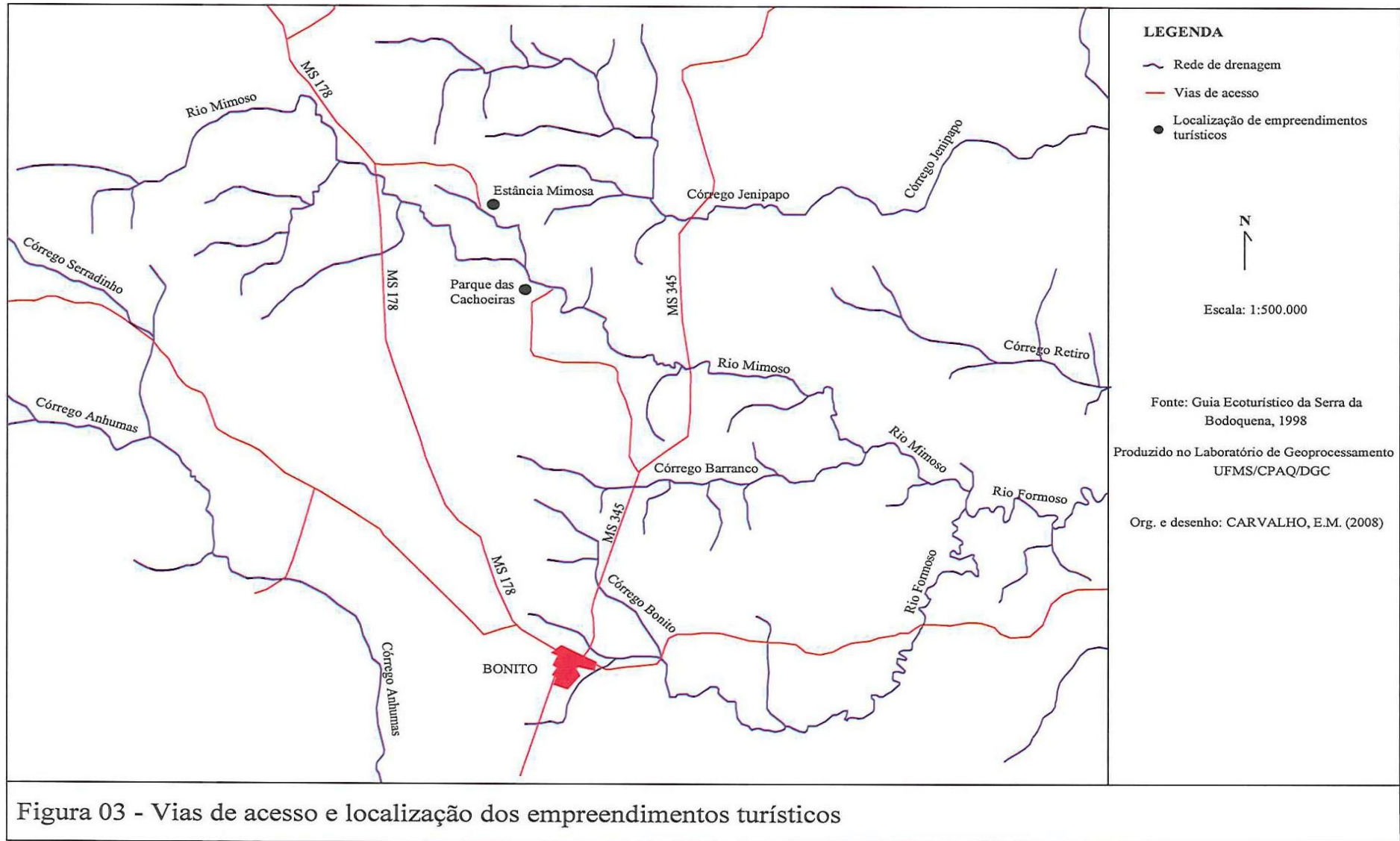
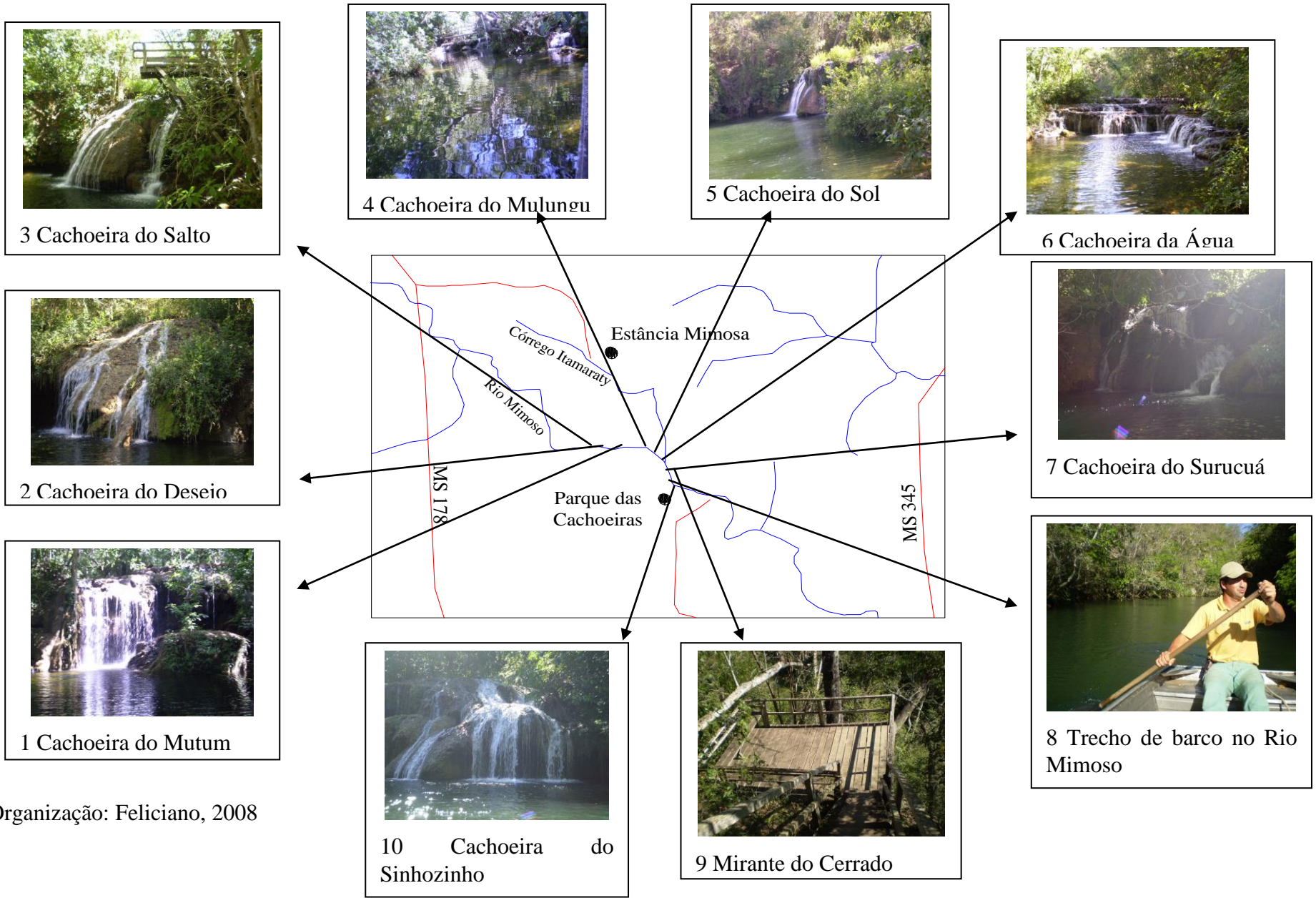


Figura 04 – Mapa de Localização das Cachoeiras da Estância Mimosa no rio Mimoso, em Bonito-MS



Organização: Feliciano, 2008

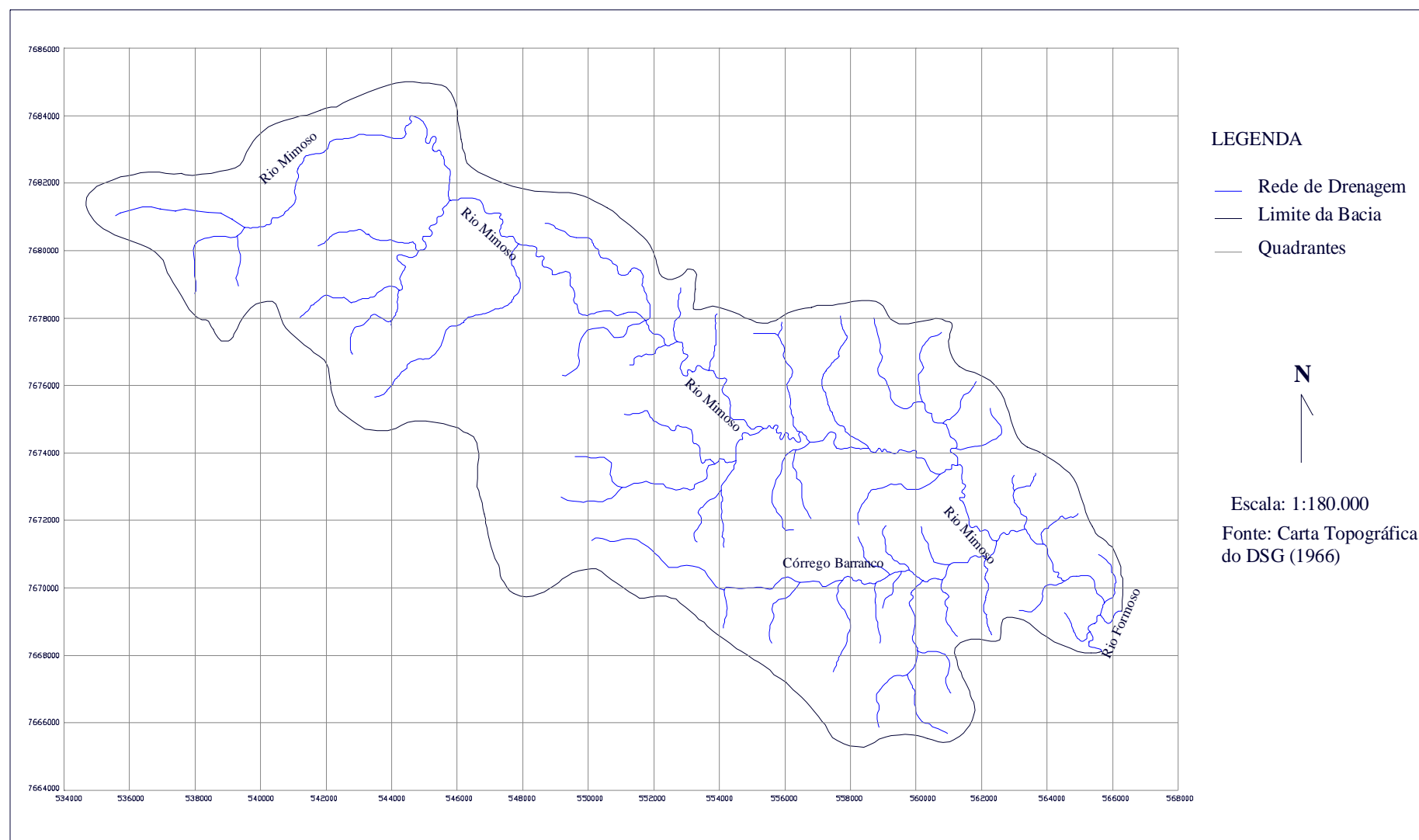
Portanto, onde se encontra as conhecidas Cachoeiras do Mimoso e que se dividem entre os sítios turísticos Parque das Cachoeiras e Estância Mimosa Ecoturismo (Figura 04). Dar-se-á mais enfoque à esta parte do rio, conhecido como Alto Mimoso e as informações foram retiradas do Diagnóstico Ambiental da Sub-bacia do Formoso, elaborado pelo GEF do Formoso, além do projeto de Matas Ciliares.

Os principais afluentes que abastecem a sub-bacia do Mimoso (Figura 05) são: Córregos Taquara, Santa Eliza, Carrapicho, Piquitito e Barranco. Quanto à concentração fundiária, podem-se encontrar na extensão do rio Mimoso aproximadamente 128 propriedades (Silva, 2000). Dessas, 82 propriedades possuem de 0 a 100 ha, 16 propriedades possuem de 100 a 200 ha, outras 16 propriedades possuem de 200 a 500 ha e somente 11 propriedades são maiores de 500 hectares (Silva, 2000). Nestas propriedades, a atividade econômica está baseada na pecuária, principalmente a leiteira, agricultura de subsistência e turismo. Em menor escala encontra-se a ovinocultura, avicultura e suinocultura (IASB – PROJETO MATAS CILIARES, 2006).

Na parte do Alto Mimoso foram verificados desmatamentos e até queimadas nas matas ciliares e nos morros para formação de pastos e muita erosão laminar. No entanto, a porção do rio que atravessa a região montanhosa evitou que a degradação fosse mais expressiva, uma vez que o acesso a estas áreas pelo homem é mais dificultado. Além da situação topográfica, essa região, onde existem as cachoeiras que servem de atrativos para banho e contemplação, também foi protegida devido ao aproveitamento econômico pelo turismo (COUTINHO e AMARAL, 1999 *apud* IASB – PROJETO MATAS CILIARES, 2006).

A área a direita da margem do rio Mimoso, ao longo da estrada da Bodoquena, apresentou significativa mudança na cobertura vegetal nos últimos 05 (cinco) anos, principalmente devido ao desmatamento e formação de pastagens, com conseqüente degradação da vegetação original, dominada por savana arbórea. Práticas de conservação de solos são raras. O rio Mimoso atravessa uma região montanhosa e se encontra bem encaixado próximo ao cruzamento da estrada. Esta situação evitou que sua degradação fosse mais expressiva nesta parte, uma vez que o acesso a estas áreas pelo homem é mais difícil. Mesmo assim, suas matas ciliares estão em situação precária, com a presença de diversas chácaras e pequenas fazendas ao longo de suas margens. Foram verificados desmatamentos recentes e até queimadas nas matas ciliares (GEF DO RIO FORMOSO, 2007).

Figura 05: Delimitação e Afluentes da Sub-bacia do rio Mimoso.



Na sua margem esquerda, à jusante da estrada da Bodoquena, o relevo é bem movimentado, e há desmatamentos nos morros para a formação de pastos, muitas erosões laminar, e degradação significativa das matas ciliares. O desmatamento das áreas ao redor tem provocado uma maior amplitude da variação do nível de água do rio Mimoso, ou seja, ele fica muito mais baixo nos meses secos e enche com rapidez durante as chuvas. A retirada da cobertura vegetal eliminou o efeito esponja do solo, e assim a água de chuva escorre rapidamente pela superfície do solo para o leito dos rios. Como não há retenção de água pelo solo, na época seca não há alimentação dos rios com esta água armazenada. Devido à situação topográfica e o aproveitamento econômico pelo turismo, as matas ciliares estão protegidas nesta parte do rio onde ocorrem as cachoeiras (Figura 06). Mesmo assim, há informação de propriedades que formaram pasto até a beira do rio (GEF DO RIO FORMOSO, 2007).



Figura 06 - Cachoeira do Sol Com Água

Fonte: Palo, Jul/2001 (Acervo Estância Mimosa)

No Alto Mimoso, há 09 (nove) propriedades com até 100 ha, são 06 (seis) propriedades em que o tamanho varia entre 100 a 200 ha, outras 09 (nove) propriedades possuem extrato fundiário entre 200 a 500 ha e apenas 08 (oito) propriedades possuem mais de 500 ha, totalizando 32 propriedades localizadas no alto do rio Mimoso (GEF DO RIO FORMOSO, 2007).

No Médio Mimoso também estava havendo desmatamento significativo das matas ciliares para formação de pastos. Foram observadas erosões laminares em grande escala, formação de sulcos e processos de voçorocamento. De acordo com Coutinho e Amaral (1999

apud IASB – Projeto Matas Ciliares, 2006), esta região é uma das que sofrem maior risco ambiental quanto à biodiversidade e degradação dos remanescentes e dos recursos do rio Mimoso e da sub-bacia do rio Formoso.

O Baixo Mimoso apresenta mata ciliar bastante degradada, com erosão presente e solos rasos. Nesse trecho ainda se encontram áreas extensas de vegetação preservadas, porém com sinais de degradação pelo fogo e desmatamentos.

Essa situação preocupante do desmatamento das matas ciliares vem provocando, além da perda da biodiversidade vegetal e animal, uma maior amplitude de variação do nível de água do rio Mimoso. Em conversa informal com um dos guias de turismo, este esclareceu: “O rio está ficando muito mais baixo nos meses secos e enchendo com rapidez durante as chuvas. A retirada da cobertura vegetal eliminou o efeito esponja do solo, fazendo com que a água da chuva escorre rapidamente pela superfície para o leito do rio. Como não há retenção de água pelo solo, na época seca não há alimentação do rio com esta água armazenada” (Anexo A).

Este problema também foi diagnosticado em uma pesquisa realizada pelo Instituto Águas da Serra de Bodoquena - IASB (quando ainda se chamava Associação Amigos do Mimoso), em 2001. Através de visitas às propriedades, técnicos da instituição aplicaram um questionário aos moradores do Mimoso para avaliar o grau de percepção sobre os danos ambientais que vem ocorrendo na região. O resultado só confirmou as alterações ambientais que o rio vem sofrendo (Figura 07), conforme demonstrou o diagnóstico ambiental realizado por Coutinho e Amaral (1999 *apud* IASB – Projeto Matas Ciliares, 2006). Nesta pesquisa também foi possível identificar a preocupação dos moradores com a situação atual do rio. De acordo com eles “anteriormente havia peixes de maior porte em locais onde hoje só existem peixes pequenos” e “locais onde originalmente a profundidade do rio passava de metros, hoje têm menos de 50 centímetros”. O ritmo de enchimento e esvaziamento do rio também se mostrou ser uma preocupação da grande maioria dos moradores: “ele (o rio) enchia e esvaziava muito mais lentamente” e “a coloração barrenta que se observa em períodos de chuvas intensas é um fenômeno relativamente recente, bem como a demora para o rio limpar após as chuvas” (IASB – PROJETO MATAS CILIARES, 2006).

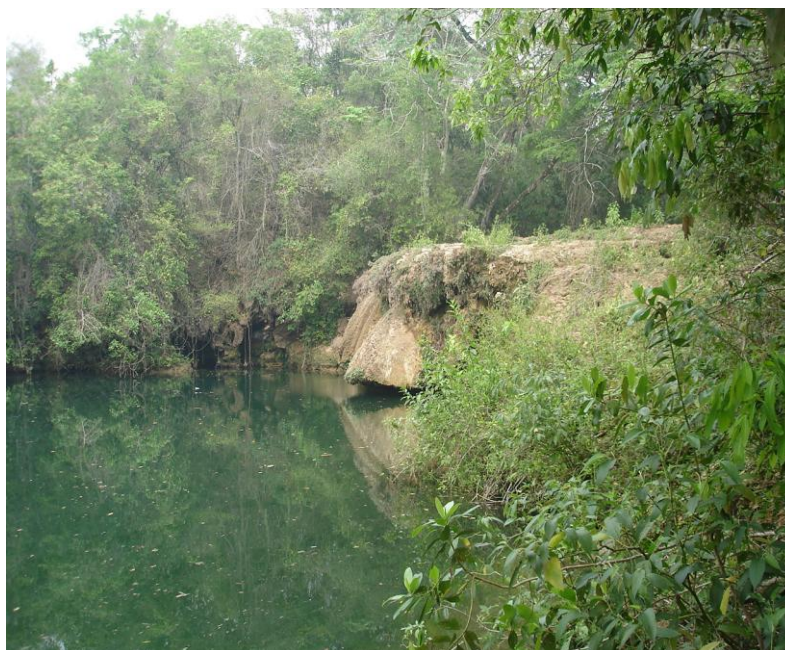


Figura 07 - Cachoeira do Sol Sem Água

Fonte: Folley, Ago/2007 (Acervo Estância Mimosa)

A situação atual não está muito diferente, o uso irracional do solo e a prática do desmatamento em áreas de mata ciliar, principalmente para pastagens, prevalecem mesmo em menor escala, tanto para conversão dessas áreas em pasto como para plantações, fato percebido principalmente em propriedades pequenas.

Com o crescimento do apelo ambiental provocado pelo turismo em Bonito, os proprietários do Mimosa estão sentindo cada vez mais a necessidade de estarem ambientalmente adequados, ainda mais por que o chamativo da região é focado na cristalinidade das águas, características que está ficando cada vez mais difícil de ser visto no rio Mimosa nos dias atuais. Outro fator que está contribuindo para que os proprietários busquem uma solução rápida para a recuperação do rio Mimosa diz respeito ao trabalho que a Promotoria de Justiça – Comarca de Bonito – vem desenvolvendo (Anexo B), através da assinatura de Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), para garantir que as propriedades estejam de acordo com a Legislação Ambiental vigente. Através do TAC, se as exigências não forem cumpridas no prazo estipulado, os proprietários estarão sujeitos a multas.

Foram comprovadas através de pesquisas, que as pequenas propriedades são as maiores responsáveis pela degradação encontrada nas matas ciliares do rio Mimosa, tanto pela necessidade de aproveitar o máximo de terras de que dispõe para exploração econômica como por desconhecerem formas de cultivo que valorizem o espaço da propriedade. Esses produtores não encontram outra saída para aumentar sua renda e acabam por desmatar a

vegetação para plantio de culturas anuais e criação de gado leiteiro e pequenos animais. Outra explicação, dada por muitos produtores, foi que já compraram as terras com muito pouca vegetação nativa e não realizaram nenhuma ação para recuperá-la (IASB – PROJETO MATAS CILIARES, 2006).

2.2.1.2 processo ambiental

Segundo Mato Grosso do Sul (1989), os riscos ambientais relativos ao uso do solo na área estudada são, de modo geral: a aceleração dos processos de erosão superficial ocasionados pelos desmatamentos que vêm ocorrendo na região, o que altera a estabilidade das áreas situadas em vertentes íngremes.

Às margens do rio Mimoso, apresenta 128 propriedades rurais de pequeno porte (IASB - PROJETO MATAS CILIARES, 2006) e é cortada por duas estradas principais não-pavimentadas, a MS 178 e a MS 345, que atravessa o curso do rio Mimoso. A presença de estradas ocasiona o redirecionamento do escoamento das águas pluviais o que ocasiona processos erosivos, inclusive voçorocas.

Como será observada mais adiante, a área de estudo tem valoração ambiental que ainda não foi pesquisada e estudada à exaustão, embora alguns pesquisadores já tenham alertado para a necessidade deste fato. Em oposição à sua importância e fragilidade, são desenvolvidas ali atividades potencialmente impactantes (responsáveis, especialmente, pelo desmatamento da região) como a pecuária, a agricultura.

Há ainda outro fator que merece destaque em relação a esta área, já que a mesma localiza-se na região de entorno de uma Unidade de Conservação (UC), o Parque Nacional da Serra da Bodoquena. Criado em 21 de setembro de 2000, o Parque possui um imenso patrimônio ambiental, abrigando amostras significativas tanto do cerrado como de florestas estacionais (PLANO DE ECODESENVOLVIMENTO, 2002).

As UC's não devem, nunca, ser avaliadas isoladamente, já que o relacionamento com a região em que se inserem é fundamental para a sua manutenção. Deve se considerar que as unidades de conservação fazem parte de um contexto amplo, e possuem inúmeros tipos de relações com o seu entorno, tais como relações ecológicas, sociais, econômicas e culturais. Portanto, a manutenção da qualidade ambiental das áreas circunvizinhas às UC's, como é o caso do rio Mimoso. É fundamental para o sucesso de uma proposta conservacionista que embasa a criação das mesmas.

Existe uma série de problemas que podem levar à degradação do solo como: a ocupação desordenada e sem planejamento da utilização do solo, a utilização em excesso de agrotóxicos, que causam poluição e comprometem a vida do solo e o manejo incorreto levando à erosão e até a desertificação. Além do que, se não houver cuidado, haverá contaminação do lençol freático e do curso d'água, quando isso ocorre as dificuldades de quem precisa desse recurso, aumentam.

O manejo deve promover a conservação dos recursos naturais (solo, água, fauna e flora) através da utilização de medidas que diminuem os efeitos do processo de degradação e promovam o aumento da cobertura vegetal, aumentando a infiltração da água no solo, reduzindo sua compactação e aumentando o armazenamento de água no subsolo, melhorando o escoamento superficial e as ações das enxurradas, reduzindo o processo de desgaste e erosão, destruição das estradas rurais e assoreamento dos rios e promover a redução da poluição do solo das nascentes e dos córregos.

O planejamento ambiental desta área é, portanto, extremamente importante para as atividades econômicas da região, em especial, para a atividade do turismo que depende dos recursos hídricos que ali se encontram para se manterem num mercado tão competitivo, como é em Bonito.

No que se refere à legislação, é importante destacar que Bonito conta com instrumentos que contemplam a preservação do meio ambiente, tanto em sua *Lei Orgânica*, que estabelece os princípios e diretrizes básicas de gerenciamento e controle dos recursos naturais, quanto em outros dispositivos específicos, que estabelecem, entre outras obrigações: o acompanhamento do Guia de Turismo Local, devidamente credenciado pela Prefeitura Municipal, nos passeios turísticos no Município, o uso de "voucher" pelos turistas; o atendimento das exigências ambientais visando à proteção das margens nos mananciais de água do município; a proibição do uso de embarcações motorizadas em rios do Município (GEF DO RIO FORMOSO, 2007).

As instâncias administrativas do município, no que se refere ao controle do meio ambiente, incluem: a Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, à qual compete organizar estes setores e preparar uma política de permanente preservação e conservação ambiental; e o Conselho Municipal de Conservação e Defesa do Meio Ambiente (COMDEMA), órgão deliberativo e normativo para utilização dos recursos naturais e preservação da qualidade do meio ambiente (GEF DO RIO FORMOSO, 2007).

Para avaliar melhor o processo ambiental, tem-se que conhecer as características da

rede de drenagem, do relevo da região e de como são formadas as cachoeiras do rio Mimoso.

a) *rede de drenagem*

Uma particularidade apontada por Pádua (2002), é que Bonito/MS, por terem-se águas, em geral, riquíssimas em bicarbonatos, chama atenção o fato que em sistemas aquáticos naturais ou não, em áreas abertas, (represas, lagos ou tanques), com águas mais calmas, fica evidente em algumas épocas do ano, ver-se logo pela manhã uma preocupante nebulosidade e presença de lâmina fina e quebradiça, mais extensa ou menos extensa, na superfície da água.

A rede de drenagem do rio Mimoso é representada por córregos e pequenos cursos d'água, sendo os principais: os Córregos Taquara, Santa Eliza, Carrapicho, Piquitito e Barranco, existem, ainda, diversos afluentes menores, a maioria intermitente, que drenam em diversas direções, já que suas nascentes vertem de Serra da Bodoquena. Estas nascentes que formam o rio Mimoso estão a uma altura aproximada de 650m de altitude, na Serra da Bodoquena.

O rio Mimoso pode ser considerado, em relação ao escoamento global, como endorréica, já que é uma drenagem interna, que não deságua no mar, e sim em outro corpo hídrico, o rio Formoso.

A fisionomia que o rio Mimoso exhibe ao longo do seu perfil longitudinal, é descrita como meândrica. Os canais meândricos segundo Cunha (1994) são encontrados com frequência nas áreas úmidas cobertas por vegetação ciliar, descrevem curvas sinuosas harmoniosas e semelhantes entre si. Por essas características, o rio Mimoso apresenta os seus canais como sendo meandrante, por possuir alguma cobertura vegetal ciliar em parte do seu percurso e por apresentar sinuosidades.

O rio Mimoso, segundo a classificação de Strahler, possui cursos d'água de primeira, segunda e terceira ordem. Compreendendo os de primeira ordem, estendendo-se desde a nascente até a confluência; os de segunda ordem que surgem da confluência de dois canais de primeira ordem e os de terceira ordem os que surgem da confluência de dois canais de segunda ordem.

O padrão de drenagem (arranjo espacial dos cursos fluviais que compõem a bacia) é dendrítico, já que as correntes tributárias distribuem-se em todas as direções do terreno.

b) *análise do relevo*

A declividade do relevo é determinante na velocidade das águas de qualquer rio, influenciando as condições de transporte, depósito e erosão dos sedimentos, essas condições ao longo do tempo podem ser alteradas.

A velocidade das águas de um rio depende basicamente da declividade, do volume das águas, da forma da seção e da rugosidade do leito. Qualquer alteração destas variáveis modifica a velocidade das águas e, conseqüentemente, as condições de transporte, deposição ou erosão (CRISTOFOLETTI *apud* JORGE e UEHADA, 1998).

Baseado nessas informações pode-se concluir que próximo à nascente do rio Mimoso, certamente ocorre o transporte de sedimentos ou erosão do leito do rio devido ao desmatamento das matas ciliares, o terreno sem cobertura facilita a ida de sedimentos para o leito do rio. Esses sedimentos são depositados na parte mais baixa do rio Mimoso ou são transportados para o rio Formoso. Observa-se que mais próximo do curso d'água há a diminuição da declividade onde ocorre decréscimo de velocidade, podendo ocorrer neste momento a sedimentação.

O espaçamento das curvas de nível do rio Mimoso há declividades mais acentuadas no alto curso, que são áreas de superfícies inclinadas, geralmente com relevo acentuados, nas quais o escoamento superficial, para maior parte do rio, é médio ou rápido. Já no médio e baixo curso a declividade é mais suave.

O declive pode oferecer algum tipo de problema na utilização de máquinas agrícolas. Em alguns casos, a erosão oferece sérios problemas necessitando da utilização de práticas de engenharia ambiental para a sua conservação, na maior parte das vezes, no entanto, práticas complexas de conservação do solo são necessárias, para que terras com esses declives possam ser cultivadas intensamente.

No corte longitudinal, o rio Mimoso tem sim uma subdivisão em três patamares. O primeiro abrange o alto curso, com forte declividade e altimetria oscilando entre 650 e 525 metros, o segundo, com altitudes de 525 a 325 metros, mantendo-se nesta posição por um longo curso e, chegando a ter uma declividade média e o terceiro e último curso em 325m a 275 metros, apresentando uma leve declividade e variação da altimetria, e só próximo a foz, uma fraca oscilação se mantendo plano. Confirmando a subdivisão dada pela população local, que denomina o rio em Alto Mimoso, Médio Mimoso e Baixo Mimoso.

c) formação das cachoeiras

Scremin-Dias *et al.* (1999) aponta que no rio Mimoso onde existem muitas cachoeiras evidencia-se a formação de cachoeiras, que se fizeram conhecidas onde as “cachoeiras que crescem”, pelo depósito e sedimentação decorrente do acúmulo de microorganismos. Devido à presença de carbonato de cálcio dissolvido, aliada à ação de algas caráceas e musgos, proporcionam o crescimento de depósitos carbonáticos que acompanham o fluxo das águas das cachoeiras e formam até pequenas cavernas, que se formam pelos depósitos de calcários nas cachoeiras e sobre troncos de árvores, são denominados tufas calcárias.

As “tufas” da Serra da Bodoquena ocorrem ao longo de praticamente todas as drenagens, onde formam represas, cachoeiras e depósitos de “micrita” pulverulenta. Nos leitos ativos dos rios são freqüentes, também, concentrações de tubos carbonáticos milimétricos, atribuídos a permineralizações e incrustações carbonáticas dos talos ou corpo das algas caráceas, como na figura 08 (BOGGIANI *et al.*, 1999).

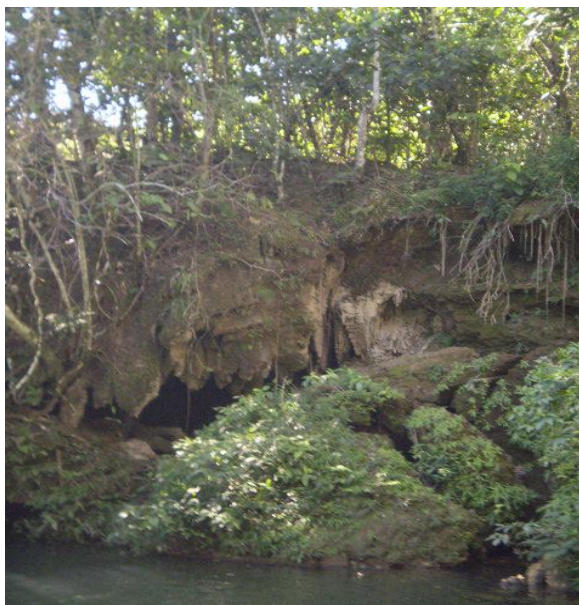


Figura 08 - Formação de tufas no rio Mimoso

Fonte: Feliciano, G. A. D. (Levantamento de Campo, 2008)

Boggiani (1999) esclarece que as tufas calcárias têm o crescimento relacionado ao desenvolvimento de musgos e algas microscópicas, dando origem a formações de grande valor cênico. São depósitos carbonáticos muito frágeis, diretamente dependentes das condições de qualidade das águas e intensamente procurados como atrativos turísticos (Anexo C).

Os musgos (Figura 09) assim chamados são organismos vegetais inferiores, de estrutura simples, sem vasos condutores, como as briófitas (divisão/phylum briophyta, classe bruopsida = musci), que vivem nas margens de águas rápidas ou calmas, mas não estagnadas. São de pequeno porte, crescem perpendicularmente ao solo, não produzindo flores e nem sementes, com expulsão de esporos, e com raízes substituídas por órgãos primitivos denominados de “rizóides” e corpos sem tubos condutores (xilema), com formações pluricelulares chamados de “talos”, onde correm alimentos através de osmose (PÁDUA, 2002).



Figura 09 - Musgos recobrando as raízes

Fonte: Feliciano, G. A. D. (Levantamento de Campo, 2008)

Segundo Boggiani *et al.* (1999), a formação das tufas calcárias estão:

Relacionadas à ciclos anuais, quando, nos períodos mais quentes e chuvosos, haveria rápido crescimento e nos períodos mais frios o processo seria menos

acelerado ou inexistente. Em determinadas épocas do ano, observam-se musgos cujos talos se sobressaem da superfície calcária, encontrando-se parcialmente incrustados por carbonato. Tal observação permite atribuir a origem e desenvolvimento destas represas ao crescimento de musgos. Nestes haveria o aprisionamento de diatomáceas e cianofíceas e indução da precipitação de carbonato de cálcio ao redor dos talos dos musgos, em função do que tendem a crescer verticalmente para expor novos brotos. Desta busca constante pela luz, concomitante à precipitação de carbonato, decorre o crescimento de paredes verticais de tufas, que barram naturalmente os rios. Em cachoeiras ativas e em encostas com escorrimentos d'água esporádicos formam-se tufas pendentes com forma de leque e com perfil convexo para cima, na forma de uma grande concha (Figura 10), originando cavidades acrescionais (cavidades primárias). Estas chegam a formar cavernas de grandes dimensões em seu interior, inclusive com formação de estalactites.

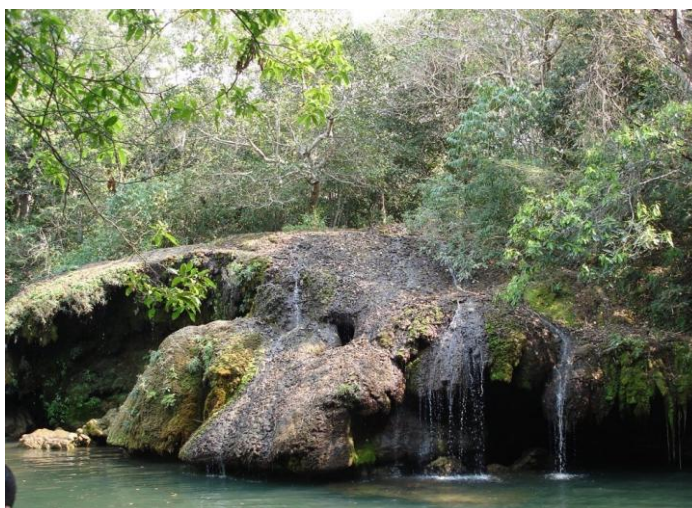


Figura 10 - Cachoeira do Sinhozinho sem água

Fonte - Acervo Estância Mimosa, Ago/2007

Percebe-se, na figura acima, claramente a formação de uma grande concha na cachoeira do Sinhozinho, conforme Boggiani esclarece sobre a formação das tufas calcárias na região. Nota-se que tem dois pedaços que caíram há algum tempo e que as ações das águas junto com os musgos estão se emendando realizando o processo de crescimento da cachoeira que como esta, existem outras.

2.2.2 No roteiro das cachoeiras

Em Bonito, existem algumas modalidades de passeios a serem escolhidos pelos turistas: flutuação, mergulho, rapel, cachoeiras, grutas. Sabe-se que as flutuações são os passeios considerados carros-chefe, que atraem os turistas à Bonito, as cachoeiras começaram a ser exploradas para que os turistas permanecessem mais dias na cidade. Com o passar dos anos vários outros passeios de cachoeiras foram surgindo em Bonito e região, e chegou a ter 08 (oito) passeios na modalidade de cachoeiras: Cachoeiras do Taíca, Rio do Peixe, Ceita Corê, Parque das Cachoeiras, Estância Mimosa, Eno Bókoti, Cachoeiras do Aquidaban e Boca da Onça, sendo que esta última localiza-se no município de Bodoquena, é mais um produto vendido nas agências de Bonito, e, portanto, configuram-se como mais uma cachoeira na competição de atenção dos visitantes.

Apesar de haver muitas opções de passeios pelas áreas de ocorrência das cachoeiras, um ponto em comum a todas elas é o fato da sua formação com tufas calcárias que a fazem diferentes das outras cachoeiras de outras regiões, do Brasil. Porém, cada sítio turístico apresenta uma particularidade que a diferencia das demais, pode ser pela farta refeição, pelo lanche, pela trilha com formato diferenciado, o tamanho das cachoeiras, pela rusticidade ou pela sofisticação, a escolha fica por conta do visitante.

São passeios mais acessíveis aos turistas, pois a manutenção de um passeio desses é menos dispendiosa que os de flutuação, já que os passeios de flutuação precisam oferecer e manter as roupas de neoprene, produtos para esterilização do equipamento: máscara e *snorkel* dentre outros investimentos necessários.

No rio Mimoso já existiram 03 (três) sítios turísticos que ofereciam suas cachoeiras: Cachoeiras do Taíca, Parque das Cachoeiras e Estância Mimosa. Percebe-se com isso que o rio tem sua importância e se destaca pela quantidade de cachoeiras que se formaram no seu percurso, principalmente no alto curso do rio, devido à sua topografia.

Há em comum entre os três passeios, a cachoeira do Sinhozinho. Uma homenagem ao profeta Sinhozinho (Anexo D), mestre como era conhecido, que chegou a Bonito na década de 40 e se instalou nas proximidades do rio Mimoso. Realizava benzeduras, fazia remédios e apesar de não falar, deixou algumas profecias contadas pelos seus discípulos.

A primeira propriedade que permitiu visitação às cachoeiras como atrativo aos turistas foi a fazenda Campinas do Mimoso, do Sr. Ostemo Prado de Souza (mais conhecido como Taíca), há meio século é dono da fazenda, abriu as portais de sua propriedade para receber os turistas no final da década de 80.

As cachoeiras eram esporadicamente visitadas, sendo conhecida como as Cachoeiras do Taíca, os visitantes chegavam com um bilhete de autorização e um mapa cuidadosamente elaborado pelo proprietário da fazenda, para aqueles que conquistavam sua confiança e afeição (BOGGIANI, 2001 p 155). Ao longo do tempo, montou sua própria agência de turismo em Bonito. Foi o primeiro passeio de cachoeiras, localizado no rio Mimoso. Em entrevista à Revista Aguapé (Anexo E), o Sr. Taíca lembra que houve uma estiagem prolongada no ano de 1964.

Fato confirmado, em conversa informal⁵, com um empresário nascido em Bonito, disse ter ocorrido na época da sua infância uma estiagem forte e que só havia um filete de água no rio Mimoso e naquela época, não existia essa questão ambiental tão forte que se tem hoje, em que qualquer situação de falta de água é causada pela degradação. Continuou dizendo que a água possui seu ciclo, é processo que ocorre de tempos em tempos e deve ser acompanhado, como no Pantanal, onde ocorrem os ciclos de seca (ocorrido no período de 1964 a 1974), em que o gado morria de sede e alguns anos depois veio um período de cheia (ocorrido no período de 1987 a 1996). Faz ainda uma ressalva sobre a importância de se acompanhar e estudar o ciclo do rio Mimoso, não só apenas por dois ou três anos, mas como ocorre no Pantanal, há necessidade de se fazer um estudo longo, em que os cientistas possam acompanhar por 20 anos pelo menos, para se chegar a um esclarecimento.

Outro que também se recorda da seca do rio Mimoso, é o coordenador local do Projeto GEF do Rio Formoso, Aírton José Silva Garcez, que em entrevista à Revista Aguapé disse: “Eu era guri e cheguei a andar dentro do Mimoso” (Revista Aguapé, 2008 p. 18).

Segundo relato de alguns antigos freqüentadores das Cachoeiras do Taíca, não havia uma boa infra-estrutura para se receber os visitantes, as instalações eram bem rústicas e em período de carnaval e outros feriados prolongados era comum os visitantes levarem caixas de bebidas até as cachoeiras e não havia um controle do número de visitantes do guia⁶. Atualmente, o sítio turístico Cachoeiras do Taíca, encontra-se fechado para visitação por ordem judicial já faz uns cinco anos, por não respeitar o limite estipulado de visitação.

Existem dois outros sítios turísticos que continuam com suas atividades e recebendo turistas. O Parque das Cachoeiras, localizado na margem direita e a Estância Mimosa Ecoturismo que se encontra localizada na margem esquerda do rio Mimoso. A partir de agora, será apresentado estes dois sítios turísticos que tem suas atividades vinculadas à contemplação e banho nas cachoeiras do rio Mimoso.

⁵ Informação adquirida com empresário, em conversa informal no trabalho de campo, realizado em Bonito, julho de 2008.

⁶ Informação adquirida em conversa informal no trabalho de campo, realizado em Aquidauana, maio de 2008.

2.2.2.1 Parque das Cachoeiras

O Parque das Cachoeiras está localizado a 18 km de distância da sede urbana de Bonito, na margem direita e no alto curso do rio Mimoso, tem acesso pela rodovia MS 345, que liga os municípios de Bonito e Anastácio (ver Figura 03). Iniciou suas atividades turísticas em 1998, com o Dr. Moacyr Lopes, que investiu na construção do receptivo para atender aos visitantes, possui um restaurante que oferece a culinária regional, com sanitários, redário, estacionamento, trilhas, decks, passarelas e uma carretilha (Figura 11). O gerente do passeio era Yuri Fabiano Peralta Lopes, graduado em Turismo.

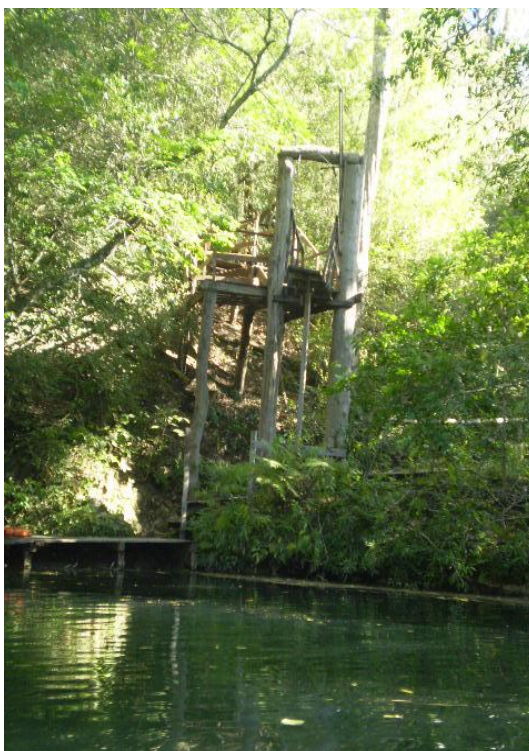


Figura 11 - Carretilha do Parque das Cachoeiras

Fonte: Feliciano, G. A. D. (Levantamento de Campo, 2008)

O passeio tem trilha com formato linear (ida e volta pelo mesmo caminho), por onde se percorrem 2000m de trilha com 06 (seis) cachoeiras, sendo 03 (três) destas são em comum com o passeio da Estância Mimosa, que fica na margem oposta, são elas a Cachoeira do Sinhozinho, a Cachoeira do Sol (Figura 12) e a Cachoeira da Carretilha ou Cachoeira do Surucuá, na Estância Mimosa. Como todos os passeios em Bonito, é obrigatório o acompanhamento por guia de turismo local, que atendem até 15 pessoas por Grupo.

Figura 12 - Cachoeira do Sol vista do Parque das Cachoeiras



Fonte: www.portalbonito/imagem/parquedascachoeiras8[1]

Em 2003, a propriedade foi arrendada para um empresário do Rio de Janeiro, dono de uma operadora, o Sr. Manoel. Este empresário não residia em Bonito, mas tinha como gerente uma pessoa da cidade que conhecia bem o passeio, e foi durante esta administração que houve a seca do rio Mimoso, em 2007. O passeio não chegou a fechar completamente “suas portas” para visitação, apesar de algumas cachoeiras ficarem interditadas, outras cachoeiras permaneceram liberadas para visitação. Acredita-se que o baixo nível do rio e a pouca quantidade de visitantes, tenha sido motivo de prejuízos para o atrativo, levando o arrendatário a devolver a propriedade a seu dono e este a tenha colocado à venda.

Em maio do corrente ano, a propriedade foi comprada por um empresário de São Paulo, que já possui outro passeio em Bonito, a Praia da Figueira. Estão fazendo investimentos para a reorganização do passeio, como manutenções das passarelas e decks, aquisição de novos equipamentos, contratação de profissionais na área de vendas. Devido a este novo fato, não foi possível realizar a pesquisa, pois os investimentos que estão sendo realizados, diz respeito não apenas à infra-estrutura do passeio, mas também à equipe de funcionários está sendo reestruturada e ainda não tiveram tempo de

levantar todas as informações. O fato de empresários ainda estarem investindo em passeios da região, mostra que acreditam no potencial e na conservação do rio Mimoso.

2.2.2.2 Estância Mimosa Ecoturismo⁷

A Estância Mimosa é uma propriedade rural localizada na margem esquerda no alto curso do rio Mimoso e ao norte da sede urbana de Bonito que está a 26 km de distância. A sede da fazenda, situa-se nas coordenadas geográficas: latitude 20°58'49" S e longitude 56°30'32" W, com acesso pela rodovia MS 178, que liga os municípios de Bonito e Bodoquena (ver Figura 03). A fazenda possui área total de 402,4 ha, que se encontra distribuída da seguinte forma: a Reserva Legal é de 80,4 ha, a Área de Proteção Permanente tem 85 ha, possui uma área com vegetação natural remanescente de 212 ha (cerrado, cerradão e matas ciliares) e uma pastagem nativa com 105 ha (campos nativos e campo cerrado).

A propriedade foi comprada em abril de 1998, pelo engenheiro civil Eduardo Folley Coelho que acompanha o desenvolvimento turístico de Bonito, desde 1995. Foi quando iniciou as atividades turísticas com a flutuação, na Fazenda Cabeceira do Prata, localizada no município de Jardim. Apesar de residir na capital, Campo Grande/MS, acompanha de perto toda a operação das duas fazendas, nas quais ocupa a função de proprietário-gerente. Atuante, participa de diversas instituições no Estado, já tendo ocupado, inclusive, o cargo de Secretário Municipal, em Bonito.

A empresa de turismo estabelecida na Fazenda Cabeceira do Prata, foi denominada Japacanim Turismo e também conhecida por Recanto Ecológica Rio da Prata, este empreendimento foi agraciado, recentemente por dois prêmios importantes que ressaltam a preocupação do proprietário em oferecer qualidade nos serviços e conservação ambiental. Pelo segundo ano consecutivo recebe o prêmio como “Melhor Atração Turística do Brasil – Guia 4 Rodas 2009”, na categoria Escolha do Leitor. O outro prêmio é organizado, a partir deste ano, em parceria com o Jornal Valor Econômica, em Práticas de Responsabilidades Social Empresarial – PRSE, é eleito através de votos concedidos por jurados. Está dividido em várias categorias, dentre elas, a “Gestão Empresarial para a Sustentabilidade” que avalia a

⁷ As informações a seguir foram coletadas por meio da aplicação de um questionário (APÊNDICE D).

atuação de companhias que estão em linha com os conceitos de desenvolvimento sustentável.

Os prêmios mostram a preocupação que o empreendedor tem com a busca da excelência de seus serviços, oferecendo qualidade no ecoturismo, que concilia educação ambiental, conservação do meio ambiente e de desenvolvimento regional sustentável.

A motivação da compra da Estância Mimosa foi o potencial turístico da propriedade onde o principal atributo é a beleza das cachoeiras, que além de possuir o rio Mimoso como um atraente divisor de limites, também possui outro curso d'água que nasce e deságua no rio Mimoso, dentro da fazenda, o córrego Itamaraty. Este córrego é um afluente perene do rio Mimoso e que passa ao lado da sede da fazenda, local onde foram represados para a formação de um lago, que serve de moradia para alguns jacarés, estes atraem a atenção dos visitantes que conseguem uma oportunidade de visitar o Pantanal.

Como já foi mostrado anteriormente, o fato do relevo ser bem acidentado e o clima ter duas estações bem definidas, são aspectos que favoreceram a conservação desta região. Manço e Coelho (2000) apontam este fato, ter favorecido a preservação da fazenda por possuir a maior parte de suas terras em áreas consideradas de preservação permanente como encostas, morros e matas ciliares.

Nestes morros e encostas que circundam a fazenda, apresentam-se com diferentes paisagens conforme a época do ano. Com a chegada do inverno (maio a agosto), as árvores ficam secas e, é quando sobressaem os ipês floridos, contrastando com as árvores que parecem que não irão resistir à falta de chuvas, e diminuindo drasticamente a pastagem nativa para alimentação do gado. No verão, a paisagem modifica-se completamente, é um período em que as árvores nativas mostram do o seu vigor com as varias tonalidades de verde.

Até a sua aquisição (1998) pelo atual proprietário, a Estância Mimosa era uma típica fazenda de criação de gado e, que desde o ano de 1999, concilia esta tradicional atividade econômica com a atividade do turismo. Levou um (01) ano para iniciar a atividade do turismo, em que a fazenda passou por uma reestruturação e implantação da infra-estrutura para receber os visitantes, como a melhoria da casa-sede para o receptivo com bar, loja, escritório, despensa e restaurante, construção de *decks* e passarelas, implantação das trilhas supervisionada por profissionais qualificados, melhorias na estrada de acesso, implantação de sinalização e levantamento florísticos e faunísticos da fazenda, em que já foram catalogadas mais de 130 espécies de aves e mamíferos.

Para se chegar a esta estrutura, foi realizado um planejamento e toda a estruturação do passeio foi idealizada pelo proprietário e teve a assessoria do biólogo e fotógrafo Daniel De Granville. Segundo o proprietário, *“a estruturação do atrativo foi bem organizada e*

implementada, tanto no receptivo, como na área do passeio, nas trilhas e cachoeiras.”

A demarcação da trilha, que tem 3.000 m de extensão, passa pela mata ciliar e a construção de alguns *decks* e passarelas são de madeira itaúba. Estas madeiras são de origem controlada, fiscalizada e com notas fiscais e carimbadas pelo IBAMA ou proveniente de aproveitamento (MANÇO e COELHO, 2000), estas foram algumas das alterações necessárias para a implantação do passeio, mas foi um projeto em que procuraram realizar um trabalho de baixo impacto procurando desviar das árvores para não derrubá-las, como pode ser observado nas Figuras 13 a 16, abaixo:

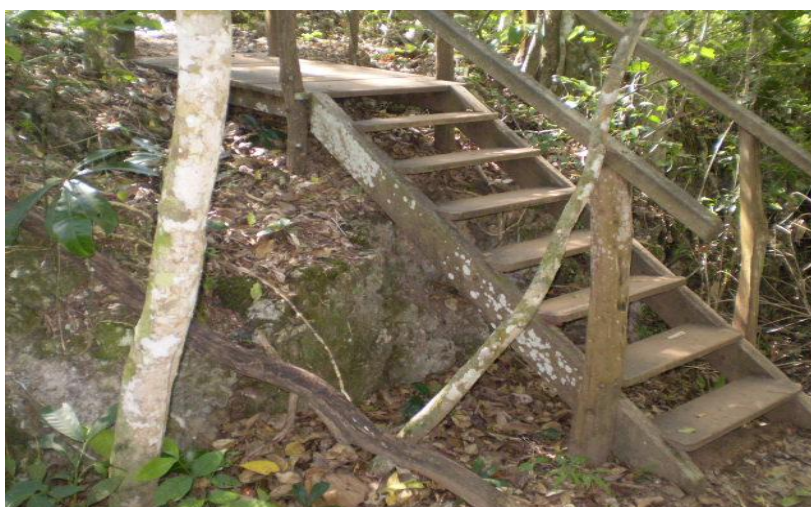


Figura 13 - Escada para desnível

Fonte: Feliciano, G. A. D. (2008) (Levantamento de Campo, 2008)

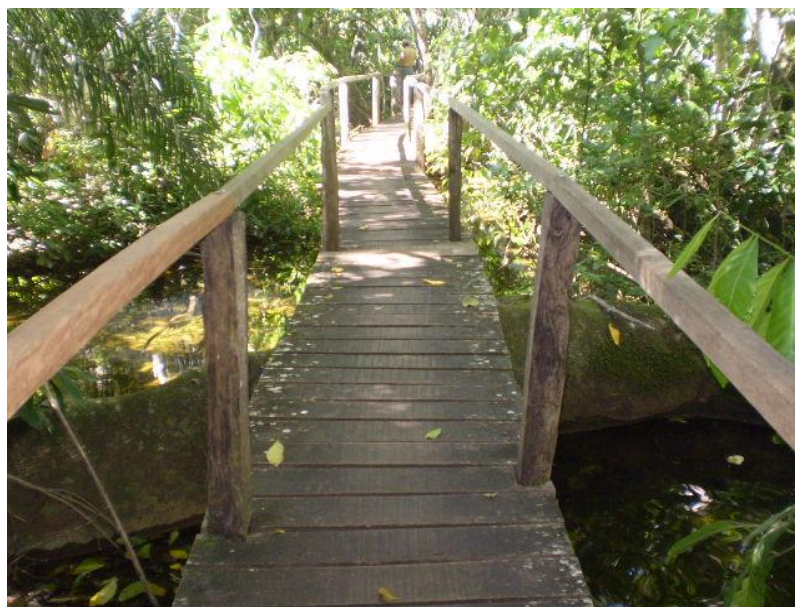


Figura 14 - Passarela sobre uma raiz

Fonte: Feliciano, G. A. D. (2008) (Levantamento de Campo, 2008)



Figura 15 - Passarela de baixa impacto

Fonte: Feliciano, G. A. D. (2008)



Figura 16 - Escada de baixo impacto

Fonte: Feliciano, G. A. D. (2008)

(Levantamento de Campo, 2008)

A propriedade atendeu todas as etapas de licenciamentos (prévia, de instalação e operação), exigidas pelos órgãos fiscais pelo órgão ambiental para a abertura do passeio. Tem o acompanhamento de estudos técnicos realizados por biólogos com o monitoramento ambiental, realizado semestralmente desde 2001, segundo o proprietário: *“Garante-se que a área do passeio esteja em constante melhoria, antecipando eventuais problemas que poderiam diminuir a qualidade ambiental e turística da propriedade.”* Houve recuperação de áreas degradadas através de plantio de espécies nativas.

Na propriedade são realizadas, em parceria com uma instituição ambiental local – o Instituto das Águas da Serra da Bodoquena – IASB, projetos realizados por esta instituição que identificam seus parceiros com o adesivo (Figura 17) colado na porta principal da sede da fazenda Estância Mimosa, alguns projetos como Plante Bonito (Anexo F), que tem entre seus objetos a recuperação de áreas degradadas, e neste projeto para a atividade de campo realizada no dia 15 de fevereiro (do corrente ano) com o plantio de 189 mudas de espécie nativas às margens do Córrego Itamaraty.



Figura 17: Adesivo dos parceiros do IASB
Fonte: Feliciano, G. A. D. (Levantamento de Campo, 2008)

Na fazenda também existe uma unidade demonstrativa do projeto Sistema Agroflorestal como Alternativa de Recuperação de Matas Ciliares e Geração de Renda aos pequenos proprietários (Figura 18), que é patrocinado pelo Programa PDA da Mata Atlântica, do Ministério do Meio Ambiente (Anexo G).

Com a atividade turística ocorrendo a mais de 08 anos na Estância Mimosa, o proprietário está satisfeito com os benefícios que o turismo proporcionou desde que foi implantado, ao fazer a seguinte observação:

“Nota-se visivelmente que a propriedade melhorou ambientalmente desde sua aquisição em 1998, com a construção das curvas de nível e caixas de retenção para as águas pluviais, evitando assim que cheguem enxurradas de chuva no rio Mimoso; com plantio de espécies nativas em áreas degradadas; manutenção das trilhas na mata ciliar, evitando assim também que enxurradas cheguem ao rio; construção dos decks e passarelas de madeira, limitando o local que o visitante deve se locomover ao longo da beira do rio.”



Figura 18 - Placa de identificação da área demonstrativa do SAF, na Estância Mimosa

Fonte: Miranda, D. R. (Levantamento de Campo, 2008)

Foram realizadas também algumas ações para garantir a conservação dos recursos hídricos tais como a implantação das curvas de nível e caixas de retenção para as águas pluviais nas estradas de acesso tanto da sede da fazenda como de acesso ao rio. Foram construídos ainda vários açudes para evitar que o gado tenha acesso à beira do rio.

Quanto ao abastecimento de água da fazenda, ocorre através de 01 (um) poço tubular com 150m de profundidade que está em funcionamento há 07 (sete) anos. A captação ocorre por bombeamento, sendo utilizada para abastecimento domiciliar e irrigação da horta e as construções possuem ligação interna. Existe outro poço inativo na fazenda, bem ao lado da sede, que atrai bastante a atenção dos visitantes, por não ser tão comum, atualmente.

Na fazenda, existem 03 (três) fossas sépticas, com profundidade de 2,5m que são limpas periodicamente. É realizada coleta seletiva dos resíduos inorgânicos, domiciliar e produtos agropecuários e dependendo dos resíduos orgânicos são encaminhados para compostagem (minhocário) para a formação de húmus ou para alimentar os porcos. Os fertilizantes não são utilizados e raramente usam pesticidas, as embalagens de vacinas são estocadas e devolvidas ao fornecedor.

O fato de não utilizarem fertilizantes, deve-se à proposta de serem oferecidos aos visitantes produtos orgânicos já que a produção de horticulturas é de subsistência. Mensalmente os locais onde os animais ficam confinados são raspados, o esterco é misturado

com terra (peneirados e ensacados) para serem colocados como adubo nos canteiros da horta, jardim e pomar.

Na fazenda há criação de animais, que possibilita a produção de adubo orgânico para fertilizante e o controle de pragas. A forma de criação é de cria e recria, a fazenda possui 03 invernadas, mas o manejo do gado é feito da forma de pastejo contínuo. Cada tipo de criação serve para suprir as necessidades da fazenda e finalidades específicas como se pode observar no quadro 01, a seguir:

Quadro 01 - Animais de Criação na Estância Mimosa

Tipo	Quantidade	Finalidade
Bovinos	86	Cria e leite para consumo interno (doces, queijos, etc)
Eqüinos	12	Para lida do gado e cavalgada
Aves	70 galinhas	Cria para fornecimento de ovos
Suínos	12	Cria para subsistência

Fonte: Levantamento de Campo e Organização Feliciano, 2008.

As técnicas conservacionistas usadas na propriedade são do sistema manejo de roçada de pastagens. Existem na fazenda algumas feições erosivas, mas de pequenas dimensões. O acero é utilizado para se evitar que as queimadas se alastrem e, normalmente, é realizado no período que antecede os meses mais secos (maio a agosto) e em todas as divisas da propriedade. Os funcionários possuem treinamento para combate a incêndios florestais e a propriedade também dispõe de equipamentos na fazenda para o controle de incêndios.

O turismo é gerenciado por um Turismólogo e o quadro de funcionários fixos é composto por mais 09 (nove) pessoas e todos residem na fazenda. No período da alta temporada (férias escolares e feriados nacionais prolongados), são contratados até 03 diaristas. O nível de escolaridade da equipe é de 03 pessoas com graduação universitária, 04 possuem o ensino médio e 03 o ensino básico. Todos têm registro em carteira e a média salarial varia em torno de R\$ 804,00, líquido e com hora extra.

Os turistas que vão à Estância Mimosa praticam o *day use*, já que não há unidades habitacionais para o pernoite dos visitantes, na fazenda. A proposta dos proprietários é mostrar aos visitantes durante o dia, não apenas as belezas naturais da região, mas também um pouco das peculiaridades da cultura sul-mato-grossense. Manço e Coelho (2000) comentam o roteiro do passeio:

Consiste de duas etapas: a cultural, onde os visitantes são recebidos em uma casa de fazenda mantida ao máximo dentro de suas características originais, tendo nas proximidades vários atrativos rurais; e a natural, na qual é realizada uma caminhada pela mata ciliar do rio Mimoso, com paradas para contemplação e banhos de cachoeira. Dessa forma, ao receber os visitantes em uma típica casa de fazenda sul-mato-grossense, procurou-se aplicar os conceitos de valorização cultural associados ao ecoturismo, além de explorar racionalmente os aspectos naturais da região.

Atualmente, o ecoturismo é a principal fonte de renda da propriedade, pela sua beleza cênica, que é a grande vocação do local. A fazenda desenvolve ações que seguem o preceito do ecoturismo, como apontam Manço e Coelho (2000):

- Prática de atividades turísticas de baixo impacto ambiental, através do respeito ao limite diário de visitantes determinado pelos órgãos competentes;
- Monitoramento constante do impacto turístico sobre as áreas de passeio;
- Uso do Ecoturismo com ferramenta para educação ambiental;
- Preocupação em valorizar os aspectos culturais regionais, envolvendo pessoas da comunidade local;
- Proibição da caça e pesca, extração de madeira e criação de animais domésticos prejudiciais à fauna, aliados a programas de reflorestamento;
- Levantamento e catalogação das espécies animais e vegetais que ocorrem na área;
- Destinação adequada dos efluentes líquidos (esgoto) e separação de lixo para reciclagem;
- Ações ambientais visando à recuperação da qualidade e quantidade das águas do Rio Mimoso;
- Produção própria de parte dos alimentos oferecidos aos visitantes e funcionários;
- Emprego de guias capacitados e em constante aprimoramento, que possuem informações e segurança para garantir um passeio informativo e agradável a todos.

Os proprietários pretendem futuramente desenvolver outra opção de atividade turística, mas ainda estão estudando as possibilidades. Eles ainda incentivam os artesões do

Estado na venda e divulgação dos seus produtos, como o programa de Artesanatos em Osso, da Secretaria de Ação Social do município vizinho, Jardim/MS, bio-jóias confeccionadas em chifres e couro bovino e sementes de árvores nativas, artesanatos em argila de artesões de Miranda e Campo Grande, bonés e camisetas com estampas exclusivas criadas por artistas da região. Vale ressaltar que os artesanatos são embalados para viagem: com papel de rascunho picotado e acondicionados em caixas de papelão descartados por lojas na cidade, procurando assim, diminuir a produção de mais lixo.

Os visitantes que optam em fazer o passeio no período da manhã são recebidos para o lanche com variedades de bolos, biscoitos, pães, geléias, chás e café preparados na fazenda para reforçar o café da manhã para a caminhada na trilha, que é servido na cozinha da casa-sede onde tem um bica de água corrente. Para os visitantes que preferirem, tem a opção de um almoço típico de fazendas sul-mato-grossense preparado num fogão a lenha. A madeira para lenha é retirada de árvores mortas e são adquiridas também em propriedades vizinhas.

Para as pessoas que vão fazer o passeio no período da tarde, é recomendada a chegada na fazenda às 12 h, momento em que o almoço é servido, e ainda se tem um tempo de descanso nas redes de couro sob o caramanchão de maracujá, ou nas cadeiras próximas ao lago para observarem as aves e os jacarés ou ainda fazer uma visita ao Morro da Santa onde existe um oratório. O lanche para esses visitantes da tarde é servido na volta do passeio nas cachoeiras, para repor as energias.

A capacidade de carga ou suporte do passeio segue o que foi estabelecido pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento do Meio Ambiente – COMDEMA de Bonito, o limite de 13 grupos por dia que comportam até 12 pessoas e totalizam 156 pessoas por dia no passeio. Para garantir o respeito ambiental e a qualidade dos serviços, a meta é sempre manter um número baixo de 120 visitantes, que dá uma margem de segurança de 36 vagas que podem ser utilizadas para alguma eventualidade ou imprevistos, como erros operacionais no momento da execução da reserva para o passeio (MANÇO e COELHO, 2000). Situação que pode ocorrer, principalmente, no verão quando o passeio recebe uma quantidade de visitante bem superior que no inverno.

O passeio nas cachoeiras, começa com o oferecimento de equipamentos de segurança que são: os coletes salva-vidas (sem custo) e o par de botas de neoprene (R\$ 3,00) que são práticas pelo fato de manter os calçados dos visitantes limpos e secos e, na proteção contra as rochas ásperas existentes no fundo das cachoeiras. Em seguida, as pessoas percorrem um trecho de 1,5 km da sede até o estacionamento, quando realmente iniciam a trilha num carreador que os antigos moradores utilizavam para cortar caminho, e que hoje está em

recuperação (Figura 19 e 20) onde foram plantadas mudas de plantas nativas e trecho todo foi delimitado para que as pessoas andem em fila indiana.



Figura 19 - Entrada do carreador

Fonte: Miranda, D. R. (Levantamento de Campo, 2008)



Figura 20 - Percurso do carreados já dentro da mata ciliar

Fonte: Feliciano, G. A. D. (Levantamento de campo, 2008)

O passeio na trilha é percorrido na área da mata ciliar do rio Mimoso, que após a conclusão da primeira parte do projeto de instalação, tem o traçado em formato de “8” (Anexo H), o que possibilita maior aproveitamento do espaço disponível, menor impacto ambiental e melhor experiência para o visitante. Ao longo da trilha o visitante se aproxima e se afasta da margem do rio o que minimiza o impacto e possibilita conhecer os sons da mata e dos

animais facilitando na observação de seus hábitos. Boa parte das árvores são foram identificadas e sinalizadas (Figura 21), assim como os animais (Figura 22) em que as placas foram distribuídas ao longo da trilha orientando os visitantes (Figura 23), por isso é considerada como trilha interpretativa.



Figura 21 – Placa de identificação de árvores

Fonte: Feliciano, G. A. D. (Levantamento de campo, 2008)



Figura 22 - Placa de identificação de animais

Fonte: Feliciano, G. A. D. (Levantamento de Campo, 2008)



Figura 23 - Sinalização da trilha

Fonte: Feliciano, G. A. D. (Levantamento de Campo, 2008)

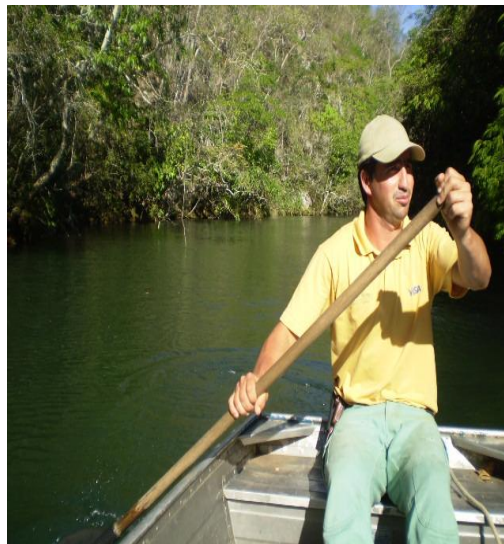


Figura 24 - Trecho com barco a remo

Fonte: Feliciano, G. A. D. (Levantamento de Campo, 2008)

Na trilha há um trecho onde os visitantes caminham pelo alto do morro com vegetação do cerrado, em outro trecho, há um percurso do rio que os pode-se navegar num barco a remo (Figura 24), sendo este o mais adequado para aproveitar a paisagem. São 500 (quinhentos) metros de extensão que passa ao lado de um paredão de rocha, este trecho liga os *decks* da Cachoeira ao Surucuá ao *deck* superior à Cachoeira do Sinhozinho.

No que se refere à questão de segurança, anualmente, uma equipe de profissionais permanecem na fazenda para realizar uma vistoria nos *decks*, passarelas, escadas e corrimões

para a troca do madeiramento garantindo assim a segurança dos visitantes. Mas não é só o que é feito no decorrer da trilha os visitantes encontrarão em alguns *decks* de acesso às cachoeiras: caixas de primeiros socorros (Figura 25) com materiais básicos, para caso de alguma eventualidade de acidente poder ser atendido ainda na trilha; encontrarão macas de uso do Corpo de Bombeiros (Figura 26), que estão localizadas em pontos estratégicos da trilha, uma na Cachoeira do Salto que se encontra mais próxima ao estacionamento, a segunda maca está na Cachoeira do Sol, que se encontra no meio da trilha e a terceira maca fica na Cachoeira do Surucuá, no ponto mais distante do estacionamento e bóias salva-vidas (Figura 27).



Figura 25 - Caixa de Primeiros-Socorros

Fonte: Feliciano, G. A. D. (2008)



Figura 26 - Maca Profissional

Fonte: Feliciano, G. A. D. (2008)

(Levantamento de Campo, 2008)

Outro equipamento de muita utilidade e importância para os visitantes são os rádios portáteis de comunicação que são colocados nos mesmos pontos que as macas, que podem ser usados pelos guias de turismo para comunicarem-se com a central de comunicação, fixada na sede, em qualquer irregularidade que possa ocorrer durante o passeio.

Na Estância Mimosa o turista são 08 (oito) cachoeiras abertas para contemplação e banho, por serem de mais fácil acesso e maior beleza cênica, porém existem outras quedas. A denominação de cada uma refere-se a alguma característica, seja sobre a história da região ou sobre a ocorrência de no local de aves ou plantas. Assim, as denominação das cachoeiras são: do Mutum, do Desejo, do Salto, do Mulungu, do Sol, da Água Doce, do Surucuá e do Sinhozinho.(ver Figura 04).



Figura 27 – Bóias Salva-vidas

Fonte: Feliciano, G. A. D. (2008) (Levantamento de Campo, 2008)

Além de todos estes equipamentos distribuídos ao longo da trilha, existem outros que são utilizados para monitoramento diário se inicia nas primeiras horas da manhã para acompanhar a visibilidade e temperatura da água do rio, como o termômetro (Figura 28) que se encontra na Cachoeira do Sol e as régua (Figura 29) que geram informações sobre o volume de água e a visibilidade que se localizam em 04 (quatro) pontos estratégicos como nas Cachoeiras do Desejo, do Sol, do Surucuá e do Sinhozinho.



Figura 28 - Termômetro na Cach. do Sol

Fonte: Feliciano, G. A. D. (2008) (Levantamento de Campo, 2008)



Figura 29: Régua na Cach. do Desejo

Fonte: Feliciano, G. A. D. (2008) (Levantamento de Campo, 2008)

Estes instrumentos são importantes para fazer um acompanhamento mais preciso das condições de banho. Com eles é possível coletar informações pelos funcionários da fazenda, pelos guias de turismo que podem ter uma informação a mais para transmitir aos visitantes e para terem parâmetros das condições para informar aos outros guias de turismo.

Os proprietários seguem o calendário de temporadas, organizado pelo COMTUR. Pelo respeito às decisões do conselho e ao *trade* turístico. Existe também um anseio por parte deles em firmar parcerias com outros sítios turísticos para trabalharem em prol da conservação e preservação⁸ do principal atributo turístico, a água e as cachoeiras, o proprietário diz que é: *“Porque a união de forças com um foco definido tem muito mais chances de ser bem sucedida do que cada um sozinho”*.

Com a seca ocorrida em 2007, os proprietários decidiram fechar o passeio por 03 (três) meses (Anexo I), por respeito aos visitantes, pois não havia condições de recebê-los com as cachoeiras secas (Figura 30). Mesmo assim, a equipe de funcionários foi mantida para manutenção do passeio e monitoramento de chuvas e do rio.

⁸ Segundo Barreto (2001 p 15) o significado de conservação é manter, guardar para que haja uma permanência no tempo e; preservação é proteger, resguardar, evitar que algo seja atingido por outra que possa ocasionar danos.



Figura 30 - Cachoeira da Água Doce sem água

Fonte: Acervo Estância Mimosa (Ago, 2007) (Levantamento de Campo, 2008)

Mesmo quando as águas voltaram a correr sobre o leito do rio Mimoso, o número de visitantes não foi mais o mesmo. Houve uma queda no número de visitação, e não foi por motivos naturais e climáticos, dessa vez foi segundo o proprietário: “*O câmbio baixo do dólar, que incentivou o turismo emissor no Brasil e baixa qualidade dos produtos turísticos da região.*”. Este comentário reforça a questão de que os produtos turísticos, para permanecerem no mercado precisam se manter competitivos e isso inclui entre outros aspectos, ter: cuidados constantes com a divulgação; responsabilidade sócio-ambiental; uma equipe qualificada, comprometida motivada para prestarem serviços com agilidade e qualidade e custos.

2.2.2.3 GEF do Rio Formoso⁹

A necessidade de produção e crescimento de Bonito fez surgir uma preocupação com relação a um desenvolvimento que trouxesse a sustentabilidade ao município, devido as suas singularidades naturais que constituem um ambiente frágil. Com esse objetivo em comum, houve a iniciativa de pesquisadores, população local e os governos (municipal e estadual) uniram-se na busca da recuperação de áreas arruinadas pelo mau uso destes recursos naturais. Assim, surgiu o Projeto de Gestão Integrada da Bacia Hidrográfica do Rio Formoso – GEF Rio Formoso.

⁹ Revista Aguapé, 2008.

O rio Formoso é a principal rede de drenagem do município de Bonito e é uma sub-bacia importante, que tem enfrentado graves problemas com desmatamentos, erosão, desvio do rio, assoreamento que afetam as planícies da Bacia do Rio Paraguai, onde está localizado o Pantanal. Como o rio Mimoso está inserido na sub-bacia do Formoso, é ele também objeto de pesquisa e estudos, é considerada uma microbacia com sérios problemas, principalmente no médio curso do rio que se encontra mais degradado.

Para coordenar tecnicamente este projeto, em nível local, foi nomeado o agrônomo Aírton José Silva Garcez, que é gestor de desenvolvimento rural da Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER). Ele é natural de Bonito e conhece o muito bem toda a região e sabe das causas dos problemas que a região enfrenta. O projeto é financiado pelo Banco Mundial e coordenado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Solos do Rio de Janeiro) e conta com a participação das unidades da Embrapa do Estado: Gado de Corte (Campo Grande), Agropecuária Oeste (Dourados) e Pantanal (Corumbá). Tem como gestora financeira a Fundação Cândido Rondon, Prefeitura de Bonito, outros órgãos de planejamento e ambientais (REVISTA AGUAPÉ, nº 10).

Os projetos (Anexo J) desenvolvidos possuem colaboradores e co-executores importantes como o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, que dá apoio técnico e institucional, Conservação Internacional (CI-Brasil) e IASB (REVISTA AGUAPÉ, nº 10). Percebe-se que a região é um laboratório fértil para pesquisas e estudos onde existem projetos de grande importância que envolve muitos interesses para o desenvolvimento regional do Estado.

2.2.2.4 De Amigos... à Instituição

Em 2000, algumas pessoas com interesse em comum – rio Mimoso e conservação ambiental – resolveram juntar forças para realizar as ações que estavam sendo feitas isoladamente, seus idealizadores foram os proprietários dos passeios Estância Mimosa e Parque das Cachoeiras, nas pessoas do empresário Eduardo Coelho e o Dr. Moacyr Lopes, com o apoio profissional do biólogo Daniel De Granville. Assim, nasceu a Associação Amigos do Mimoso, com atividades em prol do ambiente natural e dos pequenos proprietários rurais, para discutirem sobre estratégias a serem desenvolvidas (Anexo K). O grupo começou realizando limpeza nas estradas de acesso a alguns passeios, formação de viveiros para

fornecerem mudas e recuperar das matas ciliares e trabalho de conscientização e educação ambiental com os projetos sociais do município em parceria com a AGTB.

Os materiais que utilizavam eram de doações dos próprios colaboradores e de simpatizantes da causa. Para conseguirem mais recursos financeiros, confeccionaram adesivos da associação (Figura 31), que eram vendidos nos dois passeios e em outras propriedades e agências de turismo que auxiliavam nesse processo de fomentação da associação.



Figura 31 - Adesivo da Associação Amigos do Mimoso

Fonte: Acervo Pessoal

Como a associação estava composta por pessoas realmente engajadas, e as ações começavam a obter mais adesões dos proprietários que ocupam as terras no entorno do rio Mimoso, viu-se a necessidade de transformar a associação numa instituição para dar mais respaldo técnico às ações que pretendiam desenvolver com projetos que não ficassem apenas no papel. Desta forma, nasceu o Instituto das Águas da Serra da Bodoquena – IASB (Anexo L), que passou a ter o escritório no mesmo espaço em que estava localizado a ATRATUR, para poder receber os colaboradores e realizar as reuniões.

Mais profissionais capacitados foram contratados para dar suporte técnico, elaborar projetos, realizar levantamentos e acompanhar atividades, já que a pequena associação de amigos tomou uma proporção maior, tanto quanto a responsabilidade perante aos que acreditavam no seu potencial. Assim, o IASB angariou a adesão de parceiros e colaboradores de pessoas físicas e jurídicas tais como: empresários, pecuaristas, ambientalistas, sítios turísticos, agências de turismo, guias de turismo, instituições de ensino, Prefeitura Municipal, IBAMA, Promotoria de Justiça, associações de classe, sindicato rural, GEF do Rio Formoso, Polícia Militar Ambiental, Fundação Neotrópica etc.

Dentre as atividades desenvolvidas pelo o IASB, estão: Projeto de Educação Ambiental “Bonito Para Sempre” I e II, Programa de Implementação e Melhoria do Viveiro

de Mudanças Florestais da Serra da Bodoquena, Projeto Matas Ciliares, Projeto Nossos Córregos, Projeto Plante Bonito, Sistemas Agroflorestais: na recuperação de matas ciliares e geração de renda. Além dos próprios projetos, o IASB colabora com sua equipe técnica em projetos de outras ONG's, entidades nacionais e estrangeiras, órgãos públicos e privados que atuam na área ou afins.

Pela dedicação e empenho desta ONG, um de seus projetos foi contemplado financeiramente pelo Programa de Desenvolvimento Ambiental – PDA da Petrobras (Projeto Matas Ciliares). Mesmo tendo apoio financeiro para alguns dos seus projetos, a entidade continua comercializando seus produtos: *folders*, saquinhos de lixo para veículo e adesivos. Os colaboradores e associados também podem fazer doações de valores simbólicos para que os técnicos do instituto possam dar andamento às pesquisas.

A entidade tem a finalidade de recuperar, conservar e proteger os rios, as matas e a biodiversidade existente na região da Serra da Bodoquena e o seu plano de gestão baseiam-se na recuperação e manutenção da qualidade das águas, do solo e da vegetação, das microbacias da Serra da Bodoquena através de pesquisas e trabalhos que visem o melhoramento e a sustentabilidade do ambiente natural e social (IASB).

Atualmente, os Amigos do Mimoso é um departamento e, assim, criaram-se dentro da entidade os “amigos” de outros rios e córregos da região da Serra da Bodoquena. Agora se têm os Amigos do Formoso, os Amigos do Peixe, os Amigos do Prata. Isto mostra a seriedade com que os integrantes desta entidade executam os projetos, caso contrário, não teriam o apoio da Promotoria de Justiça da Comarca de Bonito, em nome do promotor pública Luciano Furtado Loubet (Anexo M), que muito tem contribuindo dando respaldo jurídico para as ações que tragam sustentabilidade social e ambiental.

3 REVELANDO OS LIMITES DE UM RIO... OS RESULTADOS E AS ANÁLISES

Nesta seção serão analisados os dados da pesquisa coletada em campo com os questionários, junto aos agentes sociais, apresentando a interpretação dos resultados obtidos e ainda algumas diretrizes para o uso da atividade turística no território.

3.1 O Território e seus Agentes Sociais como Objeto de Estudo

A partir do momento em que as pessoas começam a viver, inicia-se a produção do seu espaço e, na medida em que esta vivência se dá com outras pessoas, ocorrem mudanças nas ações em que cada um executa. No turismo, quem produz o espaço são seus agentes sociais: o Estado, os proprietários rurais, os agentes e guias de turismo, os turistas, a população local, as ONG's, etc. É quando o espaço torna-se território, onde se encontram os conflitos pessoais, as disputas de poder e o sentimento de pertença àquele território. São estes agentes sociais que realizam um conjunto de ações e atividades formando, assim, o sistema. Um sistema de ações que para se concretizar não depende de um objeto ou apenas um dos agentes sociais, mas sim de vários, pois um depende do outro, sem o qual não existiria nada.

As características descritas na seção anterior sobre os sítios turísticos e suas peculiaridades, ressalta-se que fora mostrado apenas um lado das partes envolvidas: as propriedades rurais e suas estruturas físicas estabelecidas no território do rio Mimoso, localizado na área rural do município.

A outra parte, descrita nesta seção com mais detalhes, encontra-se na área urbana do município (proprietários), precisam deslocar-se até os sítios turísticos para desfrutarem do contato com natureza (turistas), para conhecerem o produto que vendem (atendentes) ou para se deslocarem até seu local de trabalho propriamente dito (guias).

3.1.1 Para idealizar o sonho... os proprietários dos sítios turísticos¹⁰

Como visto anteriormente, os proprietários rurais são quem idealizam as atividades em suas propriedades. Percebe-se que as áreas naturais numa fazenda, normalmente, são raras e quando existem, são frágeis e com locais pouco favoráveis para atividade de agricultura ou pastagens, como ocorre na Estância Mimosa. Infra-estrutura adequada, preparação de equipe de funcionários com treinamentos e capacitação para o atendimento, disponibilidade de recursos naturais para banho ou simples contemplação (Figura 32), entretanto, são vulneráveis às instabilidades climáticas, como a forte estiagem que ocorreu no período de julho a setembro de 2007. Até então, era possível observar um rio em níveis quantitativos e qualitativos consideráveis para banho nas cachoeiras.



Figura 32 - Cachoeira do Salto com água

Fonte: Rico, Fev/2002 (Acervo Estância Mimosa)

O nível das águas do rio Mimoso começou a diminuir rapidamente, e toda a população esperava a estação das chuvas para que o rio voltasse ao normal. Todavia, o tão esperado período de chuvas deixou todos em estado de preocupação extrema, pois a

¹⁰ Informações adquiridas por meio de questionário aplicado aos proprietários da Estância Mimosa Ecoturismo, em levantamento de campo, 2008.

precipitação pluviométrica não foi o esperado e, ao contrário, quase não choveu, o que agravou ainda mais o estado de seca do rio Mimoso.

Os proprietários seguem o calendário de temporadas, organizado pelo COMTUR. Pelo respeito às decisões do conselho e ao *trade* turístico. Existe também um anseio por parte deles em firmar parcerias com outros sítios turísticos para trabalharem em prol da conservação e preservação¹¹ do principal atributo turístico, a água e as cachoeiras, o proprietário diz que é: *“Porque a união de forças com um foco definido tem muito mais chances de ser bem sucedida do que cada um sozinho”*.

Os sítios turísticos viram suas atividades cada vez mais prejudicadas e seu fechamento parecia inevitável. Tanto que um dos sítios turísticos, a Estância Mimosa teve suas atividades turísticas interrompidas entre os meses de setembro a novembro de 2007. Entre os meses de dezembro de 2007 até meados de janeiro de 2008 o passeio teve suas atividades funcionando parcialmente. Ressalta-se que o valor do passeio foi reduzido para a metade do que era cobrado no tarifário normal, uma vez que os visitantes passaram a visitar apenas 03 (três) das 08 (oito) cachoeiras abertas para visita com tamanhos e formas variadas.

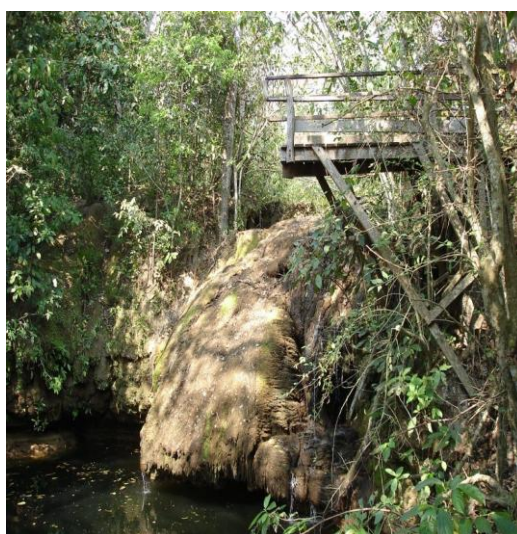


Figura 33 - Cachoeira do Salto sem água

Fonte: Acervo Estância Mimosa, Ago/2007

A Cachoeira do Salto, que recebeu esta denominação devido à construção de uma plataforma para que os turistas pudessem saltar num poço, foi uma das primeiras que teve seu

¹¹ Segundo Barreto (2001 p 15) o significado de conservação é manter, guardar para que haja uma permanência no tempo e; preservação é proteger, resguardar, evitar que algo seja atingido por outra que possa ocasionar danos.

uso restrito para banho. Na Figura 33, é possível observar como os meses de estiagem afetaram, visivelmente, o aspecto das cachoeiras, se comparada à mesma cachoeira da figura 32. Observa-se que a referida cachoeira ficou imprópria para o salto, uma vez que o nível era muito baixo, oferecendo risco aos visitantes e também porque a água parada no poço do salto estava em situação insalubre, ocasionada pela decomposição de elementos orgânicos, decorrentes da ausência de água corrente.

A Cachoeira Água Doce, que apresenta uma sucessão de pequenas quedas d'água, decorrentes da formação de tufas calcárias, como se constata na Figura 34, apresenta a imagem de “um caminho com degraus sendo lavados” (grifo da pesquisadora) pelo rio. É uma cachoeira mais para contemplação, mas o visitante que quiser tem opção de acesso para entrar na piscina que se forma logo após o término das pequenas quedas d'água. A mesma cachoeira, ao ser contemplada, já sem água, mais se assemelha a “um caminho com alguns degraus”, que permite o acesso a outros níveis, conforme demonstra a figura 35.



Figura 34 - Cachoeira da Água Doce com água

Fonte: Feliciano, G. A. D (2002) (Levantamento de Campo, 2008)

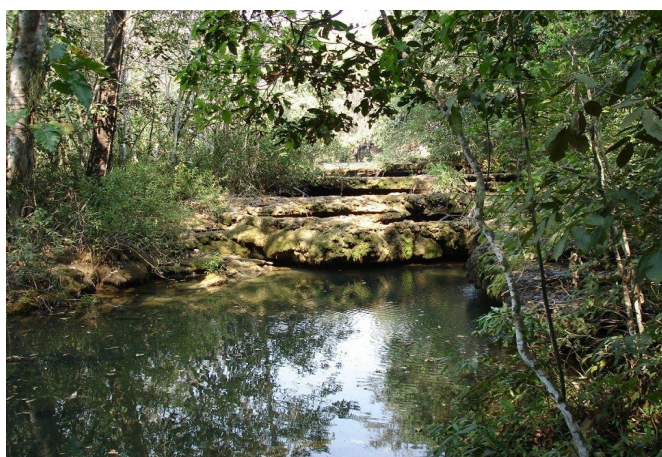


Figura 35 - Cachoeira da Água Doce sem água

Fonte: Acervo Estância Mimosa, Ago/2007 (Levantamento de Campo, 2008)

A pouca demanda de visitantes nos sítios turísticos localizados às margens do rio Mimoso até o verão de 2008 foi ocasionada pelo baixo volume de água, conforme comprovado nas figuras acima. Observa-se que não há de água corrente nas quedas, como deveria existir em um rio localizado num relevo acidentado.

A decisão do proprietário da Estância Mimosa foi “fechar as porteiras” para visitação de turistas. A equipe de funcionários permaneceu para dar continuidade aos trabalhos de manutenção da infra-estrutura e para monitorar as condições ambientais do rio. Não havia condição de cobrar dos turistas pela visitação, conforme observado nas figuras.

Entretanto, este sítio oferece alternativas de lazer, além do banho de cachoeiras, dentro da propriedade. A cavalgada nas invernadas, nas APP's (morrarias) e invernadas com gado e trilhas guiadas possibilitam o avistamento de mais de 130 espécies de aves e mamíferos, de acordo com catalogação de espécies realizada pelos biólogos Daniel De Granville e Tietta Pivatto, durante monitoramento na fazenda.

Em janeiro de 2008, quando as atividades turísticas da fazenda começaram a retomar sua rotina normal, com o número de visitantes habituais (80 pessoas/dia, em média), outro fator, desta vez de ordem financeira (queda do valor do dólar, provoca uma evasão de milhares de turistas para o exterior) afetou o fluxo de turistas na cidade. Mais recentemente, a crise financeira e econômica ocorrida nos Estados Unidos da América nos últimos meses, com proporções mundiais, afetou a todos. Entretanto, destaca-se que este é um aspecto favorável para o turismo interno no Brasil, e faz com que as expectativas para este final de ano sejam boas para o setor turístico em Bonito e no restante do país.

Essas expectativas fazem com que os destinos, como Bonito/MS, façam mais investimentos para receber os turistas e uma das inúmeras providências que deveriam ser tomadas pelos gestores públicos, está relacionada à infra-estrutura, principalmente na de acesso aos atrativos. Da cidade de Bonito até ao ponto de entrada que dá acesso ao atrativo, são 18 km de distância pela rodovia estadual MS178, estrada cascalhada, com manutenção regular e, em algumas épocas do ano, intransitável. Este fato dificulta o acesso de veículos e gera muitas reclamações, principalmente, por parte dos motoristas de transportes turísticos da região e mais ainda por turistas que, por não conhecerem a estrada e por não estarem habituados às estradas cascalhadas, são vítimas de acidentes.

Como a rodovia MS 178 é uma rodovia estadual, a responsabilidade para executar a manutenção é do Governo do Estado. Esta manutenção é realizada uma vez por ano, e muitas vezes fazem-se necessária um empenho extra por parte dos proprietários de atrativos turísticos

para que o trabalho de patrolamento para nivelção da estrada e cascalhamento seja executado.

Na rodovia MS 178 há uma placa (Figura 36) sinalizando nos dois sentidos da estrada (Bonito-Bodoquena e Bodoquena-Bonito) a entrada que dá acesso a fazenda Estância Mimosa. Para este acesso, foi aberto um ‘corredor’¹² com o consentimento dos demais proprietários da região, pois para se chegar à Estância Mimosa, tem-se que passar pelas terras de outras propriedades, o que causou alguns conflitos com esses vizinhos.



Figura 36 - Placa de sinalização na entrada de acesso ao passeio

Fonte: Feliciano, G. A. D. (2008) (Levantamento de Campo, 2008)

A partir da entrada neste corredor, a estrada passa a ser municipal, com a execução de manutenção sob a responsabilidade da Prefeitura de Bonito. Seu estado de manutenção é regular e necessita constantemente de reparos. Para evitar a evasão de turistas ocasionada pela falta de manutenção da estrada, a intervenção do proprietário é recorrente, que coloca sua própria equipe de funcionários para realizar cascalhamento nos pontos críticos dessa estrada. Destaca-se que os funcionários também executam o aceiro e cascalhamento da estrada interna da fazenda, esta sim, sob responsabilidade do dono do atrativo, que vai do limite de sua propriedade até as terras de outro vizinho e até ao estacionamento de início da trilha.

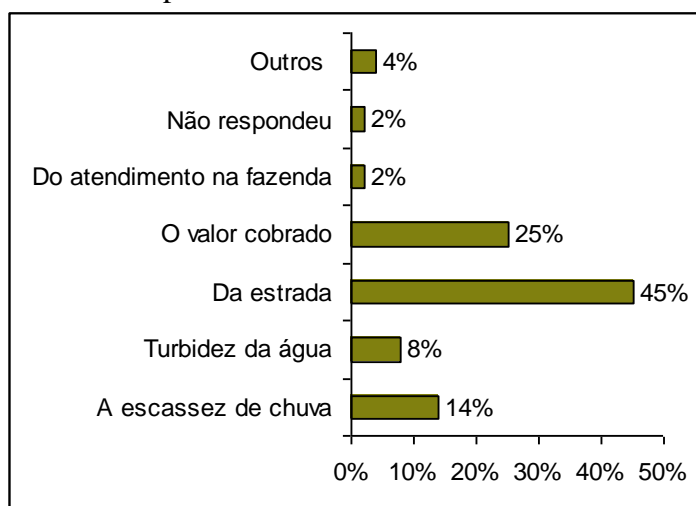
Essa questão da estrada é um ponto bem polêmico entre os agentes sociais que precisam se deslocar até o atrativo. Para os guias de turismo, 37% acreditam que as condições das estradas de acesso aos atrativos favorecem a conservação da biodiversidade na região. Outros 30% dizem que a estrada é a causa de entrada de sedimentos no rio Mimoso. Ainda segundo os guias de turismo, a estrada é a reclamação mais freqüente dos turistas para os guias, com 32%. Observa-se que guias e turistas mantêm um contato mais prolongado, pois na maioria das vezes estes se deslocam aos atrativos de carona com os turistas.

Os atendentes de turismo também reforçam esta reclamação como a mais freqüente

¹² São vias cercadas que possibilitam a eliminação de colchetes e mata-burros, isolando os animais dos caminhos e melhorando os acessos aos atrativos (ZAMBONI, 2000)

entre os turistas, pois dos 33 agentes de turismo pesquisados, 45% disseram que os turistas reclamam mesmo, são das estradas e, em segundo lugar, com 25% de reclamações dos turistas para aos agentes de turismo, referem-se ao valor cobrado pelos passeios (Gráfico 01).

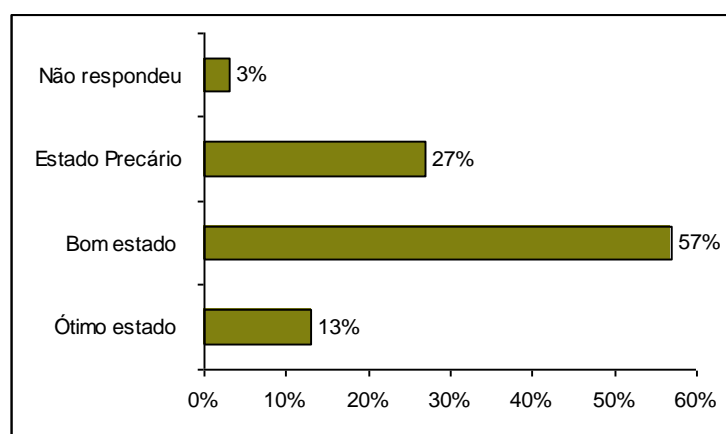
Gráfico 01 - Atendentes de turismo: Reclamação mais freqüente dos turistas, quando voltam dos passeios



Fonte: Levantamento de campo, 2008.

Ao serem questionados sobre as condições da estrada de acesso ao passeio, dos 30 questionários aplicados aos visitantes, 57% responderam (Gráfico 02) que a estrada se encontrava em bom estado. Ressalta-se que os questionários foram aplicados em diferentes épocas do ano, num período de chuvas (no verão) e no período de seca (no inverno).

Gráfico 02 - Turistas: Quanto à condição da estrada de acesso ao passeio?



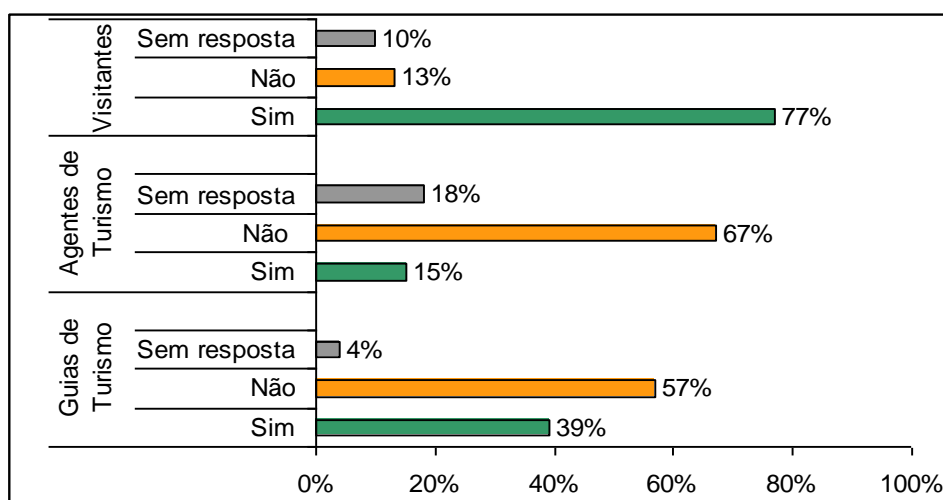
Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Poucos visitantes (13%) responderam que a estrada encontrava-se em ótimo estado de conservação; 3% dos visitantes não responderam e dos que disseram que a estrada estava em péssimo estado (27%), comentou que é: “Vergonhoso o descaso do governo! Falta de asfalto é medieval!”.

Para obter um *feedback* dos visitantes, a Estância Mimosa utiliza como ferramenta um opinário para avaliar o grau de satisfação dos visitantes com o atrativo e em que aspecto. Essa ferramenta permitiu a implantação de algumas sugestões. Por exemplo: quando as atividades de visitação se iniciaram em 2000, somente um lanche era servido aos visitantes. Por sugestão dos visitantes nestes opinários, os proprietários passaram a servir almoço. Os visitantes também deixam sugestões para melhorias, sendo que os proprietários têm a intenção de oferecer novas atividades futuramente, ainda não sabem o quê e estão pesquisando, mas acreditam que: “É importante renovar e surpreender o visitante”. Entretanto, os visitantes não deixam apenas sugestões no opinário, deixam também reclamações, descrevendo o que os desagradou, além da opção de o visitante poderá recorrer pessoalmente ao gerente de turismo na fazenda.

Com toda a infra-estrutura idealizada e implantada pelo proprietário, a importância dada ao monitoramento ambiental e as demais ações realizadas na fazenda, fora indagado aos agentes sociais, se existe alguma missão a ser transmitida pelo atrativo. O proprietário disse que a fazenda tem estabelecida uma missão a ser transmitida às pessoas, que é: “Proporcionar ao visitante uma experiência única de interação com o meio ambiente, através de passeios de ecoturismo focados na conservação ambiental e desenvolvimento sustentável da região”.

Gráfico 03 - Foi transmitido alguma missão



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

O gráfico 03 mostra detalhadamente, a opinião dos demais agentes sociais que circulam naquele território, e percebe-se que os agentes fixos da cidade de Bonito - os atendentes (67%) e guias de turismo (57%) - não sabem ou desconhecem se o atrativo tem uma missão a ser transmitida. Para 77%, visitantes, houve sim uma missão transmitida e tecem os seguintes comentários:

Quadro 02 - Missão que o passeio transmite para os turistas

01 - Como é importante a nossa natureza!
02 - Respeito e cuidado com a natureza.
03 - Da necessidade da sustentabilidade.
04 - Ajudar ainda mais a preservar a natureza.
05 - Temos que preservar a natureza a qualquer custo.
06 - A importância da preservação, a fragilidade da natureza.
07 - Preservar, proteger.
08 - Conservação ambiental.
09 - Importância da conservação para o turismo ambiental.
10 - Conservação da natureza.
11 - A preservação da natureza.
12 - Cuidar da natureza para durar mais.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Para os 33 atendentes de turismo, apenas 15% acredita que o passeio tem uma missão a ser transmitida, sendo que a grande maioria (67%) respondeu que não tem conhecimento se o passeio tem alguma missão. Quanto aos 25 guias de turismo entrevistados, observa-se que 57% dos que preencheram o formulário de pesquisa não sabem qual a missão dos passeios e 39% dos guias disseram saber que o passeio tem uma missão.

Em pesquisa para este estudo, observa-se que em nenhum momento, percorrendo a sede da fazenda ou as trilhas, vê-se estampado qual a missão do passeio de forma explícita. Como se nota, os visitantes estão mais atentos a essa missão implícita nas ações realizadas e até mesmo pelo o que dizem os guias de turismo.

Para que os proprietários de atrativos turísticos tenham suas propriedades freqüentadas por turistas/visitantes, estes precisam fazer a divulgação de seus produtos. A Estância Mimosa fornece às agências e operadoras os seguintes materiais de divulgação: *folders*, *banners* e um *book* com imagens do passeio; dispõe ainda de um site na Internet que pode ser acessado em outros dois idiomas (inglês e espanhol); possui uma funcionária que

executa um trabalho exclusivo de vendas e é destacada para participar de eventos como as feiras e salões de turismo. Outra estratégia de vendas são as esperadas promoções entre atendentes de turismo da cidade, como forma de valorizar e motivar as vendas.

Percebe-se que para haver um fluxo constante de circulação de turistas pelos atrativos, precisa-se de agentes multiplicadores de informações sobre a atividade do turismo. Um destes agentes multiplicadores será apresentado no próximo item: os atendentes de turismo das agências.

3.1.2 Para compor o sonho... Os Atendentes de Turismo

Os agentes de turismo de Bonito/MS, normalmente, são os primeiros a terem contato com os turistas que chegam à cidade. Estes profissionais estão na linha de frente na prestação de serviços aos turistas, precisam estar bem informados de todos os detalhes para sanar as dúvidas que, normalmente, surgem durante a estada dos turistas na cidade.

Atualmente, existem 36 agências e operadoras de turismo na cidade de Bonito e a grande maioria está associada à Associação Bonitense de Agências de Turismo - ABAETUR, que zela pelos interesses das agências, mas existem apenas 12 agências associadas¹³. Os atendentes de turismo que trabalham nas agências, não possuem ainda uma associação da categoria, devido talvez à alta rotatividade de pessoas que trabalham nas agências e operadoras de turismo, e também porque não permanecem na cidade por muito tempo.

As agências são empresas que empregam pelo menos 70 pessoas na cidade, pois dependendo do porte da agência, estas têm no mínimo dois funcionários para atenderem aos turistas, além do dono da agência. Zamboni (2000), afirma que o fato de haver na cidade um grande número de agências deve-se ao reduzido investimento necessário para a sua instalação e principalmente pelo fato de terem exclusividade na comercialização dos *vouchers*¹⁴ para os passeios ecoturísticos.

Os agentes de turismo são profissionais e acredita-se que sejam preparados para elaborar os pacotes turísticos, serem bem informados sobre todos os assuntos pertinentes ao

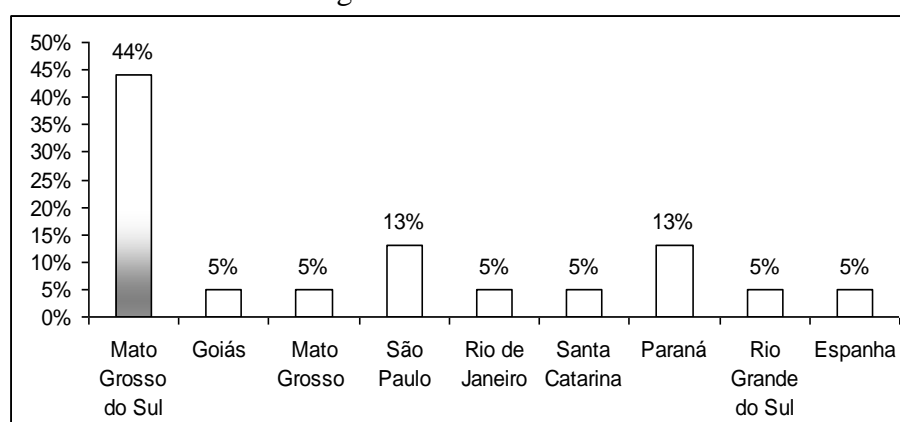
¹³ Disponível em WWW.abaetur.com.br, acesso em 05.Out.2008.

¹⁴ É um formulário de controle, preenchidos com os dados necessários para o ordenamento de atividade do turismo, a arrecadação de impostos e a fiscalização da quantidade de turistas nos atrativos turísticos. Como se fosse um bilhete que garante a entrada do turista, que pega o *voucher* na agência e entrega ao funcionário do atrativo, quando chega lá.

roteiro que os turistas percorrem ter desenvoltura para resolução de conflitos e imprevistos, ser comunicativo e disposto para o atendimento aos turistas que adquirem os produtos concomitantemente ao seu consumo, sendo impossível o produto turístico ser estocado, fato este que gera descontentamento de turistas.

Nesse contexto, o levantamento de campo identificou que dentre os 33 agentes de turismo entrevistados em Bonito, a maioria é composta pelo gênero feminino (73%), sendo o gênero masculino apenas 23 % e 4% não responderam. Destes agentes, apenas 33% são naturais de Bonito e os outros 67% são de outras localidades.

Gráfico 04 - Estado de origem dos atendentes de turismo de Bonito

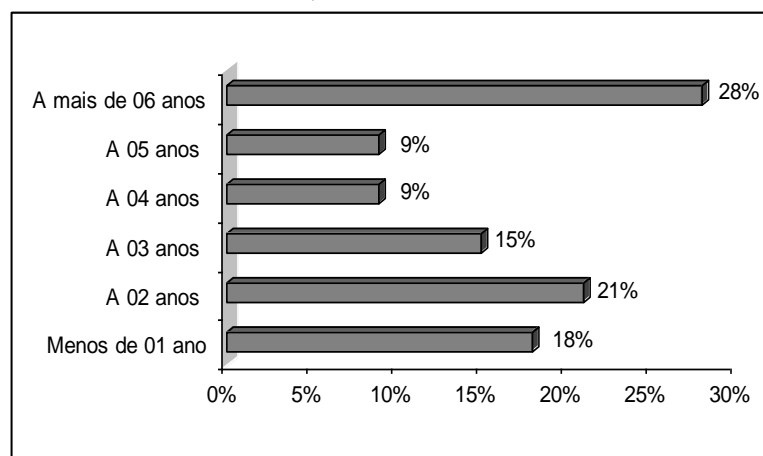


Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

No gráfico 04, dos 33 entrevistados, 10 atendentes são de Mato Grosso do Sul, representando 44% dos atendentes de turismo, seguido por São Paulo e Paraná com 13% e os demais estados como se pode observar no gráfico acima. Alguns destes atendentes se instalaram na cidade pela busca de estágios de faculdade ou vieram como turistas e acabaram encantados pela cidade e decidiram voltar depois de algum tempo, para se estabelecerem de vez. Há ainda um atendente de origem espanhola, oriundo da cidade de Castellon, que participou desta pesquisa.

A rotatividade nessa área é muito alta. Muitos atendentes de turismo chegam, outros vão embora ou partem para outro ramo de atividade. Alguns já estão a um bom tempo no mercado, como pode ser observado no gráfico 05. Alguns atendentes de turismo que atuam no mercado de Bonito, trabalham com agenciamento a mais de 06 (seis) anos (28%). Pouquíssimos permanecem na mesma agência que iniciaram, e é comum um atendente sair de uma empresa e ir para outra levando consigo a sua carteira de clientes, que foram conquistados pelo bom trabalho desempenhado.

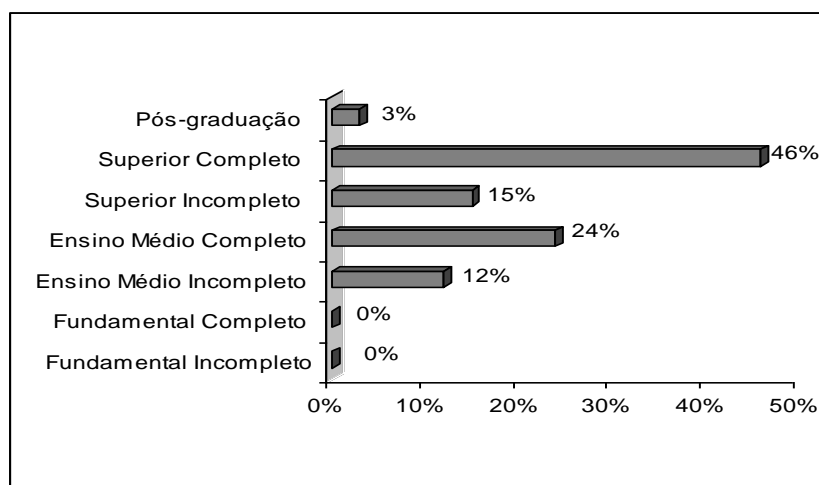
Gráfico 05 - Tempo de serviço dos atendentes em agências de turismo, em Bonito/MS



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Nota-se ainda no gráfico 05 que é alto o índice de pessoas que estão inseridas no mercado recentemente - 02 anos - (21%), seguido de perto pelos atendentes que estão a menos de 01 ano (18%). Porém, é certo que são pessoas bem preparadas e instruídas, conforme mostra abaixo, o gráfico 06.

Gráfico 06 - Nível de escolaridade dos atendentes de turismo de Bonito/MS



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Dos atendentes pesquisados, somente 12% possuem o ensino médio incompleto e 46% dos atendentes que atendem os turistas na cidade de Bonito-MS possuem um diploma de graduação, com as mais diversas profissões. Outros 15% dos atendentes têm o nível superior incompleto e 3% dos atendentes tem pós-graduação. Destaca-se que há atendente de turismo que possui duas graduações e, como mostra o quadro 02, dos 33 atendentes pesquisados, têm-se 09 profissionais com a formação de turismólogo, que estão atuando na área.

Quadro 03 - Área de formação dos atendentes de turismo de Bonito/MS

Superior Incompleto		Superior Completo		Pós-Graduação	
Curso	Qtd.	Curso	Qtd.	Curso	Qtd.
Administração	03	Turismo	09	Gestão Ambiental	01
Arquitetura	01	Ciências Contábeis	01		
		Publicidade & Propaganda	01		
		Jornalismo	01		
		Psicologia	01		
		Economia	01		
		Biologia	01		

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Apesar da boa formação dos atendentes de turismo que atuam no *trade* de Bonito/MS, a metade deles (55%) não tiveram nenhum treinamento de capacitação para a função de atendente de turismo e dos 42% que disseram ter recebido orientação, esta ocorreu em cursos ministrados por instituições como Senac, Sebrae, Instituto de Hospitalidade, Unigran, Bionúcleo, e que realizaram os seguintes cursos: Bem Receber, Atendimento ao Turista, Vendas em tempo de crise, Consultor de Turismo, Consultor de Viagens, Treinamento para rodada de negócios, Comercialização do Destino Turístico de Bonito e Região e pela faculdade com teoria e a prática em estágio na agência.

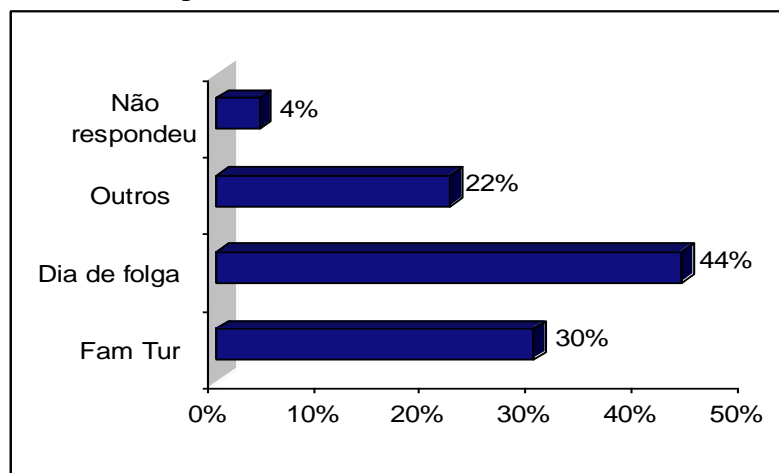
Para que os atendentes de turismo possam informar os turistas sobre os passeios, é necessário que eles conheçam os passeios para fornecerem informações precisas para os turistas interessados. A partir daí o atendente passará mais detalhes que contribuirá para a satisfação do turista. Assim, quando questionados se conheciam os passeios localizados no rio Mimoso, 58% responderam sim e 18% assinalaram que não. Outros 18% disseram que dos dois passeios existentes no rio Mimoso, conhecem apenas um deles.

Os proprietários da Estância Mimosa informam que os atendentes turísticos de Bonito são convidados permanentes como cortesia e podem levar um acompanhante. Foi realizado um *Fam Tour* especial em abril de 2007, exclusivo para os atendentes das agências e funcionários dos hotéis da cidade com transporte gratuito, e pretendem realizar outros no futuro. No que os atendentes concordam (91%), é que os atrativos facilitam a ida dos atendentes até os passeios, apenas 6% dos atendentes locais responderam que não, que os passeios não facilitam a ida deles e 3% não responderam à questão.

Como os proprietários disseram, foi realizado um *Fam Tour* no ano anterior, e com

isso foi questionado aos atendentes de turismo local de que forma foram conhecer os passeios, pode-se notar (Gráfico 07).

Gráfico 07 - Atendente de turismo: Como foram conhecer o passeio?



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Mesmo com a realização do *Fam Tour*¹⁵, apenas 30% dos atendentes pesquisados se utilizaram desta e evento para conhecerem o passeio. A maioria (44%) esteve no passeio em seu dia de folga, 4% não responderam esta questão e os outros 22% foram de outra forma, como: uns foram como turistas antes de começarem a trabalhar como atendente na cidade, outros estavam acompanhando donos de operadoras de outros Estados e alguns foram através de visita técnica.

Quando um atendente de turismo vai ao passeio pela primeira vez, o gerente ou recepcionista o acompanha para mostrar todo o receptivo e aproveita para esclarecer todos os detalhes do passeio. Foi questionado aos atendentes que não participaram de *Fam Tours* nos passeios, se estes tiveram a mesma preocupação e atenção, no que foi respondido por 54% dos agentes locais que houve preocupação, 15% discordam e 27% não responderam a esta questão.

Os proprietários da Estância Mimosa responderam que o nível de aceitação dos atendentes para venda do passeio é médio, e já detectaram certa resistência por parte dos atendentes em realizarem a venda. Isso ocorreu em duas épocas distintas: “no início da

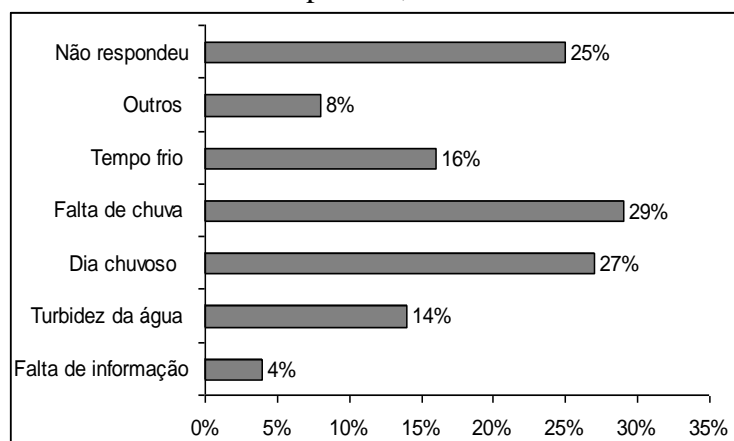
¹⁵ Fam Tour (Familiarization Tour) – viagem de familiarização do local, uma atividade de promoção de vendas que consiste em convidar os potenciais intermediários do mercado para conhecer pessoalmente o local, região ou país receptor, com todas as despesas custeadas pelos empresários.

atividade do passeio houve uma grande resistência da parte dos atendentes na venda, pois não conheciam o produto e também não se interessavam em conhecer”. Mais recentemente, “no ano passado houve uma seca muito acentuada e prolongada, talvez a maior seca da região em 70 anos em que o passeio teve que ser fechado por três meses, pois parte do rio secou e algumas agências desaprenderam de vender o passeio mesmo após o período de seca”.

Já os atendentes de turismo responderam que o nível de dificuldade para a venda do passeio entre os turistas é baixo (40%); alguns atendentes (30%) responderam que o nível é médio e outros 30% responderam que as dificuldades são inexistentes. Essa dificuldade varia muito da época do ano, sendo o inverno (91%) o período que dá mais dificuldade em convencer os turistas a visitarem os passeios de cachoeiras. Um comentário sobre este fato foi feito: “Cada estação tem sua dificuldade, uma devido à seca e outra devido às chuvas”. Assim, apenas 3% dos atendentes responderam que a venda do passeio no inverno é mais difícil: “Por ser trilha, é opcional entrar na água. Mesmo no inverno é legal”. Não responderam esta questão 6% dos atendentes pesquisados.

Sobre as interferências para a venda dos passeios do rio Mimoso, vê-se no gráfico 08, que a falta de chuva (29%) foi o maior empecilho.

Gráfico 08 - Atendente de turismo: O que interfere na venda do passeio, no rio Mimoso?



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Na opinião dos entrevistados, as maiores interferências para a venda de passeios no rio Mimoso são: o dia chuvoso (27%), o tempo frio (16%), a turbidez da água (14%) e a falta de informação dos passeios (4%). Uma consideração neste item, é que um percentual alto (25%) dos entrevistados não respondeu esta questão, o que dificulta uma análise mais precisa. Outros motivos (8%) também são apontados pelos atendentes de turismo, como: as condições

das estradas; o alto custo do passeio; as cachoeiras secas. Os itens apontados pelos atendentes corroboram com a opinião dos proprietários, sobre as situações que interferem na venda do seu produto, que são: a turbidez da água, o tempo frio e dia chuvoso.

Após um dia ou noite de chuva, dependendo do volume pluviométrico, as condições para banho no rio Mimoso podem não se apresentar favoráveis aos visitantes, pois o rio pode apresentar certa turbidez em que a cor da água se apresenta marrom ou “café com leite”¹⁶, verde claro ou escuro, a correnteza pode ficar muito forte e o volume de água muito alta que podem prejudicar o passeio dos turistas. Para que os atendentes tenham estas informações é necessário que haja a comunicação entre agências e os passeios logo na primeira hora de funcionamento de ambas as empresas. Com relação ao repasse de informações pelos atrativos, 37% dos entrevistados afirmaram que na maior parte das vezes os passeios passam informações sobre as condições do rio Mimoso para que possam informar adequadamente os turistas e guias de turismo. Para outros, os atendentes só obtém a informação quando perguntam (33%) ao setor de reservas do passeio, e 27% dos atendentes afirmaram que os passeios sempre informam sobre as condições do rio Mimoso quando nessa situação, e 3% não responderam a questão.

Estas informações são consideradas importantes na hora de efetuar a venda nas agências pelos atendentes (100%) para os turistas. Os atendentes justificaram esta importância com os seguintes comentários:

Quadro 04 - Importância das informações sobre os passeios para os atendentes de turismo

01 Porque o turista não irá se decepcionar ao chegar lá.
02 Porque afeta claramente na qualidade.
03 Bonito vende uma idéia de águas transparentes.
04 Porque queremos passar para os turistas as condições perfeitas que o atrativo oferece.
05 Porque fica esclarecido tudo para o cliente na hora da venda.
06 Porque a falta de informações corretas compromete a satisfação do visitante.
07 Evitar surpresas na hora de fazer o passeio.
08 Se a informação estiver errada o turista volta à agência e reclama descontente.
09 Para que não sejam passadas informações incompletas ou erradas para os turistas e que eles estejam cientes da situação do atrativo.
10 O turista não sentir enganado.

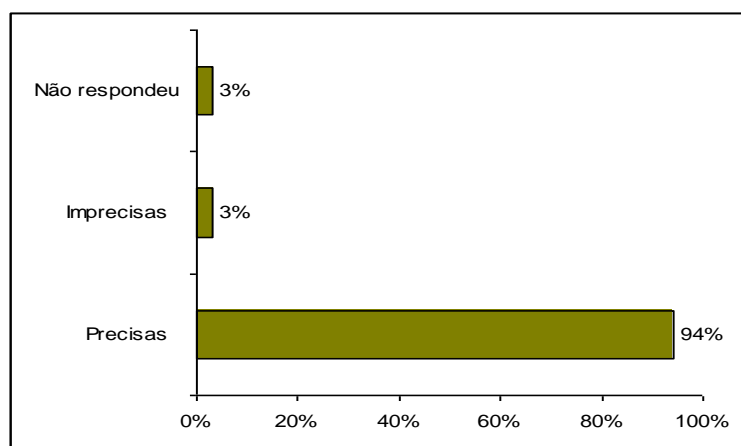
¹⁶ “café com leite” - termo localmente utilizado pelos funcionários como parâmetro no repasse de informações aos atendentes.

11 Porque a maioria dos clientes é muito detalhista.
12 O turista sempre espera que um passeio tenha bastante água e esta limpa, seja satisfatória.
13 Para informá-los sobre a qualidade da água.
14 Vendemos sonhos e quando não passamos as informações verdadeiras, os turistas voltam irritados e frustrados.
15 Podemos ser mais claros com os turistas.
16 Porque ele estará ciente que a água do rio estará turva e não reclamará na volta do passeio.
17 Para ele estar ciente do que irá encontrar no atrativo.
18 Ele quer ver o passeio, os rios em suas melhores condições.
19 Quanto mais informações, melhor para o turista.
20 Esta informação é considerada de suma importância na venda.
21 Para não fazer propaganda enganosa.
22 Para não ficar sendo uma enganação.
23 Porque preciso estar ciente do que irei vender a meu cliente e passar informações concretas a eles.
24 Procuramos sempre fornecer todas as informações, inclusive a questão da água para satisfazer nossos clientes.
25 Para que o turista esteja ciente das condições do passeio, para não haver nenhuma surpresa que o decepcione.
26 Não vendemos ou então informamos o cliente sobre as condições.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Nota-se que há grande preocupação com a satisfação dos turistas e com a qualidade dos passeios por parte dos atendentes, principalmente em evitar propagandas enganosas e assim não receberem reclamações dos mesmos. A pesquisa realizada com os visitantes no passeio demonstra que, quando questionados sobre a prestação de serviço dos atendentes de turismo locais, estes (os turistas) ressaltam que as informações transmitidas foram precisas (94%), enquanto alguns poucos turistas responderam que as mesmas foram imprecisas (3%). Outros 3% não responderam a esta questão. Percebe-se que houve considerável satisfação dos turistas no que se refere ao atendimento dos funcionários das agências na cidade de Bonito-MS.

Gráfico 09 – Turistas: Informações transmitidas sobre o passeio pelo atendente



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

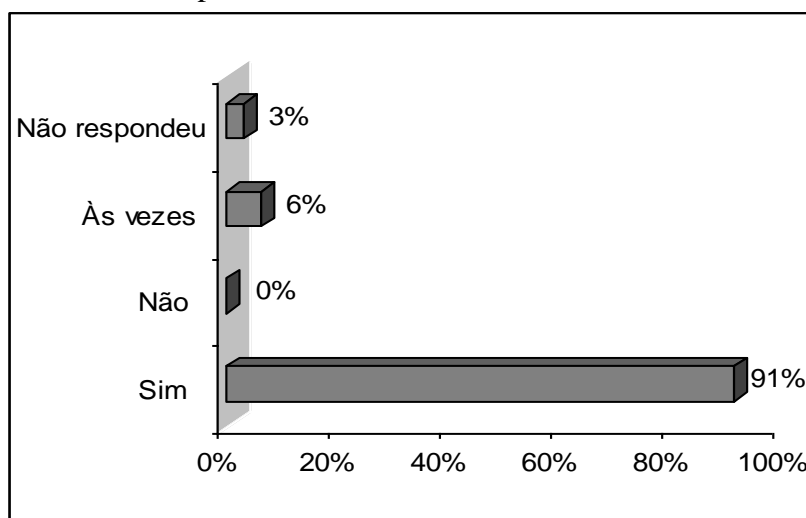
Os proprietários do passeio, Estância Mimosa, esclareceram que os atendentes têm preocupações em buscar na fazenda informações prévias sobre as condições do rio Mimoso, para transmitirem aos turistas e guias de turismo, na cidade. Estas informações são transmitidas pelo funcionário do setor de reserva por telefone ou internet com os atendentes, que além do aparelho telefônico, utilizam como recurso de comunicação, a ferramenta da Web como o *messenger* (MSN). Outras informações sobre o passeio são “Periodicamente, enviado às agências e operadoras, por meio de *newsletters*, e publicações no *blog* do atrativo”. Na opinião dos proprietários as informações são importantes “Porque ele está comprando um produto turístico e tem todo o direito de ter o maior número possível de informações a respeito do lugar”.

Alguns turistas necessitam de atendimento especial, por apresentarem cuidados com a saúde, como diabéticos, hiperglicêmicos, cardíacos ou ainda vegetarianos, essas são

algumas das situações que podem ser apresentadas pelo turista durante uma viagem. Estas informações, que os atendentes conseguem extrair dos turistas ajudam a melhorar a prestação de serviços, tanto para os atendentes que podem sugerir um passeio mais leve, como para os guias de turismo que podem conceder uma atenção especial, quanto para os passeios que podem alterar o cardápio do dia para atender às necessidades do turista.

Foi questionado aos atendentes das agências se eles comunicam ao passeio se alguns dos seus turistas necessitam de atendimento especial. Houve a resposta positiva (91%) por parte dos atendentes, alguns disseram que às vezes (6%) e outros 3% absteram-se da questão (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Atendente de Turismo: Você comunica ao passeio se há algum turista que necessita de atendimento especial?



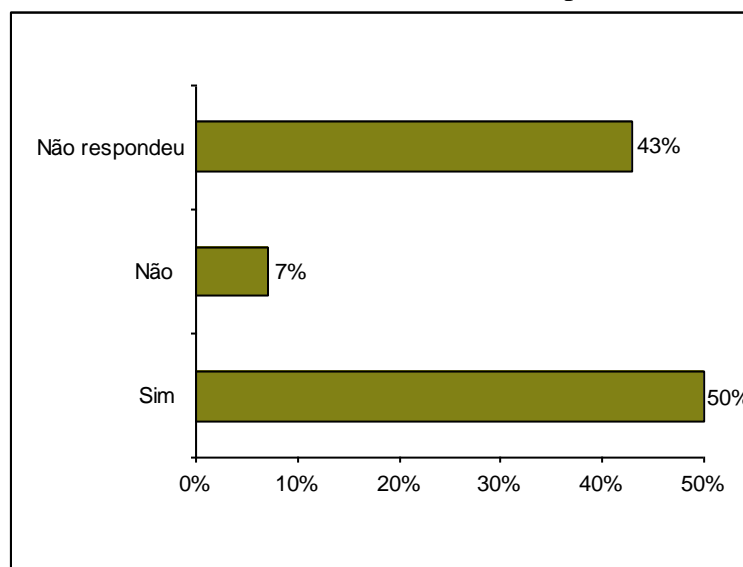
Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Os proprietários afirmaram que, às vezes, os atendentes das agências fornecem esse tipo informação para o passeio. Normalmente, acontece do guia de turismo solicitar algo diferenciado, isto é, quando o guia de turismo já está a alguns dias acompanhando o turista que pelo contato diário começa a conhecê-lo um pouco mais. Assim, o guia ao chegar no atrativo, já comunica o recepcionista para que este avise o gerente para as devidas providências.

O turista, por sua vez, ao ser questionado se teve alguma informação que o atendente precisava ter conhecimento para transmitir ao passeio para que este pudesse atendê-lo melhor, somente 7% dos turistas responderam que sim. Enquanto, houve 43% dos turistas que assinalaram negativamente e a maioria (50%) não responderam a esta questão. Ainda sobre esta preocupação com os turistas, estes sentiram que os atendentes tiveram preocupação com seu bem-estar, ao indicarem o passeio na Estância Mimosa, como mostra o gráfico 11.

Entre os 30 turistas pesquisados na Estância Mimosa, 50% afirmaram que sim, o atendente da agência teve essa preocupação. Somente 7% dos visitantes assinalaram que não teve preocupação e, para dificultar a análise precisa desta questão, 43% dos turistas pesquisados não respondeu a questão.

Gráfico 11 - Turistas: O atendente teve preocupação com seu bem-estar ao indicar este passeio?



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

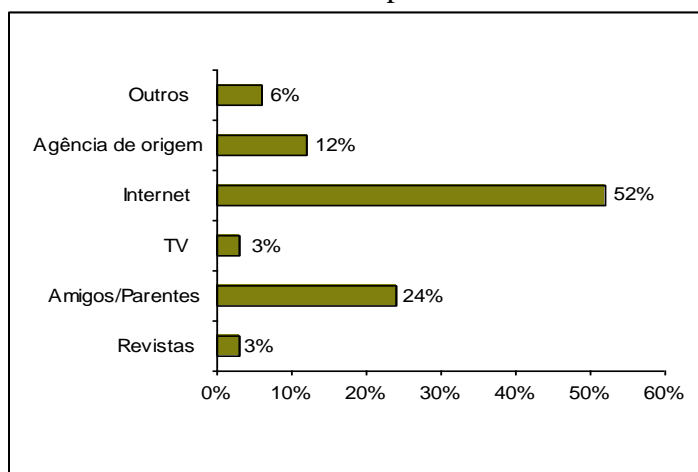
Se bem que os turistas já chegam às agências, informados a respeito do passeio, conforme a resposta dos atendentes em que 40% já tinham conhecimento dos passeios, enquanto 21% dos turistas chegam sem informação alguma, uns 33% dos turistas às vezes chegam com algum nível informação; o restante (6%) não respondeu.

Estas informações, segundo os atendentes, o turista obtém com pesquisas realizadas na rede internacional de computadores, na Internet (30%), em conversas com outros turistas (24%), com os *folders* distribuídos pelos sítios turísticos (22%), com parentes e amigos (9%), reportagens em televisão (7%) e outros (3%). A mesma questão foi feita aos turistas e os números não diferem muito dos apresentados na pesquisa com os atendentes, visto que os turistas responderam conseguir os dados necessários para planejarem seus roteiros em Bonito-MS. O gráfico 12, mostra que para os turistas a pesquisa foi por meio da Internet (52%), recorreram aos amigos e/ou parentes (24%), na agência de origem (12%),

Nessa perspectiva, os turistas que ainda estão indecisos sobre os passeios do rio Mimoso, o argumento mais utilizado pelos atendentes das agências são: o clima de fazenda dos atrativos com fogão a lenha e redário (34%), o fato das cachoeiras “crescerem” (20%),

pela proximidade com a Serra da Bodoquena (18%), conhecer a história do Sinhozinho e não respondeu a questão (2%). Mas um número até significativo dos atendentes (24%).

Gráfico 12 - Atendente de turismo: Como eles ficam sabendo destes passeios?



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Os atendentes das agências de turismo apontaram outros argumentos, para vender o passeio:

Quadro 05 - Argumentos utilizados pelos Atendentes de Turismo para venda

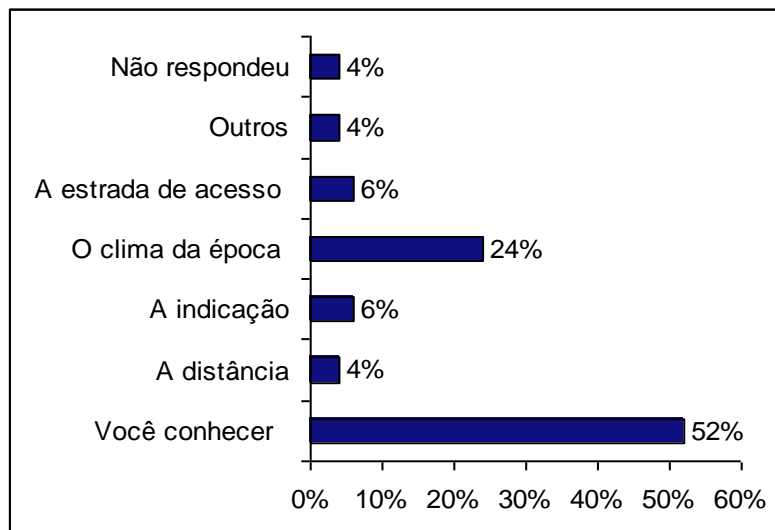
01 Beleza das cachoeiras
02 Os benefícios de uma caminhada, de um banho de cachoeira, uma alimentação.
03 As belezas do lugar.
04 Conhecer novas paisagens, novos ares.
05 Porque tem cachoeiras maravilhosas.
06 Fatores ligados com cada passeio, nenhuma dessas opções: alimentação, trilha, distância.
07 A beleza do local e o atendimento, estrutura de trilhas.
08 Beleza natural, almoço típico, trilhas.
09 Beleza do cenário.
10 As cachoeiras serem lindas.
11 Varia conforme o perfil do grupo.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Mas o que facilita a venda dos passeios localizados no rio Mimoso, para as atendentes das agências é o fato de eles conhecerem os passeios (52%), seguida das demais

opções como mostra o gráfico 13.

Gráfico 13 - Atendente de turismo: O que mais facilita a venda dos passeios?

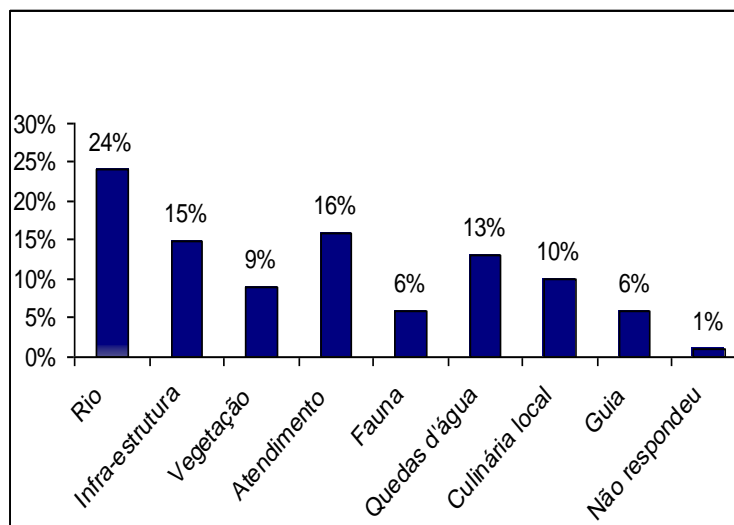


Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Conhecer bem o produto a ser oferecido ao turista é o mínimo que atendentes de turismo têm obrigação de saber, para transmitirem com riqueza de detalhes, o que os passeios têm a oferecer. Contudo, questionamos os proprietários, com que frequência os atendentes vão aos seus passeios, à maioria foi apenas uma vez e que é realizado um trabalho em conjunto com a equipe da fazenda e a funcionária de vendas de executarem ações para manterem os atendentes atualizados das alterações realizadas no atrativo.

Os atendentes das agências afirmam que o nível de satisfação dos turistas quando voltam dos passeios é alto (76%); para outros, a satisfação é média (21%). Nenhum atendente respondeu que o nível é baixo e 3% não respondeu a esta questão. O nível de satisfação dos turistas apontada pelos atendentes é consideravelmente alto como foi apresentado, e isto se relaciona com o quesito do que mais chama a atenção do turista pelos comentários que fazem com os atendentes das agências quando retornam do passeio.

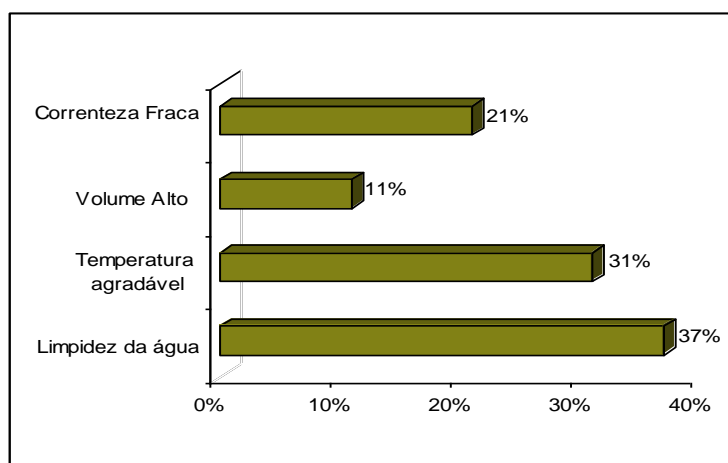
Gráfico 14 - Atendentes de turismo: O que mais chama a atenção dos turistas?



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Os turistas comentaram com os atendentes que o rio Mimoso despertou muito a atenção (24%), depois o atendimento dos funcionários no passeio (16%), seguido de perto pela infra-estrutura montado (15%), as quedas d'águas (13%), os demais itens podem ser verificados no gráfico acima. Inclusive sobre este assunto, os turistas comentaram que as condições de banho no rio Mimoso estavam ótimas (54%), outros disseram que estava boa (40%), foi regular (3%) e outros não responderam (3%).

Gráfico 15 - Turistas: Condições ideais para banho nas cachoeiras?



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Para os turistas, as condições ideais foram apontadas nos questionários preenchidos ainda no local do passeio, e se mostram da seguinte maneira: o volume

alto (11%), ter correnteza fraca (21%), temperatura agradável (31%) e as águas serem límpidas (37%), conforme mostra o gráfico 15.

Por conta disso, foi questionado aos atendentes das agências de turismo de Bonito-MS, se há preocupação por parte dos proprietários em minimizar os impactos ambientais nas margens do rio Mimoso. Dos entrevistados, 33 atendentes assinalaram que sim (88%), poucos assinalaram que não (9%) e apenas 3% não responderam a questão. No que se refere às atitudes por parte dos proprietários que fazem os atendentes acreditarem nessa preocupação com os impactos ambientais, os resultados são apresentados no Quadro 06, a seguir:

Quadro 06 - Atitudes que os atendentes identificam como preocupação dos proprietários de passeios para minimizar os impactos

01 Por terem outros atrativos às margens do rio Mimoso.
02 Através das trilhas, plantação de árvores nativas.
03 Os sítios não desmatam, não gradeiam. Os outros praticam estas atividades.
04 Impedindo a pesca predatória e o desmatamento.
05 Manutenção.
06 Através das campanhas.
07 Através da dependência que ele tem com a própria natureza.
08 Pela limpeza e conservação das margens do rio Mimoso.
09 Conservação e preservação das margens.
10 Fazendo projetos para recuperação do rio.
11 Preservação mata ciliar, participação em ações ambientais.
12 Reflorestamento, controle de acesso a margem.
13 Através de Associações que podem agir e melhorar as áreas de proteção ciliar do rio.
14 Respeitando a quantidade de turistas.
15 Não desmatando na beira do rio e não excedendo o limite de pessoas para os passeios.
16 Número limitado de turistas, contratação de biólogos, existência de lixeiras.
17 Conservação da mata ciliar e as RPPN's.
18 Controle de turista no atrativo.
19 RPPN's é uma delas.
20 Em manter a mata ciliar intacta, preservando as trilhas sem atingir o meio.
21 Plano de manejo, limite da capacidade de carga.
22 SAF da Mimosa.
23 Caixa de retenção, monitoramento ambiental, cuidado em geral no atrativo.

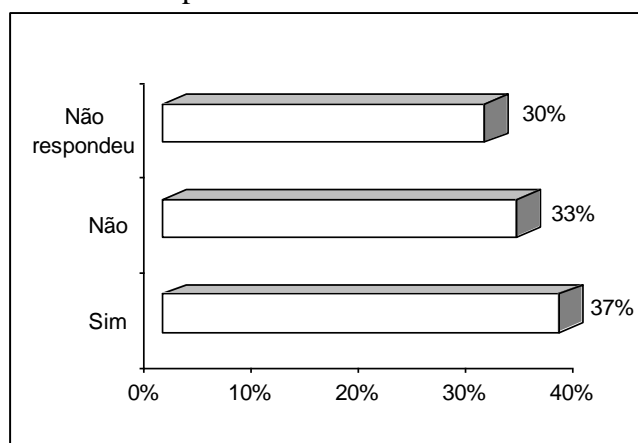
24 Controle da margem, reflorestamento.

25 Plantio de árvores, mudanças das trilhas para mitigar impactos ambientais.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Quando questionados se os atrativos poderiam fazer algo para melhorar o desempenho profissional destes atendentes de agências de turismo de Bonito-MS, estes responderam (Gráfico 16) que sim (37%), outros responderam não (33%) e 30% não responderam ou entenderam a questão.

Gráfico 16 - Atendentes de turismo: Tem alguma ação que os atrativos poderiam fazer para melhorar o seu desempenho profissional?



Fonte: levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Os atendentes ainda fizeram os seguintes comentários aqui descritos sem interferência da pesquisadora, sobre este assunto: “Contratar profissionais e treinar sempre os já contratados, reciclar”; “Ao menos uma vez no ano, fazer um *Fam Tour*”; “Com cursos”; “Incentivar com palestras, *Fam Tour*, brindes, *ranking* dos agentes que mais vendem”; “Sempre que tiver mudanças, avisar os atendentes”; “Acredito que toda ação em prol de uma excelência no atendimento é sempre bem vinda, treinamentos, etc”; “Apostila explicativa”; “Eu creio que uma reciclagem de no mínimo ano a ano, para estarmos a par de possíveis mudanças no atrativo.”

Quanto aos proprietários da Estância Mimosa, afirmaram que realizam ações ou atividades que auxiliem a melhorar o desempenho destes profissionais como *Fam Tour* e patrocínio a cursos de aperfeiçoamento de vendas. Como já foi colocado anteriormente, o atrativo oferece algumas facilidades aos atendentes de agências de turismo, porém, foi no

início das atividades turísticas da Estância Mimosa, em Julho de 2001, que o biólogo contratado para o monitoramento ambiental do passeio (Daniel De Granville), organizou também uma apostila direcionada aos atendentes de agências de turismo de Bonito-MS, onde abasteceu seu conteúdo com informações sobre a estrutura do passeio, quadro de funcionários, os contatos para comunicação em situações de emergências e as vantagens que o passeio oferecia aos turistas. A entrega dessas apostilas ocorreu numa confraternização com os atendentes e donos de agências, ocasião que se aproveitou para sanar quaisquer dúvidas que estes profissionais tivessem com relação ao novo produto. Depois, o outro *Fam Tour* oferecido aos atendentes de Bonito-MS, só ocorreu em Abril de 2007, mas o passeio nunca deixou de privilegiar estes profissionais e acreditam que além de ações como estas, os atendentes necessitam de mais cursos de capacitação, e maior profissionalismo por parte das agências.

O trabalho dos atendentes de agências de turismo de Bonito-MS, não teria necessidade se não houvesse tantos atrativos para serem oferecidos aos turistas. Mas para a prestação de serviço dos atendentes tenha eficácia, o trabalho necessita de uma complementação que pode ocorrer com um profissional autônomo, o guia de turismo, que será apresentado no próximo item.

3.1.3 Para acompanhar no sonho... Os Guias de Turismo

Os guias de turismo são profissionais autônomos e atuantes no sistema turístico de Bonito/MS, foi regulamentada e com presença obrigatória por lei¹⁷ na maioria dos atrativos da região, com exceção de alguns atrativos que possuem atividade de mergulho, arvorismo, rapel, passeio de bote (BOGGIANI, 2001). Atualmente, até o Balneário Municipal de Bonito possui um guia de turismo que fica de plantão, para atender aos turistas no local.

O primeiro curso de guia de turismo¹⁸ de Bonito iniciou-se em dezembro de 1992 e, até o ano 2000, foram realizados mais três cursos visando formar Guias de Turismo Regional

¹⁷ A profissão de guia de turismo foi instituída pela Lei nº 8.623/93 e regulamentada pelo Decreto nº 946/93, e segundo este decreto, a habilitação de guia deve ser cadastrado na EMBRATUR.

¹⁸ Entre as condições para integrar um curso de formação de guia de turismo, a conclusão do ensino médio e a frequência ao Curso de Formação Profissional de Guia de Turismo (BARBOSA e ZAMBONI, 2000). A Lei Municipal nº 689/95, tornou obrigatória a visitação dos atrativos somente com acompanhamento do guia de turismo (BOGGIANI, 2001).

Especializado em Atrativos Naturais atendendo o mercado de Bonito e região (BOGGIANI, 2001). Em um estudo realizado em 2000, pelo IPEA e patrocinado pela Cepal foi apurado que somente com os três primeiros cursos de guias de turismo, formaram-se 92 guias. Destes, naquela época, apenas 56 estavam em plena atividade, uns 25 exerciam a função eventualmente e 11 guias abandonaram definitivamente a profissão (BARBOSA & ZAMBONI, 2000).

Mesmo com a finalização do quarto curso em meados do ano 2000, que qualificou mais pessoas continuou tendo os guias de alta temporada, isto é, que residiam fora do município e até mesmo fora do Estado. Mas que sempre, durante alta temporada, volta a se instalar na cidade gerando conflitos entre a categoria, pois estes guias eram apontados por retirar o serviço dos outros guias que permaneciam na cidade o ano todo e se revoltavam, pois estes guias de turismo eventuais não permaneciam na cidade no período de baixa temporada. Atualmente, os guias de turismo que permanecem na cidade são disputados pelas agências e atrativos, no período de alta temporada, como em 2000, quando realizaram o último curso para atender a demanda de turistas, que naquela época só existiam 56 guias de turismo.

Hoje existem aproximadamente 80 guias de turismo na cidade, em que muitos se formaram em cursos oferecidos fora do município de Bonito-MS, realizados em Campo Grande e Jardim pelas instituições SENAC, UFMS e UNIDERP, e estes guias formados nestas cidades tiveram grande dificuldade em exercerem sua profissão nos atrativos de Bonito, gerando novos conflitos entre a categoria.

Reconhecida como categoria bem organizada na cidade, possui uma associação criada em fevereiro de 1994, a Associação de Guias de Bonito – AGTB, composta por uma parte de guias associados e, também a Federação Estadual de Guias, seccional Bonito, com uma pequena parcela de guias. Com a realização da segunda etapa da pesquisa, em conversa informal com alguns guias da cidade, soube-se que há conflitos entre estas duas entidades.

Em virtude da atuação desses profissionais em praticamente a maioria dos passeios da região e pelo tempo que estão no mercado turístico de Bonito, viu-se neles uma fonte de informações importante para a pesquisa, já que estão circulando no território e são atuantes em todo o processo da atividade turística. Como afirma Boggiani (2001, p 163), “Através dos trabalhos dos guias de turismo, os pesquisadores têm a oportunidade de difundir os conhecimentos gerados para um público não acadêmico...”.

Para obter as informações desejadas, foi realizada uma pesquisa, com a entrega de 88 formulários para os guias de turismo em que apenas 25 desses profissionais devolveram o questionário respondido. Os formulários foram distribuídos no período de 10/07 à

02/08/2008. Isso se deve ao fato de que eles levavam o formulário para responderem em casa com mais calma e muitos se esqueciam depois. Haja vista que muitos guias só chegam a casa no início da noite e saem para trabalhar, em alguns casos, às 6 horas da manhã.

A rotina de atividades destes agentes sociais é intensa. Muitos aproveitam bem o período de alta temporada, em que há muito trabalho, para compensar a queda abrupta de turistas na cidade na baixa temporada. De 2002 até 2007 houve uma queda de 36% no movimento de turistas¹⁹. Por este motivo, muitos dos guias que atuam na região foram buscar novas oportunidades de trabalho e estudos em outros Estados. De acordo com informações pessoais para esta pesquisa, as cidades mais procuradas para se instalar são: Florianópolis, São Paulo, Jundiaí, Campo Grande, Mogi das Cruzes, Fernando de Noronha, Belo Horizonte, Trancoso entre outras. Alguns desses guias permanecem algum tempo fora e acabam voltando para Bonito, por falta de adaptação ou por saudades dos familiares e amigos.

Existem muitos outros guias de turismo que deixaram de atuar na profissão, mas continuam trabalhando com a atividade do turismo em Bonito. Alguns abriram a própria agência de turismo, outros se tornaram gerentes de agências, sítios turísticos, hotéis e pousadas e ainda tem os guias que buscaram na atividade de transportes para turistas uma oportunidade de mudar de vida e manter a família. Ressalta-se que esta é uma profissão que pode causar, com o passar dos anos, um grande desgaste físico a estes profissionais.

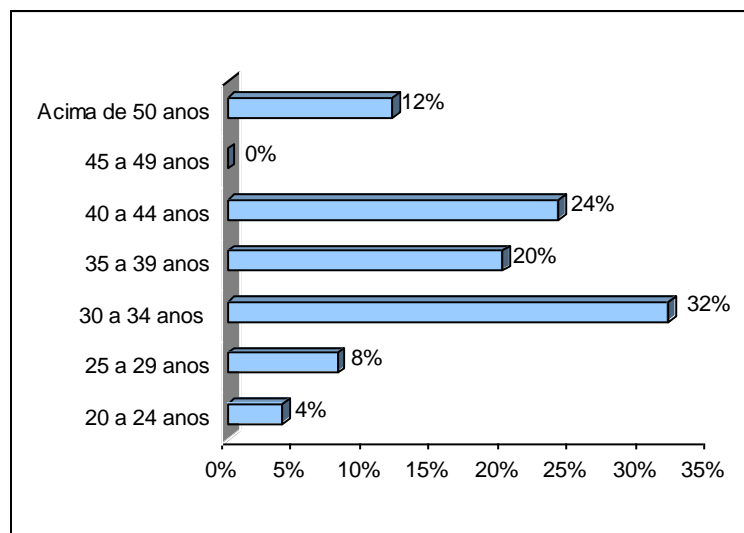
Ter noção do perfil destes profissionais autônomos é importante para que se saiba quem é e o que pensam, já que possuem forte mobilidade com todos os outros agentes sociais do sistema turístico de Bonito-MS. Dentre os guias que devolveram os formulários de pesquisa respondidos, 72% são do gênero masculino e 24% feminino. 4% dos entrevistados não responderam esta questão. Existe uma discussão velada na cidade sobre o atendimento desses profissionais por gênero, onde as pessoas divergem sobre qual deles oferecem mais vantagens, por alguns dos motivos, dentre eles, mais segurança, força física, ciúme de cônjuge, imposição de respeito, etc. Os turistas encontram profissionais com idades variadas, o que pode contribuir para uma melhor interação entre estes dois agentes. Pois dependendo do perfil do guia, ele poderá se entrosar mais ou menos com o grupo, o que para alguns turistas é algo indiferente.

Percebem-se no entendimento do gráfico 17 abaixo que, dos profissionais que

¹⁹ Informação adquirida com técnico do COMTUR, em conversa informal no trabalho de campo, realizado em Bonito.

participaram da pesquisa, 12% dos guias estão com idade acima de 50 anos, a maior parte deles encontram-se na faixa etária de 30 a 34 anos (32%) e os mais novos entre 20 e 24 anos (4%).

Gráfico 17 - Faixa etária dos guias de turismo em Bonito-MS



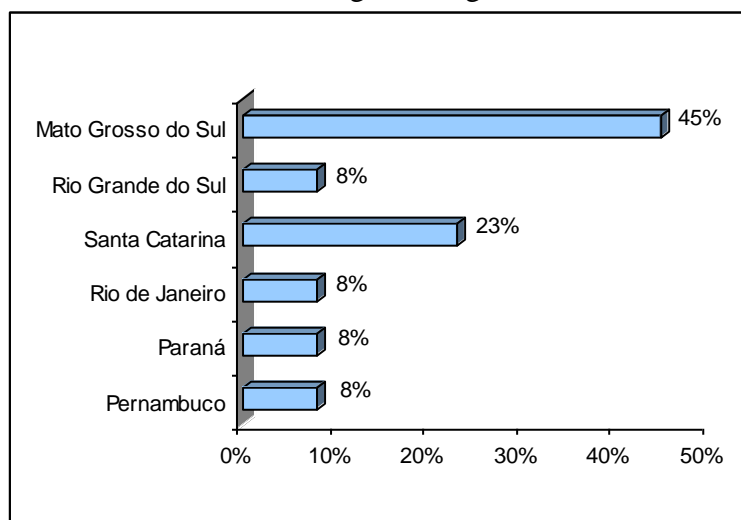
Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Como já citado anteriormente, a profissão de guia em Bonito, causa alguns desgastes físicos no profissional que podem ser agravados com a idade e o tempo de atuação no ramo. Algumas das enfermidades mais comuns entre eles são: a otite (inflamação de ouvido), pelo tempo que permanecem na água quando acompanham os visitantes nos passeios de flutuação e cachoeiras, pois a umidade favorece o surgimento de fungos nos ouvidos; muitos apresentam, também, problemas nas articulações dos joelhos em virtude das caminhadas e escadarias existentes em muitos dos sítios turísticos, pois são esforços que repetem muitas vezes no dia, e principalmente, na alta temporada. Essas enfermidades são alguns dos motivos de afastamentos desses profissionais, limitando sua atuação em determinados atrativos.

Apesar de um dos requisitos para se fazer o curso de guia e atuar nos passeios existentes no município é ser bonitense ou residir a mais de dois anos no município, observa-se que somente 48% dos que responderam os formulários são nascidos em Bonito e a outra parte dos guias (52%) são procedentes de outras cidades como Bela Vista (01), Campo Grande (03), Sidrolândia (01) e Rio Brilhante (01) e ainda de outros Estados: Pernambuco

(01), Paraná (01), Rio de Janeiro (01), Rio Grande do Sul (01) e Santa Catarina (03). As porcentagens dos Estados em informações gráficas são apresentadas no Gráfico 18 abaixo:

Gráfico 18 - Estado de origem dos guias de turismo



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Entretanto, quanto ao local da realização da formação técnica do curso para guia, 72% dos entrevistados responderam que fizeram o curso de guia em Bonito mesmo. Uma parcela de 28% dos entrevistados realizaram o curso em Jardim, município vizinho à Bonito, que também pertence à região turística denominada Serra da Bodoquena.

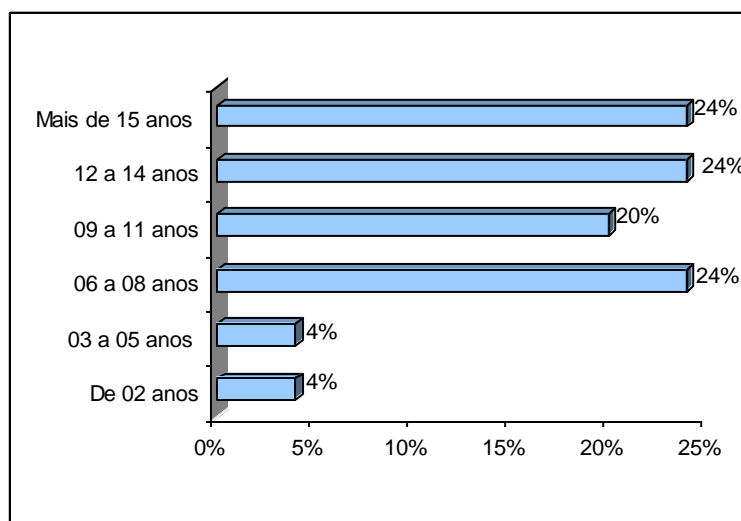
Em Jardim também existem alguns sítios turísticos que absorvem esta mão-de-obra qualificada. Muitos do que fizeram o curso em Jardim não chegaram nem a exercer a profissão na região e os que decidiram aderir à profissão tiveram a princípio conflitos com organizações de classe de Bonito. Esta discussão será detalhada, no próximo item para que se compreenda a dimensão dos conflitos e disputa de poder existente entre estes atores com outros e entre membros desta mesma categoria.

Com relação ao tempo de formação, percebe-se no Gráfico 19 que 8% estão no mercado de trabalho atuando na profissão a menos de 05 anos, 20% está de 09 a 11 anos, 24% dos guias estão de 06 a 08 anos, enquanto que 48% permanecem na atividade a mais de 15 anos. Portanto, este último item representa os guias de turismo pioneiros na profissão.

Para que uma pessoa possa se formar em Guia de Turismo e exercer a profissão que é legalizada e reconhecida, é necessário que a pessoa tenha concluído no mínimo o ensino médio. Não há obrigatoriedade em se fazer uma graduação, isso pode ser observado que tem guias de turismo com

outra formação (52%) além a de guia, mas tem os que possuem apenas esta formação profissional (48%).

Gráfico 19 - Tempo de formação no curso de guia de turismo em Bonito-MS



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Os guias são profissionais com formação como: Coordenador de Eventos (01), Contabilista (02), Pedagoga (01), Agrônomo (01), Turismólogo (06), Técnico em Contabilidade (01), Mestre Cerimonialista (01) e Atriz (01).

Porém, alguns dos guias que possuem o ensino superior, foram cursados anteriormente ao interesse ou em fazer o curso de guia de turismo e outros buscaram depois, para complementar a formação de guia. Como os que fizeram o curso de Bacharel em Turismo existente no Instituto de Ensino Superior da Funlec – IESF, de Bonito. Dentre os guias com formação superior, existem muitos biólogos, alguns turismólogos que chegaram em Bonito com o propósito de realizar o curso de guia para atuar na região oferecendo um diferencial aos visitantes, engenheiro agrônomo, biólogo, geógrafo e advogado²⁰.

Como já foi visto, o primeiro curso de guia não tem mais que 15 anos. Como é que alguns guias atuam a mais de dezesseis anos na região do rio Mimoso? É que às margens do rio tinha um proprietário rural que permitia às pessoas visitarem as cachoeiras que estavam dentro da sua propriedade, naquela época existiam alguns moradores locais que exerciam a função de guia pelo simples fato de já conhecerem a região e pela satisfação de mostrar as belezas naturais aos visitantes que começavam a chegar a Bonito²¹

Foi questionado para eles (guias de turismo), se houve alguma alteração no curso do rio durante o tempo que estão trabalhando com a atividade do turismo no rio Mimoso, no que

20 Informações adquiridas em conversas informais com os guias de turismo de Bonito.

21 Informações adquiridas durante a entrevista com guias, durante trabalho de campo, em Bonito.

92% dos entrevistados afirmaram que têm ocorrido alterações no rio e 8% não notaram diferenças. Entretanto, todos foram unânimes em dizer que a diminuição do volume e nível da água é que tem sido marcante nos últimos anos. Outros comentários citados foram:

Quadro 07 - Alterações significativas do Rio Mimoso

01 O nível do rio está ficando cada vez mais baixo, poucos animais na região, exemplo: porco, mutum, cutia, etc.
02 Na observação direta, <i>in loco</i> , veremos vários recentes meandros, originados pela diminuição da vazão por motivos naturais e “outros”.
03 Cheias e secas.
04 O rio secou.
05 Curso alterado, volume de água, algumas nascentes secaram, etc.
06 Redução do fluxo do rio e ampliação das matas ciliares em alguns lugares.
07 Muitas cachoeiras quebraram.
08 Algumas ocorridas naturalmente, outras provocadas: alteração da transparência, alteração significativa no volume de água do rio.
09 Diminuição do fluxo de água nas cachoeiras.
10 Quebra de algumas tufas calcárias e diminuição no volume do rio.
11 Redução do nível da água.
12 Caixas de retenção, reflorestamento das matas ciliares.
13 Acredito que as melhoras são muitas, depois do IASB estar na atividade.
14 Diminuição das águas.
15 No ano de 2007, o rio secou, devido a uma barragem na nascente, isso ocorreu na época da seca. Foi aterrorizante, os turistas ficaram chocados com o visual do rio.
16 A conscientização e a regeneração da “mata nativa”, fez com que o rio Mimoso ficasse mais protegido.
17 Alteração do nível da água.
18 Em algumas áreas aonde tem atrativos, o lugar está mais cuidado, já os lugares que são de propriedades não-turísticas, os fazendeiros que não participam de ONG's fazem mal uso das áreas. Exemplo: desbarrancamento, desvio do curso do rio.
19 Percebe-se que o referido não fica tão turvo quando chove muito forte, porém o nível da água baixou significativamente.
20 A água se tornou mais limpa, de uns 02 (dois) anos para cá.
21 No último ano (2007), devido a fatores climáticos e outros que ainda necessita serem mensurados, o rio foi interrompido.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano,2008.

Durante o tempo que os guias estão trabalhando nesta localidade do rio, foi

questionado o que eles consideram como aspectos positivos e negativos que ocorrem no rio Mimoso. As considerações apresentam-se da seguinte forma:

Quadro 08 - Aspectos positivos e negativos ocorridos no rio Mimoso

ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
Diminuição dos sedimentos que turvava o rio.	Criação de gado nas proximidades do rio, bebedouros.
A melhoria da qualidade da água no que diz respeito à turvez.	Algumas obras que alteram a vazão.
Conscientização dos proprietários em relação mata ciliar.	Diminuição dos ribeirinhos, falta de amor pelo rio.
Nenhum (três vezes)	Falta integração de todos os ribeirinhos com o mesmo objetivo.
Implantação de projetos com sucesso como SAF, Projeto Mata Ciliares do IASB.	Negligência na fiscalização e na conservação em algumas áreas.
Obrigaçã mata ciliar	Muitos desmatamentos nas últimas décadas.
Preservação das formações de rocha, transparência da água.	Volume de água diminuiu muito nos últimos anos.
Nos últimos anos o rio sofre menos com turbidez.	Pecuária na cabeceira do rio Mimoso.
A implantação do Projecto Vivo, para a recuperação da mata ciliar.	Os empresários dos atrativos serem gananciosos, tentando interferir na natureza, como mandar “limpar” as cachoeiras. Por ignorância e falta de conhecimento como se forma uma cachoeira: tufas calcárias e travertinos que acumulam folhas e galhos e carapaças de caramujo.
Hoje mesmo com grande volume de chuva o rio não turva como antes.	Limpeza das cachoeiras (folhas e galhos), quebra das tufas calcárias.
Proteção na área da Estância Mimosa.	Redução do nível da água, pisoteio nas margens do rio, acesso até as tufas calcárias por fotógrafos.
Rio mais limpo e conscientização dos ribeirinhos.	Lixos na ponte Bonito-Bodoquena.
Conservação.	Diminuição do volume da água, na seca e desmatamento no leito (barranco) do rio.
A vegetação das margens está mais densa e pode-se ver bichos com mais frequência.	Desleixo dos ribeirinhos.
Maior rigor exigindo GUIAS devidamente capacitados ou melhor credenciados, esclarecendo os visitantes dos cuidados e preservação com o meio ambiente.	Desmatamento das margens, plantações, pecuária.
Maior conscientização dos ribeirinhos.	Embora haja alguns proprietários conscientes, existem também alguns que necessitam de maiores conscientização da

	importância de se preservar o rio Mimoso.
Grande melhoria na transparência da água.	Descaso da administração estadual em buscar métodos para conter assoreamento através das estradas.
Conservação das matas ciliares.	Em decorrência há melhorias e falta mata ciliar, está ocorrendo falta de água no rio em períodos de seca.
Retirada de lixo das margens, reflorestamento da mata ciliar.	Alteração da vegetação natural por proprietários para pecuária ou lazer, construção de caixa de retenção sem planejamento (Desvio do leito natural do rio).
Conservação da mata ciliar, cristalina.	Embora tenha diminuído o desmatamento, ainda continua.
A recuperação de algumas áreas de mata ciliar e a diminuição de desmatamento.	Desmatamento, reformas de pastagem.
Recuperação de sua nascente.	Desbarrancamento, na época de seca, mudança do curso do rio, estiagem maior afetando as águas, em época de chuva o rio fica muito turvo.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Como foi apresentado na seção anterior, existem em Bonito, além do IASB, outras iniciativas (Associação Brazil Bonito, Fundação Neotrópica do Brasil, Instituto Família Legal e outros) que tem por finalidade ações sócio-ambientais que atuam no âmbito do município. Por conta disso que foi questionada aos guias de turismo a opinião deles quanto à importância dessas ONG's no município. A esta questão, os guias de turismo de Bonito-MS responderam que acreditam na importância (84%) e outros 16% afirmam que não pensam que seja tão importante assim. Outros comentários podem ser observados no Quadro 09.

Quadro 09 - Importância das Ong's em Bonito

01 Para aproximar a população local do turismo.
02 Na conscientização da conservação do meio ambiente.
03 Independência.
04 Trabalhos com direcionamento.
05 Nunca vi resultados.
06 Agiliza, dinamiza tempo e informações.
07 Cobrem a ineficiência do poder público.
08 Para ajudar a comunidade.
09 Possuem visão mais ampla.

10 Até agora não vi muito trabalho real.
11 Proteção ao meio ambiente.
12 Fundamental.
13 Depende de que ONG...
14 Desde que seja mais divulgado.
15 Pois ajuda em projetos em vários segmentos.
16 Viabilização de recursos privados para melhorias.
17 Incentivar a implementação de projetos nas áreas na qual atuam.
18 Educa os empresários, conscientiza a população, agrega valor ao município, apóia em questões sociais, ambientais, entre outros.
19 Nem todas são realmente idôneas.
20 Contribuir com ações com a comunidade.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Quanto os resultados das ações executadas por essas ONG's no município, foram questionados se eles, os guias de turismo, perceberam seus resultados. Para a maioria (76%), sim e para alguns guias (16%), não. 8% dos entrevistados não responderam, mas fizeram algumas observações:

Quadro 10 - Resultado das Ações de Ong's

01 Auto-estima dos jovens bonitenses.
02 Para quem depende da microbacia do Formoso, vários.
03 Capacitação na produção orgânica.
04 Resultados mais rápido nas ações.
05 Preocupação de alguns donos de fazendas.
06 Assistência, educação, integração social, recuperação ambiental.
07 Na ajuda com as crianças, oferecendo oportunidade de aprender várias funções: papel reciclado, arte e educação.
08 Conscientização da população.
09 Reflorestamento da mata ciliar do Mimoso.
10 Incentivo a produção de reciclagem (Brazil Bonito) e cuidado com rios (IASB).
11 Maior conscientização dos moradores ribeirinho.
12 Maior envolvimento das pessoas envolvidas, principalmente os que estão margeando os rios. Trabalho do IASB.
13 Sociais.

14 Aproveitamento das áreas rurais sem prejudicar o meio ambiente.
15 Recuperação das áreas degradadas (mata ciliar).
16 Melhoria do nível de conhecimento sobre meio ambiente e melhoria da qualidade ambiental de algumas áreas.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Se os guias de turismo pensam desta forma, foi questionado se eles participam como membro atuante em alguma das ONG's, As respostas apontam que uma minoria (16%) sim e que a maioria dos guias de turismo (84%), não. Para estes que não participam, foi solicitada a explanação de motivos e as justificativas geraram o Quadro 11 abaixo.

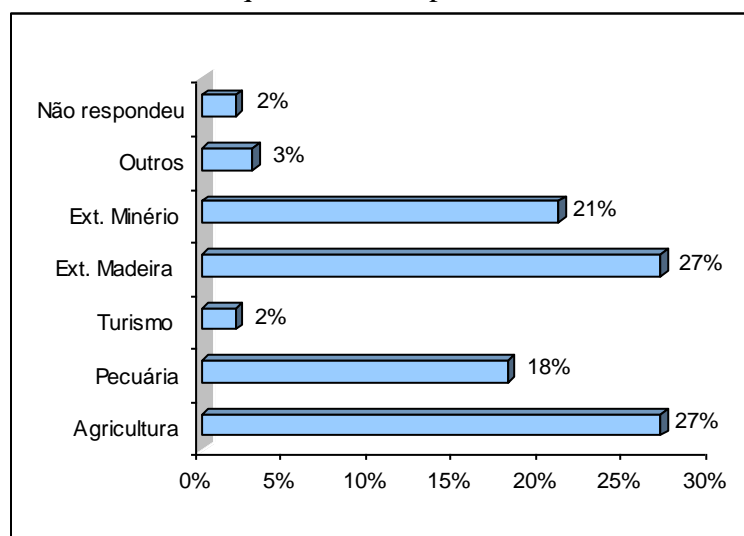
Quadro 11 - Por qual motivo não participa de uma ONG

01 Não diretamente, mas prestamos serviço de guia a elas.
02 Oportunidade.
03 Falta de convite.
04 Há um pouco de falta de informação.
05 Muuuita coisa.
06 Gosto de entrar de cabeça e hoje não me vejo com tempo.
07 Não tenho interesse.
08 Não conheço direito.
09 Por falta de convite.
10 Faltou convite mais convincente.
11 Nunca tive interesse, falta de tempo.
12 Sem tempo.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Os guias de turismo são formadores de opinião e detêm informações que a maioria da população local desconhece. Por este motivo, ao serem dadas opções para que eles marcassem qual a atividade econômica que ocasiona maior impacto indesejável para a conservação do rio Mimoso houve empate das opções, como mostra o gráfico 20.

Gráfico 20 - Guias de turismo: Atividades econômicas que causam Impactos no rio Mimoso



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

A agricultura e a extração de madeiras estão empatadas com 27% em cada uma das opções, como as atividades econômicas que mais causam danos ao rio Mimoso. Na sequência, a extração de minérios (21%), a pecuária (18%), o turismo (2%), não respondeu (2%) e outros (3%) que assinalaram esta opção, mas com os seguintes comentários: “Todas, sem manejo adequado” e “Qualquer uma sem o devido cuidado”.

Na questão, se há alguma ação que os atrativos turísticos poderiam fazer para melhorar o desempenho profissional da categoria, os guias responderam que sim (70%), não (18%) e não responderam (11%), e como sugestão:

Quadro 12 - Ações para melhorar o desempenho dos Guias de Turismo

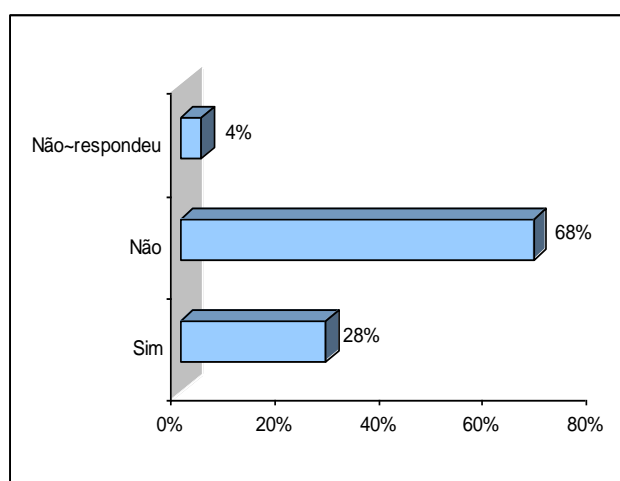
01 Manutenção da segurança nas trilhas.
02 Elaborar apostilas ou informativos atualizados do passeio.
03 Pesquisa com o <i>trade</i> .
04 Dinheiro, mas deve partir de iniciativa da classe

05 Valorizar mais o trabalho do guia, pagando melhor.
06 Ter amor pela natureza, não interferir nas cachoeiras mudando seu curso.
07 Não operar com o rio turvo e maior qualificação dos funcionários.
08 Cursos e palestras.
09 Respeito ao profissional.
10 Maior participação dos empresários, compromisso com o local.
11 Contribuindo na realização de cursos de línguas estrangeiras.
12 Sempre procurar estruturar para causar menos impacto.
13 Comissão real para guia.
14 Deve haver parceria sempre entre atrativo e guia de turismo.
15 Mais informações e profissionais.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Uma questão que se deve levar em consideração é o que os guias de turismo pensam sobre as instalações de infra-estrutura e equipamentos e sua interferência no ambiente natural do rio Mimoso e entorno. Para os 25 guias de turismo pesquisados, uma parcela de 68% dos guias acredita que não. Mas 28% dos guias assinalaram que sim, outros 4% não responderam.

Gráfico 21 - A infra-estrutura e os equipamentos do atrativo interferem no ambiente natural do rio Mimoso?



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Mas teve o comentário de dois guias de turismo que anotaram ao lado das opções as seguintes observações: “Mas é insignificante“ e “Mas com pouco impacto“. Isso mostra que as instalações do atrativo, atendem aos preceitos de se realizar a atividade do turismo, causando o mínimo impacto em ambientes naturais e mostra também a preocupação em

oferecer, por meio de suas ações, um pouco de educação ambiental.

Uma informação interessante e, que causa certo descontentamento na categoria, é sobre o credenciamento para desenvolver sua profissão nos atrativos turísticos. Observa-se que cada um dos atrativos existentes em Bonito tem sua política de credenciamento, que consiste basicamente em realizar um treinamento no passeio percorrendo o percurso várias vezes (é estipulado uma quantia 'x'), acompanhados por outros guias mais experientes ou ter seu desempenho avaliado pelo proprietário ou gerente durante a condução de um grupo, etc.

A Estância Mimosa fornece ainda, além do treinamento, uma apostila com os procedimentos de como deve ser o trabalho no atrativo, com informações sobre a fauna e flora encontrados dentro da propriedade, como proceder em situações de emergências, os pontos de onde estão localizados os equipamentos e materiais de primeiros-socorros, dentre outras informações importantes para o guia sobre o atrativo. Recentemente, o atrativo está começando a divulgar suas ações e demais informações aos guias de turismo pelo envio de *newsletters*.

Foi detectado no início da atividade turística na Estância Mimosa, pelos proprietários certa resistência dos guias em trabalharem no atrativo. Mas segundo o proprietário: “No início do passeio houve resistência de alguns guias de atuar no passeio, mas isso logo foi sanando, com o treinamento e amadurecimento do produto turístico, esse problema não existe mais há bastante tempo”. Sua opinião sobre a atuação dos guias em seu atrativo é: muito e pouco satisfatório, pois “O guia está em contato o tempo todo com o visitante, e, uma das maiores indicações de satisfação do visitante é a boa atuação do guia. Sabemos que alguns guias se destacam no seu trabalho e outros têm uma qualidade que deixa um pouco a desejar”. Essa informação é dada pelos próprios turistas ao preencherem o opinário existente, antes de deixarem o passeio.

Os turistas serão descritos no próximo item.

3.1.4 De olhos brilhantes... Os Turistas/Visitantes

Um aspecto importante a ser considerado é que um dos agentes sociais – os turistas/visitantes – são agentes flutuantes neste cenário. Os turistas são à base de todas as discussões sobre Turismo, pois muitas vezes são eles que “descobrem” ou “inventam” alguns destinos turísticos.

Em suas considerações sobre o assunto, Cruz (2007, p 14) considera que:

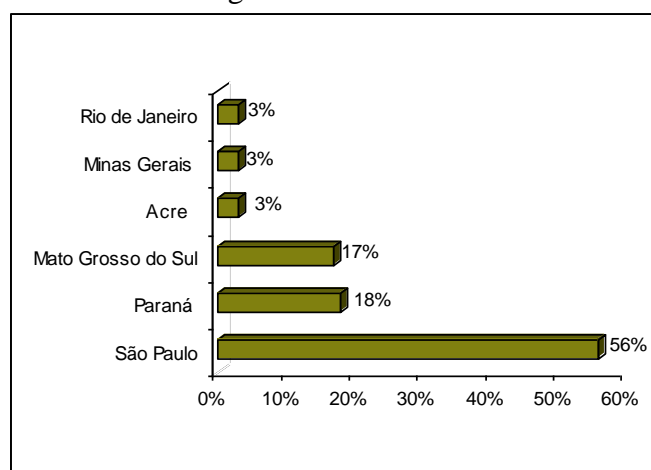
Não há turismo sem turistas, (...) Estado e mercado atuam no setor de turismo em função da existência de consumidores-turistas e eles mesmos, turistas, têm sido responsáveis, ao longo da história, pela invenção de muitos destinos turísticos e, conseqüentemente, pela deflagração de novas dinâmicas nos processos de produção do espaço dos lugares dos quais se apropriam.

Estes agentes sociais se caracterizam pelas mais diversas motivações e para que se desenvolva um turismo de qualidade e se possam prestar bons serviços, é necessário ter conhecimento da demanda e do perfil destes turistas que visitam os sítios turísticos do rio Mimoso.

Saber de onde vêm estes turistas, quais as expectativas em relação aos passeios que optaram em fazer, se teve alguma referência ou indicação de pessoas conhecidas, se foram influenciadas na decisão de se fazer o passeio e, ainda a motivação destas pessoas, são fatores importantes para serem analisados, no que concerne a importância que elas dão ao seu momento de lazer para refletirem sobre os seus atos perante a natureza. Foram entrevistados 30 visitantes do sítio turístico Estância Mimoso Ecoturismo entre 27/12/2007 a 04/08/2008.

Nesta pesquisa, dos 30 visitantes pesquisados e que se encontravam no passeio eram oriundos das mais diversas cidades espalhados pelos estados do país, como se pode analisar no gráfico 22, abaixo:

Gráfico 22 - Origem dos turistas da Estância Mimoso



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Percebe-se no gráfico acima, que São Paulo é o estado de onde a demanda de turistas é maior (56%), seguida por Paraná (18%), Mato Grosso do Sul (17%), Acre, Minas Gerais e

Rio de Janeiro com 3% cada estado. Teve ainda um turista estrangeiro que participou da pesquisa, natural de Madrid, na Espanha (3%).

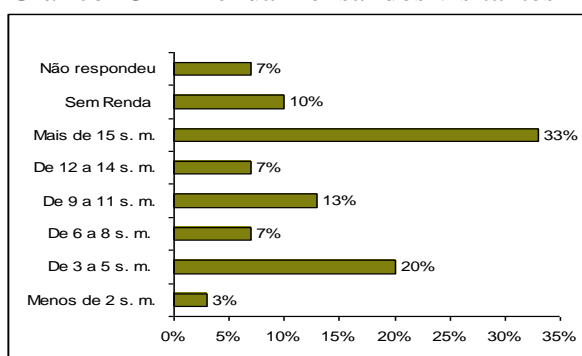
Pela análise do estado civil dos visitantes com o alto índice de pessoas casadas (67%) comparando aos de solteiros (30%) e viúvos (3%) é que estas pessoas estavam viajando em grupos, visto que no questionário havia logo no início um campo para que fosse marcado o número de pessoas que representavam cada questionário e ao final da aplicação, totalizou 73.

Quanto ao gênero dos entrevistados, apresentou um equilíbrio entre o masculino (53%) e o feminino (47%) que mais tem viajado para esta localidade, reforçando a análise anterior de estarem fazendo turismo em grupos.

Com relação à idade das pessoas que visitaram o atrativo localizado às margens do rio Mimoso, observa-se que a faixa etária varia de 16 a 65 anos, e que 24% das pessoas entrevistadas tinham entre 46 a 50 anos, considerados pela sociedade, a camada mais estabilizada financeiramente. Em seguida, encontra-se 34% das pessoas entre 26 a 35 anos, estas pessoas são consideradas a camada economicamente ativa, mas ainda sem estabilidade. Entre as faixas etárias de 41 a 45 anos e 51 a 55 anos têm um percentual de 10% cada, com 6% os mais jovens visitantes entre menos de 16 e 20 anos e 3% dos mais velhos entre 56 e 60 anos.

Com relação a este item, pode-se verificar que a renda mensal (Gráfico 23) de 33% dos entrevistados que são economicamente ativos recebem mais de 15 salários mínimos, por serem pessoas que já possuem certa autonomia e um razoável tempo de carreira profissional. Podem com isso, usufruir dos equipamentos e serviços turísticos em seu tempo de lazer.

Gráfico 23 - A renda mensal dos visitantes



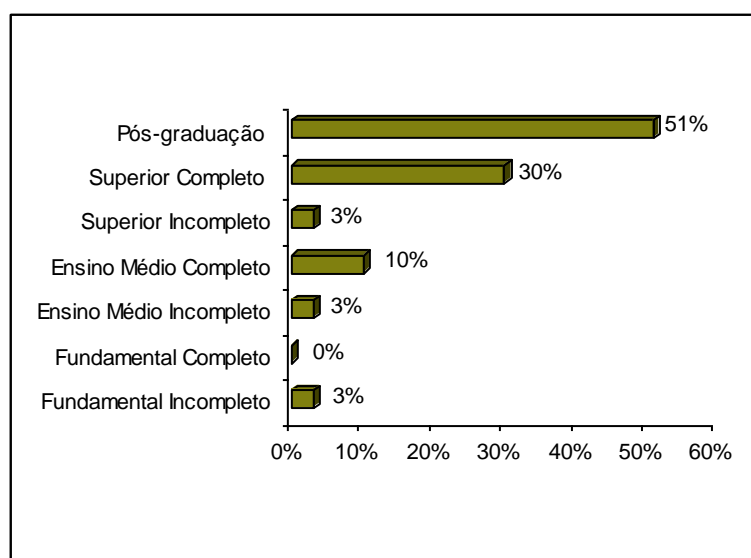
Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Ainda referindo-se a renda dos entrevistados, o que se pode mencionar é a questão financeira ainda é um tabu entre as pessoas, prova disso, é os 7% de abstinência nas respostas; 20% dos entrevistados recebem de 3 a 5 salários e outros 13% recebem de 9 a 11 salários

mínimos. Porém, registra-se que 10% dos entrevistados que não têm renda, neste caso podem se enquadrar na parcela de entrevistados que são estudantes que ainda são dependentes dos pais. Os demais entrevistados declaram receber de 6 a 8 s. m. (7%), de 12 a 14 s. m. (7%) e menos de 2 s. m. (3%).

Essas questões de renda dos entrevistados podem estar relacionadas com as informações como: escolaridade e a profissão. Quanto à escolaridade dos visitantes (Gráfico 24), pode-se notar que somente 3% possuem o ensino fundamental incompleto e o fundamental completo (0%).

Gráfico 24 - Nível de escolaridade dos visitantes



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

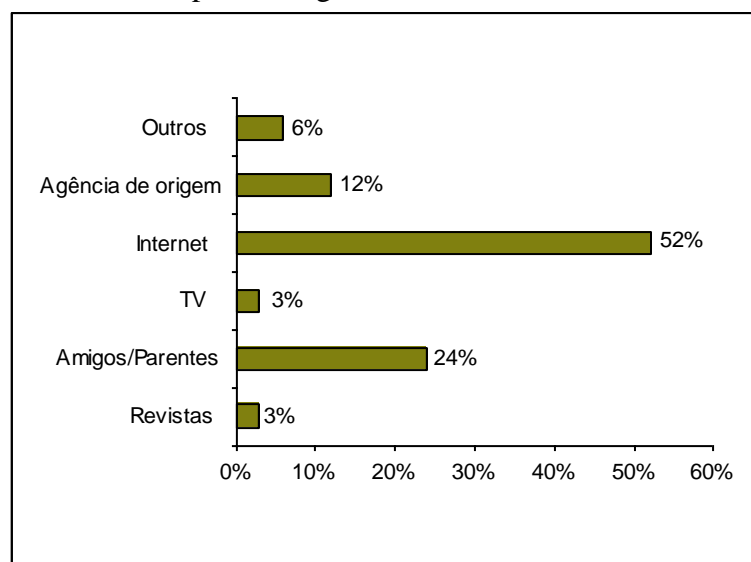
Dentre os entrevistados, 51% já fizeram pós-graduação, isso vem comprovar que são pessoas esclarecidas, possuindo discernimento e conhecimento acima da média e, portanto, são pessoas formadoras de opinião; 30% dos entrevistados já completaram o curso de graduação, enquanto que 3% dos entrevistados possuem o curso superior incompleto; 10% completaram o ensino médio enquanto que 3% possuem o ensino médio incompleto.

Com relação à profissão dos entrevistados, este se apresenta de acordo com o alto nível de escolaridade que poderá ser observar o seguinte: Servidor Público Federal (01), Pedagoga (01), Promotor de Justiça (01), Analista de Sistema (01), Publicitário (01), Professor (05), Engenheiro Elétrico (01), Engenheiro (01), Empresário (02), Médica (02), Turismóloga (01), Estudantes (02), Do lar (01), Enfermeiro (01), Comerciante (03), Advogada (01), Coordenador de Marketing (01), Bancário (01), Nutróloga (01), Militar do Exército (01), Engenheiro Agrônomo (01).

Normalmente, as pessoas quando vão realizar alguma viagem de turismo, elas idealizam o que pretende fazer com seu tempo livre e as atividades de lazer que querem praticar. Neste sentido, com o auxílio de alguns instrumentos, as pessoas já visualizam o que irão fazer e idealizam suas ações. Assim, foi constatado que 77% dos pesquisados realizaram pesquisa exploratória e outras não fizeram isso (20%). Outras não responderam a questão (3%).

As pessoas fazem uso de alguns instrumentos, que ajudam a decidir o roteiro de atrações que ele tem de optar. Os entrevistados fizeram à pesquisa da seguinte maneira (Gráfico 25):

Gráfico 25 - Os meios utilizados para efetuar a pesquisa para a viagem



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Entre os visitantes pesquisados, 52% foram pela Internet; logo em seguida com 24% foi através de amigos e/ou parentes; 12% através da agência de origem, e 10% através de matérias em revistas especializadas. Pode-se notar que a imagem de Bonito se fortalece e se propaga através da mídia, e a rede mundial de computadores que é onde as pessoas buscam por mais conhecimento e também por ser uma mídia que dá mais detalhes nas informações e podem ter livre acesso, no momento em que precisarem.

Analisando os dados acima, pode-se dizer que os entrevistados se sentiram esclarecidos através da pesquisa que realizaram por meio virtual e o que e o que encontraram atendeu (94%) a expectativa e somente para 3% não foi correspondido, sendo que 3% que não respondeu a questão. Mas deixaram alguns comentários:

Quadro 13 - Expectativa superada dos visitantes

01 Pela recepção e atendimento, bem como pela natureza.
02 Por absolutamente tudo.
03 Contato com a natureza foi pleno.
04 Porque eu adoro a natureza.
05 Pela beleza do lugar e pela atenção dispensada.
06 A organização e a conservação.
07 Muitas belezas.
08 Era exatamente o que esperava.
09 Porque mudei a percepção que tinha da natureza preservada.
10 Era o que o guia falava.
11 É um lugar muito organizado e com uma riqueza da vegetação.
12 A estrada é péssima, faltam pontos de apoio, tem muitos pernilongos.
13 Atendimento ótimo e condições do estabelecimento.
14 É um ambiente conservado e agradável para o lazer e contato com a natureza.
15 Tudo que foi informado foi real, e mais que o esperado.
16 Organização, atrativos, local, atendimento.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Aos entrevistados que tiveram dúvidas, observa-se que estas foram sanadas pela colaboração de parentes e/ou amigos (25%), e que os materiais de divulgação colaboraram com 30%, daí se vê a importância de um bom material de divulgação dos atrativos para atrair visitantes. O agente local auxiliou na decisão de 21% dos entrevistados, sendo que 13% tiveram recomendações de outros turistas, o que vem a confirmar que a melhor propaganda para a atividade turística é o boca-a-boca.

Com relação à opinião dos entrevistados, quanto à conservação ambiental do passeio, estes responderam que consideraram excelentes (43%), enquanto 48%, quase a metade dos entrevistados, responderam que era ótima e 3% ponderaram que a conservação era boa e regular (3%).

Para que os visitantes tenham acesso ao banho de cachoeiras no rio Mimoso, eles precisam percorrer uma trilha na mata ciliar. Sobre estas trilhas, a opinião dos turistas é a seguinte, quanto à sinalização (Quadro 14) existente para orientação dos visitantes, 73% consideraram ótimas, para 24% eram boas e 3% apontaram as sinalizações como regulares.

Uma trilha, além de ter que apresentar boa sinalização aos visitantes precisam

também oferecer segurança. Este é um requisito importante até para que o sítio turístico seja aprovado pela vistoria de fiscalização realizada pelos órgãos competentes. Por isso, foi importante verificar a opinião dos visitantes quanto a segurança das trilhas que percorreram, no quadro 14, abaixo: 64% responderam ótimo, 32% considerou boa e uma parcela de 4% respondeu que a segurança da trilha é regular. Os mesmos percentuais são apresentados quanto à conservação da trilha.

Quadro 14 - A trilha de Estância Mimosa quanto à:

	Ótimo	Bom	Regular	Péssimo
Sinalização	73%	24%	3%	0%
Segurança	64%	32%	4%	0%
Conservação	64%	32%	4%	0%

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Ao ser questionado sobre a importância dos guias para a atividade do turismo em Bonito, a porcentagem foi de 94% que responderam que sim. Enquanto, os 3% restantes não acreditam na importância do guia de turismo alegando: “não soube fornecer as informações”. Ocorreu que ainda outros fizeram os seguintes comentários:

Quadro 15 - Importância dos Guias de Turismo para os turistas

01 Transmite segurança e grande conhecimento do local.
02 Fundamental as informações dadas pelo guia.
03 Pelo conhecimento.
04 Conhece bem as regras e tem motivação.
05 Competência e integração com o meio ambiente.
06 Porque ele nos tira todas as dúvidas.
07 De certa forma ele colabora com fiscalização e manutenção do local.
08 Informação, segurança e preservação.
09 Para melhor informar os turistas.
10 Por passar segurança.
11 Porque nos dá informações importantes.
12 Aproveitar melhor o passeio com segurança e informações adicionais.
13 O guia não soube fornecer informações.
14 Explicação clara e objetiva dos atrativos.
15 É uma referência para o ecoturista, dando a orientação necessária, aumentando a confiança e a segurança do visitante.

16 Para informar os turistas mais sobre o local.
--

17 Por conhecer os detalhes do local.

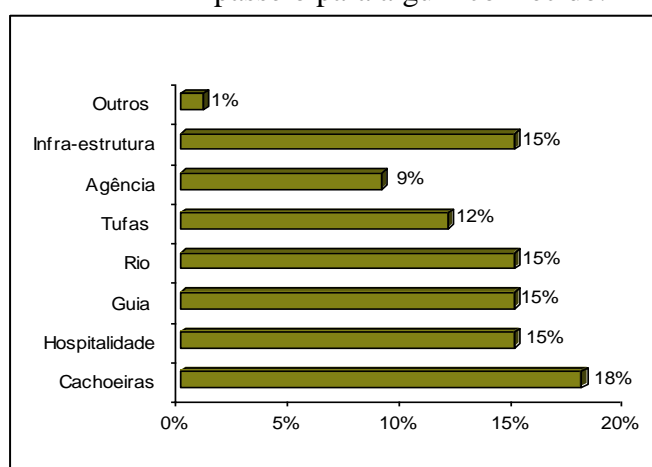
18 Porque sem ele eu me perderia.

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

Na questão, se os guias de turismo colaboraram para a satisfação dos visitantes, eles responderam sempre (37%), na maioria das vezes (17%), nenhuma das vezes (3%) e não responderam a questão (43%). Sobre o nível de conhecimento dos guias de turismo, a maioria dos visitantes foi categórica em afirmar que sim (54%) e não (3%). Mas para a pesquisa, o alto índice de turistas, 43% que não responderam, foi prejudicado nestes dois quesitos.

Ao serem inquiridos se o valor pago pelo passeio foi condizente com o que foi oferecido a ele, visitante, teve-se um porcentual alto dizendo que sim (70%), enquanto disseram ter sido razoável (27%) e somente 3% não responderam, demonstrando com isso certa insatisfação que pode ser deduzida em algumas das questões com aspectos que não foi do agrado do visitante. Entre eles: a questão da sinalização, a questão da condição da água das cachoeiras, segurança e conservação das trilhas e pelo estado precário da estrada de acesso aos sítios pode ser considerada aspectos determinantes nesta resposta. Com isso, foi questionado aos visitantes se eles recomendariam o passeio para algum conhecido. As respostas obtidas foram sim (94%), não (3%) e não responderam (3%). Quanto aos motivos apresentados para a recomendação às pessoas conhecidas, observe o gráfico:

Gráfico 26 - Motivos para a recomendação do passeio para algum conhecido.



Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

A análise mostra que por pouca diferença as cachoeiras (18%) seria o motivo para os visitantes; para cada um dos itens como hospitalidade, guia de turismo, rio Mimoso e infraestrutura (15% para cada um); as tufas calcárias (12%); as agências de turismo local (9%) e outros (1%).

Os visitantes, ao serem argüidos se voltariam a este mesmo passeio, percebe-se que apesar deles dizerem que sim (87%), não (10%) e não responderam (3%). Entretanto, algumas das respostas surpreenderam:

Quadro 16 - Se o visitante voltaria ao passeio

01 Está visto, quero conhecer outras maravilhas.
02 Para fazer tudo de novo, nadar nos rios e cachoeiras, trilhas, etc...
03 Foi uma ótima experiência.
04 Para aproveitar mais os banhos.
05 Por ser muito interessante o processo de formação das cachoeiras.
06 Traria alguém para conhecer.
07 Porque a água é gelada.
08 Gostei de tudo.
09 Beleza natural.
10 É muito bonito.
11 Porque vale estar sempre em contato com a natureza.
12 É lindo.
13 Porque é impressionante a paisagem e conservação do local.
14 Pela deficiência das trilhas, pela falta de ponto de apoio em momentos de chuvas, pela ausência de guia que possa auxiliar o turista quando não está disposto a prosseguir e deseja retornar, o que não foi permitido. Entendo também que não cabe ao guia dirigir-se aos turistas com os mesmos apelidos familiares pelos quais são chamados, em tom de ironia. Nos referimos ao guia: "...”!!
15 Hospitalidade, serviço em geral e valor.
16 Foi muito interessante, agradável e informativo. Ótimo passeio para lazer e conhecimento.
17 Pela beleza e a importância da natureza, e sua preservação.
18 Porque tanto a infra-estrutura do local, quanto a beleza dele superaram as minhas expectativas!!

Fonte: Levantamento de campo e organização Feliciano, 2008.

As agências de viagens e Turismo exercem um papel fundamental no mercado turístico de Bonito que consiste em mediar a comunicação entre os turistas e operadoras de

turismo com os sítios turísticos e ainda, na contratação de guias, traslado, hospedagens, etc, serviços que os turistas têm liberdade de optarem por estes últimos serviços. Porém, é obrigatório que os turistas tenham que contratar os serviços das agências para o agendamento do passeio nos sítios isso pede que os atendentes tenham ótimo relacionamento social, não apenas com os turistas, mas com todos os outros agentes sociais da cadeia produtiva. Para a questão que indaga ao visitante se a prestação de serviços da agência local, quanto às informações sobre o passeio foram claras e indispensáveis, 94% das pessoas respondeu que sim, as informações foram precisas, 3% declararam imprecisas e não responderam (3%). A maioria dos visitantes declarou também que 50% dos atendentes das agências de turismo local mostraram-se preocupados com o bem-estar dos visitantes quando indicaram a Estância Mimosa, disseram não (7%) e para bloquear a análise desta questão, 43% dos visitantes não responderam a esta pergunta.

Assim, o conhecimento de características de cada agente social que compõem esta pesquisa e sua atuação profissional no território do alto curso do rio Mimoso, pontuando algumas considerações uns sobre os outros, foram determinantes para diagnosticar a rede das relações sociais existente entre eles.

CONSIDERANDO AS TERRITORIALIDADES... AFINAL, O PODER NAS MÃOS DE QUEM?

A realização de um estudo científico implica em uma diversidade de entendimentos, ainda mais quando se pretende abordar temas como recursos naturais e o desenvolvimento de atividades econômicas (como a pecuária e a agricultura) que, tradicionalmente, fazem parte da cadeia produtiva. Neste discurso, o almejado desenvolvimento para a localidade é a principal motivação. Entretanto, cabe destacar a disputa de força e poder dentro deste território, com distintas finalidades e variáveis, ocasionadas pelas relações sociais existentes entre os agentes desta pesquisa.

Yves Lacoste, em sua obra intitulada: “A Geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra”, traz uma discussão sobre a importância da geografia na organização espacial que, em tempos remotos, era utilizada para a dominação de novas terras, subjugando os povos derrotados e, conseqüentemente, dando poder aos que saíam vitoriosos destes conflitos. Assim, observa-se que quem dominava predominantemente era aquele grupo que detivesse mais informações em seu poder.

Ainda para Lacoste (1988 p. 171), o pesquisador em Geografia deve perceber que está numa situação contraditória, em relação a outros homens:

O problema não está somente entre o pesquisador e o poder, mas entre o pesquisador, o poder e aqueles que vivem no espaço ao qual se refere à pesquisa, isto é, os homens e as mulheres que são, como se diz, “objetos” de estudo. A Geografia deve estar bem consciente de que, analisando espaços, ela fornece ao poder informações que permitem agir sobre os homens que vivem nesses espaços.

Quanto maior for o valor científico da análise, quem estiver no poder terá informações valiosas que lhe permitirá agir de forma eficaz sobre o grupo estudado. É preciso perceber que *o pesquisador é um agente de informações* (grifo da autora), a serviço do poder e de que nada adiantará se dizer revolucionário ou ter preocupações moralistas, que não mudará nada, a sua condição. Necessário ainda se faz reforçar que a geografia é um saber estratégico e “que um saber estratégico é perigoso” (LACOSTE, 1988 p. 172).

Assim, cada um, homens e mulheres, devem possuir uma relativa coerência e consciência da sua maior ou menor autonomia social e espacial, no seio das transformações sociais. Revelados os resultados de uma pesquisa da qual decidiu participar, com

conhecimento de causa, estes são de uma extrema riqueza, tanto do ponto de vista propriamente científico, como no plano cultural e político (LACOSTE, 1988 p.178-179).

Como já visto anteriormente, o espaço ocupado por um grupo social transforma-se no território, que segundo Souza (1995 p. 78) “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” e as ações sociais dos grupos que atuam neste território “[...] se define a partir de dois ingredientes, o espaço e o poder” (SOUZA, 1995 p. 106). Pode-se ainda perceber que as relações sociais entre os agentes e poder emanado pelos diferentes grupos configuram-se como as territorialidades.

Na medida em que a Geografia estuda o espaço, constituído pelas formas naturais e aquelas criadas pelo trabalho humano, em conjunto com as relações que ocorrem na vida em sociedade e em constante transformação é que surgem os conflitos e disputa de poder, relações estas denominadas territorialidades.

Para Raffestin (1993 p. 158-163) a territorialidade adquire um valor bem particular. Isto se reflete num sistema tridimensional sociedade = espaço = tempo compatibilizando com os recursos do sistema. Com isso, as múltiplas dimensões do espaço vivido no território pelos membros de uma coletividade podem ser projetadas no espaço, podendo ocorrer de forma estável ou instável, ter uma existência regular ou periódica e ainda ser permanente, tornando-se uma rede complexa. A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; tudo reside na relação concebida como processo de troca e/ou comunicação. Contudo, não é possível ter uma compreensão dessa territorialidade se não considerar aquilo que os compõem, os territórios em que ela se desenvolve.

A territorialidade nada mais é do que exercer domínio, efetuar ações e/ou estratégias realizadas por agentes dentro do território; é estar ligado às manifestações, que nesta pesquisa se limitaram ao alto curso do rio Mimoso e aos agentes sociais que se relacionam neste território, demonstrando seu poder de ação.

A atividade do turismo e a ação de cada agente social concorrem no processo de formação de cada território, para e por seu uso, bem como a formação sócio-espacial precedente à sua existência (neste caso a presença dos proprietários rurais que já se encontravam em seu território e alteraram a função social de suas propriedades para uma nova territorialidade – o turismo). Assim, estas propriedades, antes destinadas à agropecuária sofrem mudanças significativas para atender um novo grupo social (os visitantes), com disponibilidade de tempo e recursos financeiros para o lazer da sociedade atual, para usufruírem de algo diferente de seu cotidiano. A alteração foi a valorização da paisagem, que passou a ter valor e a ser um produto da atividade turística. Em outras palavras, passou a ter

um valor mercadológico, que a oligarquia rural de Bonito vislumbrou para aumentar seu capital.

O processo de transformação do espaço em Bonito para um território turístico ocasionou a readequação desse ambiente à sua nova funcionalidade, já que a força do turismo se dá pela sua capacidade de criar, de transformar e valorizar espaços não tinham valor tão alto no mercado anteriormente, e eram consideradas áreas adormecidas e não rentáveis para as atividades convencionais da propriedade.

Assim, para atender as necessidades inerentes do turismo, alguns proprietários rurais que possuíam áreas de domínio com potencialidades, reestruturaram suas propriedades e se organizaram para ser um grupo coeso, com representatividade, culminando com a criação da ATRATUR.

Considerando a atuação em rede da atividade turística, os donos de atrativos precisam de intermediários que façam a venda do seu produto aos visitantes - os agentes de turismo, aqueles que têm nas mãos a 'força' de 'levantar' ou 'derrubar' um sítio turístico. A organização destes profissionais também ocorre fundamentalmente através da formalização de uma associação, a ABAETUR. Ainda considerando esta atuação em rede do turismo, destaca-se a atuação dos guias de turismo que, quando se vêem vulneráveis, podem 'empatar' tanto uma agência quanto um atrativo. Deste agente, dependem tanto atrativos quanto agências para sua manutenção no mercado.

Não se pode omitir a responsabilidade das instituições que têm por finalidade fornecer infra-estrutura para as empresas e para os homens para o desenvolvimento de suas atividades. Neste sentido, a atuação do Estado é imprescindível. E, por fim, os visitantes, que carecem de interação com todos os demais agentes para a satisfação de suas necessidades, seja para a compra do produto, seja através de contato da natureza ou pela utilização de equipamentos necessários para a efetuação dos passeios.

Todas as relações sociais precisam de um ponto de equilíbrio, onde não cabem conflitos e estão relacionados à qualidade dos produtos turísticos, que segundo Machín (2001, p 34 *apud* Araújo, 2006 p. 206), deve:

Oferecer ao consumidor um conjunto de utilidades funcionais e psicológicas, sendo que as primeiras satisfazem as necessidades básicas e as segundas as necessidades relacionadas ao valor simbólico concedido pelo turista ao lugar ou atividade elegida e ao valor social frente a grupos de referência.

Pôde-se constatar a necessidade de maiores esclarecimentos sobre o desenvolvimento da atividade turística para os agentes envolvidos nesta pesquisa. Desta forma, será possível

equilibrar ações que componham o baldrame do tripé entre a utilização, a fiscalização e a devida correção de atitudes relacionadas ao bom desempenho profissional, visando à conservação do rio Mimoso. Tais considerações, neste caso, devem-se à rotina diária mantida por esses agentes sociais, que acabam adquirindo alguns vícios e não os percebem, prejudicando sobremaneira a prestação de serviços e, conseqüentemente, afetando toda a rede onde estão inseridos.

Nesse sentido, observa-se que os conflitos entre os agentes sociais pesquisados que se relacionam com a atividade do turismo no alto curso do rio Mimoso em Bonito/MS são visíveis, relevantes, mas pouco prioritários nas demandas diárias destes agentes. Existe um outro agente social que não foi abordado neste trabalho – o condutor de transporte para turistas – a qual possui um contato direto com os turistas e que causa muitos conflitos com guias de turismo e atendentes das agências, pois alguns condutores chegam a opinar e até mesmo interferir diretamente nos roteiros dos turistas em Bonito/MS.

Outro conflito envolvendo os agentes sociais foi percebido, mais claramente, nos últimos tempos, coincidindo com a queda na quantidade de demanda dos turistas na cidade que é o relacionamento pessoal entre guias de turismo com as atendentes de agências.²² O relacionamento interfere no agendamento do (a) “guia namorado (a)” (grifo da autora) para acompanhamento de grupos que oferecem mais vantagens, em detrimento de outros guias de turismo. Ao final de um mês de trabalho, o (a) “guia namorado (a)” terá tido mais trabalho que os demais guias da cidade.

Outra observação diz respeito à questão de pagamento dos serviços prestados entre guias e agências de turismo, que já chegou ao conhecimento público, como se pode notar no comentário feito por um empresário:

*“Está ocorrendo uma evasão de guias de turismo na cidade, devido à falta de pagamento, pois as agências não estão repassando o dinheiro do turista. Com isso, os guias estão deixando de atuar como autônomos e estão tornando-se funcionários de atrativos. Já que muitos estão começando a atender exclusivamente o atrativo. E se a agência não paga um guia, os demais começam a boicotar a agência e sem eles a agência compromete seu desempenho”.*²³

Este, talvez, tenha sido o motivo pelos quais diversos guias de turismo formados na região tenham deixado a cidade e foram em busca de novas oportunidades profissionais em

²² Informações adquiridas com Guias de Turismo, em conversas informais no levantamento de campo realizado em Bonito/MS.

²³ Informação adquirida no comércio local, durante o levantamento de campo realizado em Bonito/MS.

outras localidades. Nesse caso, não é só o guia de turismo que deixa de ganhar. Registra-se, como exemplo, que o turista, ao procurar uma agência para adquirir seus passeios, efetua o pagamento dos mesmos. Na seqüência, a agência deveria repassar proporcionalmente para os guias de turismo e também para os atrativos os respectivos valores devidos. Quando esse repasse não ocorre, há uma quebra no elo da corrente financeira e econômica da cadeia produtiva. Este é um dos mais agravantes conflitos e o mais corriqueiro entre os proprietários de atrativos, agências locais e guias de turismo.

Outro problema existente, neste caso entre proprietário de atrativos e agentes, diz respeito ao credenciamento das agências de turismo. Para que possam comercializar o produto turístico de determinadas propriedades, as agências locais devem seguir as políticas e as normas criadas em cada atrativo, o que nem sempre ocorre.

Os conflitos entre guias de turismo e proprietários de atrativos vão além da forma de (re) credenciamento. Como exemplo, cita-se a insatisfação de alguns guias, que se sentem desfavorecidos, por certos “privilégios” concedidos a outros guias. Já para os atrativos, alguns guias não possuem o perfil adequado e isto acarreta no conjunto final, como consequência, na queda da qualidade de prestação de serviços ao turista.

Para minimizar alguns destes conflitos, recomendam-se:

- ✓ Aos Guias de Turismo:
 - buscar mais informações junto às ONG's, com responsabilidade sócio-ambiental, do município, que criam produtos artesanais (reutilizando e reciclando materiais) e que carecem de maior divulgação desses benefícios entre os turistas;
 - procurar engajamento nas causas ambientais, pois a conservação dos recursos naturais é a garantia de mercado de trabalho;
 - apoiar a criação de cursos para capacitação e aprimoramentos da categoria;
 - diferenciar relacionamentos pessoais e recursos humanos, ou seja, separar o pessoal do profissional;
 - colaborar com a equipe dos atrativos no atendimento aos visitantes;
 - buscar aperfeiçoamento contínuo e profissional, de forma a contribuir com a qualidade na prestação de serviços turísticos;
 - preparar-se para trabalhar com outros elementos da paisagem, mesmo em período de estiagem, valorizando os recursos florísticos, faunísticos e geológicos que ocorrem na região.

- ✓ Aos Proprietários da Estância Mimosa:
- disponibilizar um *link* em sua *homepage*, demonstrando sua preocupação com a comunidade e os recursos naturais, intitulado “Nossa Responsabilidade Sócio-Ambiental”, disponibilizando informações a um público diferenciado (turistas potenciais, formadores de opinião, pesquisadores e demais interessados em causas sócio-ambientais). Reforça-se que na atualidade esse item possui grande significância no momento na decisão de compra e que estas ações já existem; carecem apenas de divulgação;
 - orientar e sensibilizar a equipe de funcionários a armazenar, em suas próprias residências, embalagens de papelão (tamanhos variados) para ajudar no fornecimento de embalagens para os artesanatos vendidos na loja, reforçando que este procedimento, além de prática ecologicamente correta, auxilia sobremaneira no acúmulo de resíduos recicláveis e reutilizáveis produzidos pelo Atrativo;
 - expor no *banner* de divulgação ou de modo separado, a missão do atrativo, para que os visitantes e os demais agentes sociais conheçam o que norteia a gestão de empreendimento;
 - fazer a reedição das apostilas de atendentes de agências e de guias de turismo com as informações atualizadas;
 - promover reciclagens periódicas tanto com guias quanto com atendentes de agências de turismo;
 - realizar *Fam Tours* periódicos para o *trade*, devido à alta rotatividade de funcionários existente;
 - propor um tarifário diferenciado ao *trade* para ocasiões excepcionais, como por exemplo, estiagem;
 - orientar os atendentes de agências, sobre estas ocasiões excepcionais, na argumentação durante a venda do passeio, ressaltando a formação singular das cachoeiras, o conjunto dos demais elementos rurais (cozinha caipira, cavalgada, observação de aves);
 - adquirir mudas de espécies frutíferas regionais para guarnecer o pomar;
 - incentivar os guias de turismo a percorrerem toda a trilha, levantando outros elementos interpretativos, como a formação das tufas calcárias, as tipificações da paisagem, bem como o conjunto dos demais elementos rurais (cozinha caipira, cavalgada, observação de aves);
 - implantar um parque infantil com madeiras de reflorestamento, para atender às inúmeras crianças que acompanham seus pais nas viagens.

- ✓ Os Atendentes de Agências de Turismo sugere-se:
 - procurar identificar pormenores no perfil dos turistas e repassar ao setor de reserva do atrativo, para efetuarem um atendimento personalizado na busca de surpreender os turistas e fazer seu diferencial no atendimento;
 - saber diferenciar seus relacionamentos pessoais com os profissionais;
 - conhecer melhor os produtos ofertados aos turistas, se informando periodicamente, com os gerentes dos atrativos, as possíveis alterações;
 - procurar o aperfeiçoamento técnico periódico, para a atividade do turismo, através de cursos, palestras e encontros, atualizando-se sobre as perspectivas do mercado;
 - conhecer melhor as formações de tufas calcárias como argumentos para venda no período de estiagem.

- ✓ Aos Turistas recomenda-se:
 - ir para Bonito/MS, mais informado, sobre as regras existentes e as condições climáticas e naturais da região.

Espera-se que estas proposições possam contribuir para o equilíbrio das relações e minimizar alguns dos conflitos existentes na localidade, no que se refere ao turismo. A verdadeira base de produção da atividade turística está alicerçada nos recursos humanos, seu fator diferencial da qualificação, do planejamento, da parte operacional do produto turístico e das belezas naturais agregadas ao trabalho humano, sem os quais o produto turístico não existiria. Os agentes sociais devem ser conscientes sobre a sua participação e comprometidos com o desenvolvimento sustentável da atividade. A definição de papéis dentro desta estrutura turística é primordial para fazer de Bonito/MS um destino qualificado e valorizado.

Observa-se ainda que a atuação do empresariado pode ser fator determinante no sucesso de ações que promovem a conservação dos recursos hídricos, base para o desenvolvimento da atividade turística no alto curso do rio Mimoso, como as ações e projetos executados pelo IASB. Nesta pesquisa, foi possível constatar que a Estância Mimosa Ecoturismo é grande parceira no desenvolvimento das atividades desta Instituição.

O desenvolvimento de uma pesquisa científica é baseado em diversos fatores. Acredita-se que os objetivos propostos no início da pesquisa foram alcançados, pois se caracterizou a atuação dos diferentes agentes no território, a relação entre estes agentes, bem como as iniciativas que promovem a conservação do rio no alto curso do Mimoso. Dentre

algumas dificuldades encontradas na realização desta pesquisa, registra-se o atraso na devolutiva dos questionários encaminhados para turistas, atendentes e guias, além da interpretação equivocada de que esta pesquisa científica tratava-se de espionagem comercial. Estes fatos prejudicaram sobremaneira a análise dos dados de campo empregados, bem como a finalização do texto desta pesquisa.

Ao final, recomenda-se que algumas arestas necessitam ainda ser aparadas para o bem e o bom desenvolvimento e equilíbrio da atividade do turismo, visto que, mesmo com estes conflitos, Bonito-MS ainda é referenciada por algumas autoridades e/ou pesquisadores, como modelo no desenvolvimento sustentável do ecoturismo, apesar de que cada localidade deve levar em consideração as suas peculiaridades. Deve-se considerar que os agentes tenham consciência e sensibilidade para perceberem que um agente depende de outro, pois estes fazem parte de um sistema único e interligado, e que o poder está nas mãos de todos eles.

Pesquisas como essa precisa da colaboração de todos os agentes, pois visam contribuir para o desenvolvimento regional. Deste estudo, esta pesquisadora conclui, parafraseando Descartes, que se estes escritos valem alguma coisa, possam os que os tiverem utilizá-los do melhor modo que o entenderem.

REFERÊNCIAS

- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 14724 (Apresentação), 2005.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 10520 (Citações)2002.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6024 (Numeração Progressiva), 1989.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023 (Referências), 2002.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6028 (Resumo), 1990.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6027 (Sumário), 1989.
- ALMEIDA, N. P. *Segmentação do Turismo no Pantanal Brasileiro*. Campo Grande, UFMS, 2007.
- ALVES, G. A. e CUSTÓDIO, V. Pesquisa bibliográfica e fontes de dados. In: VENTURI, L. A. B. (org). *Praticando a Geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental*. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.
- ALVES, M. *Como escrever teses e monografias*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- ANA/GEF/PNUMA/OEA. Programa de Ações Estratégicas para o Gerenciamento Integrado do Pantanal e da Bacia do Alto Paraguai – Relatório Final. Brasília: TDA Desenho & Arte Ltda. 2004. 316p.
- ANDRADE, J. V. *Lazer – princípios, tipos e formas na vida e no trabalho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ANDRADE, M.C. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e o poder local. In: SANTOS, M., SOUZA, M. A. A. e SILVEIRA, M. L. (orgs.) *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec-ANPUR, 1998. p.213-220.
- ARAÚJO, A. P. C. *Pantanal: um espaço em transformação*. Tese de Doutorado em Geografia – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- AUGÉ, M. *Não-Lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papius, 1994.
- ÁVILA, V. F. *Sugestão de roteiro comentado para projeto de pesquisa*. Campo Grande: Ed. UCDB, 1996.
- AZEVEDO, I. B. *O Prazer da Produção Científica: diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos*. Piracicaba: Ed. Unimep, 1997.

BANDUCCI JÚNIOR, A. e MORETTI, E. C. (orgs.). *Qual Paraíso? Turismo e Ambiente em Bonito e no Pantanal*. Campo Grande: UFMS, 2001.

BARRETO, M. *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas: Papyrus, 2000.

BARTH, F. T. [et al]. *Modelos para gerenciamento e recursos hídricos*. São Paulo: Nobel: ABRH, 1987.

BATARCE, A. P. A. *Unidade de conservação e produção do espaço: o Parque Nacional da Serra da Bodoquena*. Dissertação de Mestrado. Dourados: UFMS/CPDO, 2004.

BEHR, M. V. *Serra da Bodoquena: história, cultura, natureza*. São Paulo: Editora Free. 1a ed., 2001.

BENEVIDES, I. P. Para uma Agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (org.) *Turismo Desenvolvimento Local*. São Paulo: HUCITEC, 2002 p. 23-40.

BENI, M. C. Planejamento estratégico e gestão local/regional do turismo. In: SEABRA, G. (org.) *Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2007 p.125-150.

_____. *Análise Estrutural do Turismo*. 7ª ed. São Paulo: SENAC. 2002.

BEZZON, L. C. Guia Prático de Monografias, Dissertações e Teses: elaboração e apresentação. Campinas, Alínea: 2005.

BISSOLI, M. A. A. *Planejamento turístico municipal com suporte em sistemas de informação*. São Paulo: Futura, 2002.

BOGGIANI, P. C. Ciência, meio ambiente e turismo em Bonito: a combinação que deu certo? In: BANDUCCI JÚNIOR, A. e MORETTI, E. C. (orgs.). *Qual Paraíso? Turismo e Ambiente em Bonito e no Pantanal*. Campo Grande: UFMS, 2001.

BOTELHO, R. G. M. Planejamento Ambiental em Microbacia Hidrológica. In: GUERRA, A. J. T.; SILVA, A. S. e BOTELHO, R. G. M. (orgs.) *Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. Brasília, 2004.

BRASIL. MMA/ANA/PNUMA/OEA. Gerência de Recursos Hídricos de Mato Grosso do Sul - SEMA/IMAP. *Bacia Hidrográfica do Rio Formoso: qualidade das águas*. Campo Grande. 2002

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, E., CARLOS, A. F. e CRUZ, R. C. A. (orgs.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 2002.

- CASASOLA, L. *Turismo e Ambiente*. São Paulo: Roca, 2003.
- CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto – os domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- CAVACO, C. Turismo Rural e Desenvolvimento Local. In: RODRIGUES, A. B. (org) *Turismo e Geografia; reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CLAVAL, P. *Espaço e poder*. Rio de Janeiro. Zahar, 1979.
- CORIOLOANO, L. N. M. T. Bases conceituais do desenvolvimento e do ecoturismo. In: QUEIROZ, O. T. M. M. (org.) *Turismo e ambiente: temas emergentes*. Campinas: Alínea, 2006.
- CORIOLOANO, L. N. M. T. e SILVA, S. B. M. *Turismo e Geografia – abordagens críticas*. Fortaleza. UECE, 2005.
- CORRÊA, R. L. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 1998.
- CRISTOFOLETTI, A. *Modelagem de Sistemas Ambientais*. São Paulo: Edgard Blucher, 1999.
- _____. *Geomorfologia*. São Paulo: Edgard Blücher, 1980.
- CRUZ, R. C. A. *Geografias do Turismo: de lugares e pseudo-lugares*. São Paulo: Roca, 2007.
- _____. *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____. *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Roca, 2001.
- CUNHA, S. B. Geomorfologia Fluvial. In: GUERRA, A. J. T. [et al.] *Geomorfologia: uma atualização de bases de conceitos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- CUNHA, L. H. e COELHO, M. C. N. Política e gestão ambiental. In: CUNHA, S. B. e GUERRA, A. J. T. (orgs.) *A questão ambiental: diferentes abordagens*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DENCKER, A. F. M. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo*. São Paulo: Futura, 1998.
- DIAS, J. *A região cárstica de Bonito, MS: uma proposta de zoneamento geoecológico a partir de unidades de paisagem*. Revista Ciência Geográfica: 15. Bauru, 1999.
- FORNARI NETO, E. *Dicionário prático de ecologia*. São Paulo: Aquariana, 2001.
- GRISI, B. M. *Glossário de Ecologia e Ciências Ambientais*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2000.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

IPLAN. Instituto de Estudos e Planejamento de Mato Grosso do Sul. Plano Regional de Desenvolvimento Sustentável da Região Sudoeste, 2002.

JORGE, F. N. e UEHARA, K. Águas de superfície. In: OLIVEIRA, A. M. S. e BRITO, S. N. A. *Geologia de engenharia*. São Paulo: Associação Brasileira de Geologia de Engenharia, 1998.

KNAFOU, R. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (org.). *Turismo e geografia*. São Paulo, Hucitec: 2001, p.62 – 74.

LACOSTE, Y. *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1998.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 1999.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *A cidade do capital*. Rio de Janeiro: DPA, 1999.

LUCHIARI, M. T. D. P. (org). *Textos Didáticos – Turismo e Meio Ambiente*. Vol. II, IFCH/UNICAMP. Nº 31 (2), 1997.

_____. Turismo e território: sustentabilidade para quem? In: BARRETTO, M. TAMANINI, E. (org.) *Redescobrimo a ecologia no turismo*. Caxias do Sul. Eudes, 2002.

MACHADO, L. O. et al. O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, T. C. M. (org). *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande, UFMS, 2005. p. 87 - 112

MARIANI, M. A. P. *Turismo e Meio Ambiente no Paraíso das Águas*. Campo Grande: UCDB, 2003.

MARTINS, C. I. D. Dinâmica do setor rural sul-matogrossense. In: MARQUES, H. R. e MARTÍN, J. C. (orgs.). *Territorialidade e o desenvolvimento sustentável*. Campo Grande: UCDB, 2003.

MARX, K. *O Capital – crítica da economia política*. Volume I. Livro Primeiro. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Trad. Régis Barbosa e Flávio R. Kothe).

MATO GROSSO DO SUL. *Macrozoneamento Geoambiental do Estado de Mato Grosso do Sul*. Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral e Fundação Instituto de Apoio ao Planejamento do Estado do Mato Grosso do Sul, 1989. 242p.

_____. *Atlas Multi-referencial do Estado do Mato Grosso do Sul*. Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral do Estado do Mato Grosso do Sul, 1990.

NICOLÁS, D. H. Tempo, espaço e apropriação social do território: rumo à fragmentação na numdialização? In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. e SILVEIRA, M. L. (orgs.) *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec-ANPUR, 1998. p.85-101.

OURIQUES, H. R. *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. Campinas: Alínea, 2005.

PCBAP. *Diagnóstico dos Meios Físico e Biótico*. Projeto Pantanal, Programa Nacional do Meio Ambiente, Brasília: PNMA, 1997.

PELLEGRINI, A. *Dicionário Enciclopédico de Ecologia e Turismo*. São Paulo: Manole, 2000.

PEREIRA, M. C. B. [et al]. *Bacia Hidrográfica do Rio Miranda: estado da arte*. Campo Grande: UCDB. 2004. 177p.

PIRES, J. S.; SANTOS, J. E. e DEL PRETTE, M. E. A Utilização do Conceito de Bacia Hidrográfica para a Conservação dos Recursos Naturais. In: SCHIAVETTI, A., & CAMARGO, A. F. M. *Conceitos de Bacias Hidrográficas: teorias e aplicações*. Org. Ilhéus: Editus. 2002. 293p.

PLANO DE ECODESENVOLVIMENTO: do entorno do Parque Nacional da Serra da Bodoquena. Fundação Neotropical do Brasil/ Probio/Mma/Cnpq/Gef/Banco Mundial – Bird. Campo Grande. 2002.

PLANO DE CONSERVAÇÃO DA BACIA DO ALTO PARAGUAI – PCBAP/Projeto Pantanal, Programa Nacional do Meio Ambiente. Brasília: PNMA, 1997 (TOMO V – Sócio-economia de Mato Grosso do Sul)

PROJETO DEMONSTRATIVO DE RECUPERAÇÃO DE MATAS CILIARES NO RIO MIMOSO. Instituto das Águas da Serra da Bodoquena/Programa Petrobrás. Bonito/MS, 2006.

RADAM-BRASIL, 1982.

RAFFESTIN, C. *Poe uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

REVISTA AGUAPÉ, Edição especial de Bonito, Mato Grosso do Sul, Ano VI, nº 10, Fevereiro de 2008.

REVISTA TURISMO - VISÃO E AÇÃO (Glossário). Curso de Mestrado e Hotelaria. Ano 2, nº 4. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2000.

RODRIGUES, A. B. Turismo local: oportunidades para inserção. In: RODRIGUES, A. B. (org.) *Turismo Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. (org). *Turismo e Ambiente – Reflexões e Propostas*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRIGUES, A. M. *Produção e consumo do e no espaço: problemática Ambiental Urbana*. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: RODRIGUES, A. B. (org.) *Turismo e Desenvolvimento local*. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRIGUES, C. e ADAMI, S. Técnicas fundamentais para o estudo de bacias hidrográficas. In: VENTURI, L. A. B. (org). *Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental*. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

RUSCHMANN, D. *Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas: Papirus, 1997.

SANTANA, S. L. Êxodo para as montanhas: a urbanização desenfreada. In: MURTA, S. M. e ALBANO, C.(orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Território Brasilis, 2002.

SANTOS, M. (org.). *Território e territórios*. Programa de Pós Graduação em Geografia. Uff/agb. Niterói, 2002.

_____. *Técnica espaço tempo – globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1992.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. *O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHIAVETTI, A.; SCHILLING, A. N. e OLIVEIRA, H. T. Caracterização sócio ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira, sul da Bahia, Brasil. In: SCHIAVETTI, A. e CAMARGO, A. F. M. *Conceitos de Bacias Hidrográficas: teorias e aplicações*. Org. Ilhéus: Editus. 2002. 293p.

SCREMIN-DIAS, E. *et al.*(org.). *Nos jardins submersos da Bodoquena: guia para identificação de plantas aquáticas de Bonito e região*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1999.

SEABRA, G. (org.) *Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2007.

SEABRA, L. *Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental*. São Paulo: Aleph, 2003.

SILVA, J. C. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: SILVA, M. A. R. (org.) *Território e Prostituição na Metrópole Carioca*. São João do Meriti: Ecomuseu Fluminense, 2002 p.16-56.

SILVA, M. G. L. *Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer*. São Paulo: Aleph, 2004.

SILVEIRA, M. A. T. Planejamento territorial e dinâmica local: bases para o turismo sustentável. In: RODRIGUES, A. B. (org.) *Turismo Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 1999 p. 87-98.

SOUZA, M. J. L. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: RODRIGUES, A. B. (org.) *Turismo Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 2002 p. 17-22.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de, GOMES, P.C.C. e CORRÊA, R. L. (orgs.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2000.

SWARBROOKE, J. *Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental*. São Paulo: Aleph, 2000.

TUNDISI, J. G. *A água no século XXI: enfrentando a escassez*. São Paulo: Rima, 2005.

URRY, J. *O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1996.

VARGAS, I. A. A gênese do turismo em Bonito. In: BANDUCCI, A. e MORETTI, E. C. *Qual paraíso? Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal*. São Paulo: Chronos: Campo Grande: UFMS, 2001.

_____. *Ecoturismo e desenvolvimento sustentável em Bonito – MS: elementos de análise para uma Educação Ambiental*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 1998.

WEBGRAFIA

ARRUDA, N.R., BATTASSINI, P. S. E MENEGUZZO, V. *As correlações entre o ecoturismo, as ONG's ambientalistas e o Desenvolvimento Local no território de Bonito*. In: http://www.ucdb.br/eventos/arquivos/UpFiles/362/file/Nelly_Rocha_de_Arruda.pdf, 2006. (Acesso em 29.Ago.2008).

BARBOSA, M. A. C.; ZAMBONI, R. A. *Formação de um 'Cluster' em torno do Turismo de Natureza Sustentável em Bonito – MS*. In: http://www.ipea.gov.br/pub/td/td_2000/td_772.pdf, 2000 (Acesso em 12.Abr.2008).

BOGGIANI, P. C.; Coimbra,A.M.; Gesicki,A.L.; Sial,A.N.; Ferreira,V.P.; Ribeiro,F.B.; Flexor,J.M. 1999. Tufas Calcárias da Serra da Bodoquena. In: Schobbenhaus,C.; Campos,D.A.; Queiroz,E.T.; Winge,M.; Berbert-Born,M. (Edit.) *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio034/sitio034.htm> (Acesso em 11.Mai.2007).

DEL PRETTE, M. E. *Gestão de Recursos Hídricos e Conflitos Sociais*. In: http://www.unb.br/ih/novo_portal/portal_geo/isie/revista/arquivos/volume5, 2002. (Acesso 25.Ago.2008).

DIAS, J. *Dos motivos da escolha de Bonito como área de estudo*. Capítulo I. In: <http://www.jailton.tripod.com/capitulo1.html>, 1999, 4p (Acesso em 29.Nov.2007).

GEF DO RIO FORMOSO – Diagnóstico sócio-ambiental da Bacia do Rio Formoso e Relatório do Diagnóstico Ambiental da Sub-Bacia do Rio Formoso. In: www.fcr.com.br/gefffromoso. (Acesso em 14.Mai.2007).

IASB – Instituto das Águas da Serra da Bodoquena, 2008. www.iasb.org.br (Acesso em 11.Jul.2008).

IBGE. Censo Demográfico 2000 – Resultados do Universo. In: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php>. (Acesso 08.Set.2007).

_____. Censo Demográfico 2007 – Resultados do Universo. In: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2007/inuverso.php>. (Acesso em 15.Set.2007).

MANÇO, D. G.; COELHO, E. F. Estudo de caso em Ecoturismo: Estância Mimosa, Bonito, MS,Brasil,2000. In: <http://www.cpap.embrapa.br/agencia/congresso/Socio/MANCO-022.pdf> (Acesso em 26.Mai.2008).

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria do Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul.
In: <http://www.sema.ms.gov.br/grh/Bacias.php> (Acesso em 12.Set.2008).

OURIQUES, E. *Território e Turismo: uma reflexão inicial*. In: <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/territorioturismo.html>. 2003. (Acesso em 25.Ago.2008).

PÁDUA, H. B. de; *Águas com dureza e alcalinidade elevada. Observações iniciais na Região de Bonito/MS.BR- registro de dados – 2001/2 – alguns conceitos e comportamentos ambientais* (parte 01); 64p., 2002 In: http://www.abrappesq.com.br/apostila_helcias.doc (Acesso em 31.Mar.2008).

SILVA, L. F. & WEISS, J. *Valoração Econômica de Benefícios Ambientais como Suporte a Formulação de Políticas Públicas: Um Estudo de Caso no Balneário Municipal de Bonito/MS*, 2000.http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/iv_en/mesa3/8.pdf (Acesso em 08.Jun.2008).

SINHOZINHO. http://www.bonitovirtual.com.br/cultura/folclore_sinhozinho.asp (Acesso em 12.Mai.2008).

VALADARES, M. *Projeto Ambiental de Bonito é apresentado no Rio Grande do Sul*. In: <http://www.gefrioformoso.org.br/noticias.php>. 2008 (Acesso em 23.Set.2008).

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA VISITANTES

Sítio turístico: _____ Data: _____ Pax: _____

1 Pessoal

1.1 Qual o local da sua residência permanente?(Cidade e U.F.) _____

1.2 Sexo: a () Masculino b () Feminino

1.3 Estado Civil: () Solteiro () Casado () Separado () Viúvo

1.4 Faixa etária:

a () Menos de 16 anos e () de 31 a 35 anos i () de 51 a 55 anos

b () de 16 a 20 anos f () de 36 a 40 anos j () de 56 a 60 anos

c () de 21 a 25 anos g () de 41 a 45 anos k () de 61 a 65 anos

d () de 26 a 30 anos h () de 46 a 50 anos l () mais de 66 anos

1.5 Escolaridade:

a () Fundamental incompleto e () Superior incompleto

b () Fundamental completo f () Superior completo

c () Ensino Médio incompleto g () Pós-graduação

d () Ensino Médio completo

1.6 Renda: a () menos de 2 s. m. e () de 12 a 14 s. m.

 b () de 3 a 5 s. m. f () mais de 15 s. m.

 c () de 6 a 8 s. m. g () Sem renda

 d () de 9 a 11 s. m.

1.7 Qual a sua profissão? _____

2 Atrativo

2.1 Você fez alguma pesquisa prévia, para a escolha deste atrativo?

a () Sim b () Não

2.2 A pesquisa foi através de:

a () Revistas c () Amigos/Parentes e () TV

c () Fidelidade de informações na agência g () Infra-estrutura da fazenda

d () O serviço do guia h () Outro: _____

2.14 Você voltaria neste atrativo? a () Sim b () Não Por que? _____

2.15 Este atrativo transmitiu à você alguma missão?

a () Não b () Sim, qual? _____

3 Guia de Turismo

3.1 Em sua opinião, os guias são profissionais bem informados sobre as peculiaridades do atrativo? a () Sim b () Não

3.2 Transmitem controle da situação e segurança?

a () Sim b () Não c () Outro _____

3.3 Em qual(is) momento(s) ele colaborou para a sua satisfação com este atrativo, no rio Mimoso?

a () Sempre b () Na maioria das vezes c () Poucas vezes d () Nunca

3.4 Contribuiu para que você conhecesse mais sobre a dinâmica ambiental do local?

a () Sim b () Não c () Sem opinião

3.5 Você acredita que a presença deste guia, seja importante para a atividade do turismo no local? a () Sim b () Não Por que? _____

4 Agente de Turismo Local

4.1 Como foi a prestação de serviços do agente local, quanto às informações sobre o passeio?

a () Precisas b () Imprecisas

4.2 Teve alguma informação que o agente de turismo deveria saber para informar ao passeio, para que este pudesse atendê-lo melhor? a () Não b () Sim

4.3 O agente de turismo preocupou-se com o seu bem-estar ao indicar este passeio?

a () Não b () Sim

4.4 O agente de turismo mostrou-se seguro e no controle da situação, durante o atendimento?

a () Sim b () Não

MUITO OBRIGADA!!

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA GUIAS DE TURISMO

1 Pessoal

- 1.1 Sexo: a () Masculino b ()Feminino
- 1.2 Faixa etária a () 20 a 24 anos e () 40 a 44 anos
 b () 25 a 29 anos f () 45 a 49 anos
 c () 30 a 34 anos g () acima de 50 anos
 d () 35 a 39 anos
- 1.3 Você é natural de Bonito/MS? a () Sim b () Não. Se NÃO, de onde
 você é?_____
- 1.4 A sua formação de guia, ocorreu em curso realizado em Bonito/MS?
 a () Sim b () Não Onde ?_____
- 1.5 Há quantos anos possui a formação de guia?
 a () menos de 02 anos c () 06 a 08 anos e () 12 a 14 anos
 b () 03 a 05 anos d () 09 a 11 anos f () mais de 15 anos
- 1.6 Além da profissão de guia de turismo, você possui outra formação?
 a () Sim. Qual?_____ b () Não
- 1.7 Para você, a atuação de ONG's na cidade, é importante?
 a () Sim b () Não Por quê?_____
- 1.8 Você participa de alguma ONG, no município?
 a () Sim:_____ b () Não. Se NÃO, por qual motivo?_____
- 1.9 Você percebeu algum resultado nas ações realizadas pelas ONG's?
 a () Não b () Sim. Qual(is)?_____

2 Atrativos

- 2.1 Como guia, há quanto tempo você atua nos sítios turísticos situados às margens do rio Mimoso? a () menos de 01 ano c () 02 a 05 anos e () 06 a 10 anos
 b () 11 a 15 anos d () mais de 16 anos

2.2 No decorrer desses anos, houve alguma alteração significativa no curso do rio Mimoso?

a () Não b () Sim Qual(is)? _____

2.3 Durante o tempo em que está trabalhando nesta área, o que você considera como alteração dos aspectos positivos, no rio Mimoso? _____

2.4 O que você considera como aspectos negativos?

2.5 As infra-estruturas e equipamentos dos atrativos localizados às margens do rio Mimoso, interferem no ambiente natural do rio e entorno?

a () Sim b () Não

2.6 Como guia, qual destes fatores influenciam satisfatoriamente para o seu desempenho profissional, nos sítios turísticos localizados no rio Mimoso?

a () Manutenção e segurança das trilhas

b () Contribuir para a formação ecológica dos visitantes

c () Retorno financeiro

d () Outros: _____

2.7 Qual a atividade econômica que pode ocasionar maior impacto negativo para a conservação do rio?

a () Agricultura

c () Pecuária

e () Turismo

b () Extração de madeira

d () Extração de Minérios

f () Outros: _____

2.8 A condição das estradas de acesso aos atrativos do rio Mimoso, é um aspecto que:

a () favorece a conservação da biodiversidade, pois dificulta o acesso em massa

b () prejudica o desenvolvimento econômico da micro-bacia

c () não impede que o desmatamento e a degradação do rio Mimoso ocorram

d () causa a entrada de sedimentos e altera a qualidade da água do rio

2.9 Tem alguma ação que os atrativos poderiam fazer para melhorar seu desempenho profissional? a () Não b () Sim: _____

2.10 Você sabe se os atrativos do rio Mimoso possuem alguma missão?

a () Sim b () Não

3. Turistas

3.1 Os atrativos possuem boa aceitação entre os turistas? a () Sim b () Não

3.2 O que mais desperta a atenção dos turistas nos atrativos?

- a () O rio c () A infra-estrutura e () A vegetação g () O atendimento
b () A fauna d () As quedas d'água f () A culinária local h () O guia

3.3 Como é o nível de satisfação dos turistas, quando volta dos passeios?

- a () Alto b () Médio c () Baixo

3.4 Qual a reclamação mais freqüente dos turistas?

- a () O clima h () Do serviço do guia
b () Da estrada i () Do atendimento na fazenda
c () A cor da água j () A escassez de chuva
d () Turbidez da água k () Má conservação da trilha
e () O valor cobrado l () Falta de infra-estrutura da fazenda
f () O excesso de chuva m () Falta de segurança no passeio
g () Outros: _____

4 Agentes

4.1 Em sua opinião, os agentes são profissionais bem informados sobre as peculiaridades dos atrativos? a () Sim b () Não

4.2 Transmitem controle da situação e segurança? a () Sim b () Não

4.3 Eles colaboram para que os turistas fiquem satisfeitos com os atrativos do rio Mimoso? a () Sempre b () Na maioria das vezes c () Poucas vezes d () Nunca

4.4 O que é necessário para que os agentes possam realizar um trabalho adequadamente?

- a () Conhecer bem os atrativos
b () Ser mais comunicativo
c () Realizar visitas periodicamente
d () Falar fluentemente outra língua
e () Outros: _____

MUITO OBRIGADA!!

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA AGENTE DE TURISMO

1 Pessoal

1.1 Sexo: a () Masculino b () Feminino

1.2 Você é natural de Bonito? a () Sim b () Não

1.3 Se NÃO, qual a sua cidade e estado de origem? _____

1.4 Qual a sua formação escolar?

a () Fundamental incompleto b () Fundamental completo

c () Ensino Médio incompleto d () Ensino Médio completo

e () Superior incompleto: _____ f () Superior completo: _____

g () Pós-graduação: _____

1.5 Há quanto tempo você trabalha com agenciamento de passeios, em Bonito?

a () A menos de 01 ano c () A 03 anos e () A 05 anos

b () A 02 anos d () A 04 anos f () A mais de 06 anos

1.6 Você fez algum curso/treinamento para esta função? a () Sim b () Não

1.7 Se SIM, qual(is) e por qual(is) entidade(s)? _____

2 Atrativos

2.1 Você conhece todos os atrativos localizados no Rio Mimoso?

a () Sim b () Não c () Apenas um deles. Qual? _____

2.2 Os atrativos facilitam a ida dos agentes de turismo, para conhecerem os passeios?

a () Sim b () Não

2.3 Como você foi conhecer o atrativo?

a () Fam Tur b () No dia de folga c () Outros: _____

2.4 Se NÃO foi num dia de Fam Tur, houve preocupação do atrativo em mostrar e explicar o funcionamento do passeio, por você ser um agente? a () Sim b () Não

2.5 Quanto ao grau de dificuldade na venda dos passeios para os turistas?

a () Inexistente b () Baixo c () Médio d () Alto

2.6 Qual a época do ano que se você tem mais dificuldade, em vender estes atrativos?

a () Inverno b () Verão

2.7 O que interfere na venda dos atrativos, localizados no rio Mimoso?

a () Falta de informação c () Turbidez da água e () Dia chuvoso
b () Falta de chuva d () Tempo frio f () Outros: _____

2.8 Os atrativos passam informações prévias sobre as condições do rio, após um dia de chuva?

a () Sempre b () Às vezes c () Só quando pergunto

2.9 Em sua opinião, estas informações são importantes na hora da venda, para o turista?

a () Sim b () Não Por que? _____

2.10 Você acredita que há preocupação por parte dos proprietários em minimizar impactos ambientais no rio Mimoso? a () Sim b () Não

2.11 Através de qual (is) atitude (s) você identifica essa preocupação? _____

2.12 Se você sabe que o turista ou alguém do grupo é estrangeiro, vegetariano, portador de deficiência, etc, você comunica ao atrativo? a () Sim b () Não c () Às vezes

2.13 Tem alguma ação que os atrativos poderiam fazer para melhorar seu desempenho profissional? a () Não b () Sim: _____

2.14 Você sabe se os atrativos do rio Mimoso possuem alguma missão? a () Sim b () Não

3. Turistas

3.1 Os atrativos possuem boa aceitação entre os turistas? a () Sim b () Não

3.2 Durante o atendimento, os turistas já vêm informados sobre os passeios do rio Mimoso?
a () Sim b () Não c () Às vezes

3.3 Normalmente, como esses turistas ficam sabendo dos passeios?

a () Por outros turistas c () Amigos/parentes e () Internet
b () Folders d () TV f () Outros: _____

3.4 Caso ele não venha informado, você consegue convencê-los?

a () Sim b () Não c () Às vezes

3.5 Quais os argumentos que você utiliza para convencê-lo?

- a () Conhecer um pouco mais sobre a história do Sinhozinho
- b () A singularidade das cachoeiras, que “crescem”
- c () Estar próximo à Serra de Bodoquena
- d () O clima de fazenda dos atrativos
- e () Outros: _____

3.6 O que facilita a venda dos passeios?

- a () Você conhecer bem a infra-estrutura dos passeios
- b () A distância da cidade até o passeio
- c () A indicação de um outro turista, guia, motorista
- d () A estrada de acesso aos passeios
- e () O clima da época
- f () Outros: _____

3.7 O que mais desperta a atenção dos turistas nos atrativos?

- a () As quedas d'água
- b () A fauna
- c () O atendimento
- d () O guia
- e () A infra-estrutura
- f () A vegetação
- g () O rio
- h () A culinária local

3.8 Como é o nível de satisfação dos turistas, quando volta dos passeios?

- a () Alto
- b () Médio
- c () Baixo

3.9 Qual a reclamação mais freqüente dos turistas?

- a () O clima
- b () Valor cobrado
- c () Da estrada
- d () Outros: _____
- e () Do serviço do guia
- f () A escassez de chuva
- g () Excesso de chuva
- h () Turbidez da água
- i () Má conservação da trilha
- j () Falta de segurança no passeio
- k () Infra-estrutura da fazenda
- l () Do atendimento na fazenda

4 Guias

4.1 Em sua opinião, os guias são profissionais bem informados sobre as peculiaridades dos atrativos localizados no rio Mimoso? a () Sim b () Não

4.2 Transmitem controle da situação e segurança? a () Sim b () Não

4.3 Eles colaboram para que os turistas fiquem satisfeitos com os atrativos do rio Mimoso?

a () Sempre b () Na maioria das vezes c () Poucas vezes d () Nunca

4.4 O que é necessário para que os guias possam realizar um trabalho adequadamente?

a () Conhecer bem os atrativos d () Não perder o credenciamento

b () Falar fluentemente outra língua e () Ser mais comunicativo

c () Outros: _____

MUITO OBRIGADA!!

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO PARA PROPRIETÁRIO RURAL

1 Proprietário

1.1 Nome do proprietário: _____,

Escolaridade: _____ e Profissão: _____

1.2 Faixa etária:

a () Menos de 29 anos d () De 40 a 44 anos g () De 55 a 59 anos

b () De 30 a 34 anos e () De 45 a 49 anos h () De 60 a 64 anos

c () De 35 a 39 anos f () De 50 a 54 anos i () Mais de 65 anos

1.3 É natural de Bonito?

a () Sim b () Não Se NÃO, de onde? _____ (Cidade/UF)

1.4 Reside no município de Bonito?

a () Sim Se SIM, quanto tempo? _____

b () Não Se NÃO, onde? _____ (Cidade/UF)

1.5 Qual a posição na administração da propriedade?

a () Proprietário-gerente c () Apenas proprietário

b () Sócio-Diretor d () Outro: _____

2 Propriedade

2.1 Nome da propriedade: _____ Área: _____ ha

2.2 Esta propriedade foi adquirida através de:

a () Herança c () Arrendamento

b () Compra d () Outro: _____

2.3 Há quanto tempo isso ocorreu? _____ (anos/meses)

2.4 No caso de compra/arrendamento, qual foi o principal motivo para a aquisição? _____

2.5 O proprietário reside na fazenda? a () Sim b () Não, onde? _____

2.6 Localização da propriedade em relação ao rio Mimoso:

- a () No alto curso b () No médio curso c () No baixo curso
 d () Na margem direita e () Na margem esquerda

2.7 Algum curso fluvial corta a propriedade?

- a () Sim b () Não Qual? _____

Se SIM, este é: a () Perene b () Temporário c () Intermitente

2.8 Localização da sede em relação ao rio Mimoso:

- a () No alto curso b () No médio curso c () No baixo curso
 d () Na margem direita e () Na margem esquerda

2.9 Nome do Gerente: _____, Escolaridade: _____ e Profissão: _____

2.10 Número de funcionários:

- a Fixos: _____ b Temporários: _____ c Residentes: _____
 d Média salarial: _____ e Média escolaridade: _____

2.11 Os trabalhadores fixos são registrados? a () Sim b () Não

2.12 Quais as ações desenvolvidas na propriedade para conservação dos recursos hídricos?(Descreva) _____

2.13 Quanto às áreas aproveitáveis (explorada/não-explorada), existente:

- a Reserva Legal: _____ ha
 b Área de Proteção Permanente: _____ ha
 c Área com vegetação natural: _____ ha
 d Pastagem nativa: _____ ha
 e Pastagem plantada e/ou melhorada: _____ ha

2.14 Qual a destinação das embalagens de fertilizante e pesticida utilizado na propriedade?

- a () Enterrada d () Queimada
 b () Estocada e devolvida ao fornecedor e () Estocada
 c () Joga no lixo da cidade f () Outros: _____

2.15 Quais as técnicas conservacionistas utilizada na propriedade e quais as áreas que abrangem?

- a () Curva de nível _____ b () Terraços _____ c () Outras: _____

2.16 Há mata ciliar permanente na localidade, preservada? a () Sim b () Não

Se sim, área _____ ha

2.17 Utiliza-se de alguma técnica de combate ou controle do fogo na propriedade?

a () Sim b () Não Se SIM, quais? _____

2.18 Existe na propriedade feições erosivas? a () Sim b () Não

Se SIM, que lugar _____ em quantos hectares _____ ha

2.19 Quais as dimensões dessa erosão? a () Pequena b () Média c () Grande

2.20 Estradas de acesso a propriedade, forma de pavimentação e manutenção das estradas:

Estrada	Forma de Pavimentação	Manutenção	Execução*
() MS 178	() Pavimentada () Não Pavimentada () Cascalhada () Não Cascalhada	() Boa () Regular () Péssima	() Estado () Município () Particular
() MS 345	() Pavimentada () Não Pavimentada () Cascalhada () Não Cascalhada	() Boa () Regular () Péssima	() Estado () Município () Particular
() Vicinal	() Pavimentada () Não Pavimentada () Cascalhada () Não Cascalhada	() Boa () Regular () Péssima	() Estado () Município () Particular
() Outras	() Pavimentada () Não Pavimentada () Cascalhada () Não Cascalhada	() Boa () Regular () Péssima	() Estado () Município () Particular

* Execução - de quem é a responsabilidade.

2.21 Qual a atividade econômica da propriedade?

a () Agricultura Desde: _____ b () Pecuária Desde: _____

c () Turismo Desde: _____ d () Outro: _____ Desde: _____

3 Pecuária

3.1 Desenvolve criação de animais? a () Sim b () Não

Tipo	Quantidade	Finalidade
Bovinos		
Eqüinos		
Aves		
Suínos		
Apicultura		
Piscicultura		

3.2 Limpeza dos Currais, Pocilgas, Galpões, Etc

Animais	Forma de Limpeza*	Periodicidade da Limpeza**	Destino da Água Utilizada***	Destinação dos Resíduos Sólidos
Bovinos de Corte				
Bovinos de Leite				
Equinos				
Ovinos				
Suínos				
Caprinos				
Outros_____				

* varredura, lavagem, raspagem, etc.

** Diária, 2x semana, 3x semana, etc.

*** Fossa Negra, Rudimentar, séptica, córrego, lagoa, lago, represa, etc.

3.3 Forma de criação: a () Corte b () Cria/Recria c () Confinamento

3.4 A propriedade possui invernada? a () Sim Quantas? _____ b () Não

3.5 Como é feito o manejo do gado? _____

4 Agricultura

4.1 Desenvolve algum cultivo na propriedade? a () Sim b () Não

4.2 Qual é o tipo de agricultura praticada?

a () Subsistência b () Empresarial c () Outro _____

4.3 O que é cultivado?

a () Lavoura Área: _____ b () Pastagem Área: _____

c () Fruticultura Área: _____ d () Horticultura Área: _____

e () Fitoterápica Área: _____

4.4 Utiliza esterco animal como adubo? a () Sim b () Não

4.5 Qual a prática de controle de pragas é utilizado na propriedade?

a () Controle biológico d () Adubo orgânico

b () Agrotóxicos e () Outros _____

c () Rotação de culturas

5 Dados Referentes ao Abastecimento de Água

5.1 Quais são as fontes de abastecimento de água da propriedade

- a () Poço freático b () Poço tubular c () Nascente d () Rio
e () Represa e () Lago f () Outras: _____

5.2 Como ocorre a captação da água?

- a () Bombeamento b () Balde c () Declividade d () Outros _____

5.3 As residências possuem ligação interna de água? a () Sim b () Não

5.4 Quantos poços possui a propriedade? _____

5.5 Qual a idade dos poços? _____

5.6 Profundidade do poço: _____ metros

5.7 Para qual(s) fim é utilizada(s) a água do poço?

- a () Domiciliar b () Horta c () Animais d () Aves
e () Irrigação f () Piscicultura g () Outros _____

5.8 A propriedade possui poços inativos? a () Sim b () Não Quantos: _____

5.9 Com relação à tampa de proteção do poço

- a () Sem tampa de proteção b () Tampa de madeira c () Tampa de concreto
d () Outras _____

6 Dados Referentes ao Destino dos Resíduos Sólidos e Líquidos

6.1 Qual o destino dado ao esgoto domiciliar?

- a () Fossa séptica b () Fossa rudimentar c () Fossa negra c () Céu aberto
d () Direto no rio e () Outro: _____

6.2 Quantas fossas possuem a propriedade? _____

6.3 Profundidade da fossa: _____ m

Se houver mais que uma, indique a profundidade de todas _____

6.4 Qual o destino dado aos resíduos sólidos?

	Orgânico	Inorgânico	Domiciliar	Produtos Agropecuários
Enterrado				
Queimado				
A céu aberto				
Coleta seletiva				

7.11 Quais os impactos (pos./neg.) ambientais podem ser observados, comparando a propriedade antes da implantação do turismo e atualmente? _____

7.12 Realiza estudos técnicos na propriedade?

a () Sim Qual (is)? _____ b () Não

7.13 A quanto tempo (anos/meses) e qual a periodicidade que é realizado tal procedimento? _____

7.14 Quais os efeitos do monitoramento ambiental para a atividade turística?(Relacione os pontos positivos e negativos)

Efeitos Positivos	Efeitos Negativos

7.15 Além do Turismo, qual outra atividade econômica é desenvolvida na propriedade?

a () Piscicultura b () Pecuária c () Agricultura
 d () Nenhuma e () _____

Outras _____

7.16 Pretende desenvolver alguma outra atividade futuramente?

a () Sim b () Não

Qual? _____

Dentre todas as atividades, qual é a principal? _____

Por quê? _____

7.17 Quanto a capacidade de carga?

a Quantas pessoas por dia: (_____) b Quantos grupos podem ser formados:(_____)

c Quantas pessoas formam um grupo: (_____) _____

7.18 Qual é a estação que mais recebe turistas e qual a média (nas duas estações)?

a () No verão _____ b () No inverno _____

7.19 Quem organiza o calendário de _____

temporadas? _____

7.20 A sua propriedade segue este calendário?

a () Sim b () Não c () Às vezes Por que? _____

7.21 Nos últimos tempos houve aumento ou queda no fluxo de turistas?

a () Aumento b () Queda c () Estabilizado

Se queda - Na sua opinião, qual o principal motivo: _____

Se aumento - Houve melhorias? () não () Se, sim: Em que setor?

() Infra-estrutura () RH () Equipamentos () Outros _____

Na sua opinião, qual o principal motivo: _____

7.22 Existe anseio de ter parcerias, com outro proprietário com o fim de evitar a degradação do seu principal atributo turístico?

a () Sim b () Não c () Às vezes Por que? _____

7.23 Este sítio tem uma missão estabelecida, para transmitir?

a () Sim b () Não Se SIM, qual? _____

8 Turistas

8.1 Quais são as atividades oferecidas aos turistas?

a () Passeio de barco e () Pesca esportiva f () Trilhas
 b () Esportes radicais f () Cavalgadas i () Pesque e solte
 c () Observação de pássaros g () Cachoeiras j () Outras: _____
 d () Flutuação

8.2 Existe um opinário, no sítio turístico, para conhecer a opinião dos visitantes?

a () Sim b () Não

8.3 Já houve alguma sugestão através desse opinário, implantada no passeio?

a () Sim b () Não Se SIM, teve importância significativa para os demais visitantes e para o passeio? _____

8.4 No caso de alguma reclamação, a quem o visitante recorre e de que forma? _____

8.5 Qual (is) os meio(s) de divulgação utilizado(s) para promover o sítio turístico?

a () Placas indicativas b () Agência locais c () Folder d () Rádio
 e () Agências/Operadoras f () Internet g () Revistas i () TV

j () Eventos l () Outro(s): _____

8.6 Existe a intenção de oferecer outras atividades futuramente aos turistas?

a () Sim b () Não Quais? _____ Por quê? _____

9 Agente de Turismo

9.1 Todos os agentes da cidade podem vender o passeio, deste sítio turístico?

a () Sim b () Não Explique: _____

9.2 Este sítio turístico facilita para que este profissional conheça o passeio?

a () Sim b () Não Explique: _____

9.3 O que é necessário para que uma agência possa comercializar este passeio? _____

9.4 A aceitação dos agentes para a venda do passeio é:

a () Inexistente b () Baixo c () Médio d () Alto

9.5 Já foi detectada alguma dificuldade/resistência por parte dos agentes, para a venda do passeio? a () Sim b () Não

9.6 De que forma esta situação foi trabalhada? _____

9.7 Em que época isso ocorreu ou ocorre?

a () No início da atividade do passeio () No período de chuvas

c () No período de estiagem

Comente: _____

9.8 Com que frequência os agentes visitam este sítio para conhecerem e se atualizarem sobre a operacionalização?

a () Frequentemente, mais de 01 vez

b () Apenas 01 vez

c () Nenhuma vez

9.9 Há alguma preocupação em mostrar e explicar o funcionamento do passeio, quando se recebe um agente local? a () Sim b () Não

9.10 Qual (is) atividade (s) são realizadas para auxiliar neste processo? _____

9.11 Os agentes se preocupam em solicitar informações prévias sobre as condições do rio, para realizar a venda do passeio? _____

10.6 Já foi detectada alguma dificuldade/resistência por parte dos guias locais, para trabalharem neste passeio? a () Sim b () Não

10.7 De que forma esta situação foi trabalhada? _____

10.8 Em que época isso ocorreu ou ocorre?

a () No início da atividade do passeio b () No período de chuvas
c () No período de estiagem d () Outros: _____

Comente: _____

10.9 A atuação dos guias neste passeio é:

a () Muito satisfatória b) Pouco satisfatória Por que? _____

10.10 Já realizou ou realiza alguma ação/atividade que melhore o desempenho desses profissionais? a () Sim b () Não c () Às vezes Qual (is)? _____

10.11 O que é necessário para que estes profissionais desempenhem um bom trabalho? _____

11 Informações Adicionais

11.1 Quantas pessoas responderam este questionário? _____

11.2 Qual(is) a(s) função desempenhada? _____

MUITO OBRIGADA!!!

ANEXOS

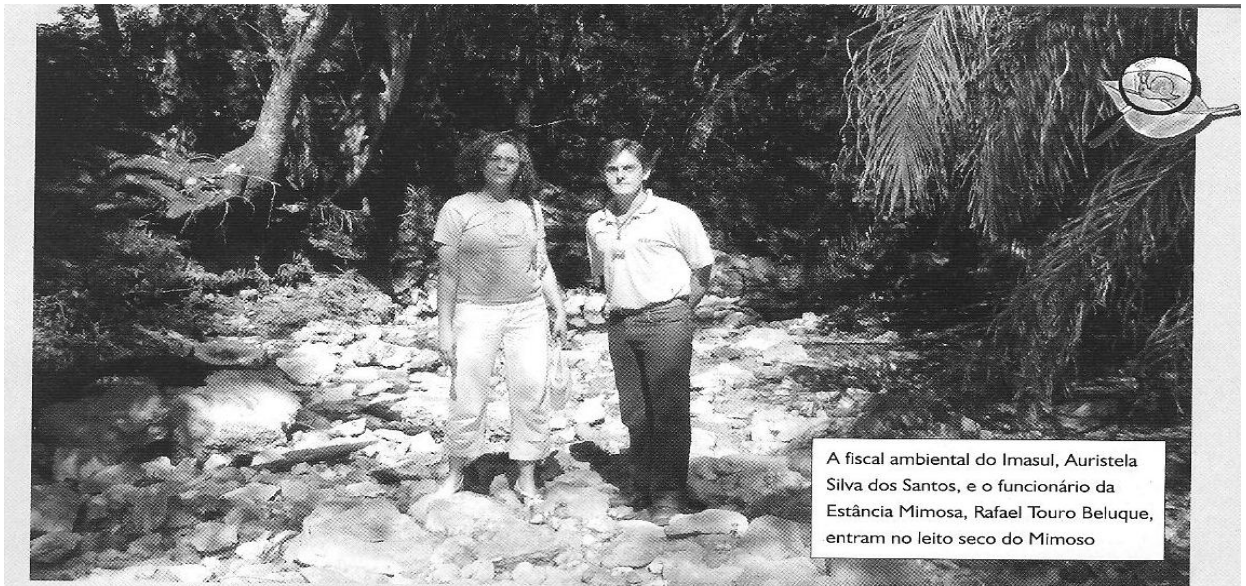
ANEXO A - Pesquisadores e Autoridades Querem Investigação de Seca

Identificação: Revista Aguapé

Data: Fev/2008

Página: 19

Assunto: Pesquisadores e autoridades querem investigação de seca



A fiscal ambiental do Imasul, Auristela Silva dos Santos, e o funcionário da Estância Mimosa, Rafael Touro Beluque, entram no leito seco do Mimoso

Pesquisadores e autoridades querem investigação de seca

A Revista Aguapé questionou diversos especialistas e autoridades ambientais apresentando a reportagem sobre a seca do rio Mimoso. A coordenadora do Plano Estadual de Recursos Hídricos de Mato Grosso do Sul, Eni Garcia de Freitas, informou que ainda não existem elementos técnicos sobre a região para afirmar se a falta de chuvas foi responsável pela seca do Mimoso. Segundo a coordenadora, o Miranda, rio principal da bacia onde está a microbacia do rio Mimoso, apresentou no ano de 2007, em vários trechos, o mais baixo nível de água dos últimos anos. “Nos corpos de água que fazem parte da bacia do Mimoso existem outros fatores que podem estar contribuindo com a seca como, por exemplo, poços e pequenas barragens que represam os rios para criar lagos, pequenas praias ou piscinas naturais”, afirma Eni.

O Plano Estadual de Recursos Hídricos (PERH) está em elaboração e deve indicar diretrizes para a implantação da outorga de direito de uso da água, que estabelece quem pode, quanto pode e como deve usar as águas superficiais e subterrâneas.

Para a pesquisadora da Embrapa Pantanal, limnóloga (cientista de ecologia de ambientes de água doce) e doutora, Débora Calheiros, muito provavelmente o uso incorreto do solo e dos rios da Bacia Hidrográfica do rio Mimoso estaria afetando o nível das águas subterrâneas, que alimenta o fluxo basal (mínimo) do rio na época da seca bem como na cheia. “Se o rio secou durante o período de cheia,

então o lençol freático pode estar sofrendo diminuição de sua recarga pelas chuvas”, ressalta a pesquisadora.

Após ler a reportagem, a gerente de Recursos Hídricos do Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (GRH/Imasul), Angélica Haralampidou, disse que os técnicos do governo estudarão o caso e devem visitar a região em breve. A gerência deve investigar se no local houve desmatamentos ou obras, como perfuração de poços. “O mais indicado no momento é fazer estudos hidrogeológicos”, afirma Angélica. A mesma opinião tem o professor Paulo César Boggiani, da Universidade de São Paulo (USP), doutor em geologia. Ele foi um dos primeiros pesquisadores a estudar a geologia da Serra da Bodoquena e na sua opinião a seca no rio Mimoso “é preocupante”. Numa rápida análise dos índices pluviométricos da Estância Mimosa, uma das propriedades atingidas pela seca do rio, Boggiani informou que a falta de chuvas em 2007 parece não ter relação direta com o problema. O geólogo recomendou a realização de estudos científicos e ressaltou que o rio Mimoso é especial por ser uma das regiões onde mais ocorrem tufas calcárias, que dão especial beleza às cachoeiras de Bonito.

A Promotoria de Justiça da Comarca de Bonito está acompanhando a situação do rio Mimoso. Na visão do promotor Luciano Furtado Loubet, o desmatamento de pequenas nascentes pode ter relação direta com o problema. Além do Mimoso, o Córrego Jenipapo teve sua pior seca histórica em 2007.

ANEXO B - Defensor das Águas

Identificação: Revista Época

Assunto: Defensor das águas

O defensor das águas

Como um promotor federal conseguiu proteger o paraíso turístico de Bonito, e começa a fazer a lei florestal ser adotada em todo o Pantanal

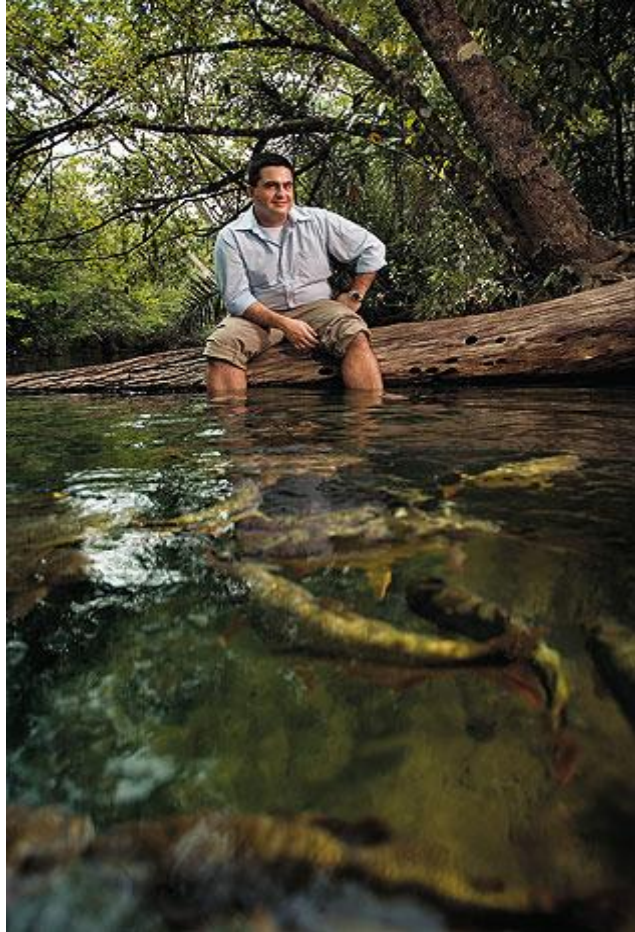
Alberto Gonçalves

O jovem promotor Luciano Loubet, de 31 anos, iniciou há quatro anos uma espécie de revolução na cidade de Bonito, em Mato Grosso do Sul, um dos principais destinos do ecoturismo no Brasil por suas águas transparentes. Ele se engajou na luta para que órgãos públicos, donos de propriedades turísticas e produtores rurais cumpram a legislação

ambiental. Foi armado de um código florestal antigo, mas amplamente desrespeitado no país, que Loubet ajudou a salvar Bonito da degradação. Agora, os frutos de sua militância se espalham por outras comarcas do Estado.

Quando Loubet assumiu a procuradoria, em 2002, as fazendas desmatavam toda a vegetação nos topos de morros e ao longo dos rios que formam os balneários. Essa floresta, chamada de mata ciliar, é essencial para proteger o solo e reter a água da chuva, evitando que ela arraste terra ao rio e o assoreie. O Código Florestal Brasileiro, de 1965, já obriga os proprietários a manter intactos esses pontos vulneráveis, chamados de Áreas de Preservação Permanente (APP), além de uma reserva legal com mata nativa de 20% da área da propriedade. Mas poucos cumprem a exigência.

Para mudar a situação, Loubet contou com o apoio das fundações O Boticário e



TRANSPARÊNCIA
Loubet em um dos poços de águas transparentes. Fazendas da região estavam sujando os rios
Foto: Anderson Schneider/ÉPOCA

Neotrópica, uma ONG local especializada em conservação, além do Ibama, da Prefeitura de Bonito e da Polícia Ambiental. Criou um projeto, batizado Formoso Vivo, que examinou o estado dos rios de Bonito. O diagnóstico das 75 propriedades do Rio Formoso, o principal da região, revelou que 46 estavam sem vegetação nas APPs. “Nosso objetivo é preservar a galinha dos ovos de ouro de Bonito”, diz Loubet. “Se o meio ambiente for degradado, as pessoas que vivem do turismo não terão mais trabalho.” A atividade turística é a maior empregadora da cidade.

Após quase 200 reuniões com os proprietários, o promotor conseguiu que eles assinassem o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), um compromisso de se adequar à lei. No termo, o fazendeiro se obriga a adotar medidas de conservação do solo, regularizar a reserva legal em cartório e recuperar a mata ciliar. Para recuperá-la, o proprietário precisa cercar a área para impedir a passagem do gado e plantar mudas nativas. Hoje, cerca de 70% da mata ciliar degradada está sendo recuperada. É isso que garante a água limpa rio abaixo, nas piscinas naturais de Bonito.

“O grande papel dele foi levantar a idéia de que não existe lei ambiental que não pegou”
MIGUEL MILANO, coordenador da Fundação Avina

Em geral, os fazendeiros driblam os esforços da Justiça para que cumpram a legislação ambiental. Loubet recorreu a estratégias inovadoras, como registrar na matrícula do imóvel que o fazendeiro é réu numa ação civil pública. “Se ele quiser vender sua propriedade, o eventual comprador fica ciente de que há uma ação na Justiça”, diz. A Justiça de Mato Grosso do Sul respaldou a iniciativa, criando jurisprudência. Com táticas assim, Loubet conseguiu a adesão dos proprietários. Apenas um deles se recusou a assinar o documento.

Loubet virou referência na Justiça ambiental do país porque passou a fazer cumprir leis que estavam abandonadas. “O grande papel dele foi levantar a idéia de que não existe lei que não pegou”, afirma Miguel Milano, da Fundação Avina, uma ONG que financia lideranças sociais em toda a América Latina. “Isso é fundamental em um país com uma legislação ambiental que passa em branco nas regiões agrícolas.” Há dois anos, o rigor de Loubet gerou conflitos em Bonito. O promotor tinha suspenso passeios turísticos de bote sem licença ambiental, que lotavam os balneários de banhistas. Foi questionado se não estava colocando em risco o negócio do turismo. “Ao contrário”, disse. “Se os proprietários não tomarem os cuidados exigidos pela lei, vão degradar os locais de banho e, aí, sim, arriscarão a sustentabilidade do turismo.”

Ele diz ter visto isso acontecer. Loubet, que nasceu e cresceu em Campo Grande, freqüentava outro balneário popular no Estado, o de Rio Verde de Mato Grosso. “Quando fui lá aos 12 anos, uma das atrações era um poço com profundidade de 30 metros. O pessoal saltava do alto de uma pedra”, afirma. “Voltei três anos depois e as pessoas caminhavam com água pela cintura.” Segundo Loubet, o mais impressionante era que a terra que entupiu o rio vinha do desmatamento em apenas duas fazendas. Loubet diz que foi ali que percebeu como poucos fazendeiros podiam fazer um estrago tão grande em um período tão curto.

Ele também foi um dos primeiros promotores a entender que as questões ambientais não têm fronteiras. Afinal, a água do rio não respeita as divisões dos mapas. Bonito fica em uma região de planalto. Suas águas alimentam o Pantanal, outra preciosidade turística. “Não adianta nada o promotor da comarca de uma área de planície fazer um trabalho de conservação da mata ciliar se o colega que atua no planalto, onde ficam as nascentes dos rios, não fizer o mesmo.” Seguindo o modelo do Formoso Vivo, de Loubet, o Ministério Público de Mato Grosso do Sul está examinando a situação ambiental das 650

O Ministério Público do Estado vai começar a monitorar o desmatamento por satélite

fazendas ao longo do Rio Miranda, um dos mais importantes formadores da planície pantaneira, que tem problemas com desmatamento em suas cabeceiras. Após sua conclusão, os promotores das comarcas da Bacia do Miranda serão encarregados de obrigar os proprietários a recompor a mata ciliar e regularizar a reserva legal de 20% em suas fazendas.

Loubet tem se dedicado a criar uma rede de promotores para a proteção do Pantanal. Ele faz questão de destacar que a idéia só seguiu graças ao apoio dos procuradores de Justiça do Estado. “Não fiz nada sozinho”, diz. Articulados em rede, os promotores do Estado estão conseguindo recursos técnicos que nenhuma outra promotoria do país tem. A Fundação Avina investirá quase R\$ 150 mil para montar um laboratório capaz de monitorar o desmatamento com imagens de satélite. O sistema deverá estar em operação até meados de 2008. Agora, os promotores estão se articulando fora das fronteiras. No fim de novembro, em Bonito, vão participar de um encontro inédito com colegas de Mato Grosso e do Paraguai para traçar uma estratégia conjunta de ações. “Conseguimos romper com o comarquismo”, diz Loubet.

Fonte: Revista Época http://www.geomundo.com.br/meio_ambiente_pantanal-promotor-verde1.htm (Acesso em 21.Set.2008)

ANEXO C - SERRA DA BODOQUENA, PAISAGEM DIFERENTE E FRÁGIL

Identificação: Revista Aguapé

Data: Fev/2008

Página: 04 e 05

Assunto: Serra da Bodoquena paisagem diferente e frágil



Todos que visitam pela primeira vez a região de Bonito, Bodoquena e Jardim ficam maravilhados ao mesmo tempo em que se indagam sobre o porquê de tanta beleza reunida num só lugar. A explicação para esta região de paisagem cárstica, está na presença de rochas calcárias no seu substrato.

Na Serra da Bodoquena afloram calcários e dolomitos (uma rocha carbonática rica em magnésio), e ambas são rochas solúveis, ou seja, sob ação das águas se dissolvem como o açúcar mas, é claro, numa outra escala de tempo. A região é constituída por um extenso maciço de rochas carbonáticas, muito puras, de onde nascem os principais rios que cortam a região rumo ao rio Miranda, que passa ao lado da Serra, a leste, e deságua no Pantanal (ver p.12). Por serem

muito puras, as rochas não fornecem materiais que possam turvar as águas, que são extremamente límpidas e transparentes.

As águas ricas em carbonato de cálcio dissolvido (águas bicarbonatadas), são propícias ao desenvolvimento de cianobactérias, microrganismos geralmente aquáticos e filamentosos. As cianobactérias proporcionam a precipitação de carbonato de cálcio, criando as belas formas das cachoeiras e represas ao longo dos rios, que constituem depósitos conhecidos como tufas calcárias. As tufas calcárias se formam na combinação da ação das cianobactérias com musgos, que lhes servem de substrato, como um tapete. A precipitação do carbonato sobre o musgo implica na necessidade desse crescer, para que possa sobreviver e, nessa competição pela vida, formam-se as represas naturais e as cachoeiras com suas formas inusitadas. É por isso que se diz que na Serra da Bodoquena as cachoeiras



Formas geológicas vivas: na foto ao lado, processo de formação de tufa calcária com algas filamentosas no córrego Campina, em Bodoquena. À esquerda, verde, a alga; à direita, esbranquiçada, a mesma tomada de calcário. Abaixo, na Cachoeira do Taíca, as tufas são formadas pela ação da água calcária e musgos

crecem, ao contrário de outras regiões, onde o processo é de desgaste, erosão. Talvez no Brasil, a Serra da Bodoquena seja uma das regiões onde as tufas calcárias são mais abundantes.

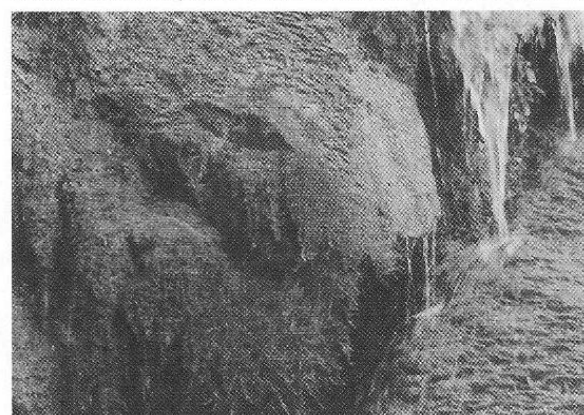
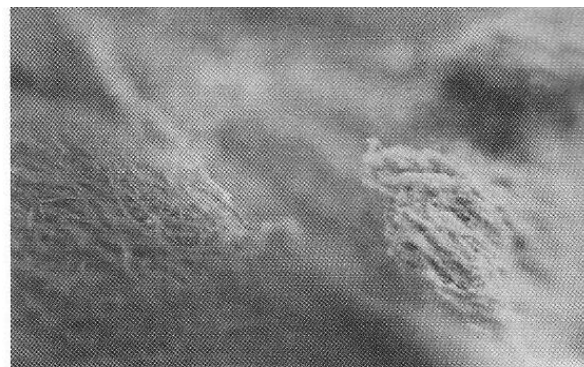
Temos outras extensas áreas de paisagens cársticas com exposições de rochas carbonáticas, como na Bahia, mas lá o clima seco não é favorável à formação desses depósitos.

Em função da beleza e do interesse científico sobre as tufas calcárias da Serra da Bodoquena, essas formações já foram selecionadas para ganhar o título de Patrimônio da Humanidade. O processo acontece por meio da Sigep (Comissão de Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil).

O Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) já tomou a iniciativa de propor a Serra da Bodoquena como “Geopark”, nova modalidade de patrimônio instituída pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), face às inúmeras ocorrências geológicas e paleontológicas da região. Já o Parque Nacional da Serra da Bodoquena possibilita a preservação de boa área com tufas calcárias.

Mas ainda há uma preocupação. Por serem formas geológicas vivas, em processo de formação, as tufas calcárias dependem da qualidade das águas. A poluição e secas podem afetá-las de forma irreversível. Essa preocupação é acentuada com a recente constatação de partes do rio Mimoso completamente secas, em pleno verão – período das chuvas (ver p.15).

Sem uma análise mais precisa é difícil dizer o que está acontecendo, mas é sempre necessário ressaltar a importância de um bom diagnóstico. No processo de formação das tufas calcárias, elas, ao crescerem, englobam espaços vazios, formando dutos subterrâneos. Em função dessa característica, ao longo do vale do rio Mimoso, existem pontos de



sumidouros e ressurgências. O que pode estar acontecendo é que, em função do baixo nível do rio, não há água suficiente para completar o conduto subterrâneo com sobra para a passagem superficial.

De qualquer forma, deve ser buscado o motivo para o nível do rio Mimoso se encontrar baixo, uma vez que aparentemente os níveis de chuva têm se mantido constantes. Seriam os desmatamentos os responsáveis pelo baixo nível do rio? Essa é uma hipótese que não pode ser descartada e deve ser analisada com profundidade.

Infelizmente não se tomou conhecimento suficiente sobre a fragilidade dos ambientes da Serra da Bodoquena, que são diferentes de outros locais. Conhecemos muito pouco a dinâmica ambiental da região e já estamos sentindo reflexos do uso dessas terras sem planejamento. Será necessário uma grande catástrofe para despertar sobre a necessidade do uso mais racional e planejado deste local?

Paulo César Boggiani é geólogo e professor do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (USP)



ANEXO D - SINHOZINHO

SINHOZINHO



Lenda, realidade e mistério parecem confundir-se quando o assunto é Sinhozinho, figura mítica já incorporada à história e ao folclore de Bonito. Considerado um homem santo por seus seguidores, a história do "Mestre Divino" remete ao ano de 1944, quando este senhor de longas barbas, olhos e cabelos claros apareceu na região.

Sinhozinho era tido como curandeiro e realizador de milagres, utilizando apenas cinzas e água em suas sessões de cura. Vestia um longo manto sob o qual seu braço esquerdo permanecia sempre escondido, sem nunca ter sido visto. Alimentava-se apenas de frutas, mandioca, peixe e mel, do qual carregava sempre um frasco e molhava os lábios constantemente. Não falava, comunicando-se apenas por gestos que fazia para o alto.

Sua mais famosa lenda é a da imensa serpente que vive no subsolo da cidade, e que um dia sairá e acabará com tudo, caso as pessoas não cuidem bem da natureza - alguns interpretam isto como um aviso aos gananciosos, que visam apenas o lucro sem se preocupar com a fragilidade do meio ambiente de Bonito. Durante suas peregrinações pela região, construiu várias cruzes de madeira que deixou fincadas por onde passava.

Por ter arrebanhado inúmeros seguidores, e pelos seus poderes de curar enfermidades, despertou a ira de autoridades e comerciantes de medicamentos, que se tornaram seus inimigos. Foi preso e morto, e diz a lenda que seu corpo foi esquartejado, tendo cada membro jogado em um dos rios da região, o que explicaria a limpidez cristalina de nossas águas.

Até os dias de hoje, em 12 de outubro, ocorrem procissões à Capela do Sinhozinho - localizada próxima ao Rio Mimoso -, onde ainda está guardada uma de suas cruzes, objeto da adoração de seus devotos.

Fonte: http://www.bonitovirtual.com.br/cultura/folclore_sinhozinho.asp (Acesso 12.Mai.2008)

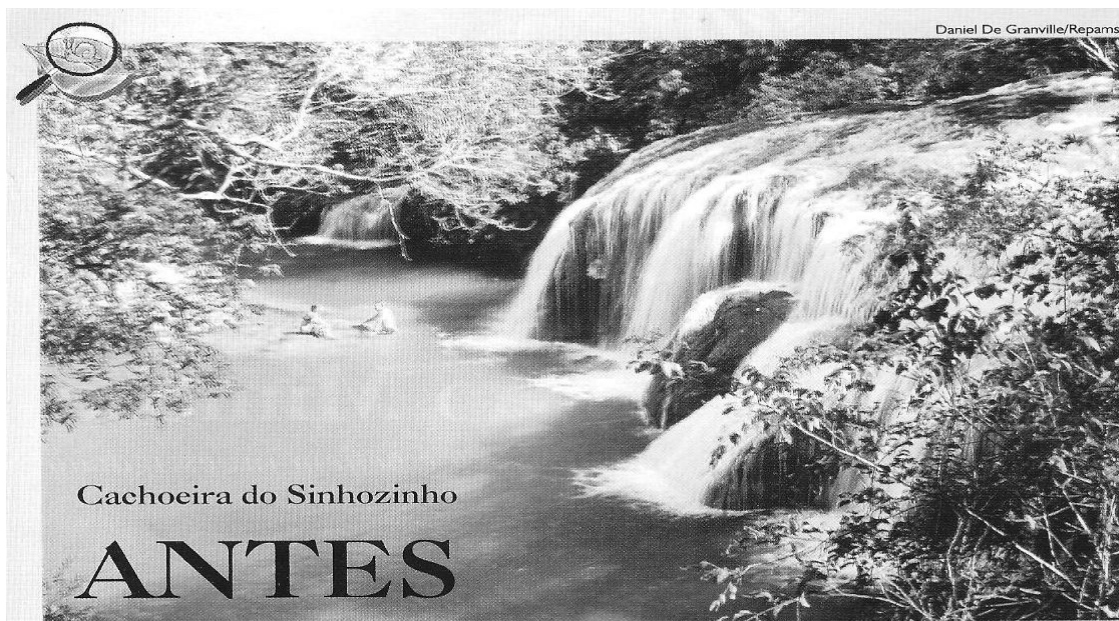
ANEXO E - CACHOEIRA DO SINHOZINHO: ANTES E DEPOIS

Revista/Jornal: Revista Aguapé

Data: Fev/2008

Página: 16 e 17

Assunto: Cachoeira do Sinhozinho antes e depois



Cachoeira do Sinhozinho

ANTES

Na década de 1940, Senhorzinho ou Sinhozinho, profeta e líder espiritual de Bonito (ver p. 31), disse aos seus seguidores por meio de gestos (mímicas) e desenhos na terra, já que quase não falava, que no futuro a cidade teria um período de seca muito forte, fazendo o povo passar por más situações. Talvez o profeta, que dizia ser a reencarnação de São João Batista, tenha acertado. O rio Mimoso enfrentou em 2007 e início de 2008 uma de suas piores estiagens. A seca tem sido tão forte que em vários trechos do rio podemos caminhar no leito seco. Já nos atrativos turísticos, falta água.

Cachoeiras que antes formavam paisagens belíssimas, paradisíacas, hoje estão sem água. Dois dos principais atrativos de Bonito, o Parque das Cachoeiras e a Estância Mimososa, estiveram fechados ou com boa parte dos serviços interrompidos durante três meses pela falta de água. Os prejuízos financeiros para empresários do ecoturismo e proprietários rurais (agricultores e pecuaristas) ao longo do rio Mimoso ainda estão sendo contabilizados.

Certamente muitos moradores locais ficaram sem dormir, estressados e preocupados com a situação. Foi com bastante tristeza e revolta que o senhor Osterno

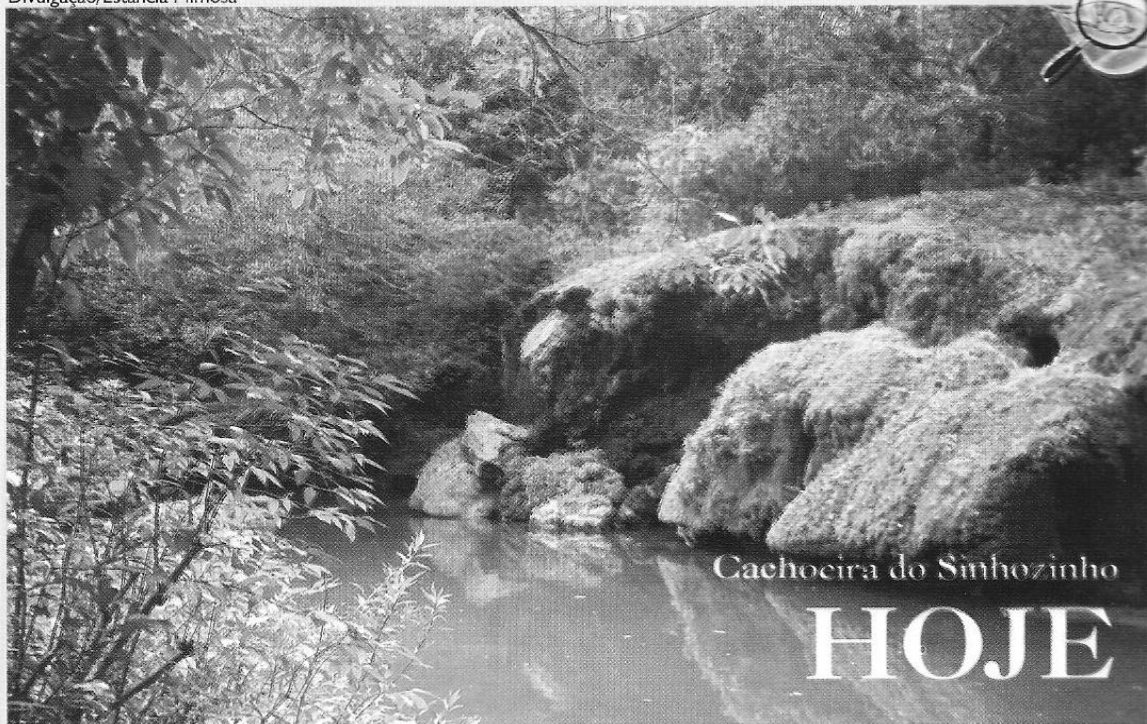
Prado de Souza, conhecido como Taíca, de 78 anos, relatou o que vê no rio: pedras no lugar de quedas d'água. Foi há mais ou menos oito meses que Taíca começou a ficar preocupado com o baixo nível do rio Mimoso, um dos principais atrativos de Bonito, afluente do rio Formoso.

“Acredito que a nascente possa estar degradada e acho que as autoridades devem investigar”, afirma Taíca. Ele também fala da construção de lagos artificiais no rio Mimoso. “Essas represas estão tirando água do rio”, disse. Mas de acordo com um relatório produzido pelo Instituto das Águas da Serra da Bodoquena (IASB), uma Ong local, os lagos artificiais não seriam os responsáveis pela seca.

Taíca é proprietário de uma agência de turismo há 30 anos e faz meio século que é dono da Fazenda Campinas do Mimoso, que fica na beira do rio. Quando comprou a propriedade, o antigo dono acreditava estar se livrando de um problema imenso: o rio Mimoso estava secando a cada ano. Taíca lembra que a estiagem mais preocupante ocorreu em 1964, quando o rio praticamente secou por inteiro. “Ficaram apenas alguns poços de água, então fui ver a

Sem água, o Parque das Cachoeiras e a Estância Mimososa estiveram com boa parte dos serviços interrompidos por três meses

Divulgação/Estância Mimosa



nascente e ela estava toda desmatada, o proprietário, meu vizinho, tinha plantado pasto em tudo. Pedi para ele reflorestar o local e juntos plantamos centenas de árvores. Logo, a água foi aumentando de volume e demorou 12 anos para que o rio Mimoso voltasse ao seu nível normal”, lembra. Desde que comprou a Fazenda Campinas do Mimoso Taíca monitora o rio. Depois da seca de 1964, segundo ele, o rio nunca tinha ficado com menos de 60% de água. “Hoje, o Mimoso está no máximo com 5% de seu potencial hídrico”, afirma o empresário, já preocupado com dificuldades em vender passeios para atrativos no rio, problema

enfrentado por todas as agências de turismo de Bonito. Até mesmo a neta de Taíca, Isabela Cristina Prado Ronda, que passou a primeira semana do ano de 2008 na fazenda, disse nunca ter visto o rio em situação tão triste. “Há 25 anos, desde criança, eu vejo o Mimoso e hoje, com as chuvas que caíram no fim do ano e início de 2008, já era para o rio estar com o nível normal”, comenta Isabela.

Em janeiro, na Fazenda Campinas do Mimoso, curimbas, presos em peque-nos lagos, começaram a morrer. Os proprietários locais acreditam que o nível do rio deve normalizar com as próximas chuvas.



Taíca (foto) não acredita em causas naturais para a seca do Mimoso, e fala em desmates e represamento de afluentes do rio. Na cachoeira da foto abaixo, na propriedade de Taíca, diferente da foto, havia no mês de janeiro apenas alguns filetes de água

ANEXO F - RELATÓRIO DO PROJETO PLANTE BONITO

PLANTIO NAS MARGENS DO CÓRREGO ITAMARATY NA ESTÂNCIA MIMOSA - BONITO – MS.

1. Apresentação:

Dando continuidade ao Projeto Plante Bonito que tem como principais objetivos a recuperação de áreas degradadas e a minimização dos efeitos dos gases do efeito estufa humana, através do plantio de árvores para o seqüestro de carbono da atmosfera, ocorreu no dia 15 de fevereiro de 2008, o plantio de 189 mudas de espécies nativas às margens do córrego Itamaraty, localizado na fazenda Estância Mimosa, a 24 km da cidade de Bonito. A ação foi realizada pelo **IASB** com o apoio do Viveiro Municipal, através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Bonito e do viveiro do Rio da Prata, que fizeram a doação das mudas. O plantio foi patrocinado pelas empresas Hotel Pousada Águas de Bonito e Agência Águas de Bonito Turismo.

2. Caracterização da área:

O plantio foi realizado na fazenda Estância Mimosa, localizada a 24 km da cidade de Bonito. Esta fazenda, com aproximadamente 402 hectares, possui como principal atividade econômica o ecoturismo, tendo o rio Mimoso como sua maior atração.

O rio Mimoso, pertencente à bacia hidrográfica do rio Formoso, possui como um de seus afluentes o córrego Itamaraty, que nasce e deságua dentro da propriedade. Pelo fato da fazenda explorar as belezas naturais para a obtenção de renda, o córrego apresenta-se em bom estado de conservação, com grande parte de suas margens recuperadas e sem presença de erosões ou fonte poluidoras. Mas apesar de sua conservação, contém intervenções antrópicas, como a construção de uma represa, por onde passa uma estrada que dá acesso a trilha do passeio da fazenda. As margens dessa represa foram ocupadas por pastagem, como pôde ser observado pela presença de braquiária em meio à vegetação que está começando a se regenerar. Visando essa recuperação e aproveitando a disponibilização da área, o projeto Plante Bonito realizou seu 8º plantio nas margens da represa. Em torno de 25 m das margens da represa, encontra-se uma área cercada, que foi cedida pelo proprietário, junto com a área destinada ao plantio, para a implantação de uma unidade demonstrativa do projeto Sistema Agroflorestal como Alternativa de Recuperação de Matas Ciliares e Geração de Renda em pequenas propriedades no rio Mimoso, realizado pelo **IASB** e patrocinado pelo Programa

Projetos Demonstrativos - PDA Mata Atlântica. Na margem esquerda da represa encontra-se a sede da fazenda e o receptivo do passeio, onde os turistas fazem suas refeições e podem visualizar a fauna existente na represa.

As mudas foram plantadas, tanto na faixa dos 25 m da margem direita, quanto na área destinada ao projeto do **SAF** (Sistema Agroflorestral) e na margem esquerda, próximo ao receptivo.

3. Metodologia:

Uma semana antes do plantio a área foi preparada com atividades como coroamento na braquiaria, abertura de covas e proteção do solo com capim retirado dos coroamentos. Para a realização dessas atividades a equipe do **IASB** contou com o auxílio de brigadistas do IBAMA e funcionários da fazenda. No dia do plantio, foram plantadas ao todo 189 mudas, em tubetes, sendo que esses tinham dois tamanhos diferentes (12,5 cm e 20 cm, respectivamente), 144 tubetes maiores que vieram do viveiro do Rio da Prata e 45 em tubetes menores que vieram do viveiro Municipal. Todas as mudas foram demarcadas com estacas retiradas da mata por funcionários da fazenda, as quais foram pintadas na ponta com tinta de cor caramelo, vinda de doação.

As espécies nativas foram escolhidas por apresentar grande potencial para a atração de pássaros e animais silvestres que possam fazer a dispersão de suas sementes, além de serem espécies frutíferas que podem ser utilizadas na culinária local.

Em uma única etapa foram plantadas espécies de diferentes estágios sucessionais (pioneiras, secundárias e clímax), procurando respeitar a bibliografia como citado em Lorenzi (2002).

Tabela de Espécies Utilizadas no Plantio

Nome popular	Número de exemplares plantados
Embaúba	10
Canafístula	05
Amendoim	05
Cumbaru	09
Angico-vermelho	18
Cedro	18
Peroba-rosa	05
Seputá	09

Pitomba	18
Marmelo	09
Ximbuva	09
Jatobá - mirim	09
Manduvi	18
Ipê roxo	18
Tarumã	09
Chico - magro	05
Figueira	05
Figueira – mirim	05
Ingá	05
TOTAL	189

Para o plantio foram abertas covas com aproximadamente 20 cm de profundidade e feito coroamento com diâmetro de 1m. Isso auxiliará a muda na proteção contra o mato e a braquiaria, para que não as sufoquem quando ainda jovens, recém retiradas do tubete. Durante a abertura das covas o solo foi coberto com as palhas da braquiaria, o qual foi reforçado no dia do plantio, essa palha servirá para reter umidade no solo e aumentar sua fertilidade.

5. O Plantio

O plantio contou com a participação dos patrocinadores, técnicos do **IASB** e funcionários da fazenda, além de guias e um grupo de turistas da Ambiental Expedições Operadora de turismo. Com essa ação o **IASB** totalizou 957 mudas plantadas, as quais serão monitoradas por 2 anos, garantindo seu desenvolvimento.

6. Referências Bibliográficas:

LORENZI, Harri. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de planta arbóreas nativas do Brasil. Vol. 1 e 2. ed. Nova Odessa:SP, 2002.

Fonte: <http://www.bonitoweb.com.br/fotos/arquivos/266.pdf> (Acesso em 10.Mar.2008)

ANEXO G - DIA DE CAMPO SOBRE SISTEMAS AGROFLORESTAIS EM BONITO

Os Sistemas Agroflorestais ou SAF's são plantios que combinam o plantio de árvores florestais e frutíferas com cultivos agrícolas. São sistemas considerados sustentáveis porque diversificam a produção agrícola e ajudam na recuperação florestal, além de permitir que o agricultor use a mesma área de forma mais permanente, facilitando a fixação do produtor no campo.

É também uma alternativa para reduzir a prática de derruba e queima utilizada na tradicional agricultura itinerante. Algumas árvores inseridas como componentes do SAF, recebendo o manejo adequado, têm a capacidade de melhor adubar o solo, por exemplo, com a fixação de nitrogênio, além de oferecer outros benefícios como o sombreamento, a ciclagem de nutrientes, o aumento da fauna do solo, entre outras vantagens.

Para discutir como pode se desenvolver essa tecnologia, o Instituto das Águas da Serra da Bodoquena - IASB, com apoio do Projeto GEF Rio Formoso e da AGRAER realiza um Dia de Campo na próxima segunda-feira, 28 de julho, apresentando resultados da pesquisa desenvolvida na unidade demonstrativa localizada na Fazenda Estância Mimosa e o SAF em uma área urbana, para agricultores familiares participantes da Feira do Produtor e para produtores rurais da microbacia do rio Mimoso.

Este Dia de Campo faz parte das ações do projeto "Sistemas Agroflorestais na recuperação de matas ciliares e geração de renda", patrocinado pelo Programa PDA Mata Atlântica, do Ministério do Meio Ambiente. Os trabalhos de pesquisa na unidade demonstrativa começaram em fevereiro deste ano e a idéia é levar pequenos produtores para conhecer o trabalho que está sendo realizado e os resultados que vem sendo obtidos. Espera-se que os produtores que tenham contato com o SAF, adotem a metodologia, o que irá promover melhor qualidade de vida, geração de renda e segurança alimentar a si próprio e a seus familiares.

A coordenadora do projeto, Liliane Lacerda acrescenta que a proposta desse Dia de Campo é apresentar aos produtores parâmetros de comparações entre os SAF's mais novos, que foi iniciado na Estância Mimosa e, os SAF's mais consolidados, como o da propriedade urbana, que já tem mais de 05 anos de implantação, para discutir como pode se desenvolver esse tipo de tecnologia.

Durante o Dia de Campo, serão apresentados aos agricultores como tem sido a dinâmica dos sistemas implantados, a caracterização do local de estudo e os resultados

obtidos com culturas perenes, arbóreas e frutíferas, abordagem sobre ciclagem de nutrientes nos SAF's e as perspectivas de aproveitamento de sistemas agroflorestais no contexto de exploração de áreas em mata ciliar.

O projeto

O Projeto "Sistemas Agroflorestais como alternativa de recuperação de matas ciliares e geração de renda em pequenas propriedades no rio Mimoso, Bonito/MS" trata da utilização dos sistemas agroflorestais como forma alternativa de recuperação de matas ciliares, visando à diminuição da pressão sobre os remanescentes de florestas nativas e a diversificação das fontes de renda para os produtores rurais.

Esta proposta foi elaborada devido à precária situação que se encontram alguns rios e córregos da região, em especial o rio Mimoso e, pela falta de recursos financeiros que alguns proprietários se encontram, principalmente os pequenos, para investir na recuperação dessas áreas através do modelo convencional e oneroso mais utilizado, que é o plantio de mudas. Aliado a isso, também surgiu a necessidade de disseminar uma atividade potencialmente geradora de renda para evitar o desmatamento de novas áreas para plantio.

Trata-se de um projeto demonstrativo que trabalhará com 01 unidade piloto localizada na porção média do rio Mimoso (rio que vem sofrendo diferentes graus de perturbação), procurando disseminar uma técnica de recuperação eficiente ecologicamente e de baixo custo. O estímulo para a implantação deste sistema em demais propriedades será através de cursos e dias de campo, além de visitas técnicas que visarão mobilizar e selecionar os produtores interessados em aderir ao projeto, recuperando mais áreas de matas ciliares, aumentar a produtividade das propriedades, diminuindo a pressão sobre as matas ciliares.

Espera-se que seja abrangido mais de 50% de proprietários da região e cerca de 20 feirantes através dos cursos e, com um resultado positivo, onde os sistemas agroflorestais se mostrem viáveis e mais baratos, as demais 125 propriedades da micro-bacia do rio Mimoso possam acreditar no projeto, aderindo ao modelo de recuperação, implantando-o e, se tornando um multiplicador das práticas conservacionistas incentivadas pelo projeto.

O projeto está sendo executado em parceria com a AGRAER, IBAMA, Projeto GEF Rio Formoso, Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sindicato Rural de Bonito.

ANEXO H - MAPA DA TRILHA DA ESTÂNCIA MIMOSA/2000

MAPA DA TRILHA Estância Mimosa

percurso total (ida/volta)
2300 metros

COORDENADAS GEOGRÁFICAS
(medidas na Sede da Fazenda)
LATITUDE: 20° 58' 48,657" S
LONGITUDE: 56° 30' 31,643" W

LEGENDA

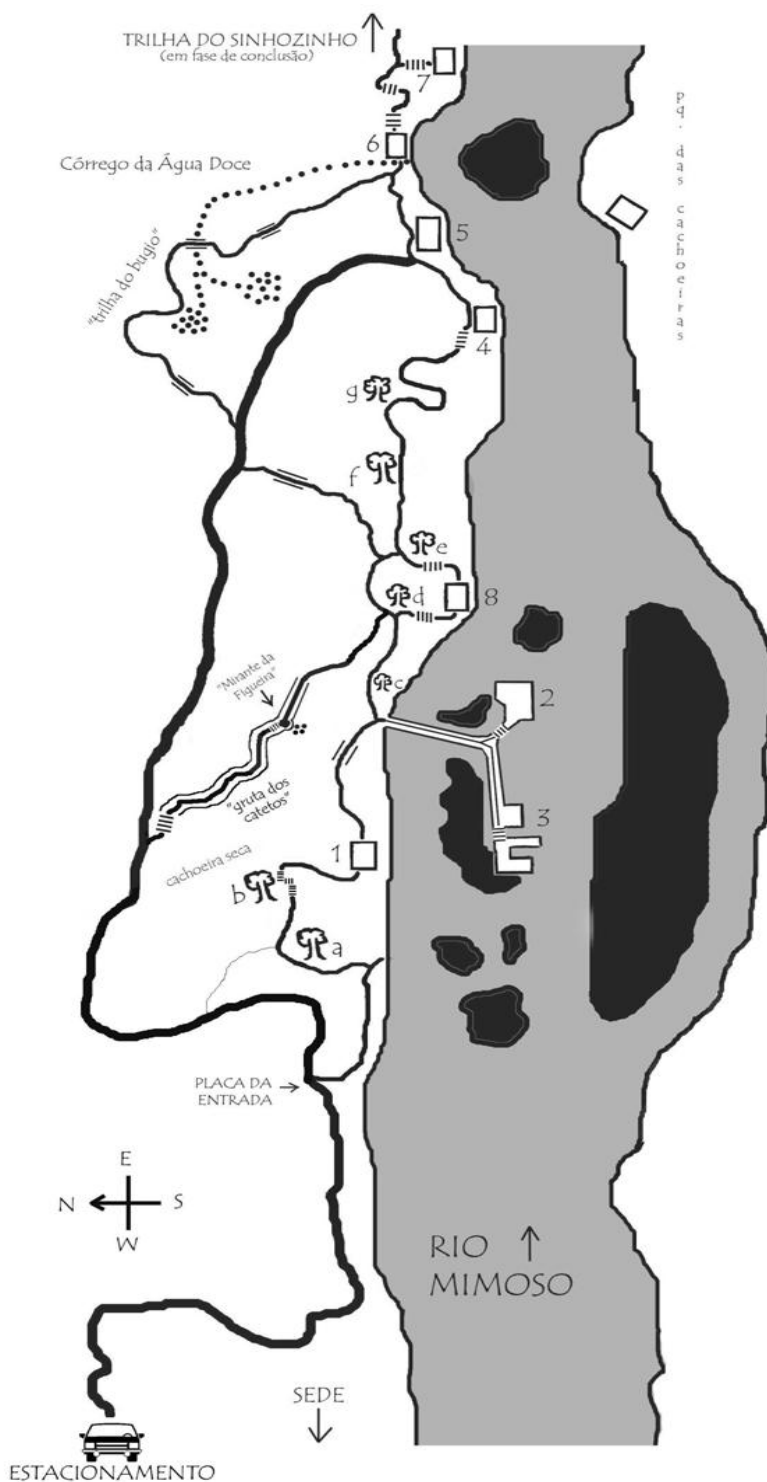
- carreador (estrada)
- trilha (mata)
- escada
- ponte / passarela
- deck
- árvore em destaque
- nascente / córrego
- ilhotas no rio

PONTOS DE REFERÊNCIA:

1. Cachoeira do Mutum
2. Cachoeira do Desejo
3. Plataforma de Salto
4. Mirante Cachoeira do Sol
5. Cachoeira do Sol
6. Cachoeira da Água Doce
7. Mirante
8. Cachoeira do Mulungu

ÁRVORES DE REFERÊNCIA:

- a. Alecrim
- b. Figueira
- c. Farinha seca
- d. Peroba Rosa
- e. Jatobá Mirim
- f. Jaracatiã
- g. Gonçalo



ANEXO I - SECA DO MIMOSO TRAZ PREJUÍZO PARA EMPRESÁRIOS

Identificação: Revista Aguapé

Data: Fev/2008

Página: 21 e 22

Assunto: Seca do Mimoso traz prejuízo para empresários



Cachoeira na Estância Mimoso: falta de água impede o espetáculo das águas

Seca do Mimoso traz prejuízos para empresários

A forte seca do rio Mimoso ao longo de 2007 e início de 2008 obrigou a Estância Mimoso, um dos principais atrativos de ecoturismo de Bonito, a fechar os passeios durante três meses. Os prejuízos são calculados pelo empresário Eduardo Folley Coelho, que deixou de atender neste período cerca de 2.500 turistas. “Durante dois anos seguidos choveu menos e, além disso, somam-se problemas causados pelas perdas de cobertura vegetal original”, comenta o empresário ao mostrar dados pluviométricos dos últimos anos coletados na propriedade.

“Estamos fazendo experimentos com apoio da Petrobras e do programa PDA da Mata Atlântica para a adoção de práticas de conservação dos solos e recuperação de áreas degradadas na Bacia do Mimoso, além de dialogar com os fazendeiros”, afirma Coelho ao responder sobre alternativas para solucionar a seca do Mimoso. O empresário já informou às autoridades do município e do Estado de MS e produziu relatório sobre a situação. Alguns proprietários da região, segundo Coelho, por iniciativa própria, fizeram curvas de nível e caixas de retenção, que aumentam a infiltração de água no solo e ajudam a evitar o assoreamento dos rios.

Vizinho da Estância Mimoso, o senhor Taíca disse que é contra a construção de curvas de nível e caixas de retenção na Bacia do rio Mimoso. “Essas

obras impedem que as enxurradas cheguem ao rio. Acredito que as enxurradas são importantes para lavar o leito, que nasceu e viveu livre até agora”, disse Taíca. A Estância Mimoso, com 402 hectares, foi adquirida por Eduardo Coelho em abril de 1998. Antes, em 1977, o empresário comprou a Fazenda Rio da Prata, localizada em Jardim. E há 12,5 anos resolveu investir em turismo de natureza.

Eduardo, engenheiro civil com especialização em marketing, era um dos principais executivos da Financiar Imobiliária e Financiar Pedreira. Saiu da área de imóveis e passou a investir em ecoturismo e conservação da natureza. De família tradicional pecuarista de Mato Grosso do Sul, Coelho lembra que nos primeiros anos do novo empreendimento amigos e parentes acreditavam que ele estava equivocado. “Hoje, a maior parte da família elogia muito, alguns ficaram empolgados e até entraram no negócio de turismo ou já estão decididos a investir nesta atividade econômica”, lembra o empresário.

Além da Estância Mimoso, Eduardo Coelho gerencia o Recanto Ecológico Rio da Prata, um dos passeios mais procurados nas agências de turismo, eleito como “Melhor Atração do Brasil” por leitores da revista Guia Quatro Rodas. Em breve, o empresário deve apresentar a Lagoa Misteriosa.

A Estância Mimoso deixou de atender num período de três meses cerca de 2.500 turistas

Cachoeiras interditas

A Estância Mimosa fica numa das regiões atingidas pela seca do rio Mimoso e foi visitada pela Revista Aguapé. Depois de um convite do proprietário Eduardo Coelho, seguimos rumo à propriedade, que fica a 24 km da área urbana de Bonito. O funcionário da administração da Estância Mimosa, Rafael Touro Beluque, recebeu as fiscais ambientais do Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (Imasul), Auristela Silva dos Santos e Heloisa Vasconcelos, o motorista da Semac-MS, Ovídio Lopes da Silva, e o jornalista Allison Ishy.

Beluque explica que a fazenda oferece passeios de *day-use*, ou seja, onde o turista pode passar o dia todo. Cerca de 20% dos visitantes são estrangeiros. São oferecidas a cavalgada, que dura em média 1,5 hora e inclui belas paisagens, e a trilha de 3,5 km, onde é possível visitar sete cachoeiras e tomar banho. Parte da trilha é percorrida em barcos a remo ou escadas.

O atrativo emprega 10 funcionários que atendem, no máximo, 156 pessoas por dia, divididas em 13 grupos de passeios no período da manhã e tarde. Para a trilha, a limitação é de 12 pessoas. Anualmente, alunos e professores de escolas públicas de Bonito também visitam gratuitamente a Estância Mimosa e conhecem melhor a fauna e flora de sua região.

A culinária regional é uma das referências da Estância Mimosa e inclui pratos típicos como o arroz-de-carreteiro, a sopa paraguaia, carne seca e outros quitutes feitos em fogão de lenha e panela de ferro, numa cozinha da antiga sede da fazenda.

Na alta temporada (fim do ano até o carnaval e alguns feriados como em julho e em outubro) o passeio de trilha custa R\$ 68,00 e, R\$ 58,00 na baixa temporada. A cavalgada tem preço fixo de R\$ 25,00 e o almoço R\$ 16,00 por pessoa. A convite de Beluque, a equipe da Revista Aguapé fez a trilha interpretativa, que estava com vários acessos fechados, com placas de



O jornalista Allison Ishy indica, na cachoeira Mutum, onde ficava o nível das águas na época das chuvas

proibição. “Tivemos de interromper a visitação a algumas cachoeiras e locais de banho em função do baixo nível das águas do rio, para garantir qualidade dos serviços”, justificou Beluque. Das sete cachoeiras da trilha, apenas três estavam abertas: a Cachoeira do Sol, do Sinhozinho e a Água Doce. Ao longo do caminho são passadas informações sobre educação ambiental, fauna e flora da região. O turista ainda poderá ver capivaras, jacarés, macacos-prego, cutias, caititu e cervo. Com um pouco mais de sorte, também pode-se observar a onça-parda.

Apesar do rio não estar completamente seco na Estância Mimosa, foi triste ver cachoeiras que movimentam o turismo ecológico de Bonito ficarem praticamente sem água. No fechamento desta edição, no início de fevereiro de 2008, ficamos sabendo que a água está retornando, muito lentamente, nas cachoeiras do Mimoso.

Mais informações sobre os atrativos citados nesta matéria podem ser acessadas na internet: www.bonitoweb.com.br e www.atrativosbonito.com.br

Com a companhia de Rafael Beluque (primeiro plano na foto à esquerda), a equipe do Projeto GEF Rio Formoso e da Revista Aguapé percorreu a trilha do atrativo, por terra, escadas que margeiam o morro local, e de barco



ANEXO J - ATIVIDADES DO GEF DO RIO FORMOSO

Identificação: Revista Aguapé

Data: Fev/2008

Página: 11

Assunto: Atividades do GEF Rio Formoso

ATIVIDADES DO GEF RIO FORMOSO

O Projeto GEF Rio Formoso reforça a idéia de que desenvolvimento sustentável é um ciclo; desta forma o projeto não se preocupa somente com a zona rural, mas também com a área urbana, e desenvolve ações interligadas e voltadas para a produção, recuperação e conservação do meio ambiente. Além de atingir indiretamente toda a população da Bacia do Formoso, as ações contam com a participação direta de produtores rurais em áreas com solos, florestas e matas ciliares degradadas. Confira algumas das principais atividades do projeto:

- **Usina de Compostagem** - a estrutura de concreto que foi erguida em 1999 para ser uma Usina de Processamento de Lixo (UPL), ainda permanece desativada. Hoje, no local, existem apenas 15 agentes ambientais (catadores) que trabalham com a reciclagem de materiais. A intenção do projeto é que até 2008 a UPL passe a ser referência no tratamento do lixo orgânico gerado pelos moradores e turistas. Só para se ter uma idéia, na baixa temporada são produzidas por dia no município aproximadamente 20 toneladas de lixo; já na alta temporada, com o aumento dos turistas, o número triplica, chegando a 60 toneladas/dia. Com a ativação da usina, será possível transformar cinco quilos de lixo orgânico em um quilo de adubo, que servirá para abastecer as unidades pilotos do GEF Rio Formoso e o viveiro municipal.



GEF Rio Formoso visita UPL de Bonito

- **Viveiro Municipal** - o Viveiro Municipal de Bonito foi construído em 1997 e é mantido pela prefeitura. Possui capacidade de produzir até 250 mil mudas por ano. Na área de 2,9 hectares são produzidas mudas que servirão tanto ao GEF Rio Formoso quanto a outros projetos em desenvolvimento no município. No espaço, podem ser encontradas espécies nativas, frutíferas e ornamentais. A estimativa é que até o final de 2009 sejam plantadas em intervenções do GEF Rio Formoso aproximadamente 50 mil mudas de árvores.



Equipe técnica durante coleta de sementes

- **Sistemas Agroflorestais** - o projeto já começou a implantar em algumas pequenas propriedades Sistemas Agroflorestais (SAFs), que permitem a produção com a manutenção da vegetação nativa e sua biodiversidade. A técnica já era conhecida por povos indígenas e causa menos impactos ao ambiente, gerando mais qualidade de vida para produtores. Os SAFs permitem recuperar áreas degradadas sem deixar de lado a geração de renda. Dessa maneira, com o uso racional do espaço e dos recursos naturais, pode-se garantir a segurança alimentar das famílias. Desde o início de 2007, o GEF Rio Formoso faz coletas das sementes ao longo da bacia para utilizá-las juntamente com as mudas do viveiro na implantação dos SAFs previstos.



Acima, família que implantou um Sistema Agroflorestal. Abaixo, pasto com árvores, incentivado pelo projeto.

- **Sistemas de Arborização de Pastagens e Lavouras** - a intenção do GEF Rio Formoso é implantar até 2008, em algumas propriedades, os sistemas de arborização de pastagens e lavouras. A atividade prevê arborização em faixas nas áreas agrícolas e incentiva o plantio no meio de pastagens. Além de garantir madeira para uso na propriedade e para comercialização, as árvores servem de quebra-vento, facilitam a infiltração de água no solo e ajudam na conservação da matéria orgânica da terra, evitando processos erosivos. Utilizar essas técnicas é uma forma de contribuir para o equilíbrio da biodiversidade, melhorando as condições ambientais tanto para os seres humanos, quanto para os animais, que terão alimento, sombra no verão e proteção contra os ventos frios do inverno.



Foto: divulgação Projeto GEF Rio Formoso

ANEXO K - ATA DE REUNIÃO AMIGOS DO MIMOSO Nº 2001/01

DATA: 01 de junho de 2001

LOCAL: Sede da Polícia Militar Ambiental de Bonito (MS)

OBJETIVOS DA REUNIÃO:

- Retomar as atividades da Associação
- Determinar estrutura legal desta entidade
- Definir metas iniciais de trabalho
- Apresentar relatório de vôle e anteprojeto
- Discutir assuntos gerais de interesse da entidade

RELAÇÃO DOS PRESENTES:

- 1º Sgt. Sovernigo, Comandante do Destacamento da Polícia Militar Ambiental de Bonito (MS)
- Cel. Sebastião Osmir Fonseca de Assis, pecuarista, proprietário da Fazenda Santa Marta
- Claudionor Trelha, ambientalista, coordenador de campo deste Projeto
- Daniel De Granville Manço, biólogo, gerente ambiental da Estância Mimosa
- Dr. Moacyr Lopes, médico, proprietário do Parque das Cachoeiras
- Eduardo Folley Coelho, engenheiro e empresário, proprietário da Estância Mimosa
- Joanir, remador, funcionário da Fazenda União
- Laura N. Beaudet, vice-presidente da SODEBON
- Laurent Beaudet, membro da SODEBON (Sociedade de Defesa e Desenvolvimento de Bonito e Região)
- Maria Antonietta Castro Pivatto, bióloga, diretora de turismo de Bonito (MS)
- Neto Daubian, empresário, coordenador regional de Bonito no Programa Reserva da Biosfera
- Yuri Lopes, gerente do Parque das Cachoeiras

- Dando início aos trabalhos, foi feita apresentação pessoal de cada componente da mesa.
- As fotografias tiradas no sobrevôo do dia 22 de maio foram apresentadas a todos, bem como o relatório de vôle e a versão preliminar do Projeto.
- Sargento Governigo expôs as dificuldades pelas quais a Polícia Ambiental, parceira fundamental para o andamento do Projeto, vem passando em termos de falta de verbas e apoio da comunidade em geral.
- Os empresários e ruralistas presentes se dispuseram a auxiliar a Polícia Ambiental nesta questão, pagando algumas contas que estão pendentes em empresas da cidade e buscando maior apoio junto ao empresariado bonitense.
- Eduardo Coelho fez a leitura da lista de ações prioritárias a serem desenvolvidas constantes no anteprojeto, para coleta de novas sugestões.
- Debateu-se sobre as metodologias mais adequadas para se fazer à recomposição da vegetação ao longo do rio: plantio de espécies vegetais nativas, impedimento imediato de roçadas na faixa legal de preservação para que a mata se recupere por conta própria, plantio de taboca.
- Houve polêmica a respeito da necessidade ou não de se manter os bebedouros utilizados pelo gado para beber água no rio. Coronel Assis afirmou que considera muito importante que estes bebedouros sejam mantidos, pois o gado depende deles. Já Eduardo Coelho mencionou que em sua fazenda à beira do Rio da Prata (município de Jardim), a experiência mostra que o gado pode se acostumar bem a beber água em açudes, e praticamente abandona o rio de-pois que se acostuma com o açude.
- Foi levantada a questão do custo em se construir um açude, já que boa parte dos fazendeiros do Mimoso são pequenos proprietários com poucos recursos financeiros. Chegou-se à conclusão de que é aceitável a manutenção de bebedouros que não estejam em situação crítica, com risco de erosão (caso de terrenos mais planos).
- Quando questionada por Eduardo sobre a situação legal da SODEBON, Laura respondeu que a entidade já está regulamentada, com estatuto social, CNPJ e toda a documentação necessária. Assim, propôs-se que a Associação Amigos do Rio Mimoso operasse como um departamento dentro da SODEBON, poupando tempo e gastos com regularização de mais uma entidade. Além do mais, a SODEBON teria mais força para buscar apoios junto a outros empreendimentos. Ficou decidido que a proposta será apreciada para aprovação na próxima reunião desta Sociedade.

- Coronel Assis mostrou-se reticente quanto a esta questão, mencionando a necessidade de conhecermos melhor os propósitos e objetivos da SODEBON, para verificarmos se estão de acordo com a proposta da Associação Amigos do Rio Mimoso.
- Foi discutida a necessidade de se contratar uma pessoa que pudesse se dedicar à Associação, e ficou decidido que esta pessoa seria o Claudionor Trelha ("Claudião"), que já vem se empenhando há tempos neste Projeto de maneira informal.
- Eduardo se dispôs a contribuir com um valor inicial de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) por mês para manter os gastos da associação (inclusive o salário do Claudião, cujo valor final ainda será definido). Colocou também à disposição dele as instalações da Mimosa para pernoite, quando necessário devido a suas atividades de vistorias no rio. Dr Moacyr ficou de ver com quanto vai contribuir.
- Com relação à necessidade de se produzir mudas de árvores para reflorestamento, Eduardo assumiu a responsabilidade de estruturar e disponibilizar o viveiro da Estância Mimosa para produção destas mudas, ficando os cuidados a encargo de um funcionário da fazenda. O viveiro da Prefeitura Municipal de Bonito também deverá ser utilizado para esta finalidade. Foi colocada a importância de se manter vários viveiros mais próximos ao rio, facilitando os trabalhos de manutenção e transporte nas épocas de plantio.
- Mencionou-se que em algumas épocas do passado, as águas do Rio Mimoso apresentavam forte cheiro de agrotóxicos, mas aparentemente esta situação melhorou hoje em dia.
- Sgt. Sovernigo comentou a dificuldade em destinar adequadamente as embalagens de agrotóxicos, cuja responsabilidade legal é dos fabricantes destes produtos. O município mais próximo que pode receber estas embalagens seria Maracaju, mas existem restrições quanto à autorização para transporte deste produto em veículos particulares. Os proprietários rurais têm demonstrado interesse em destinar as embalagens adequadamente, mas esbarram neste impedimento de transporte.
- Eduardo assumiu o compromisso de entrar em contato com a diretoria da Odebrecht, que está projetando empreendimentos de porte para Bonito, no sentido de pedir apoio financeiro para o Projeto.
- Definiu-se que as reuniões da Associação serão mensais, e devemos convidar a Promotora Pública de Bonito e algum diretor da Odebrecht para participarem da próxima. Não ficou determinada a data da próxima reunião, ficando na dependência da definição junto a SODEBON. A reunião deverá acontecer sempre na 1 semana de cada mês.
- Yuri mencionou a necessidade de tomarmos uma atitude com relação ao Sr. Taíka, pois o mesmo realiza com frequência queimadas mal planejadas que colocam em risco as áreas

vizinhas. Isto seria especialmente importante pelo fato de sua propriedade desenvolver atividade turística, assim como duas propriedades adjacentes (Estância Mimosa e Parque das Cachoeiras).

- Foi colocado que o Projeto precisa se estruturar bem e "mostrar serviço" para depois pensarmos em agir de forma mais ampla (buscando apoios maiores), assim evitaremos "queimar" a imagem por apresentarmos algo ainda desestruturado. Ou seja, começar pequeno para depois crescer.

- Foi decidido que não podemos esperar Projeto Pantanal e GEF, temos que mostrar serviço, inclusive para se credenciar para dar sugestões e fiscalizar aplicações de verbas.

- Foi dada bastante ênfase na necessidade de se trabalhar em PARCERIA com os proprietários que estão em situação irregular, para tê-los como ALIADOS. Sgt. Sovernigo mencionou que esta tem sido sempre sua filosofia de trabalho junto à Polícia Ambiental.

- Daniel comentou a idéia de se iniciar os trabalhos de recomposição da mata ciliar pelas margens da rodovia Bonito-Bodoquena, por ser um local de fácil acesso e fiscalização. Isto serviria como um "campo de provas", um laboratório para que pudéssemos analisar e fazer os ajustes necessários antes de partir para um trabalho de larga escala.

- Neto Daubian disse que estará anotando e levando propostas deste Projeto para apreciação no Programa Reserva da Biosfera.

- Mencionou-se a importância de se trabalhar em parceria com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente para desenvolver atividades com estudantes, dentro do programa "Adote o Mimoso".

- Eduardo mencionou a necessidade de se criar alternativas de desenvolvimento econômico sustentável aos proprietários da região, sendo este inclusive um dos objetivos do trabalho do GEF (Fundo Mundial), um dos prováveis financiadores de nosso Projeto. Citou o exemplo das palmeiras reais australianas, que têm dado um bom resultado na produção de palmito em alguns pontos do litoral brasileiro.

- Levantou-se a necessidade de atenção especial com a introdução de espécies exóticas, frente aos problemas e desequilíbrios ambientais que estas podem causar se não forem bem pesquisadas e manejadas.

ANEXO L - ASSOCIAÇÃO AMPLIA SUA BASE DE ATUAÇÃO E SE TRANSFORMA EM INSTITUTO DAS ÁGUAS DA SERRA DA BODOQUENA

A associação Amigos do Mimoso, com o objetivo de recuperar a qualidade e a quantidade das águas deste rio, desenvolveu ações que incluíram reflorestamento de matas ciliares e trabalhos de educação ambiental desde 2001. Sentindo a necessidade de ampliar a sua área de abrangência, bem como suas atividades, surgiu a proposta de transformar a então associação, em uma entidade denominada Instituto da Águas da Serra da Bodoquena-IASB.

O IASB tem como objetivo principal, promover e difundir a defesa, preservação e conservação das Bacias dos Rios da região da Serra da Bodoquena, através de ações que incluem:

- ✓ Trabalho em conjunto visando implementar viveiro para produzir mudas de espécies nativas;
- ✓ Recuperação e conservação de matas ciliares e áreas de preservação permanente;
- ✓ Recuperação e monitoramento da qualidade e a quantidade dos principais rios da região;
- ✓ Trabalhos de educação ambiental;
- ✓ Desenvolvimento de estudos, pesquisas, projetos, consultorias e monitoramentos no campo de recuperação, preservação e melhoramento das condições ambientais naturais e sócio-ambientais;
- ✓ Desenvolvimento de projetos de treinamento e capacitação profissional para a preservação da biodiversidade e seu uso sustentável;
- ✓ Estimulo a cultura local, bem como a solidariedade entre os diferentes segmentos sociais, participando junto a outras entidades de atividades que visem interesses comuns;

A Serra da Bodoquena, abrangendo os municípios de Bonito, Jardim, Bodoquena e Porto Murtinho, possui paisagens bastante distintas devido a características de seu relevo e vegetação. O solo calcário, com sua característica de rocha porosa, dá como resultado uma região com imensas cavernas. As águas, de extraordinária cristalinidade, formam cursos de grande beleza cênica, criando ambientes únicos, frágeis e com biodiversidade que incluem espécies únicas, devendo alguns cuidados serem tomados durante a visitação a esses locais:

- ✓ O protetor solar e o repelente não poderão ser utilizados na maioria dos passeios, garantindo desta forma, a conservação das águas e dos peixes;
- ✓ Não alimentar os peixes;
- ✓ Não jogar lixo nas ruas e nas trilhas durante os passeios;
- ✓ É bom não ingerir muito as águas dos rios, pois apesar de limpas, são ricas em calcário e magnésio, podendo causar reação intestinal;
- ✓ A maioria das estradas que dão acesso aos passeios são de terra e é recomendado trafegar em velocidades entre 30 e 50 km/h;

APRESENTAÇÃO

O Instituto das Águas da Serra da Bodoquena - IASB é uma organização não governamental sem fins lucrativos, com caráter técnico, científico e ambiental, criada em Bonito/MS por proprietários rurais, empresários, ambientalistas e comunidade ribeirinha com a finalidade de recuperar, conservar e proteger os rios, as matas e a biodiversidade existente na região da Serra da Bodoquena.

GESTÃO

O plano de gestão do Instituto das Águas da Serra da Bodoquena baseia-se na recuperação e manutenção da qualidade das águas, do solo e da vegetação, das microbacias da Serra da Bodoquena através de pesquisas e trabalhos que visem o melhoramento e a sustentabilidade do ambiente natural e social. O Instituto se manterá acima de quaisquer interesses particulares e poderá formar parcerias com outras organizações não governamentais, órgãos públicos e privados, entidades nacionais e estrangeiras que atuem em áreas afins.

AÇÕES

- Campanhas de conscientização junto à população local sobre a importância dos recursos hídricos e da conservação da vegetação ciliar existente ao longo das microbacias;
- Programas de educação ambiental junto às propriedades rurais e população ribeirinha envolvendo questões sobre a destinação inadequada de resíduos sólidos, separação e coletas de lixo e embalagens de defensivos agrícolas que eram lançadas às margens dos rios e de estradas próximas a cursos d'água;
- Recomposição de matas ciliares, através da formação, distribuição e plantio de mudas de espécies nativas;
- Sobrevôo em parceria com o IBAMA em microbacias localizadas na Serra da Bodoquena para avaliar a ocupação do solo e a conservação das matas ciliares;
- Parcerias com órgãos públicos municipais e estaduais, para recuperar estradas que estavam provocando o assoreamento de rios e a erosão dos solos;
- Incentivo e apoio a ações para redução de processos erosivos em pastagens e lavouras, como a construção de curvas de nível e caixas de retenção de águas pluviais;

OBJETIVOS

- a) Desenvolver trabalhos de educação ambiental e promover o desenvolvimento sustentável;
- b) Conscientizar através da educação ambiental a população ribeirinha, comunidade e demais interessados sobre a importância da preservação dos recursos hídricos;

c) Recuperar, conservar e monitorar a qualidade das águas, das matas ciliares e áreas de preservação permanente - APP;

d) Desenvolver estudos, pesquisas, projetos e monitoramentos no campo de recuperação, conservação e melhoramento das condições ambientais naturais e sócio-ambientais;

e) Estimular a parceria, o diálogo local e solidariedade entre os diferentes segmentos sociais, participando junto a outras entidades de atividades que visem interesses comuns;

f) Promover intercâmbios com entidades científicas, de ensino e desenvolvimento social, nacionais e internacionais, bem como desenvolver estudos e pesquisas de tecnologias alternativas, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos;

g) Promover a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos, a democracia e outros valores universais.

Site oficial: www.iasb.org.br

Fonte: http://www.portalbonito.com.br/acidade/ong_iasb.asp

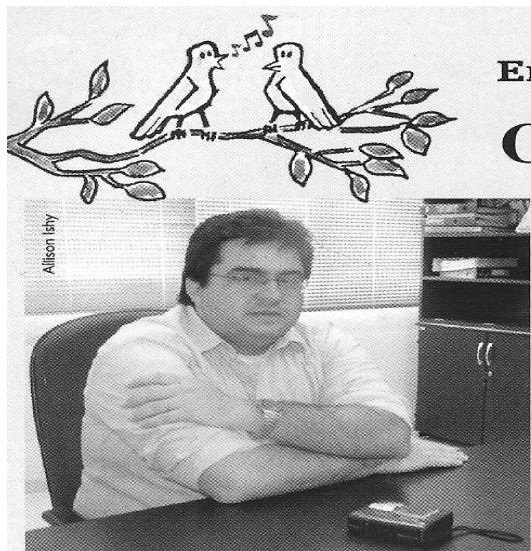
ANEXO M - O PROMOTOR DAS ÁGUAS

Identificação: Revista Aguapé

Data: Fev/2008

Página: 22 e 23

Assunto: Entrevista – O promotor das águas



Luciano Loubet é um promotor ecológico

Entrevista

O promotor das águas

A entrevista especial desta edição é com Luciano Furtado Loubet, promotor de justiça da comarca de Bonito do Ministério Público Estadual de Mato Grosso do Sul. Quando chegou ao município, há cinco anos, atuou na regularização de todos os atrativos turísticos, na recuperação da Bacia Hidrográfica do rio Formoso, além de implantar o programa social mais famoso da cidade: o Família Legal. Na entrevista, Loubet fala da situação ambiental de Bonito e da maior ameaça ao meio ambiente em Mato Grosso do Sul: os desmatamentos “desenfreados”.

Revista Aguapé - Como eram os problemas ambientais na época em que o senhor chegou a Bonito?

Luciano Loubet - Desde que assumi como promotor de justiça de Bonito, em 2002, com relação ao turismo, foi iniciada uma campanha com a Secretaria de Estado de Meio Ambiente para que cada atrativo turístico realizasse seu licenciamento ambiental. Naquela época, existiam 80 atrativos e apenas três tinham licença.

No início de 2003 a Sema já havia notificado vários passeios e poucos procuraram se licenciar. Durante vários anos fizemos um trabalho de sensibilização, realizando vários Termos de Ajustamento de Conduta (TACs).

No final, algumas ações civis públicas foram ajuizadas contra atrativos que não se licenciaram. Hoje, acredito que existam apenas seis atrativos sem licença mas todos se encontram com requerimento na Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Semac) para obter o documento.

Revista Aguapé - O senhor ficou muito conhecido na cidade por se envolver com ações ambientais. Como foi a história do Projeto Formoso Vivo?

Luciano Loubet - O Projeto Formoso Vivo acontece há quatro anos. É um trabalho que visa regularizar as propriedades rurais ao longo do rio Formoso e de seus

afluentas. Atualmente, existem 121 propriedades cadastradas. Com apoio da Fundação Neotrópica do Brasil e da Fundação O Boticário de Proteção à Natureza é levantado todo o passivo ambiental das propriedades cadastradas. Depois, os técnicos dão orientações e soluções para o proprietário, informando o que deve ser feito para a regularização. Isso acontece por meio de um Termo de Ajustamento de Conduta.

Das áreas degradadas identificadas nas propriedades, 70% já estão em recuperação. O projeto plantou mais de 30 mil mudas de árvores na beira do Formoso e colocou mais de 20 km de cerca, para evitar erosão pelo gado.

Revista Aguapé - Que outras parcerias o Ministério Público desenvolve com os proprietários rurais?

Luciano Loubet - As indenizações ambientais da Promotoria de Justiça, com mais alguns recursos da prefeitura são enviados ao Fundo Municipal de Meio Ambiente. Com o dinheiro, por exemplo, foi comprado um trator de R\$ 100 mil para fazer curvas de nível nas propriedades, um trabalho de custo alto para se contratar.

Revista Aguapé - E como a promotoria atua na área social?

Luciano Loubet - Quando cheguei em Bonito, numa

O Projeto Formoso Vivo acontece há quatro anos e visa regularizar as propriedades rurais ao longo do rio Formoso. O projeto plantou mais de 30 mil mudas de árvores na beira do rio

semana atendia um adolescente infrator, porque estava na rua, sem estudar e cometendo crime. Dali a pouco, na outra semana, chegava outro menor que tinha apanhado em casa. Na terceira semana aparecia um caso de bebê abandonado. E eram sempre as mesmas famílias. Chamei alguns voluntários na época e começamos o Programa Família Legal que, hoje, virou um instituto [ver p.13]. A idéia é permitir que as famílias em situação de risco tenham condições de criar os filhos sem a necessidade de tirá-los de casa. Participam 40 famílias e crianças que recebem acompanhamento escolar, cursos para geração de renda, atendimento de educação e cidadania.

Revista Aguapé - Qual o maior desafio para a conservação e preservação do meio ambiente na sua opinião?

Luciano Loubet - O maior desafio em Mato Grosso do Sul é combater o desmatamento, e em Bonito não é diferente. O desmatamento é desenfreado! Nossos levantamentos mostram média de 457 hectares/dia em MS (2003 - 2005) concedidos pelo órgão ambiental. E nesses números não estão incluídos desmatamentos ilegais.

Enquanto se concede autorização de desmatamento para algumas propriedades, existem centenas de outras que nem possuem conservadas a Reserva Legal (RL) ou Áreas de Preservação Permanentes (APPs). Estamos, inclusive, tirando opção de outros proprietários que não têm reserva legal de consorciar futuramente.

Revista Aguapé - Bonito é uma cidade conhecida pela beleza de suas águas. O que ainda precisa ser feito para proteger este bem natural?

Luciano Loubet - O que deve ser implementada e ainda não existe é a Outorga de Uso da Água, que estabelece critérios de como e quanto se pode tirar de água dos rios. Ainda não sabemos se podemos tirar água, o quanto podemos, se precisamos de licença ou não. A outorga precisa ser regulamentada levando em consideração o volume de água

dos rios e as demandas de usos da população.

Revista Aguapé - O turismo de Bonito é ecológico?

Luciano Loubet - Com certeza o turismo é uma atividade muito mais sustentável que outras e, se bem manejada, acredito que não vá causar tantos impactos. Uma grande falha que era a falta de licenciamento está sendo superada. Os balneários que não tinham licença nem limitação de pessoas, agora têm. O próximo passo é realizar um monitoramento mais firme, mais detalhado dos impactos desse turismo.

Revista Aguapé - Como o Ministério Público de Mato Grosso do Sul se organiza para defender a natureza?

Luciano Loubet - Em 2004, o Ministério Público Estadual (MPE) de Mato Grosso do Sul criou a Rede de Promotores de Justiça de Defesa do Pantanal, tendo como membros 20 promotores de Meio Ambiente, Justiça e Cidadania de várias

regiões do Pantanal. A iniciativa deu tão certo que o MPE criou outra rede, para atuação ambiental na Bacia do Paraná e 50 novos membros passaram a integrar a iniciativa. Atualmente, já existem articulações e trocas de experiências com os ministérios públicos do Paraguai, Mato Grosso e Paraná, para criar uma rede na Bacia do Prata.

Enquanto se concede autorização de desmatamento para algumas propriedades, existem centenas de outras que nem possuem a Reserva Legal ou Áreas de Preservação Permanentes conservadas



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)